A IMPORTÂNCIA PERCEBIDA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NA REDUÇÃO DO INSUCESSO ACADÉMICO E DO RISCO DE ABANDONO ESCOLAR DOS/AS ALUNOS/AS DO ENSINO SECUNDÁRIO, BENEFICIÁRIOS DA ACÇAO SOCIAL ESCOLAR

Manuel António Gomes da Silva

Dissertação de Mestrado

2010

A Importância Percebida da Orientação Vocacional na redução do insucesso académico e do risco de abandono escolar dos/as alunos/as do Ensino Secundário beneficiários da Acção Social Escolar

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre, em Temas de Psicologia, na área de especialização de Psicologia da Orientação e Desenvolvimento Vocacional

Autor: Manuel António Gomes da Silva

Orientadora: Professora Doutora Inês Nascimento

2010

Resumo

Este estudo procura abordar qual a importância percebida de práticas de promoção do desenvolvimento vocacional, junto de alunos do Ensino Secundário, oriundos de famílias consideradas carenciadas, que beneficiam da Acção Social Escolar (SASE). Caracterizada como uma população em elevado "risco" de abandono e insucesso escolar, a principal finalidade da investigação é compreender, a partir de uma abordagem contextual e desenvolvimentista do desenvolvimento humano, se e qual o papel que a intervenção vocacional poderá ter na diminuição do abandono e insucesso escolar deste segmento da comunidade estudantil, tendo em conta algumas particularidades do seu contexto, partindo da auscultação dos próprios alunos e de fontes do contexto escolar e familiar. Foi adoptada uma metodologia de tipo qualitativo, tendo-se optado pela utilização de entrevistas semi-estruturadas como técnica de recolha de dados que foram, posteriormente, analisados com recurso ao software de análise de conteúdo NVIVO 8. Da amostra da presente investigação fizeram parte 29 participantes, de uma escola da área do Grande Porto incluindo alunos do 11.º ano do curso cientifico humanístico – área das Ciências e Tecnologias (n=12), pais e/ou encarregados de educação de alguns destes alunos (n=7), professores de diversas disciplinas dos alunos entrevistados (n=8) bem como duas técnicas (uma psicóloga e uma técnica de acção social escolar). Como principais conclusões deste estudo emergem, a importância, enfatizada por todos os participantes, do papel da orientação vocacional na redução do abandono e insucesso escolar desta população escolar, nomeadamente, no momento da primeira escolha vocacional. O envolvimento da família, sobretudo da mãe, e da maioria dos professores é outro dos aspectos que se destaca juntamente com as elevadas expectativas tanto de alunos como da família relativamente às escolhas vocacionais realizadas.

Palavras-Chave: Desenvolvimento vocacional, Abandono/Insucesso Escolar; Orientação Vocacional; Família.

Abstract

This study seeks to approach what is the perceived importance of practices of promotion of vocational development, along with High School students, from families considered needy who benefit from Student Welfare(SASE). Characterized as a population at high of school dropout and failure, the main purpose of the investigation is to understand, from and developmental approach of the human development, whether and what role the vocational intervention may have in reducing the school dropout and failure of this segment of student community, taking into account some particularities of this context. A qualitative methodology was adopted, having been chosen the use of semi-structured interviews as the technique for gathering data that were later analyzed using the software of content analysis NVivo8. In the sample of this investigation participle 29 people, from a school the metropolitan area of Oporto including students from the 11th grade of the scientific humanistic course-the area of Sciences and Technologies (n=12), parents or carers of some of these students (n=7), teachers from various subjects of the student interviewed (n=8) and two technicians (a psychologist and a technician of student welfare). As main conclusions from this study emerges, the importance, emphasized by all participants, of the role of the vocational guidance in reducing the dropout and failure of this school population, namely, when the first vocational choice is made. The involvement of the family, especially the mother, and of the majority of teachers is another of the aspects that stands out along with the high expectations of both students and family on the vocational choices made.

Key Words: Vocational development, School dropout/School failure, Vocational Guidance, Family

Résumé

Cette étude a pour but de prouver l`importance remarquée des pratiques de promotion du développement professionnel, auprès des étudiants de l`Enseignement Secondaire, d`origine de familles modestes, qui bénéficient de bourse d`École (SASE), Caractérisé comme une population à haut «risque » d`abandon et d`échec scolaire, le but principal de l`enquête est de comprendre, à partir d`une approche contextuelle du développement humain, que le rôle d`intervention professionnelle peut avoir dans la diminution de l`abandon et de l`échec scolaire de ce segment du monde étudiant, en prennent en compte les particularités de ce contexte. Adoptant une méthodologie de type qualitatif, ayant choisi l`utilisation interviews semi - structurés comme cette technique de rassemblement des donnés qui étaient, plus tard, analysées avec le ressource du logiciel d`analyse de contenu NVIVO 8. Cette enquête a été réalisée sur un échantillon de 29 participants, d´une école du secteur de Grand Porto incluant les étudiants du niveau 11.º du cours scientifique humaniste – le secteur des Sciences et des technologies (n=12) des parents ou la personne charger de l`éducation étant responsable de certains de ces étudiants (n=7) les professeurs de plusieurs disciplines des étudiants interviewés (n=8) aussi bien que deux personnes (un psychologue et d`une conseillère d`orientation).
Les conclusions principales de cette étude démontrent, l`importance soulignée par tous les participants, d`une bonne orientation professionnelle qui réduirait l`abandon et l`échec scolaire de cette population, à savoir dans le moment du premier choix professionnel les espérances de la famille, par-dessus tout de la mère et de la plupart des professeurs influencent l`étudiant, l`empêchant d`aller dans sa propre vocation.

Mots Clés: Développement professionnel, Abandon/Échec Scolaire, Orientation professionnelle, Famille

Agradecimentos

No fechar deste ciclo de aprendizagens gostaria de particularizar os agradecimentos a todos aqueles e aquelas que, de forma mais ou menos directa, fizeram parte deste projecto ajudando-me a ultrapassar as dificuldades surgidas, tornado mais simples a passagem pelas diferentes fases, contribuindo para que este projecto se tornasse uma realidade.

Como tudo na vida, um percurso de investigação, também não se realiza isoladamente. É um caminho…e nesse caminho cruzei-me com pessoas que não posso esquecer e quero aqui presentear com os mais sinceros agradecimentos.

Assim, começo por agradecer à Doutora Inês Nascimento, a quem devo a orientação científica deste trabalho, pelos seus ensinamentos, pelo seu apoio e confiança depositada, pelas críticas e pelas sugestões. Pela aprendizagem constante ao longo da concretização deste projecto, e sem as quais ele não teria sido concretizado. Pelo apoio que em muito contribuiu para que este processo se traduzisse numa aprendizagem estimulante e enriquecedora.

Pela concretização da parte prática do estudo, queria prestar o devido reconhecimento à Directora da Escola, onde foi realizado este estudo.

A todos/as os/as alunos/as, professores/as, técnicas, pais e/ou encarregados de educação que entrevistei, pelo tempo e disponibilidade que me dispensaram.

À minha família, nomeadamente à Susana e às minhas filhas Bárbara e Renata.

Ao Chefe dos Serviços de Administração Escolar, por me proporcionar as condições necessárias para a concretização de mais esta etapa.

Aos meus amigos/as e às minha colegas de trabalho que, directamente ou indirectamente, me incentivaram para continuar e que souberam compreender as minhas ausências, sem as reclamar.

Por último, mas não em último, agradeço todo o apoio manifestado pelo Jorge Cerqueira.

O muito Obrigado a todos e a todas!

Índice

Introdução 5

Capítulo I – Enquadramento teórico

1- Abandono e insucesso escolar: A realidade actual ..... ……7
2- Os Serviços de Acção Social Escolar na Escola Pública 9
3 - A Orientação Vocacional como um processo social de desenvolvimento no contexto educativo português. 11
4 - A influência do Estatuto Sociocultural e Económico da Família, na escolha vocacional dos jovens. 13
5- O papel dos pais, na construção de projectos vocacionais dos filhos 14

Capítulo II – Estudo Empírico

1 – Metodologia da Investigação 17
1.1- Instrumentos 17
1.2 Procedimentos 18
1.3 - Caracterização da amostra 19

Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados

1- Entrevistas aos/às alunos/as 20
2 – Entrevistas aos Pais 24
3 – Entrevistas aos Professores 29
4 – Reflexões escritas das Técnicas 36

Considerações Finais 41

Bibliografia 48

ANEXOS 52

Anexo A – Questões abertas às Técnicas
Anexo B – Cartas Convite
Anexo C – Consentimento Informado
Anexo D – Transcrição de entrevistas a alunos
Anexo E – Transcrição de entrevistas a professores
Anexo F – Transcrição de entrevistas a pais
Anexo G – Categorias e Sub-categorias e respectivas descrições: alunos
Anexo H – Categorias e Sub-categorias e respectivas descrições: pais
Anexo I – Categorias e Sub-categorias e respectivas descrições: professores

Introdução

A escolha do tema "A relevância da Orientação Vocacional nos projectos vocacionais dos alunos do ensino secundário, beneficiários da Acção Social Escolar", tem subjacentes interesses pessoais/profissionais, bem como os que se prendem com a pertinência da temática do abandono e insucesso escolar, deste nível de ensino, no actual sistema educativo português. Considerado, segundo estudos recentes, como o nível de ensino em que se verifica hoje a maior massa de saídas precoces dos sistemas de ensino e formação. De acordo com Stephen Stoer e António Magalhães (2001), se hoje nos preocupamos com a importância do insucesso e abandono escolar é porque o seu ideal se impôs para todos.

Neste entendimento, a pretensão deste estudo é contribuir para o conhecimento da importância reconhecida à intervenção em Orientação Vocacional nos projectos vocacionais dos jovens do ensino secundário com SASE em especial no que toca os efeitos que tal intervenção presumivelmente poderá produzir no que se refere à redução do abandono e insucesso escolar deste grupo de "risco". Incide num dos momentos, considerado mais problemático, da vida escolar dos alunos e respectivas famílias: o momento em que é necessário escolher uma área de estudos que dará (ou não) acesso a um curso superior e/ou uma profissão.

Começa-se por apresentar, de forma sucinta, os aspectos relativos à situação actual do abandono e insucesso escolar da população estudantil portuguesa, matriculada na escola pública. Caracteriza-se, seguidamente, os tipos de abandono conhecidos e apresentam-se as várias perspectivas de entendimento do conceito de "insucesso escolar". Ainda neste capítulo é realizada uma breve abordagem, dos estudos já realizados sobre o tema sendo apresentados dados estatísticos recentes relacionados com estes fenómenos em Portugal. O enfoque desta abordagem nos alunos do ensino secundário, e as medidas de combate adoptadas pelo Estado/Governo, para minorar estes fenómenos, constituem outros dos assuntos abordados neste capítulo.

De seguida e, integralmente consagrado aos Serviços de Acção Social Escolar da escola pública, é apresentado, para o efeito, um breve enquadramento legal destes Serviços, seguido de uma síntese sobre o tipo e modalidades de apoio prestados por estes e, clarificado o que define um aluno, dito carenciado e quais os critérios da atribuição do Escalão.

Em terceiro lugar, são abordados alguns tópicos relacionados com a intervenção em Consulta Psicológica de Orientação Vocacional, nomeadamente, o impacto da mesma

nos projectos vocacionais dos alunos, (com incidência sobre os jovens que frequentam o ensino secundário e beneficiam de SASE) bem como o papel do psicólogo e dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO's) em contexto Escolar.

Por último, dedicado à influência do estatuto sociocultural e económico da família na construção dos projectos vocacionais dos jovens, começa-se por abordar os significados, implícitos e explícitos, que emergem na família e participam na construção do projecto vocacional dos jovens estudantes. São também analisadas as acções intencionais, e/ou não intencionais, que os pais põem (podem por) em prática para apoiar os seus filhos na construção das suas trajectórias vocacionais.

No capítulo II, dedicado ao estudo empírico, é descrita a metodologia de investigação adoptada neste estudo que se centrou no caso específico de uma escola pública da região do Porto.

No capítulo III, descrevem-se e analisam-se os principais resultados do estudo partindo-se dos dados recolhidos através das várias entrevistas realizadas a alunos, pais, professores e técnicos.

Por último, são apresentadas algumas considerações finais.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1- Abandono e insucesso escolar: A realidade actual

A implementação da obrigatoriedade escolar, decorrente das exigências da sociedade industrial, teve como consequência o aparecimento dos conceitos de abandono e insucesso escolar (Benavente, 1990).

O fenómeno do abandono escolar tem-se revelado uma grande preocupação para a sociedade em geral, nomeadamente, quando se atende às suas consequências para o indivíduo e para a comunidade. De acordo com o Relatório do Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar (2004), a precariedade do emprego, as desigualdades sociais e a baixa produtividade são algumas das consequências deste fenómeno. Constitui um dos mais factores mais preocupantes de discriminação social e cultural entre as novas gerações (Legislação essencial para pais e alunos, 2003).

Muitos são, ainda, os jovens que deixam o ano lectivo a meio e poucas são as vezes que se voltam a sentar numa sala de aula. As estatísticas colocam Portugal na dianteira da Europa no que toca ao abandono escolar, um dos mais extremos fenómenos de exclusão social que atinge as crianças e jovens do País (Benavente et al., 1994). No entanto, e de acordo com os dados do Relatório "Educação 2010-percursos escolares" publicado pelo Conselho Nacional da Educação "o abandono precoce tem vindo a descer de forma consistente na última década" (2010, p.172). Estudos recentes, divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) em 7/12/2010, referem melhorias na Educação em Portugal, considerado como o País da Europa que no último ano registou o maior crescimento nesta área.

Por abandono escolar entende-se o abandono das actividades escolares sem que o aluno tenha completado o percurso escolar obrigatório e/ou atingido a idade legal para o fazer (Benavente, 1979). Este, pode ser considerado "antecipado", quando ocorre com alunos de idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que não concluíram o 3.º ciclo do ensino básico e não se encontram a frequentar a escola. Pode, ainda, ser considerado abandono "precoce", quando o fenómeno ocorre com alunos do ensino secundário (Comunidade Europeia, 1992).

Relativamente ao insucesso, é consensual para a maior parte dos estudos conhecidos que este fenómeno está associado à incapacidade para atingir os objectivos propostos ou ao facto disso não acontecer dentro do tempo esperado.

No caso concreto do insucesso escolar este é, usualmente, atribuído ao facto de os alunos não alcançarem os objectivos mínimos de aprendizagem no final de cada ciclo e dentro dos limites temporais estabelecidos o que, na prática, se revela nos valores das taxas de retenção e de abandono escolar. Esta é a definição institucional de insucesso. Existe, contudo, um outro tipo de insucesso escolar, não tão facilmente quantificável, que é o que diz respeito à (des) adequação entre os conteúdos transmitidos na escola, as aspirações dos alunos e a não conjugação destes factores com as necessidades do sistema social (particularmente do sistema político, cultural e económico). Nesta segunda acepção pode dizer-se que há insucesso ou fracasso escolar quando algum ou alguns objectivos da educação escolar em geral, não são alcançados (Comunidade Europeia, 1992).

Quer o insucesso quer o abandono escolar tornaram-se um problema grave do actual sistema de ensino. Não sendo novo, ele requer hoje uma reavaliação devido às mudanças profundas que as sociedades têm vindo a registar, quer nas práticas de socialização dos jovens quer nas exigências que, cada vez mais, são colocadas ao exercício da cidadania e à participação destes em diferentes esferas sociais.

Os dados mais recentemente publicados pelo Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, do Ministério da Educação, referem que no ano lectivo 2007/2008 estavam matriculados no ensino secundário 349 477 alunos e no ensino básico 1187 184. A taxa (percentagem) de retenção e desistência, verificada nesse período em Portugal foi de 7,9% nos alunos do ensino básico e de 21,0% nos alunos do secundário (GEPE, 2009). Apesar da tendência decrescente verificada (GEPE, 2009), entre o ano lectivo 1996/1997 e o ano lectivo 2007/2008, com maior expressão no ensino básico, a taxa de retenção e desistência ao nível do ensino secundário é, ainda, segundo dados da Eurostat (2004) citado no estudo Horizonte 2013, uma das mais elevadas dos países que integram a UE.

Face aos números do abandono e insucesso escolar têm sido várias as medidas adoptadas pelo Governo, através do Ministério da Educação (2009) para minorar este fenómeno.

Destacam-se, em particular, as que se apresentam de seguida:

1) A ocupação plena dos tempos escolares, cujo objectivo passa, não só, pela melhoria dos resultados escolares, mas também, pela criação de uma cultura de rigor e de exigência por parte dos alunos;
2) A diversificação da oferta formativa, nomeadamente através da criação de percursos curriculares alternativos, do alargamento da oferta do ensino

vocacional nas escolas públicas, das Novas Oportunidades para a conclusão do ensino básico, da aposta no ensino profissional e do aumento do número de cursos profissionais;

3) O acompanhamento psicológico dos alunos ao longo do processo educativo e o apoio ao desenvolvimento do sistema de relações interpessoais na escola e entre esta e a comunidade, através dos SPO´s e outros Serviços;

4) O alargamento da acção social escolar, sobretudo para os alunos do ensino secundário, com atribuição de subsídios e apoios de alimentação e transporte para todos os alunos deste nível de ensino.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, não pode deixar de sublinhar-se que a inclusão, de medidas focadas directamente na prestação de apoio no âmbito da Orientação Vocacional, demonstra um reconhecimento da sua importância na transformação da relação do indivíduo com a multiplicidade dos seus contextos de vida, isto é, que a vida dos alunos não se limita aos domínios da formação escolar ou profissional. Parece, inclusivamente, vislumbrar-se aqui uma perspectiva de desenvolvimento vocacional de natureza Construtivista, Ecológica e Desenvolvimental, que permite articular as varáveis pessoais e as contextuais, ultrapassando as dicotomias do "todo social" extra pessoal, das abordagens de cariz mais sociológico, e o "todo pessoal" intra pessoal, da tradição psicológica clássica (Campos, 1992).

2- Os Serviços de Acção Social Escolar na Escola Pública

De acordo com os dados recentemente divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em 20 de Outubro de 2010, decorrentes do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento, as formas mais agudas de pobreza e de privação estão de novo a agravar-se, sobretudo, entre as crianças e jovens.

Segundo o relatório do Conselho Nacional de Educação "Estado da Educação 2010", no presente ano lectivo, do total de alunos matriculados no ensino básico e secundário, aproximadamente 43% beneficiam de apoios da Acção Social Escolar, a maioria dos quais sendo abrangidos pelo Escalão A.

As enormes desigualdades que, fora do sistema educativo (entenda-se no contexto macro-social), condicionam a aprendizagem e o sucesso das crianças e

jovens, no seu percurso escolar, tornam mais difícil o trabalho, quer das famílias, quer dos alunos e dos professores. Assim, é cada vez mais importante afirmar a responsabilidade do Estado no apoio às famílias, tendo em vista reduzir o mais possível os impactos negativos das desigualdades sociais, no percurso escolar das crianças e jovens (Rodrigues, 2010). Este pressuposto da valorização da escola pública como instrumento da equidade social, parece traduzir o reconhecimento de que a ineficiência do sistema público penaliza sobretudo os agregados familiares com condições sócio -económicas menos favoráveis.

Neste entendimento, tendo presente que a Acção Social Escolar é o principal instrumento de política educativa de discriminação positiva das famílias que visa compensar as desigualdades de partida, torna-se cada vez mais importante garantir a sua eficácia. Isto é, garantir que sejam cumpridas as finalidades para que foi criada (Rodrigues, 2010). Nos termos do disposto do n.º 2 do artigo 2.º - Princípios gerais – da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, "É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares". O princípio da gratuitidade da escolaridade obrigatória, bem como os apoios e complementos educativos previstos nesta Lei e regulamentados pelo Decreto-lei n.º 35/90, de 25 de Janeiro, constituem-se como medidas conducentes à prossecução daquele objectivo.

De acordo com o estabelecido no referido Decreto-lei, os apoios e complementos educativos compreendem modalidades de aplicação geral (susceptíveis de abranger todos os alunos) e modalidades de aplicação restrita (destinadas, exclusivamente aos alunos de recursos socioeconómicos mais baixos) e aplicam-se nos domínios da orientação e psicologia educacional, da acção social e da saúde escolar. As medidas de Acção Social Escolar, da responsabilidade do Ministério da Educação, incluem as modalidades de apoio alimentar, alojamento e auxílios económicos e destinam-se aos alunos do ensino básico e secundário que frequentam escolas públicas e escolas particulares ou cooperativas em regime de contrato de associação.

Até ao ano lectivo 2007/2008, e para efeitos do usufruto do apoio da acção social escolar, eram considerados alunos carenciados, de acordo com o Despacho n.º 18 797/2005 de 30 de Agosto, os alunos inseridos em agregados familiares com capitação mensal de rendimento igual ou inferior ao valor mensal da retribuição mínima mensal garantida à generalidade dos trabalhadores por conta de outrem em

vigor no início do ano lectivo correspondente ao momento da candidatura. Após análise do processo os alunos eram classificados em dois escalões, conforme o rendimento da família: A ou B (há ainda um escalão C criado para permitir o acesso a computadores do e-escolas). Os alunos do escalão A recebiam a totalidade dos apoios, enquanto os do escalão B usufruíam do equivalente a metade desses apoios. Com a entrada em vigor do Despacho n.º 20956/2008, de 11 de Agosto, a principal alteração passou a ser a forma de atribuição do escalão. Este passou a estar associado às capitações para efeitos de atribuição do abono de família. Assim, o escalão A passou a integrar todos os alunos do escalão 1 do abono de família, o escalão B o escalão 2 do abono. Esta mudança visou, não só o alargamento do número de beneficiários deste apoio, como também, uma melhor integração social, promoção do sucesso e prevenção do abandono escolar dos jovens abrangidos. De acordo com Rodrigues (2010), no que respeita aos alunos do ensino secundário o objectivo destas medidas "era também a promoção de uma política activa de acção social susceptível de contrariar o abandono e a entrada precoce no mercado de trabalho" (p.112)

3 - A Orientação Vocacional como um processo social de desenvolvimento no contexto educativo português.

O impacto da intervenção do psicólogo, segundo Coimbra (1991) depende, em larga medida, da forma como ele se situa em relação a outros profissionais existentes na escola e da maneira como ele é percepcionado por estes. Parte integrante dos Serviços Especializados de Apoio Educativo nas escolas, os SPO´s estabelecem, através do psicólogo, uma acção concertada com outros serviços, nomeadamente com os técnicos dos Serviços de Acção Social Escolar, com vista à melhoria da qualidade da educação, da concretização da igualdade de oportunidades e promoção do sucesso educativo (Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2009).

Nesta linha, o "modelo colaborativo" do psicólogo face a outros profissionais do contexto escolar referido por Coimbra (1991), apresenta algumas vantagens do ponto de vista da intervenção desenvolvida pelo psicólogo, das quais se salienta a possibilidade de uma abordagem multidimensional dos problemas humanos. Isto porque, segundo Law (1981, *cit. In* Coimbra, 1991) para intervir psicologicamente, o psicólogo não pode evitar imergir em domínios e problemas sociais que estão para além da dimensão meramente psicológica.

Só uma perspectiva psicológica que dá prioridade à relação entre o sujeito e o mundo é que permite a integração das várias dimensões que interferem no processo vocacional. (Campos & Coimbra, 1981). Deste modo, e de acordo com Campos (1989), uma vez que a intervenção psicológica tem por referência o desenvolvimento humano, sendo a orientação vocacional uma vertente das múltiplas possibilidades de intervenção psicológica, enuncia-se, por si só, como um processo social de desenvolvimento. O interesse pela Orientação Vocacional no sistema educativo português surge na década de 20, com a criação do Instituto de Orientação Vocacional. Contudo, é sobretudo a partir da década de 80 que, reconhecida na Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, é criada uma estrutura específica, os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) (Decreto – Lei n.º 190/91 de 17 de Maio). O enquadramento legal (Decreto – Lei n.º 190/91 de 17 de Maio) que norteia a criação e o funcionamento destes Serviços, no seio do Ministério da Educação, é vago ou até mesmo omisso no que concerne o papel destes serviços no domínio da Orientação Vocacional. No entanto, e de acordo com o mesmo Decreto, pretende-se, que estes Serviços contribuam decisivamente para a concretização da igualdade de oportunidades, para a promoção do sucesso educativo e para a aproximação entre a família, a escola e o mundo do trabalho, melhorando a rede de relações recíprocas e indispensáveis ao desenvolvimento pessoal, interpessoal e comunitário no contexto escolar. A sua importância, no sistema educativo português, vai por isso, para além do seu possível valor instrumental imediato, ou seja, a gestão dos fluxos de alunos face às diferentes opções e o auxílio aos processos de escolha/ tomada de decisão imediatos. Todavia, em muitos casos, as questões de Orientação Vocacional continuam a ser problematizadas de um modo muito periférico à sociedade no seu conjunto e, ainda, muito baseadas na expectativa da descoberta da "vocação" mais adequada, o que, não raro, se traduz na utilização de metodologias psicométricas e de cariz informativo (Campos & Coimbra, 1991). Na sociedade moderna, em permanente mutação e transformação decorrente das grandes mudanças económicas, tecnológicas e sociais, é fundamental pensar de forma diferente o futuro vocacional e profissional dos jovens. Esse desafio passa, segundo Guichard (2002) por dar uma resposta social cabal, assente num isomorfismo conceptual e pragmático entre a necessidade de promover o desenvolvimento humano e o quadro da realidade que o rodeia, seja em termos educacionais, económicos, políticos, culturais ou sociais, sem perder de vista os imperativos éticos que devem nortear a sua prática. Assim, cabe ao psicólogo, no contexto dos SPO´s, mobilizar metodologias que permitam fazer escolhas escolares e profissionais seguras, perspectivando o aluno como uma pessoa que procura um sentido

para a sua vida, que é portadora de uma história única, de expectativas e de sonhos, facilitando, por isso, o desenvolvimento da identidade e a construção do projecto de vida do próprio aluno (Decreto – Lei n.º 300/97, de 31 de Outubro). Maioritariamente a cargo de psicólogos, a acção dos SPO´s é muito heterogénea, variando num espectro que vai desde o fornecimento pontual de informação, a intervenções de cariz desenvolvimental e ecológico. Acontece ainda que, actualmente, na actividade dos SPO´s, a intervenção no âmbito da Orientação Vocacional encontra-se, por vezes, em situação concorrencial com um sem número de outras tarefas e áreas de actuação, relativamente às quais o psicólogo é chamado a intervir e que nem sempre facilita a organização de uma resposta mais consistente às necessidades vocacionais dos alunos.

4 - A influência do Estatuto Sociocultural e Económico da Família, na escolha vocacional dos jovens.

A família, como um dos contextos que mais influencia as escolhas escolares e profissionais dos jovens, actua de formas múltiplas e profundas na construção dos projectos de futuro dos mesmos. Entre os múltiplos contextos onde ocorre o desenvolvimento vocacional, a família apresenta-se mesmo como o primeiro e o mais significativo, com incidências determinantes nas trajectórias vocacionais das gerações mais novas (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Segundo estudos realizados por vários autores, o nível socioeconómico (NSE) das famílias influência as experiências de formação e o estatuto social das profissões dos jovens em termos das suas aspirações, ou seja, N.S.E. gera N.S.E. (Gonçalves, 2006). Numa revisão da literatura, Gonçalves (2006) encontra evidências, em estudos realizados nas décadas de 60 e 70, de que os sujeitos provenientes de famílias de níveis socioculturais baixos tendem a escolher formações de duração mais curta, e a entrarem mais cedo no mundo do trabalho, optando por profissões menos bem remuneradas e pouco valorizadas socialmente. Estudos mais recentes (*e.g.,* Trusty, Watts & Erdman, 1997) continuam a confirmar que o factor preditivo do contexto familiar que mais influencia o desenvolvimento vocacional é o estatuto socioeconómico. Partindo do pressuposto que o envolvimento dos pais tinha um impacto importante nesse desenvolvimento, os autores constatam que as famílias de nível socioeconómico mais baixo despendem muito menos tempo do que as famílias de classe média, no apoio aos

seus filhos, não se envolvendo de forma intencional em actividades de desenvolvimento vocacional.

Relativamente à população portuguesa, um estudo efectuado junto de uma amostra de adolescentes e jovens portugueses, revelam um impacto diferenciado na construção de expectativas profissionais e de formação, em função do nível socioeconómico e cultural da família de origem. Os sujeitos de nível socioeconómico baixo têm, segundo Gonçalves (1997) expectativas reduzidas relativamente ao seu projecto de vida (formação, profissão), porque as mensagens veiculadas na sua família de origem e nos seus contextos de vida mais próximos vão nesse sentido, e porque os constrangimentos económicos e sociais os empurram, inevitavelmente, para a primeira oportunidade de trabalho que lhes garante, a si e aos seus, a sobrevivência. Assim, e de acordo com o mesmo autor, ter ou não ter expectativas elevadas em termos profissionais e de formação, em muitas situações, é um privilégio que resulta de pertencer a uma família com um determinado nível socioeconómico e cultural.

Conclui-se, por conseguinte, que não é indiferente e insignificante o contexto familiar onde se nasce; nascer num contexto familiar onde existe estabilidade emocional que garanta a segurança de um projecto de vida, é diferente de provir de uma família desestruturada e disfuncional; não é irrelevante viver em guetos de exclusão social ou viver em zonas privilegiadas, onde se podem aceder às oportunidades que possam possibilitar maior sucesso, pertencer a uma classe social ou outra, viver no interior ou no litoral (Gonçalves & Coimbra, 2007). No entender destes autores, estas assimetrias, entre outras, são preditoras de percursos vocacionais diferenciados, ao nível das expectativas de que os jovens são portadores em termos de exploração e investimento na formação que os poderá preparar para a entrada na vida profissional. (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Assim, sendo os sujeitos, deste estudo, provindos de famílias de origem com níveis socioeconómicos e culturais médio baixo e baixo supostamente também apresentam expectativas reduzidas relativamente ao seu projecto de vida (formação, profissão).

5- O papel dos pais, na construção de projectos vocacionais dos filhos

O momento em que é necessário escolher uma área de estudos que dará (ou não) acesso a um curso superior e/ou a uma profissão é, considerado, como um dos momentos mais problemáticos na vida escolar dos alunos e das respectivas famílias.

Neste sentido, a influência familiar nos projectos escolares e profissionais dos jovens pode ocorrer de várias formas, nomeadamente, através da transmissão de valores e informações sobre as profissões da disponibilização de modelos ou da imposição de uma escolha profissional (Faria, 2006).

Neste entendimento, e segundo Imaginário (1991), a família exerce influências múltiplas e profundas. É determinante, desde logo, o seu estatuto socioeconómico e cultural, representado pelos níveis de educação e profissional tanto do pai, sobretudo, mas também, em menor grau, da mãe, e pelo rendimento familiar.

Enquanto contexto estruturante das opções do adolescente, a família, nomeadamente os pais têm um papel inquestionável na análise do processo de desenvolvimento vocacional e de construção do projecto escolar e profissional do jovem (Faria, 2006). Este processo é aqui entendido como o resultado histórico da interacção do aluno com o meio familiar e escolar, integrando uma dimensão social e uma dimensão individual (*ibidem*). Isto é, a partir de uma conceptualização ecológica do desenvolvimento entende-se que os projectos humanos não se realizam no vazio, mas organizam-se no contexto de acções e relações, mais próximas e alargadas, mais ou menos significativas, que servem de pano de fundo ao desenvolvimento do sujeito psicológico (Gonçalves & Coimbra, 2007). Deste ponto de vista, a perspectiva Construtivista, Ecológica e Desenvolvimentista emerge como a proposta mais útil e integradora, ao considerar que os projectos não se descobrem mas se constroem, nos contornos das oportunidades que os contextos histórico-sociais viabilizam ou impossibilitam (Gonçalves & Coimbra, 2007). De igual modo, o desenvolvimento humano deve ser encarado como um processo a partir do qual as características de cada um resultam de uma construção histórico social aberta a várias possibilidades, resultantes da interacção entre o indivíduo e o seu meio (Campos, 1980).

É no contexto das interacções com o mundo que o indivíduo constrói significados e representações de si próprio, dos outros e da realidade (Coimbra, Campos & Imaginário, 1994). Assim, e corroborando a afirmação de Imaginário e Campos (1987), o indivíduo constrói-se através da diferenciação e integração de experiências que se caracterizam por uma complexidade crescente, com o objectivo geral de promover junto do sujeito a autoria da sua própria existência. Esta abordagem teórica possibilita a reconceptualização no desenvolvimento vocacional no contexto de interacções significativas, dinâmicas e recíprocas entre o sujeito em desenvolvimento e os seus contextos de vida, nomeadamente a família (Gonçalves, 2006).

Num estudo desenvolvido por Gonçalves e Coimbra (2007), com vista à análise das acções intencionais, ou não, que os pais realizam para apoiarem os seus filhos na construção de trajectórias vocacionais, os resultados apontam para uma influência óbvia do contexto familiar, em concreto dos pais, no delinear das trajectórias vocacionais dos adolescentes e jovens. Ainda com base neste estudo foi, também, possível apurar que há contextos de vida que proporcionam experiências em quantidade e qualidade de desenvolvimento, em termos de oportunidades de exploração e investimento, e outros que inviabilizam estas oportunidades, sendo os adolescentes provenientes de famílias mais desfavorecidas social e culturalmente, os mais penalizados. Os resultados deste estudo reforçam os de Trusty, Watts e Erdman (1997), ao constatarem que o nível socioeconómico e cultural da família se mostrava o factor mais determinante do envolvimento dos pais no apoio ao desenvolvimento vocacional dos seus filhos.

Capítulo II – Estudo Empírico

1 – Metodologia da Investigação

Qualquer procedimento empírico prevê que sejam tomadas opções metodológicas, para que o investigador possa utilizar o método científico com rigor e honestidade e, ainda, utilizar os recursos de forma produtiva e eficaz. Escolher uma metodologia de investigação passa por diversos patamares entre eles saber o que pensa o investigador sobre a realidade e o que existe que possa ser conhecido (Quivy & Campenhoudt, 2005)

Compreender de que forma a Orientação Vocacional pode contribuir para o combate ao abandono e insucesso escolar de jovens no Ensino Secundário, com SASE, partindo da perspectiva dos próprios e dos diferentes agentes educativos, constitui o principal objectivo que norteia esta investigação. O facto de se pretender compreender a forma como a Orientação Vocacional é conceptualizada, pelos alunos, pais e/ou encarregados de educação, técnicos especializados e professores, de uma Escola Secundária da área do Grande Porto e, conhecer como avaliam a influência que esta terá, (ou não) no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário, com SASE, justificou a opção por uma metodologia de investigação qualitativa. A opção pelos métodos qualitativos, e de modo específico por um estudo de caso, revelou-se a mais adequada, sobretudo tendo em conta que se procura compreender um fenómeno tão complexo como é o abandono e o insucesso escolar de jovens carenciados valorizando o ponto de vista de todos os que directa ou indirectamente convivem diariamente com esta ameaça. Debruça-se deliberadamente sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a sua compreensão global.

1.1- Instrumentos

Tendo por base as características que enformam um paradigma qualitativo de investigação, havia necessidade de se recorrer a técnicas de recolha de informação que permitissem coligir elementos suficientes e adequados aos propósitos do estudo. Assim, tendo em conta a intenção de "dar voz" às diferentes figuras que, no contexto escolar, estão expostas e lidam com as questões do insucesso e do abandono, a entrevista foi o método de recolha de dados privilegiado. Trata-se de um instrumento de investigação

que assume bastante importância no estudo de caso, pois através da entrevista torna-se possível "recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo" (Bogdan & Bicklen, 1994,p.134) e perceber a forma como os sujeitos interpretam as suas próprias vivências. Tratando-se de uma investigação no âmbito da Psicologia, é importante recorrer a informações diversificadas, de forma a compreender as complexidades dos posicionamentos dos participantes, para desvendar a dinâmica interna das situações, considerando que "tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo" (Bogdan & Bicklen, 1994. p, 49). Estas entrevistas enquadram-se na necessidade de captar de modo mais aprofundado as visões e opiniões dos participantes, a partir dos discursos individuais produzidos. Deste modo, foram elaborados guiões específicos para os participantes em cada condição (isto é, alunos, pais, professores) que apoiaram a condução de entrevistas com um nível médio de estruturação (semi-estruturadas) de forma a permitir algum grau de comparação inter-sujeitos. Para além da realização das entrevistas, procedeu-se também à obtenção de reflexões escritas por parte de duas Técnicas da escola estudada em torno de duas questões abertas propostas pelo investigador (*cf.* anexo A.) relacionadas com a temática em investigação. Tanto as entrevistas como as reflexões foram precedidas de um convite formal (*cf.* anexo B), através de carta, bem como da assinatura de uma declaração de consentimento informado (*cf.* Anexo C). Para além das exigências formais associadas ao desenvolvimento de um trabalho científico, foram tomados os devidos cuidados de natureza ética em todo o processo de constituição da amostra, recolha, análise e apresentação dos dados.

As entrevistas aos alunos e professores foram realizadas na própria escola, as dos pais/mães e/ou encarregados de educação, de acordo com a decisão destes e marcadas em função da sua disponibilidade destes, tendo sido realizadas quer nas instalações da escola, quer no local de trabalho. Obtido o acordo dos participantes para o registo áudio das entrevistas, todas foram gravadas.

1.2 Procedimentos

Após a realização das entrevistas foram efectuadas as respectivas transcrições (*cf.* Anexos D, E, F), através de um processo moroso e delicado de constituição de um "corpus de análise" (Vala, 2001).

Os dados recolhidos foram sujeitos a um tratamento, descritivo e interpretativo do seu conteúdo, privilegiando-se assim, uma abordagem exclusivamente de cariz compreensivo da realidade em estudo (Bogdan & Bicklen, 1994). Esta abordagem adapta-se à investigação realizada, uma vez que se procura respostas de carácter aberto, para circunstâncias de "como" e "porquê". Os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, conversas e concepções pessoais, e foram obtidos e analisados indutivamente (Bogdan & Bicklen, 1994).

A técnica de tratamento da informação utilizada foi a análise de conteúdo, " uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais e humanas" (Vala, 1986,p.101), que se define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que pretende, através da análise heurística do material dos diferentes documentos linguísticos (neste caso, as respostas dos alunos, pais, professores e das Técnicas), aplicando-lhe características sistemáticas e objectivas, pôr em evidência os significados subjacentes às afirmações (Bardin, 1977). Esta análise foi realizada com o do software NVivo 8, da QSR International, versão 2008.

1.3 - Caracterização da amostra

A amostra é constituída por um total de 29 participantes. O grupo de alunos, pertencentes aos Escalões A e B, do SASE, é constituído por 12 participantes de ambos os sexos (58,3% raparigas e 41,7% rapazes), de diferentes nacionalidades (58,3% portugueses e 41,7 brasileiros) matriculados no 11.º ano, do curso científico-humanístico - área das Ciências e Tecnologias. A escolha por este ano de escolaridade e por este curso/área, teve a ver com a opção seguida por estes/as alunos/as no final do ensino básico. O grupo de pais, constituído por um total de sete participantes de ambos os sexos (71,4% mulheres e 28,6% homens), de diferentes nacionalidades (57,1% portugueses e 42,9%, brasileiros). Relativamente ao grupo de professores, este é constituído por oito professores, todos do sexo feminino e de nacionalidade portuguesa. Seleccionados, em função da(s) disciplina(s) considerada(s) favorita(s) e da(s) considerada(s) desinteressante(s) pelo/a aluno/a. O grupo de Técnicos integra duas participantes, ambas mulheres e de nacionalidade portuguesa, sendo uma psicóloga e outra, técnica de acção social escolar.

Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados referentes aos diferentes participantes envolvidos neste estudo. Para o efeito foram criados e analisados quadros/síntese referentes aos resultados obtidos.

As citações apresentadas ao longo do texto estão identificadas pelo respectivo grupo de pertença (A - aluno/a; EE - pai/mãe: P - professor/a; e o número de sujeito.

Assim, e em primeiro lugar, são apresentados os dados relativos aos alunos e pais seguidos/as dos professores/as e das técnicas.

1- Entrevistas aos/às alunos/as

No que respeita aos alunos pretende-se, com esta análise, (1) Compreender o sentido e o significado que os alunos dão à escola e aos professores; (2) Identificar os significados que os alunos atribuem à orientação vocacional.

Neste sentido e com a ajuda do NVivo 8, foram codificadas as respostas dos alunos, quer com base nos parâmetros usados na estruturação do guião da entrevista quer com base no conteúdo do discurso livre dos participantes tendo sido definidas 16 categorias e 65 subcategorias relacionadas com o primeiro objectivo e 4 categorias e 42 subcategorias relacionadas com o segundo (*cf.* anexo G).

Quadro 1. Principais resultados obtidos para o tema "sentido e o significado atribuído à escola e aos professores" decorrentes da análise da resposta dos alunos entrevistados por categoria

Categorias de Análise	Principais Resultados
Representações da Escola	A escola é vista, pela maioria dos alunos, como lugar de aprendizagem
Factores de motivação	Frequência da escola como meio de ingressar no ensino superior
Valorização da Escola	Escola como local de socialização e de aprendizagem
Subvalorização da Escola	A relação que é estabelecida com os professores
Propostas de mudança	Sobretudo ao nível estrutural, edifício e sua envolvente
Factores de investimento	Mais actividades extra-curriculares e maior interesse dos alunos pelos estudos
Disciplinas favoritas	Tendo em conta as características das disciplinas, Educação Física e Biologia
Disciplinas menos apreciadas	Considerada a complexidade dos conteúdos, Matemática e

	Física/Química
Reestruturação Curricular	Proposta de alteração dos planos de estudo com a inclusão de novas disciplinas
Relacionamento Interpessoal	O respeito mútuo e a disponibilidade por parte dos professores justificam o relacionamento existente
Perfil de um bom professor	O que estabelece um bom relacionamento aluno/professor e tem organização e método na forma de dar as aulas
Perfil de um mau professor	Não consegue um bom relacionamento e não tem método de ensino
Problemas e apoios	Em situações problemáticas procuram o professor, nomeadamente o Director de Turma
Alternativas à Escola	O mundo do trabalho mas prioridade ao estudo e à escola
Expectativas pessoais	Ao nível académico, daí a importância dada à escolha do curso que frequentam.
Sem projectos definidos	Quando a razão tem a ver com a média do curso pretendido

Uma leitura do Quadro 1., permite depreender que, de acordo com as respostas dos/as alunos/as, a escola é, essencialmente, vista como um lugar onde ocorrem aprendizagens, "*um lugar onde as pessoas vêm aprender coisas novas*" (A:7). O ingresso no ensino superior "*para ter um futuro melhor*…." (A:12), constitui a principal razão para os alunos frequentarem o ensino secundário. Apesar de considerarem a escola como um espaço de socialização e de aprendizagem apontam, como um factor menos positivo na escola, a qualidade das relações/interacções, nomeadamente, com os professores. Quando convidados a apresentarem propostas de mudança, os alunos sugerem melhorias ao nível estrutural, isto é, ao nível do edifício e envolvente, mencionando como exemplo "…*as casas de banho*" (A:1). A aposta em mais actividades extra-curriculares, por exemplo "…*um número maior de eventos, não relacionados propriamente com a escola*" (A:3) é, para a maior parte dos alunos, um dos factores que os podem levar a maior investimento nos estudos. Relativamente às disciplinas do curso, a Educação Física e a Biologia são as disciplinas, atendendo às suas características, as mais apreciadas pelos alunos. Em sentido contrário, surgem as disciplinas de Matemática e Física e Química, sendo referida a complexidade dos respectivos conteúdos programáticos. Inquiridos sobre possíveis reestruturações curriculares, os alunos defendem uma mudança dos planos de estudo, nomeadamente a introdução de novas disciplinas. A maioria dos alunos referem que, apesar de manterem em perspectiva a integração no mercado de trabalho como alternativa à frequência escolar [" *se não andasse na escola, estava neste momento a trabalhar*"(A:12)] dão prioridade ao estudo e à escola ["…*neste momento é só a escola que é essencial*"(A:11)]. De um modo geral, os alunos entrevistados sentem-se satisfeitos com o curso que frequentam. Só a média do curso superior pretendido é percebida como um

constrangimento [“ *desde pequeno que dizia que queria ser médico (…) desde o ano passado que entrei no 10.º ano é que comecei a analisar melhor as médias…mas é saúde que eu quero seguir*”(A:8)].

Os alunos consideram que um bom professor é aquele que tem “*de ter em primeiro lugar uma boa relação com os alunos*” (A:8), que “ *se interessa por arranjar novos meios de ensinar e tenta aprender connosco e nós aprendemos com ele*” (A:6)

Entendem, ainda, que o relacionamento interpessoal professor/aluno/professor existente, assenta, sobretudo, no respeito mútuo e na disponibilidade demonstrada pelo professor. Em situações problemáticas, vivenciadas e relacionadas com a escola, tendem a procurar o apoio do/a professor/a, nomeadamente do/a director/a de turma.

Assim, e de acordo com os dados apresentados, pode-se afirmar que, existem grandes expectativas face à Escola, por parte destes alunos. Independentemente de identificarem algumas situações que consideram como menos positivas, reconhecem os benefícios que advêm da Escola e o facto das aprendizagens escolares fazerem grande sentido para eles. Daí considerarem também fundamental a escolha do curso secundário frequentado. Nesta perspectiva e corroborando Charlot (1996) é função da escola permitir que o aluno se identifique com os saberes, isto porque ele “…*só estudará se a escola e o fato de aprender fizerem sentido…*”. (p.49)

Estes alunos consideram como factores determinantes do perfil de bom professor, a capacidade dos docentes para estabelecerem uma relação de proximidade com os alunos e, simultaneamente, a capacidade de diversificar as práticas pedagógicas, no pressuposto de que a melhoria das práticas dos professores conduz o aluno a melhores aprendizagens. Tal como refere Guerra (2005) “ a *educação, é acima de tudo comunicação (…) Tanto o educador como o educando têm de estar receptivos a aprender e a conviver*” (p.11). Neste entendimento é importante que o professor saiba estabelecer um clima afectivo, exprimir-se de forma clara e estar sempre motivado para ensinar ajustando ou utilizando novos métodos de ensino -aprendizagem. Daí poder-se inferir, tendo em conta as perspectivas dos alunos, que a promoção do sucesso educativo está muitas vezes relacionada com a relação pedagógica e com as práticas instituídas pelos professores nas salas de aula; o professor não pode ignorar que cada aluno é um ser individual que tem que tentar conhecer e respeitar tanto as suas circunstâncias de vida quanto os saberes que já possuem e adequar as metodologias em função da diversidade da turma.

Quadro 2. Principais resultados obtidos para o tema "significado atribuído à Orientação Vocacional" decorrentes da análise da resposta dos alunos entrevistados por categoria

Categorias de Análise	Principais Resultados
Processo de escolha vocacional	Prevalecem os factores de natureza pessoal. A psicóloga exerce uma influência directa e a comunicação social uma influência indirecta neste processo
Representações sobre a Orientação Vocacional	É vista como sendo de grande utilidade; que utiliza uma variedade de métodos, sob a responsabilidade de uma psicóloga
Necessidade de apoio vocacional	No momento de decidir, de escolher
Processo de orientação vocacional	Ênfase na importância do apoio e da utilidade do mesmo

Os resultados expostos no Quadro 2, mostram que entre os factores que concorreram para a escolha do curso/área frequentada, prevalecem os de natureza pessoal, nomeadamente, de cariz afectivo-emocionais, ["…*eu tenho um problema muito grave do coração (…) quero futuramente investigar sobre isto, estar metido neste assunto da saúde, da cardiologia…*" (A:8)]. A psicóloga, de forma directa ["*ela reencaminhou-nos para o curso…*" (A:1)] e a comunicação social, ["…*na altura surgiu o CSI e eu "ahh" é isso mesmo que quero*" (A:2)] de forma indirecta, influíram no processo de escolha. A orientação vocacional é vista, pela maior parte dos alunos entrevistados, como um processo de grande utilidade ["…*acho que me ajudou imenso porque eu estava muito indecisa, não sabia completamente nada…*" (A:6)], que utiliza vários métodos ["…*fazíamos pesquisas de em que é que consistiam os cursos superiores…*"(A:3)], da responsabilidade um/a psicólogo/a. A maioria dos alunos sentiu necessidade [" *a dúvida do que quer seguir no futuro*"(A:10)] e procurou o apoio vocacional para realizar a escolha vocacional, nomeadamente, no 9.º ano de escolaridade. Há uma opinião, globalmente positiva, por parte dos alunos sobre a qualidade do apoio e da utilidade do processo de orientação vocacional ["*ajudou-me imenso mesmo*"(A:6)]

Os alunos entrevistados referem, como factor preponderante na escolha vocacional realizada, o interesse pelo curso (ou seja, factores pessoais de natureza afectivo – emocional). Este resultado consistente com a posição de Coimbra (1995) mostra que os jovens, entre outros, não tomam as suas decisões vocacionais baseadas no exame racional, "aquilo que as faz escolher ou rejeitar hipóteses é muito mais da ordem afectiva e emocional do que cognitiva" (p. 28) Reconhecem também que, de uma forma

directa, a intervenção da psicóloga foi decisiva na ajuda à tomada de decisão. Contudo, não deixam de destacar a influência dos meios de comunicação nesse processo. De acordo com os resultados a necessidade de apoio vocacional foi sentido, sobretudo, no momento em que tiveram que fazer a primeira escolha, na transição para o ensino secundário. A indecisão e o desconhecimento sobre o futuro foram as causas identificadas e os motivos pelos quais resolveram recorrer a essa ajuda.

Um outro aspecto relevante nestes resultados é que, de uma forma geral, estes alunos consideram a Orientação Vocacional um processo importante nos seus percursos académicos. Com consequências ao nível da promoção do sucesso e na redução do risco de abandono escolar. Daí poder considerar-se que cumpre alguns dos seus objectivos formais, como: o de "desenvolver acções de aconselhamento psicossocial e vocacional dos alunos, apoiando o processo de escolha e o planeamento de carreira", de "identificar e analisar as causas do insucesso escolar…" e de prevenir o "abandono precoce" de acordo com o previsto no artigo 6.º do Decreto-lei n.º 190/91.

2 – Entrevistas aos Pais

Relativamente aos pais pretende-se, com esta análise, perceber como é que estes percepcionam a intervenção vocacional com os seus filhos e a importância que atribuem a este processo nos projecto (s) vocacionais daqueles bem como compreender em que medida a sua vivência profissional influencia o processo de escolha profissional dos/as filhos/as.

Neste sentido, as respostas dos pais participantes, foram codificadas em 17 categorias e 102 subcategorias (*cf.* anexo H).

O Quadro 3., apresenta de forma sintética, os resultados das entrevistas realizadas aos pais.

Quadro 3. Principais resultados obtidos para o tema "importância atribuída à Orientação Vocacional" decorrentes da análise da resposta dos pais entrevistados por categoria

Categorias de Análise	Principais Resultados
Importância do sucesso escolar	Reconhecimento da importância do sucesso escolar para fazer face aos desafios do presente, bem como para o acesso às melhores profissões.
Mensagens parentais	Que relevam a importância do sucesso escolar para a

	entrada no mundo do trabalho
Iniciativa das conversas	A iniciativa das conversas sobre a vida escolar e profissional é da responsabilidade do pai e da mãe
Procura de apoio parental para a escolha.	Acontece, sobretudo, de índole pessoal, ligados à Escola
Apoio prestado pelos pais	Este apoio passa pelo incentivo à exploração do mundo das formações e/ou do trabalho e a liberdade total de escolha
Actividades de exploração vocacional	Participação, sobretudo, por parte da mãe, nomeadamente ao nível do envolvimento em actividades decorrentes do processo de orientação vocacional e na exploração do mundo do trabalho organizadas por outros intervenientes.
Saliência da problemática vocacional	Sobretudo no momento da entrada na escola. Decorrem do reconhecimento da importância da qualificação nas saídas profissionais e da realização pessoal
Conhecimento da oferta formativa	Sobretudo ao nível do ensino secundário
Projectos parentais	Conhecendo as características dos filhos se tivessem que escolher por eles o prosseguimento de estudos seria a opção
Representações do trabalho	A realização pessoal que o trabalho proporciona é o que mais valorizam os pais
Focagem do trabalho	Enquanto tema de comunicação é assumido, simultaneamente, pelo pai e pela mãe.
Significados do trabalho	Os aspectos de natureza expressiva revelam os valores subjacentes ao trabalho no quotidiano das famílias. E aspectos de natureza instrumental, que remetem para as questões relacionadas com a valorização profissional e remuneratória.
Realização profissional	A maioria dos pais sente-se satisfeita com a sua profissão
Modelagem profissional	A ênfase noutras profissões a desempenhar, o facto do filho ter contacto directo com a sua profissão e/ou contexto de trabalho são factores que mostram existir menor probabilidade de reprodução profissional
Projectos profissionais dos pais	Gostariam de exercer outra actividade que proporcionasse prazer e satisfação
Conhecimento do projecto vocacional	Dizem conhecer o projecto vocacional dos seus filhos e concordar com o mesmo

De acordo com o conteúdo das respostas analisado, os pais dos/as alunos/as, reconhecem a importância do sucesso escolar, quer nos desafios do presente, quer no acesso às melhores profissões ["…*no sentido do que é exigido hoje pelo mundo do trabalho…*" (EE:2)] e esta posição é assumida nas mensagens que transmitem aos/às filhos/as ["…*tento mostrar para ela os benefícios que o estudo trás…*" (EE:2)]. A iniciativa das conversas sobre a vida escolar e profissional parte, igualmente, da mãe e do pai. A procura de apoio por parte dos/as filhos/as, quando perante dificuldades relacionadas com a escola acontece, sobretudo, em situações consideradas como sendo de índole pessoal, por exemplo, quando [" *é preciso receber alguém em casa por causa do estudo*…" (EE:2)]. O apoio prestado pelos pais aos/às filhos/as acontece, sobretudo,

através do incentivo à exploração do mundo das formações e/ou do trabalho e na possibilidade de os deixar escolher livremente, ["…*eu quero que ela descubra aquilo que ela quer fazer*" (EE:2)]. A mãe é a figura parental que mais se envolve em actividades de exploração vocacional, ["*procuro conhecer pessoas que estão no meio daquilo que ela gosta*…" (EE:2)].

A entrada na escola marca o momento em que começam a ter preocupações com o futuro vocacional/profissional do/a filho/a, ou seja ["*desde que elas eram pequenas*…" (EE:3)]. Este facto decorre da consciência que demonstram ter da importância das qualificações para as saídas profissionais ["…*senão ela vai ser uma profissional frustrada e isso atrapalha horrivelmente*" (EE:2)] e, por questões de realização pessoal ["…*meu pai já dizia* "*as filhas mulheres tem de estudar, de ter uma profissão (…) mulher não pode ficar dependendo do homem*" (EE:4)]. A maioria dos pais dizem conhecer a oferta educativa ["*já ouvi falar sobre os cursos profissionais*…"(EE:6)] sobretudo, a de nível secundário. Se tivessem que escolher pelos/as filhos/as, a maioria dos pais escolheria o prosseguimento dos estudos. Há uma percepção sobre o trabalho e o que ele representa nas suas próprias vidas, como um factor de realização pessoal ["o trabalho é importante nas nossas vidas, sem o trabalho nada conseguimos" (EE:5)]. O tema trabalho, enquanto objecto de auto-revelação e de comunicação no quotidiano da família, é, da iniciativa tanto do pai como da mãe. De acordo com os dados recolhidos, os aspectos de natureza expressiva [" *o trabalho acima de tudo faz-me sentir útil, viva…*" (EE:6)] são os que melhor caracterizam os valores subjacentes à importância que o trabalho tem na vida dos pais entrevistados. A maioria dos pais, sente-se satisfeito e realizado com a sua actividade profissional ["*se compreendermos a importância de que o que fazemos é importante ou vai fazer outras pessoas felizes só nos podemos sentir realizados*" (EE:1)]. No entanto, se pudessem exercer outra actividade profissional, a maioria, escolheria uma profissão que proporcionasse mais prazer e satisfação ["…*eu ficava mais feliz se eu pudesse trabalhar mesmo na minha área*…"(EE:3)]. O facto de valorizarem outras profissões que não as suas ["*não estou a ver o meu filho assim virado para os trapos*…" (EE:6)] e, dos/as filhos/filhas terem contacto directo com as suas profissões e/ou contextos de trabalho, parece estar na base de uma menor probabilidade da profissão que exercem vir a ser considerada uma alternativa pelos/as filhos/as.

Tendo em conta estes resultados, os pais destes alunos atribuem um grande significado ao sucesso escolar dos seus filhos o que está presente nas mensagens que lhes transmitem. Os resultados deste estudo não confirmam que as mensagens parentais

conduzam à "reprodução e perpetuação dos deficits do grupo social de pertença" (Gonçalves & Coimbra, 2007, p.5). Outro aspecto relevante é o facto de mencionarem que a iniciativa das conversas sobre a vida escolar e profissional com os/as filhos/filhas, serem, simultaneamente, da mãe e do pai, o que revela a importância que estes assuntos assumem na vida destas famílias embora também em desacordo com os resultados do estudo realizado por Gonçalves & Coimbra (2007) em que é, sobretudo a mãe quem mais se responsabiliza por esta tarefa educativa. Importa, evidentemente, destacar a importância do envolvimento dos pais verificado no presente estudo tendo em conta que tal envolvimento "está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos" (Marques, 1991, p.9).

Os dados mostram também, que não existem situações de solicitação de apoio por parte dos/as filhos/as em questões relacionadas com o aconselhamento e orientação sobre as escolhas efectuadas ou a efectuar. Esta solicitação de apoio verifica-se, sobretudo, relativamente a assuntos de ordem pessoal, directamente relacionadas com problemas vivenciados na escola, seja relacionado com "*questões monetárias*" (EE;2) ou de "*injustiça*" (EE:6). Quando questionados sobre a forma como lidam ou como gostariam de lidar e/ou participar na(s) escolha(s) vocacionais dos/as filhos/as, os pais respondem que os apoiam, deixando-lhes, contudo, a responsabilidade exclusiva pela escolha. Esta atitude denota, por si só, um envolvimento diminuto ou nulo neste processo. No entanto há também algumas referências (poucas) que remetem para a existência de estímulos à exploração do mundo das formações e do trabalho pelos/as filhos/as. Confirma-se, de algum modo, a tendência observada no estudo de Gonçalves e Coimbra (2007) que aponta para uma influência óbvia do contexto familiar, em concreto, os pais, no delinear de trajectórias vocacionais dos adolescentes e jovens e, em particular, para a existência de uma correlação entre a origem social do aluno e o seu insucesso escolar. Neste entendimento, os alunos provenientes de famílias em situações económicas de maior precariedade, por serem mais socialmente desfavorecidas serão os mais penalizados. Reflexo deste facto é a diminuta participação registada, por parte dos pais, em actividades de exploração vocacional. Contudo, alguns dos pais referiram já ter participado em actividades de exploração vocacional, que ainda que não tenham partido da sua iniciativa, se focalizaram na exploração do mundo do trabalho, nomeadamente dos seus próprios contextos de trabalho. A entrada na escola foi o momento considerado pela maioria dos pais, como aquele que marca o período em que surgem as primeiras preocupações relacionadas com o futuro vocacional/profissional dos seus filhos, preocupações relacionadas, sobretudo, com a empregabilidade e a realização pessoal

dos filhos. Para um dos pais, este, não é, ainda, o momento para ter esse tipo de preocupações ["*sinceramente, não estou ainda muito nessa fase de preocupação*" (EE:6)].

O facto de a maioria dos pais referir desconhecer a oferta formativa que o sistema educativo disponibiliza para os/as seus/suas filhos/as, não diminui as expectativas relativamente ao sucesso académico dos mesmos. Este facto é bem visível quando referem que no caso de poderem escolher pelos filhos, a opção passaria pelo prosseguimento de estudos. De um modo geral, referem ter conhecimento do projecto vocacional dos filhos e manifestam concordância em relação ao mesmo.

Quanto à importância, significado e centralidade do trabalho, na vida destas famílias, os dados indicam que o tema trabalho é assumido pela maioria dos pais, como objecto de comunicação e de partilha na família, sendo introduzido quotidianamente nas conversas familiares tanto pela mãe como pelo pai.

A maioria dos pais vê o trabalho, essencialmente como fonte de realização pessoal. Esta valorização de dimensões mais intrínsecas do trabalho é, normalmente, assumida" por pais com maior estabilidade económica…" (Gonçalves e Coimbra, 2007, p.12). No entanto, no presente estudo há, também, referências de pais para quem o trabalho constitui, uma garantia da estabilidade económica sendo, também, valorizada a sua dimensão material. Esperava-se, no entanto que esta dimensão fosse a mais valorizada pelos participantes neste estudo pois, de acordo com o estudo de Gonçalves e Coimbra (2007) "quer os pais quer os adolescentes na sua generalidade, sublinham como mais relevante e prioritário: a dimensão económica do trabalho" (p.12).

Quanto aos significados que o trabalho assume na vida destas famílias, os dados evidenciam que são os aspectos de natureza expressiva, os que remetem para valores e motivações intrínsecas, os mais valorizados. No entanto, e apesar de menos referenciados, há os que valorizam, também, os aspectos de natureza instrumental, que decorrem de uma perspectiva utilitarista da actividade profissional. Segundo mostra o estudo de Gonçalves e Coimbra (2007) "Se, por um lado, os pais e os filhos dão prioridade às dimensões da família, sobre a actividade profissional, por outro, sentem que o trabalho é algo essencial para garantir a viabilização e a felicidade da família*"* (p.12)

Realce-se que, apesar da maioria dos pais referir sentir-se satisfeitos com a actual actividade profissional, outros pais, não encontra na sua actual actividade profissional, a oportunidade de realização das suas necessidades psicológicas ["… *desagrada é quando…acontecem situações no trabalho onde você não consegue fazer melhor ou*

fazer com que aquela pessoa esteja melhor" (EE:2)]. Isto é, enquanto alguns pais destacam a importância da realização pessoal do trabalho nas suas vidas, outros pais revelam a ausência de sentimentos de realização pessoal decorrentes da sua actual actividade profissional. Contudo, tanto uns como outros valorizam mais os aspectos de natureza expressiva em detrimento dos de natureza instrumental.

A maioria dos pais admite, ainda, que gostaria de exercer outra actividade profissional ["…sim, crianças *Educadora de Infância…eu adoro os miúdos, acho o máximo"*.(EE:6)]; ["*...motorista profissional*" (EE:7)]. As razões para a mudança relacionam-se, sobretudo com factores de natureza expressiva. Mais uma vez se confirma que, para a maioria dos pais, os valores e motivações de ordem intrínseca, ou seja de realização pessoal, predominam sobre qualquer outro. Tendo presente que "os significados atribuídos ao trabalho são veiculados através de mensagens intencionais ou não intencionais transaccionados no contexto familiar"(Gonçalves & Coimbra,2007, p.4), o facto de enfatizarem outras profissões e de existir algum contacto, por parte dos filhos, com o desagrado dos pais relativamente às profissões e/ou contextos de trabalho actuais, são, as principais razões que invocam para que não exista a menor probabilidade de reprodução profissional.

Esta análise às entrevistas dos Pais mostra existir alguma discrepância face aos resultados de estudos anteriores. No entanto, a este facto poderá não ser alheia, a questão da nacionalidade de alguns pais. É que 42,9% destes pais são de nacionalidade brasileira, ou seja, cidadãos portadores de uma cultura diferente.

3 – Entrevistas aos Professores

No que se refere aos professores pretende-se, com esta análise conhecer a percepção e importância que os/as professores/as, têm e dão, à Orientação Vocacional, nomeadamente, na diminuição do abandono e insucesso escolar dos alunos.
Neste sentido, foram as respostas dos professores participantes, foram codificadas em 16 categorias e 140 subcategorias (*cf.* anexo G)

Quadro 4. Principais resultados obtidos para o tema "importância atribuída à Orientação Vocacional" decorrentes da análise da resposta dos professores entrevistados por categoria

Categorias de Análise	**Principais Resultados**

Auto percepção do seu papel	Tem a percepção que desenvolve um papel activo na promoção do desenvolvimento vocacional
Apoio prestado pelo professor	Há apoio não intencional, nomeadamente, nas actividades em que o conteúdo da sua disciplina é capitalizado em termos de objectivos de natureza vocacional
Percepção da sua influência	Tem influência, sobretudo, quando alude a situações que levam a estimular a exploração e o questionamento sobre as aspirações vocacionais dos alunos. Opina sobre profissões com mais saída profissional. Reconhece que promove atracção pela sua disciplina e que não condiciona as escolhas daí decorrentes.
Qualidade da relação professor/a aluno/a	A qualidade existente assenta, sobretudo, no respeito mútuo
Contágio professor/a/aluno/a	Reconhece existir uma relação directa entre os alunos e a disciplina que lecciona. Tenta evitar que esse contágio se verifique
Representações do/a bom/boa aluno/a e do/a mau/má aluno/a	Um bom/boa aluno/a é o que mostra empenhamento/autonomia, atinge os objectivos propostos. Um/a mau/má aluno/a é o que mostra falta de empenho/autonomia e é irresponsável. Na forma como intervém com cada um destes tipos de alunos, não diferenciam as suas práticas pedagógicas
Insucesso escolar	A atitude/comportamento do aluno e as práticas de ensino, identificados como s principais factores do insucesso
Abandono escolar	As limitações intelectuais, a falta de expectativas do aluno perante a escola e a situação socioeconómica.
Estratégias de intervenção	A valorização da escola e do aluno
Factores de atracção/desinteresse	Factores de atracção, os conteúdos da disciplina; factores de desinteresse: características cognitivas dos alunos, os conteúdos das disciplinas e a sua componente lúdica
Estratégias para motivar os alunos para as aprendizagens escolares	Uso de metodologias diferenciadas
Articulação da matéria das disciplinas com o mundo do trabalho e das profissões	É feita através do despertar da curiosidade do aluno e da criação de pontes.
Direcção da (s) escolha(s)	
Relevância da orientação vocacional	Considerada como relevante, sobretudo na preparação da construção do percurso vocacional destes alunos. A promoção da autonomia e auto-conceito proporcionado é também enfatizado.
Competências de apoio ao desenvolvimento vocacional	Reconhecem ser importante adquirir competências ao nível do apoio do desenvolvimento vocacional dos alunos

Da análise do Quadro 4, verifica-se que os/as professores/as consideram ter um papel activo na promoção do desenvolvimento vocacional dos/as alunos/as, "…*fazendo-os reflectir sobre o seu processo de aprendizagem e os seus interesses pessoais*" (P:1). Esse apoio, não intencional, passa pela implementação de actividades pedagógicas que, não obstante não visarem a promoção deliberada da exploração vocacional dos/as alunos/as, acabam por contribuir para isso [" *tento sempre relacionar a disciplina com o mundo trabalho, com a vida do quotidiano*…" (P:3)]. Para os/as professores/as, é através do comportamento e das opiniões que emitem na sala de aulas, que influenciam as expectativas dos/as alunos/as. Essa influência manifesta-se, sobretudo, quando abordam profissões com mais saída profissional ["…*faço com que eles/elas falem, até*

discutimos isso na aula, precisamente as saídas profissionais e outros conhecimentos de outras possibilidades e caminhos, dou-lhes a conhecer perspectivas de futuro..” (P:7)]. Nesse sentido, assumem que promovem atracção pela sua própria área curricular e reconhecem que existe uma relação de atracção, por parte do/a aluno/a, com os conteúdos da disciplina que leccionam [“*é evidente que eu tento puxá-los para a minha disciplina*” (P:2)]. Alguns, no entanto, referem que não pretendem condicionar as escolhas dos/as alunos/as [“ *parece-me bem, pois esta disciplina é importante para um grande número de cursos superiores*” (P:1)]. De acordo com resultados anteriormente referidos e em linha com o estudo de Imaginário (1995), os professores, independentemente da área curricular que leccionam, exercem uma influência significativa na emergência dos projectos vocacionais dos seus alunos.

Quanto à relação estabelecida entre professor/a e aluno/a, no geral os entrevistados consideram-na positiva, assente, sobretudo, no respeito mútuo [“*a minha relação com os alunos é de respeito mútuo, honestidade, descontracção e de muito trabalho*”(P:1)] o que denota existir neste relacionamento uma combinação equilibrada de “…duas componentes: o apoio e o desafio” (Coimbra, 1995, p. 29). No entanto, alguns professores tentam [“…*que seja uma relação, não digo de amizade, porque não estou aqui para fazer amizades com os/as alunos (…) que seja uma relação simpática e agradável e que passe depressa*”(P:7)]. Isto é, quer o ambiente necessário, apenas, para “dar” a aula.

A maioria dos professores participantes reconhece que a relação que estabelecem com os alunos pode influir na relação destes com a disciplina que leccionam, [“*eu conto-lhes muitas vezes o meu caso, porque eu era para ser professora de História, quando fiz a minha opção era para seguir História, só que a minha professora de Português era brilhante*” (P:2)]. Percebendo que essa influência pode registar-se, alguns dos professores adoptam medidas que contrariem esse efeito [“ *quando eu noto isso também tento sempre ter uma conversa com eles*” (P:3); “…*quando um aluno não gosta da disciplina porque não gosta do professor, aí sim eu actuo, eu tento fazer perceber que o professor não é a disciplina e que ele tem de ter aprovação à disciplina…*” (P:4)].

Tendo em conta as características do perfil social/familiar e pessoal do/a aluno/a, e a percepção que os professores têm sobre o que consideram ser um/a bom/boa e mau/má aluno/a, referem não existir um relação linear ao nível da atitude/comportamento que cada um destes dois tipos de alunos/as revelam em relação ao estudo: “ *o perfil social não tem ligação directa a bom ou mau aluno…*”(P:1), “*tenho tido alunos que são de níveis sociais digamos assim baixos e são alunos*

fantásticos, empenhadíssimos, muito melhor do que outros que à partida teriam outras condições" (P:7). Este dado mostra, que contra todas as expectativas, dado o seu contexto de origem desfavorável e penalizador, há alunos de sucesso. Quanto à concepção que têm do/a bom/boa aluno/a, a nível académico e não académico, os professores remetem para as questões relacionadas com o empenhamento/autonomia demonstrado, distinguindo o/a aluno/a "*…que consegue ir para além das aulas e dirigir o seu próprio trabalho*" (P:4), e o/a aluno/a que consegue atingir os objectivos, que "*adquire as competências propostas*" (P:1). Apesar de um número pouco representativo de referências (e daí, talvez a sua relevância), uma das professoras inquiridas menciona a valorização dos resultados escolares "*ter umas classificações elevadas*" (P:7) como descritor de um/a bom/boa aluno/a. Corresponde ao perfil de mau/má aluno/a, aquele que demonstra falta de investimento e de capacidade de autonomia, visto como " *uma pessoa sem sonhos, pois não consegue "querer""* (P:1), e aquele que ao nível da responsabilidade, desvaloriza o cumprimento das regras e das tarefas escolares, ou seja, "*… para quem a escola não diz nada, é um aluno que tem dificuldade em respeitar regras*" (P:8); e, consequentemente, não cumpre os objectivos propostos, *" … não consegue atingir os objectivos mínimos"* (P:5). Ao nível do microssistema, o/a mau/má aluno/a é o "*que tem muitas dificuldades e que o ambiente familiar pesa*" (P:5).

Quando confrontados com estes dois tipos de alunos (os melhores e os piores) a maioria dos professores diz não diferenciar as suas práticas pedagógicas em função dos respectivos perfis ["*trato toda a gente igual*" (P:3)"; " *tento ter um comportamento igual para toda a gente*" (P:3)] uma prática claramente desajustada do que refere Ribeiro (2000) quando afirma que "…não se pode usar estratégias iguais com pessoas diferentes, no sentido de desencadear processos de formação com sucesso para todos" (p.93). Com efeito, a diversidade das práticas pedagógicas é fundamental para o sucesso dos alunos. Os professores não podem permanecer no papel de simples vigilantes, devem colocar em prática soluções que diminuam o risco de exclusão. Segundo Perrenoud (1996) o princípio de uma pedagogia que trata igual os desiguais, produz desigualdade e fracasso escolar.

Quando questionados sobre como lidar com um/uma mau/má aluno/a, nomeadamente, ao nível do comportamento/atitude e/ou dos métodos de ensino a adoptar, referem que tentam apoiar ["*tento ajudá-lo a acreditar nele, motivo-o para as pequenas tarefas, corrijo as atitudes negativas na sala de aula*" (P:1)]. No entanto, esse apoio está dependente, nomeadamente, da atitude do aluno: "*eu me esforço por intervir*

até certo ponto, que é às vezes alunos de meios socioeconómicos muito baixos que têm uma linguagem que deixa um bocado a desejar e não só, até às vezes uma educação que é um bocado relativa…" (P:4). O bom aluno é tratado diferentemente: "dou os parabéns e ajudo-o a evoluir cada vez mais" (P:1); "*ao bom aluno nós acabamos sempre, inconscientemente, por lhes dar uns feedbacks positivos e eles acabam sempre, não é?... por tentar superar as suas dificuldades*" (P:6).

Para os/as professores, os factores que poderão estar na origem do insucesso escolar centram- -se, sobretudo, nos/as próprios/as alunos/as, nomeadamente, ao nível das limitações intelectuais ["…*terem conhecimentos mínimos para continuarem bem no secundário*" (P:2)]. Ao nível da atitude/comportamento, os professores remetem para situações de indisciplina por parte do/a aluno/a["*a indisciplina na sala de aula*" (P:1)]. Outros dos factores referidos centram-se na escola, nomeadamente, nas práticas de ensino ["*falta de exigência do ensino (facilitismo)"*(P:1)], na carga horária ["*estes alunos têm uma carga horária muito grande…"* (P:6)], bem como, no número de alunos por turma ["*as turmas também poderiam ser um bocadinho mais pequenas para nós podermos chegar em cada aula um bocadinho mais a cada aluno"* (P:3)]. Estes resultados confirmam o estudo de Benavente (1990) no qual os professores indicam principalmente como causas do insucesso escolar as de ordem individual e de ordem sociofamiliar, surgindo em segundo plano as causas associadas à escola.

Outra das causas referidas está relacionada com o significado da Escola para o aluno, ou seja, na falta de expectativas que o/a aluno/a tem em relação ao que pode obter na escola, que, na perspectivas dos professores, é consequência de ["*uma orientação mal feita, muitos dos alunos chegam ao 11.º ano e só no 11.º ano é que descobrem que não seria esta a área…*" (P:6)]. Esta posição está de acordo com o que referem a maioria dos estudos realizados, isto é, que os professores tendem a desresponsabilizar-se pelo insucesso escolar dos seus alunos, remetendo essa responsabilidade para outros intervenientes no processo sendo notória a falta de implicação dos próprios professores no insucesso escolar.

Segundo os professores entrevistados, as causas do fenómeno do abandono escolar centram-se no aluno, sendo invocadas as suas limitações intelectuais ["… *sabendo que não conseguem acabam por abandonar*"(P:6)] e no absentismo, [" *tem em vista um trabalho qualquer que lhe surgiu…*" (P:7)]. À Escola, também é atribuída responsabilidade, nomeadamente, no que se refere à falta de sentido da Escola, para estes/as alunos/as [" …*não quer continuar a estudar porque a escola não lhe diz nada*" (P:7)] e ao estatuto social da família, sobretudo, a sua situação socioeconómica

["…*tenho casos de miúdos com depressão, com problemas familiares graves, que às vezes os levam a abandonar*…" (P:4)].

As estratégias de intervenção que mobilizam para ajudarem os/as alunos/as a lidarem com o insucesso e o abandono escolar, passam, pelas tentativas de revalorização da escola ["…*tento fazer-lhes ver sempre que ter o conhecimento é ter uma mais valia…*" (P:3)], pela valorização do/a próprio/a aluno/a ["…*tento conversar com o aluno para tentar perceber o que se está a passar*"(P:1)]; pelo encaminhamento para outros técnicos, nomeadamente, a psicóloga ["…*que é uma pessoa que está sempre muito disponível e que nós percebemos que realmente resolve problemas*" (P:8)]; pela utilização de metodologias diferenciadas de aprendizagem ["*tenho estado a desenvolver uma actividadezinha que tem a ver com o rir, o yoga, o Reserche Yoga Education é uma linha que está desenvolvida em França (…) há muitas escolas que têm isso como disciplina e eu normalmente faço isso com os alunos porque eu acho que isso também faz parte do processo*" (P:5)]. De todas as intervenções desenvolvidas e, anteriormente referidas pelos professores, destacam-se as práticas desenvolvidas no contexto sala de aula e a colaboração de outros técnicos, nomeadamente a psicóloga, privilegiando-se deste modo o que Coimbra (1991) denomina como "modelo colaborativo" no processo educativo entre os diferentes profissionais. De sublinhar a falta de referências a intervenções directas com os encarregados de educação.

Os conteúdos da disciplina, nomeadamente através dos temas abordados na sala de aula [*"…o mundo do trabalho está mais virado para as Ciências…e Tecnologias e eu acho que isso também é uma fonte de motivação para eles*"(P:3)], a aproximação da disciplina à realidade, através do estabelecimento de relações entre as matérias curriculares e certos aspectos da realidade como seja, o mundo do trabalho e das profissões ["…*relacionar a matéria com o dia a dia, acho que é a melhor estratégia do meu ponto vista porque são coisas que eles vão ouvir falar, que eles vivem.*…" (P:5)], constituem, na perspectiva dos professores, o que mais motiva os/as alunos/as para as disciplinas. Como principal motivo de desinteresse, surgem novamente, os conteúdos das disciplinas ["*o maior desinteresse é quando eles são confrontados com, por exemplo a leitura dos "Maias" a seco, a seco*…"(P:2)] sendo também mencionadas como factor do desinteresse dos/as alunos/as as suas características cognitivas, sobretudo quando estes são solicitados a " *terem que pensar, elaborar justificações de fenómenos ou factos, relacionar conceitos, etc"* (P:1).

Quanto às estratégias que os/as professores/as dizem utilizar para levar os/as alunos/as a interessarem-se pela disciplina, pelas aulas e, consequentemente, motivá-los

a participar e a obter bons resultados, surgem referências à valorização do/a aluno/a ["*fazendo-os sentir que tudo se consegue com trabalho e que eu estou ali para os ajudar, basta eles quererem.*..."(P:1)] e à utilização de metodologias diferenciadas de aprendizagem ["*tento abordá-los individualmente*…" (P:7)]. A articulação da matéria das disciplinas com o mundo do trabalho e das profissões, ao tornar mais visível aos/às alunos/as a relação entre as disciplinas leccionadas e o mundo do trabalho/ profissões, contribui, na perspectiva dos professores, para lhes despertar curiosidade: "…*para o conhecimento, para o contacto com alguma coisa que em termos depois de orientação profissional até os possa ajudar*" (P:5). De igual modo, consideram que também contribui, para a motivação dos/as alunos/as, a criação de pontes entre as disciplinas e o mundo real ["*isso tem a ver com outra coisa que é aquilo que se pode fazer para além das aulas, para mim a escola é muito mais do que as aulas*"(P:5)], fazendo com que os/as alunos/as aumentem o seu investimento académico.

No que toca à correlação percebida entre o interesse/desinteresse pela disciplina e a profissão a exercer pelo/a aluno/a os professores admitem participar no processo de selecção/rejeição de alternativas: "…*eu alerto-os para isso, eu acho que todos devem seguir a sua vocação, eu segui a minha e é aconselhado a todos para a seguirem*" (P:7); "…*um professor começa a notar e às vezes a gente chama a atenção dos alunos (…) pelo menos alertá-los…para eles reflectirem um bocado sobre a sua vida futura*" (P:3).

No que se refere à importância da Orientação Vocacional no processo educativo, todos os/as professores/as referem que "…*é muito importante*" (P:8), nomeadamente, no combate ao insucesso e abandono escolar dos/as alunos/as socialmente mais desfavorecidos. Este enfoque no papel da Orientação Vocacional, nomeadamente, no combate ao insucesso escolar, passa, do ponto de vista dos/as professores/as, por intervenções que possam contribuir para a criação de percursos vocacionais significativos para o/a aluno/a: "…*isso pode abrir outras perspectivas e o aluno pode perceber que se calhar ele não está bem, até quer abandonar, mas percebeu que há uma área de mecânica que ele gosta e até pode ser uma saída, mesmo que seja nos cursos profissionais*" (P:5) e pela promoção da auto-estima e do auto-conceito que "…*em alguns casos, até os faz perceber quais são as potencialidades e impossibilidades digamos assim*…" (P:4). Estes dados confirmam que o objectivo da orientação é muito mais do que a conservação/cristalização das características do aluno, é, sobretudo, o da sua transformação e desenvolvimento Coimbra (1995). Ainda sobre a importância da Orientação Vocacional no combate ao abandono escolar, a relevância da intervenção vocacional vai mais além dos contributos acima referidos e, de acordo com

os professores, está igualmente relacionada com o despertar de interesses e perspectivas futuras dos/as alunos/as: "*acho que os alunos que abandonam grande parte deles dever-se-á à falta de informação, porque vieram para cursos errados, não fazem a mínima do que andam aqui a fazer, isso eu noto nos meus alunos*" (P:7). Esta perspectiva deixa bem patente a concepção dos professores quanto à natureza da intervenção em orientação vocacional percepcionada como sendo de cariz informativo e acabando por " *reduzir as necessidades de orientação dos jovens à falta de informação*" (Coimbra, 1995, p.28)

Todos os professores inquiridos, têm a percepção que, ao nível do apoio vocacional que poderiam prestar aos /às alunos/as, lhes faltam as competências necessárias: "*falta-me todas as competências, todas, não sei nada*" (P:2). Contudo, manifestam disponibilidade e interesse nessa capacitação - "*acho que tenho que ter muito mais competências…*" (P:3). Defendem, a interprofissionalidade enquanto lógica de trabalho colaborativo entre o/a professor/a e o/a psicólogo/a, com vista ao desenvolvimento vocacional dos/as alunos/as: "*…quando somos directores de turma (…) orientamos um bocadinho mais os alunos, mas penso que sempre em articulação com algum serviço de orientação que acho que é fundamental*" (P:6). Estas posições remetem para a " noção do papel que podem assumir enquanto agentes activos na promoção do desenvolvimento vocacional dos jovens" (Mouta e Nascimento, 2008, p.98) estando cientes de que, através de uma maior participação no processo de orientação dos/as alunos/as podem contribuir significativamente para a diminuição do abandono e insucesso escolar dos/as alunos/as mas tendo consciências das limitações que apresentam a esse nível.

4 – Reflexões escritas das Técnicas

O Quadro 5, apresenta os resultados das reflexões das técnicas sobre as sobre o contributo que consideram ser o seu para, minimizarem o abandono e insucesso escolar dos alunos através das suas práticas profissionais. Recorda-se que, para o efeito, e tendo por base as duas questões propostas (*cf.* Anexo A), lhes foi solicitada uma reflexão escrita, na qual expressassem as suas opiniões e expusessem as suas experiências de acção/intervenção sobre essas problemáticas.

O conteúdo das respostas/reflexões das técnicas foi classificado em duas categorias de análise principais (para cada uma das técnicas) e 21 e 22 subcategorias relativas, respectivamente, à Psicóloga e à Técnica de Acção Social Escolar.

Quadro 5. Principais resultados obtidos relativamente a para cada um dos temas propostos à Psicóloga e à Técnica de Acção Social Escolar para reflexão

	Categorias de Análise/Temas	**Principais Resultados**
Psicóloga	Acções a desenvolver	Medidas de detecção precoce que passam por intervenções de sensibilização, ao nível afectivo emocional, centradas nas famílias.
	Práticas da psicóloga	Intervenções ao nível de parcerias com outros Serviços e ao nível dos SPO´s.
Técnica de Acção Social Escolar	Medidas de acção social escolar	Medidas ao nível psicossocial
	Práticas da técnica da acção social escolar	Despistagem de problemas económicos e afectivo - emocionais ao nível familiar. O apoio passa pela prestação de auxílios económicos, transportes e refeições escolares.

Assim, e de acordo com a análise do Quadro 5, a psicóloga refere que as acções por si adoptadas face a alunos em risco potencial de insucesso e abandono escolar passam por medidas ao nível do diagnóstico, com o objectivo de detectar precocemente, casos de baixo rendimento académico e alunos que possam vir a deixar a escola. Através destas medidas a Técnica do SPO da escola estudada refere que procura "…*avaliar caso a caso, os motivos de baixo rendimento escolar e possível risco de abandono escolar*" e, no seguimento dessa avaliação, propor medidas conducentes à redução do insucesso e do abandono. Medidas que, na minha perspectiva, passem pela integração, efectiva, do SPO nas estratégias da escola na identificação e apoio desses jovens, ajudando-os/as a encontrar significado para a sua permanência na escola e, a concluir com sucesso a sua formação e escolaridade, nomeadamente, ao nível do ensino secundário. Alude, igualmente, ao desenvolvimento de acções de sensibilização, ao nível afectivo-emocional, centradas no aluno e na família. Estas últimas intervenções visam, essencialmente a "…*sensibilização para a frequência de Cursos de Educação e Formação*" por parte dos alunos identificados o que parece traduzir a preocupação em dar a conhecer alternativas curriculares mais direccionadas para as características deste

tipo de jovens. Trata-se de uma prática que poderá ser objecto de questionamento na medida em que, tal como é referido no relatório do Conselho Nacional de Educação "O Estado da Educação 2010"não raro e estes alunos são orientados para Cursos de Educação e Formação e /ou Cursos Profissionais, muitas vezes conotados como "soluções" para os alunos "malsucedidos e pobres" que, frequentemente, conduzem à criação de "guetos dentro da escola". Daí entender-se ser pertinente uma discussão partilhada e reflectida por parte dos intervenientes no processo. Isto, para permitir uma exploração da hipótese da continuação da formação e, eventualmente, outras soluções que daí advenham.

A psicóloga releva ainda a importância de um maior acompanhamento do/a aluno/a, seja a nível pedagógico, através do ajuste de métodos de ensino e/ou de disponibilização de apoios educativos extra "…*que lhes permita realizar melhores aprendizagens e obter resultados e experiencias práticas*" seja ao nível das actividades do próprio SPO onde "…*de uma forma geral torna-se necessário a integração destes alunos (…) em formações de carácter mais prático (…) e que vão ao encontro dos seus interesses profissionais*, seja ainda, ao nível da Escola e que passa por "…*disponibilizar apoios ao estudo*". A nível familiar, a psicóloga refere empreender esforços no sentido do apoio e envolvimento dos alunos e das suas famílias nas intervenções desenvolvidas de forma a que os primeiros possam ser ajudados na construção de uma identidade pessoal e vocacional, e os segundos possam ter uma participação mais activa nesse processo. A génese de intervenção destas medidas deve assentar na concepção do indivíduo enquanto cidadão e na promoção da sua inclusão na sociedade. Para isso, é importante a maximização dos laços emocionais e sociais, de forma a elevar a sua auto estima e a potencializar a recuperação de competências próprias, essenciais à sua própria participação activa no processo.

Relativamente à segunda questão proposta (*cf.* anexo A), remetendo mais especificamente para a sua prática e experiência profissional, no âmbito da intervenção vocacional, os resultados não divergem muito dos anteriormente apresentados. A psicóloga enfatiza o seu cuidado na avaliação caso a caso da situação dos alunos sinalizados procurando, deste modo, conhecer os motivos que estão, ou poderão estar, subjacentes ao baixo rendimento académico e ao possível risco de abandono escolar dos mesmos. Propondo ao/à aluno/a e à família a frequência de um percurso alternativo, considerado mais apropriado às suas características. Ainda neste âmbito, a psicóloga propõe que o/a aluno/a possa beneficiar de "…*apoios ao estudo na própria escola*". Apoios esses que na minha perspectiva, podem passar, também, pela promoção da

emergência de actividades extracurriculares do interesse dos/as alunos/as e pelo incentivo ao uso de metodologias diferenciadas de aprendizagem. Considera, ainda, que neste processo é fundamental a colaboração e o envolvimento de outros intervenientes da comunidade escolar. Esta perspectiva, no pressuposto que "a partilha de responsabilidades abre caminho para formas superiores de cooperação"(Coimbra, 1991, p.24), aponta para a relevância de uma intervenção, assente numa lógica de consultadoria, onde estejam envolvidos os pais destes/as alunos/as, uma vez que a articulação da família e da escola é extremamente importante e decisiva no percurso escolar destes/as alunos/as.

Quanto ao depoimento da Técnica de Acção Social Escolar e relativamente à primeira questão (*cf.* Anexo A1) as medidas que, na sua perspectiva, mais podem contribuir assistir estes/as alunos/as, centram-se, sobretudo, em intervenções de nível psicossocial, que visem "*proporcionar aos alunos situações de apoio que reforcem a auto confiança e uma atitude positiva e empreendedora perante a vida*". Esta posição revela, por parte da técnica, a preocupação em dotar estes/as alunos/as de condições materiais (*e.g.*, material escolar, alimentação, transportes escolares) essenciais para a qualidade da sua integração no meio escolar e, consequentemente, para a promoção da auto-estima e auto-conceito (académico) destes/as.

Relativamente á questão relacionada com as suas experiencias e práticas específicas com este tipo de alunos, beneficiários do SASE, a resposta indica que a intervenção desta técnica se focaliza, sobretudo, na despistagem de problemas económicos e afectivo-emocionais. Apesar das actividades mais centrais da sua intervenção – a disponibilização de apoios materiais, de auxílios económicos, de subsidio aos transportes e às refeições escolares no sentido de minimizar os problemas relacionados com as condições económicas dos alunos - estarem bem enquadradas na sua área de competência, esta profissional demonstra também alguma preocupação com o bem-estar psicológico dos/as alunos/as. Para o efeito, estas intervenções, em parceria com outros intervenientes da comunidade educativa, nomeadamente, a Psicóloga e o/a Director/a de Turma, relevam-se imprescindíveis à prossecução destes objectivos.

Tendo por base os dados apresentados pelo Relatório "O Estado da Educação 2010", do total de alunos do Ensino Básico e Secundário, matriculados neste ano, aproximadamente 43% desse total beneficia da Acção Social Escolar, a maioria no Escalão A.

Reconhecendo (até por experiência profissional anterior nesta área) as implicações do factor socioeconómico nos resultados escolares, considera-se fundamental uma intervenção mais eficaz destes Serviços, sobretudo, ao nível dos recursos económicos e materiais disponibilizados mais ainda quando se tem em conta os dados apresentados pelo Relatório "O Estado da Educação 2010", que apontam para aproximadamente 43% de beneficiários da Acção Social Escolar, maioritariamente do Escalão A, entre os alunos matriculados no Ensino Básico e Secundário. Isto ainda, quando se conhecem as medidas propostas pelo Governo para o próximo ano, que passam por um corte nos apoios sociais e na Educação, penalizando, ainda mais, a qualificação destes/as jovens, com consequências ao nível do insucesso e abandono escolar.

Considerações Finais

Nos dias que correm a escola tem de dar resposta à diversidade dos alunos que a frequentam como consequência da exigência imposta pelo papel que é chamada a desempenhar na sociedade actual. Cada aluno é um indivíduo e a sua origem socioeconómica e cultural influencia a sua forma de ser e de estar.

A escola tem de ser capaz de prevenir situações de exclusão e de segregação de todos os alunos, "*uma escola é eficaz quando atinge os objectivos a que se propôs alcançar, entre os quais, o sucesso escolar dos alunos*" (Sil, 2003, p.30), sobretudo dos que são provenientes de meios sociais desfavorecidos, que na maioria dos casos, manifestam desinteresse, com consequências ao nível do abandono e insucesso escolar. Decorrentes do facto das oportunidades de exploração vocacional proporcionadas pelas famílias de jovens de NSE baixo serem pobres e ao facto de recair sobre a escola a expectativa de igualizar essas oportunidades para todos/as os/as alunos/as que a frequentam (esperar-se-ia da escola que compensasse a menor capacidade de promoção de desenvolvimento dos jovens por parte das famílias económica e culturalmente mais desfavorecidos).

Este estudo surge nesse âmbito, e debruçou-se sobre as percepções acerca da importância das práticas de promoção do desenvolvimento vocacional (e sobre as práticas em si mesmas), junto de alunos do Ensino Secundário, oriundos de famílias consideradas carenciadas, que beneficiam da Acção Social Escolar (SASE).

Pretendeu-se compreender, a partir de uma abordagem contextual e desenvolvimentista do desenvolvimento humano, se e qual o papel reconhecido à intervenção vocacional no que diz respeito à diminuição do abandono e insucesso escolar deste segmento da comunidade estudantil, tendo em conta algumas particularidades do seu contexto. Para o efeito e através da utilização de uma metodologia do tipo qualitativo, pretendeu-se, através da utilização de entrevistas semi-estruturadas, aceder à representação que os alunos, pais, professores e técnicas, têm sobre a importância da intervenção em Orientação Vocacional no combate a estas problemáticas.

Assim, constatou-se que na perspectiva destes/as alunos/as a intervenção da Orientação Vocacional é importante neste processo porque, permite, através das actividades desenvolvidas nas consultas, que a psicóloga ajude a " *clarificar ideias e a optar por um caminho que vá de acordo com as nossas expectativas*" (A:2).Esta posição revela uma preocupação na escolha efectuada e/ou a efectuar e as consequências que essa decisão tem ou poderá ter nos seus percursos vocacionais e/ou profissionais. Entende-se assim,

que a Orientação Vocacional é percebida por estes/as alunos/as como uma mais-valia na prossecução, com sucesso, nos seus projectos vocacionais.

Para os/as professores/as, a relevância desta intervenção, no combate a esta problemática, passa, sobretudo, pela construção do percurso vocacional, e pela promoção da autonomia e do auto conceito, destes/as jovens.

Para os pais a Orientação Vocacional é importante porque contribui para concretizar as expectativas que têm nos cursos escolhidos pelos/as filhos/as, e consequentemente, faz com que permaneçam na escola.

A psicóloga revela, que neste âmbito, uma intervenção ao nível do diagnóstico precoce e na sensibilização afectivo-emocional, centrada na família, constituem as principais medidas para minimizar estas problemáticas.

Para a Técnica de Acção Social Escolar, a intervenção ao nível do bem-estar psicológico dos/as alunos/as é importante para a prossecução destes objectivos. Daí relevar a importância de centrar as suas intervenções aos aspectos de nível psicossocial.

Tendo presente a leitura dos resultados deste estudo, a Escola, para estes/as alunos/as significa um meio para obter as condições necessárias para atingirem os seus objectivos, nomeadamente a preparação para o ingresso no ensino superior e, consequentemente, o acesso a uma boa profissão "*…é um meio para eu alcançar um objectivo"* (A:6); "*…para depois entrar para a universidade*"(A:7). Depreende-se assim, que, na perspectiva destes/as alunos/as, a formação superior continue a ser um factor de empregabilidade e garantia de mobilidade social. Esta postura, descontextualizada da realidade actual, em que as estatísticas do desemprego acolhem milhares de jovens recém - formados, vem pôr em dúvida os efeitos da educação na valorização dos indivíduos e da sociedade que integram. Isto porque, hoje mais do que nunca, a profissão não depende da licenciatura. Estar preparado/a para as diferentes oportunidades profissionais é que faz a diferença Daí considerar-se que orientar as escolhas em função das maiores ou menores hipóteses de conseguir um bom emprego é o grande erro na realidade actual. Neste entendimento, pode-se questionar alguns dos motivos que levam os/as alunos/as a escolher determinado curso/área, "*…Ciências e Tecnologias é a área que depois de completa a escolha é mais vasta"* (A:3). Esta preferência por Ciências e Tecnologias, nem sempre é feita por ser com as disciplinas preferidas, mas porque persiste a percepção subjectiva de que tem mais saídas para o Ensino Superior. Neste estudo, Matemática e Física e Química aparecem como as

disciplinas menos apreciadas pelos/as alunos/as. Este dado cria alguma perplexidade quando se sabe a importância destas disciplinas nesta área/curso.

Um outro aspecto valorizado pelos/as alunos/as, considerado essencial para a sua permanência na escola, tem a ver com a importância que estes/as atribuem à escola ao nível da sociabilidade, [" *é um local onde temos várias experiências de vida que nos podem enriquecer*" (A:4)] Destacam, também, os aspectos afectivos e relacionais que a escola proporciona, nomeadamente, ao nível da relação professor/a-aluno/a. Esta relação que o/a jovem estabelece com o/a professora tem muita influência no modo como este/a encara a escola e, consequentemente, a sua permanência nela, ou não, [*"…é importante o professor deixar um pouco de lado o rigor de ser professor e passar um pouco para ser amigo…"*(A:5)]. Esta constatação vai ao encontro de Coimbra (1995) quando diz que "…é nas relações/encontros com os outros que o desenvolvimento ocorre e é desta dimensão que importa tirar partido nestas intervenções" (p.29)

Embora reconheçam terem nos pais a ajuda necessária para reforçar as suas aspirações, aparentemente, são estes factores que levam a que permaneçam na escola com motivação, gosto e interesse.

Verificou-se ainda que estes/as alunos/as atribuem uma grande importância à intervenção em Orientação Vocacional nos seus projectos vocacionais, nomeadamente, no momento da primeira escolha vocacional "…*acho que me ajudou imenso porque eu estava muito indecisa, não sabia completamente nada, gostava de muitas coisas…*"(A;6), salientando a centralidade do papel desempenhado pela psicóloga nesse processo. No entanto, não desvalorizam a influência dos meios de comunicação nas escolhas efectuadas ou a efectuar. Para estes/as alunos/as, a indecisão e o desconhecimento sobre o futuro vocacional e profissional, foram os motivos invocados para justificarem a necessidade de solicitar apoio vocacional.

Relativamente aos pais, e apesar dos contextos, constata-se que, estes, atribuem grande significado ao sucesso escolar dos/as filhos/as, visíveis nas mensagens que transmitem nas conversas familiares que têm com eles/elas, motivando-os para o prosseguimento de estudos. Constata-se, também, que se envolvem positivamente na vida escolar dos filhos, sobretudo a figura materna, tendo a consciência que isso poderá contribuir para os resultados escolares dos mesmos e no pressuposto de que quando se envolvem na educação dos seus filhos, prestando-lhes o apoio indispensável, apesar das condições menos favoráveis relacionados com o contexto, os resultados tenderão a ser mais

positivos. Assim, e indo de encontro a Imaginário (1991) a família exerce influência múltiplas e profundas nos projectos escolares e profissionais destes/as jovens.

Apesar desse envolvimento, os pais não são solicitados pelos filhos a pronunciarem-se sobre os seus projectos vocacionais, deixando-os mais livres na resolução dessa tarefa. Este posicionamento, por parte dos pais, é característico de contextos familiares que, de acordo com o estudo de Gonçalves & Coimbra (2007, p.5) "favorecem o desenvolvimento vocacional dos adolescentes e jovens". No entanto este "à vontade" para deixar a responsabilidade da decisão aos/às filhos/as, pode causar bastante pressão sobre estes/as, na altura de decidir. A preocupação e com o futuro vocacional/profissional dos/as filhos/as, referindo mesmo que têm essa preocupação desde a entrada na escola, motivados pelas questões relacionadas com a empregabilidade ["*Queria que ela não tivesse as dificuldades que eu tive no mercado de trabalho*" (EE:2)] e, a realização pessoal dos mesmos, demonstram depositar grandes expectativas nos seus projectos vocacionais. Apesar de os resultados não serem suficientemente esclarecedores, infere-se que, para estes pais, a intervenção da Orientação Vocacional pode ter um papel importante no combate ao abandono e insucesso escolar, sobretudo, em jovens oriundos de contextos sociais desfavorecidos.

As perspectivas que têm sobre a importância, o significado e a centralidade do trabalho nas suas vidas, remetem para aspectos de natureza expressiva [*"…ele nos dignifica, faz nós sermos respeitados"*(EE:3)] ou seja, têm a expectativa e vivenciam, realmente, o trabalho, salvo raras excepções[("*…eu sem trabalho não era nada porque não tinha o meu ordenado...*"(EE:6)] como fonte de prazer e de realização pessoal encarando o que fazem profissionalmente de forma positiva ante a possibilidade que lhes oferece de satisfazer valores e motivações de ordem intrínseca. Estas posições costumam ser, normalmente, assumidas pelos pais com maior estabilidade económica, pelo que a dos pais participantes neste estudo não deixa de ser curiosa. .

Os/as professores/as foram outros dos actores educativos participantes neste estudo. Reconhecem que têm importância na promoção do desenvolvimento vocacional dos alunos, contudo não assumem fazê-lo de forma intencional. Enquanto professores/as, e apesar de reconhecerem terem influência nos alunos, distanciam-se claramente dos assuntos que entendem ser da competência da psicóloga ou de outros técnicos. No entanto, o/a professor/a sabe, pela proximidade que mantém com o/a aluno/a, que é por estes/as procurado e, neste sentido, constitui-se como um interlocutor privilegiado no desenvolvimento vocacional destes/as jovens. Esta constatação confirma o estudo de

Mouta e Nascimento (2008) que refere a relevância dos professores na "…formação e preparação dos jovens para a vida activa e para a cidadania, sendo neles, em geral, depositadas fortes expectativas em termos de apoio e facilitação do processo de desenvolvimento vocacional*"* (p.87).

Em contexto sala de aula, os/as professores/as assumem não diferenciar as suas práticas em função do tipo de aluno/a ["*Não, não, não. Nunca faria isso, só de não me apercebe-se de tal coisa, mas eu não faço isso*" (P:7)]. Neste pressuposto, e tendo presente que o/a professor/a não pode nem deve ignorar que cada aluno/a é um ser individual com características próprias, questiona-se se esta atitude contribuirá para a diminuição do insucesso e abandono escolar do/a aluno/a. Isto porque entende-se que para se conseguir sucesso neste combate, cabe ao/à professor/a escolher e decidir sobre a melhor forma de ensinar em função das características dos seus/suas alunos/as. Isto no pressuposto que, se há alunos/as que conseguem superar dificuldades e percorrer um bom caminho procurando o sucesso, outros/as não o conseguem, tornando-se assim as principais vítimas da problemática deste estudo. Assim, ao/à professor/a caberá a árdua tarefa de encaminhar aqueles que querem desistir, confrontando-os/as com novas práticas, capazes e inovadoras, criativas e motivadoras.

Embora reconheçam falta de competências ao nível da intervenção Vocacional, vêm nela, uma mais valia na diminuição do abandono e insucesso escolar dos/as alunos/as, realçando a qualidade do trabalho que é desenvolvido pela psicóloga, neste âmbito. Daí considerarem, também, a necessidade de conhecerem mais sobre este tipo de intervenção e, consequentemente, envolverem-se mais no combate desta problemática. Desta forma e de acordo com o estudo de Mouta e Nascimento (2008) adquirirem, também, uma melhor noção sobre o papel que podem vir a desempenhar enquanto agentes activos na promoção do desenvolvimento vocacional destes/as jovens.

As reflexões das Técnicas, Psicóloga e Técnica de Acção Social Escolar, revelam alguns aspectos importantes, que ajudam a perceber a complexidade deste fenómeno e, consequentemente, a encontrar soluções para a sua diminuição. Contudo, é curioso a existência de alguma "promiscuidade" de competências presentes em algumas das actividades desenvolvidas, pela Técnica de Acção Social Escolar. Verifica-se nestas duas reflexões um enfoque das intervenções ao nível dos factores de natureza pessoal, nomeadamente, dos afectivos -emocionais centrados nos alunos e na família, relacionados com os seus valores e motivações.

O enfoque, da Psicóloga, em soluções alternativas para alunos com insucesso e potenciais abandonadores passa, muitas vezes, por propostas de frequência de percursos alternativos de educação. Esta medida merece alguma reserva, dada a tendência de estigmatização dos jovens que optam por esses percursos e que pode actuar como um factor de discriminação.

Em conversas, informais, mantidas com a Psicóloga, constatei haver alguma insatisfação relacionada com as suas funções. Sente alguma dificuldade em promover a Orientação Vocacional, isto porque, de acordo com a sua opinião encontra-se diluída e por vezes em situação concorrencial com um sem número de outras tarefas e áreas de intervenção, o que condiciona a sua intervenção nessa área, considerada como fundamental para a minimização dos fenómenos de insucesso e abandono escolar dos alunos.

Estas condicionantes poderão, de certa forma, explicar porque se privilegia nas escolas, do meu ponto de vista erradamente, uma intervenção dos SPO´s, mais centrada nos momentos de transição, nomeadamente no 9.º ano e 12º ano de escolaridade, ou seja, nos fins dos ciclos. Esta intervenção demasiada pontual e tardia, (com consequências ao nível do insucesso e abandono escolar dos/as alunos/as) com estratégias mais de cariz informativo em detrimento de uma intervenção que poderia ser de carácter mais transversal, isto é, ao longo do 3.º ciclo e do ensino secundário. Estas questões de Orientação Vocacional, são, de acordo com Campos e Coimbra, (1991) ainda, muito baseadas na expectativa da descoberta da "vocação" mais adequada, sobretudo através das metodologias psicométricas e de cariz informativo.

É inevitável subscrever a posição do Conselho Nacional de Educação, no Relatório "Estado da Educação 2010 - Percursos Escolares", quando diz que "as escolas e toda a sociedade se devem mobilizar para que as oportunidades de orientação se traduzam em verdadeiros estímulos positivos ao prosseguimento com sucesso…" (p.176) e que para a prossecução destes objectivos é importante: "apoiar as novas e mais exigentes necessidades de informação e orientação escolar e profissional dos jovens e suas famílias, agora que se alarga a duração da escolaridade obrigatória (…) o que "implica um real investimento na orientação escolar e profissional dos jovens " (*ibidem*).

Neste sentido, temos que ter presente que, a qualidade do ensino deixou de ser garantida apenas pelos/as professores/as, as escolas precisam de outros serviços e técnicos, sobretudo para resolver os problemas sociais. Só deste modo é possível o combate ao insucesso e abandono escolar.

Em relação ao objectivo deste estudo, há um reconhecimento, por parte de todos participantes, da importância que a intervenção da Orientação Vocacional tem na prossecução do combate ao abandono e insucesso escolares, em geral e, em particular nos/as alunos/as beneficiários/as de SASE.

Bibliografia

Agência Lusa. (7 de Dezembro de 2010). *OCDE:Alunos Portugueses pela primeira vez «perto da média»* Obtido em 11 de Dezembro de 2010, de Delegação Permanente de Portugal junto da OCDE- Paris: http://portugal-ocde.com/destaques.php?destaque=71

Almeida, É. P., & Ramos, F. (1992). *Insucesso e abandono escolar.* Lisboa**,** Portugal: Ministério da Educação - Gabinete de Estudos e Planeamento.

Benavente, A. (1990). *Escola, Professoras e Processos de Mudança.* Lisboa: Livros do Horizonte.

Benavente, A. (1979). Insucesso Escolar no contexto português. In *Ciências da Educação em Portugal: situação actual e perspectivas.* Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Benavente, A. (1990). Insucesso Escolar no Contexto Português. In *Cadernos de Pesquisa e Intervenção nº1.* Lisboa.

Benavente, A., Campiche, J., Sebastião, J., & Seabra, T. (1984). *Renunciar à Escola: O Abandono escolar no Ensino Básico.* Lisboa: Fim do Século.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.

Campos, B. (1992). A Informação na Orientação Profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica 8* , 5-16.

Campos, B. (1980). Orientação vocacional numa perspectiva de intervenção no desenvolvimento psicológico. *Revista Portuguesa de Pedagogia , XVI*, 195-230.

Campos, B., & Coimbra, J. L. (1991). Consulta Psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica 7* , 11-19.

Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED) - Escola Superior de Educação de Lisboa. (s.d.). *Estudos Horizonte 2013.* Obtido em 2 de Janeiro de 2009, de QREN: http://www.qren.pt/download.php?id=72

Charlot, B. (1996). Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa 97* , 47-63.

Código Deontológico dos Psicólogos. (s.d.). Obtido em 24 de Outubro de 2010, de SNP- Sindicato Nacional dos Psicólogos: http://www.snp.pt/osindicato/documentos_files/030217codeont1978.htm

Coimbra, J. L. (1991). O psicólogo face aos outros profissionais da Educação: Reflexões sobre consultadoria psicológica. *Cadernos de Consulta Psicológica 7* , 21-26.

Coimbra, J. L. (Julho/Setembro de 1995). Os professores e a orientação vocacional. *Noesis* , 26-29.

Coimbra, J. L., Campos, B. P., & Imaginário, L. (1994). Career intervention from a psychological perspective: definition of the main ingredients of an ecological-developmental perspective. *23rd international congress of applied psychology*, (1-13). Madrid.

Conselho Nacional de Educação. (2010). *Conselho Nacional de Educação.* Obtido em 4 de Dezembro de 2010, de Relatório "Estado da Educação 2010 - Percursos Escolares": http://www.cnedu.pt/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=1116&lang=pt

Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). (2009). *Serviços de Psicologia e Orientação.* Obtido em 10 de Setembro de 2009, de Serviços de Psicologia e Orientação: http://sitio.dgidc.minedu.pt/profissional/Paginas/Servicos_Psicologia_Orientacao.aspx

Faria, S. (2006). O envolvimento familiar no processo de decisão dos jovens à saída do 9º ano (Versão Electrónica). *Interacções 2* , 113-140.

Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)/Ministério da Educação. (Dezembro de 2009). Educação em Números 2009. Lisboa, Portugal.

Gonçalves, C. M. (2006). *A Família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens.* Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). O Papel dos pais na construção de trajectórias vocacionais dos seus filhos (Versão Electrónica). *Revista Brasileira de Orientação Profissional 1 , 8*, 1-17.

Guerra, M. Á., & Costa, R. J. (2005). *"É preciso caminhar contra a corrente"* . Obtido em 16 de Maio de 2009, de A página da Educação: http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=144&doc=10791&mid=2

Guichard, J., & Huteau, M. (2002). *Psicologia da Orientação.* Lisboa: Instituto Piaget.
Imaginário, L. (1991). Desenvolvimento Vocacional. In B. P. Campos, *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens - Volume II* (187-212). Lisboa: Universidade Aberta.

Imaginário, L. (1995). Reestruturação curricular e orientação escolar e profissional. *Noesis 35* , 30-32.

Imaginário, L., & Campos, B. (1987). Consulta psicológica vocacional em contexto escolar. *Cadernos de Consulta Psicológica 3* , 107-130.

Legislação Essencial para pais e alunos. (2003). Porto Editora.

Marques, R. (1991). *A escola e os pais - Como colaborar?* (3ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Ministério da Educação; Ministério da Segurança e do Trabalho. (Março de 2004). *Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar* . Obtido em 2 de Fevereiro de 2009, de Governo de Portugal: http://www.portugal.gov.pt/pt/Documentos/Governo/MEd/PNAPAE_sintese.pdf

Mouta, A., & Nascimento, I. (2008). Os (novos) interlocutores no desenvolvimento vocacional de jovens: Uma experiência de consultoria a professores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional 9* , pp. 87-101.

Perrenoud, P. (1996). *La Construción del Éxito y del Fracasso Escolar.* Madrid: Ediciones Morata.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, D. (2000). A supervisão e o desenvolvimento da profissionalidade Docente. In I. Alarcão, *Escola Reflexiva e Supervisão.* Porto: Porto Editora.

Rodrigues, M. d. (2010). *A Escola Pública pode fazer a diferença.* Coimbra: Edições Almedina.

Sil, V. (2004). *Alunos em situação de insucesso escolar.* Lisboa: Instituto Piaget.
Stoer, S., & Magalhães, A. (2001). The Rise of Performance as a Culture of Learning. *Cultures of Learning: Risk, Uncertainty and Education, Universidade de Bristol 19-22 de Abril.*

Vala, J. A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das ciências sociais.* Porto: Edições Afrontamento.

Instituto Nacional de Estatística (2010). *Sobre a Pobreza, as desigualdades e a privação material em Portugal*. Obtido em 20 de Outubro de 2010, de Portal do Instituto Nacional de Estatística: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=92069905&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt

Legislação consultada:

Lei 46/86 de 14 de Outubro. *Diário da República nº 237/86 - I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 35/90 de 25 de Janeiro. *Diário da República n.º 21/90-I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 190/91 de 17 de Maio. *Diário da República n.º 113/91-I Série.* Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 300/97 de 31 de Outubro. *Diário da República n.º 253/97-I Série*. Ministério da Educação.

Despacho n.º 18797/2005 de 30 de Agosto. *Diário da República n.º 116/05-II Série*. Ministério da Educação. Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Educação.

Despacho n.º 20956/2008 de 11 de Agosto. *Diário da República n.º 154/08-II Série*. Ministério da Educação. Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Educação.

ANEXOS

ANEXO A

Questões abertas às Técnicas: Psicóloga e Técnica de Acção Social Escolar

Anexo A. Questões Abertas às Técnicas-Psicóloga

Ante um cenário de transformação, incerteza, turbulência e risco, novos desafios se colocam aos profissionais de orientação. Com base nas duas questões seguintes, reflicta sobre a importância da Orientação Vocacional, com vista ao sucesso escolar dos alunos dos cursos do nível secundário, economicamente mais carenciados.

Questão 1: Que tipo de Orientação Vocacional deve ser proporcionada a jovens com baixo rendimento académico e em situação de risco de abandono escolar e como?

Questão 2: Como profissional que trabalha no domínio da orientação vocacional, qual diria que pode, deve e tem vindo a ser o seu contributo na intervenção junto dos jovens com baixo rendimento académico e em risco de abandono escolar?

Anexo A.1 Questões Abertas às Técnicas - SASE

Ante um cenário de transformação, incerteza, turbulência e risco, novos desafios se colocam aos profissionais de Serviço Social. Com base nas duas questões seguintes, reflicta sobre a importância dos Serviços de Acção Social Escolar, com vista ao sucesso escolar dos alunos dos cursos do nível secundário, economicamente mais carenciados.

Questão 1: Que medidas especiais, se consideradas necessárias, devem ser tomadas para apoiar os alunos/as desfavorecidos marcados pelo insucesso académico de modo a minimizar o risco de abandono escolar?

Questão 2: Como profissional que trabalha no domínio do Serviço Social, qual diria que pode, deve e tem vindo a ser o seu contributo na intervenção junto de jovens com baixo rendimento académico e em risco de abandono escolar?

ANEXO B

Cartas Convite: Psicóloga, Técnica de SASE, Pais ou Encarregados de Educação, Professores/as, Presidente do Conselho Executivo.

Anexo B

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Assunto: Convite para colaboração num estudo destinado à compreensão da Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário.

Exma. Técnica Profissional de Acção Social Escolar

Encontro-me, presentemente a frequentar o Mestrado em Temas de Psicologia, no âmbito do qual estou a desenvolver, sob orientação da Prof.ª Doutora Inês Nascimento, um estudo acerca do insucesso e abandono escolar de jovens que se encontram a frequentar o Ensino Secundário e beneficiam do apoio do SASE. Desta forma, gostaria de convidá-la a colaborar na referida investigação através da participação numa entrevista (de cerca de 30 minutos e com recurso a gravação a áudio) que se focará na sua experiência como técnica de acção social escolar. Convém salientar, que se assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados nela obtidos e que estes apenas serão utilizados para efeitos do estudo em causa.

Agradeço, por isso, o favor de preencher o documento em anexo manifestando (ou não) formalmente a sua disponibilidade para a referida entrevista. Caso esteja de acordo em colaborar neste estudo será, posteriormente, contactada de modo a que possa definir-se o dia/hora e o local mais convenientes para a realização da entrevista.

Se, entretanto, necessitar de algum esclarecimento adicional poderá entrar directamente em contacto com o investigador principal para o telemóvel 933460118 ou para o endereço electrónico, mgsilva250@hotmail.com

Agradeço desde já a atenção que este assunto lhe possa merecer.

Atenciosamente;

Porto, 24 de Abril de 2009

Manuel António Gomes da Silva
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto-Portugal

ANEXO B.1

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Assunto: Convite para colaboração num estudo destinado à compreensão da Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário.

Exma. Técnica Superior de Educação - Psicóloga Escolar

Encontro-me, presentemente a frequentar o Mestrado em Temas de Psicologia, no âmbito do qual estou a desenvolver, sob orientação da Prof.ª Doutora Inês Nascimento, um estudo acerca do insucesso e abandono escolar de jovens que se encontram a frequentar o Ensino Secundário e beneficiam do apoio do SASE. Desta forma, gostaria de convidá-la a colaborar na referida investigação através da participação numa entrevista (de cerca de 30 minutos e com recurso a gravação a áudio) que se focará na sua experiência como técnica superior de educação, na área da Psicologia. Convém salientar, que se assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados nela obtidos e que estes apenas serão utilizados para efeitos do estudo em causa.

Agradeço, por isso, o favor de preencher o documento em anexo manifestando (ou não) formalmente a sua disponibilidade para a referida entrevista. Caso esteja de acordo em colaborar neste estudo será, posteriormente, contactada de modo a que possa definir-se o dia/hora e o local mais convenientes para a realização da entrevista.

Se, entretanto, necessitar de algum esclarecimento adicional poderá entrar directamente em contacto com o investigador principal para o telemóvel 933460118 ou para o endereço electrónico, mgsilva250@hotmail.com

Agradeço desde já a atenção que este assunto lhe possa merecer.

Atenciosamente;

Porto, 24 de Abril de 2009

_____

Manuel António Gomes da Silva

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto-Portugal

ANEXO B.2

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Assunto: Convite para colaboração num estudo destinado à compreensão da Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário.

Exmos. Pais e/ou Encarregados de educação do aluno.....

Encontro-me, presentemente a frequentar o Mestrado em Temas de Psicologia, no âmbito do qual estou a desenvolver, sob orientação da Prof.ª Doutora Inês Nascimento, um estudo acerca do insucesso e abandono escolar de jovens que se encontram a frequentar o Ensino Secundário e beneficiam do apoio do SASE. Desta forma, gostaria de convidá-lo/a a colaborar na referida investigação através (1) da participação numa entrevista (de cerca de 30 minutos e com recurso a gravação a áudio) que se focará na sua experiência como pai/mãe de um/a jovem nestas condições; (2) do consentimento para a participação do/a seu/sua filha numa outra entrevista. Convém salientar, que se assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados nela obtidos e que estes apenas serão utilizados para efeitos do estudo em causa, **não tendo, por isso**, **qualquer implicação** no que se refere ao apoio actualmente concedido pelo SASE.

Agradeço, por isso, o favor de preencher o documento em anexo manifestando (ou não) formalmente a sua disponibilidade para a referida entrevista e autorizando (ou não) o/a seu/sua filho/a a participar no estudo. Caso esteja de acordo em colaborar neste estudo será, posteriormente, contactado/a de modo a que possa definir-se o dia/hora e o local mais convenientes para a realização da entrevista.

Se, entretanto, necessitar de algum esclarecimento adicional poderá entrar directamente em contacto com o investigador principal para o telemóvel: 933460118 ou para o endereço electrónico: mgsilva250@hotmail.com.

Agradeço desde já a atenção que este assunto lhe possa merecer.

Atenciosamente;

Porto, 23 de Abril de 2009

_____

Manuel António Gomes da Silva

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto-Portugal

ANEXO B.3

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Assunto: Convite para colaboração num estudo destinado à compreensão da importância da Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário.

Exmo(a). Senhor(a) Professor(a)

Encontro-me, presentemente a frequentar o Mestrado em Temas de Psicologia, no âmbito do qual estou a desenvolver, sob orientação da Prof.ª Doutora Inês Nascimento, um estudo acerca do insucesso e abandono escolar de jovens que se encontram a frequentar o Ensino Secundário e beneficiam do apoio do SASE. Desta forma, gostaria de convidá-lo(a) a colaborar na referida investigação através da participação numa entrevista (de cerca de 30 minutos e com recurso a gravação a áudio) que se focará na sua experiência como professora do ensino secundário. Convém salientar, que se assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados nela obtidos e que estes apenas serão utilizados para efeitos do estudo em causa.

Agradeço, por isso, o favor de preencher o documento em anexo manifestando (ou não) formalmente a sua disponibilidade para a referida entrevista. Caso esteja de acordo em colaborar neste estudo será, posteriormente, contactada de modo a que possa definir-se o dia/hora e o local mais convenientes para a realização da entrevista.

Se, entretanto, necessitar de algum esclarecimento adicional poderá entrar directamente em contacto com o investigador principal para o telemóvel 933460118 ou para o endereço electrónico, mgsilva250@hotmail.com

Agradeço desde já a atenção que este assunto lhe possa merecer.

Atenciosamente;

Porto, 18 de Janeiro de 2010

_____

Manuel António Gomes da Silva

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto-Portugal

ANEXO B4

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Assunto: Convite para colaboração num estudo destinado à compreensão da importância da Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar de jovens do Ensino Secundário.

Exma. Sr.ª Presidente do Conselho Executivo
Drª Maria José Gomes

Encontro-me, presentemente a frequentar o Mestrado em Temas de Psicologia, no âmbito do qual estou a desenvolver, sob orientação da Prof.ª Doutora Inês Nascimento, um estudo acerca do insucesso e abandono escolar de jovens que se encontram a frequentar o Ensino Secundário e beneficiam do apoio do SASE. Desta forma, solicito a indispensável colaboração da instituição, pela qual é responsável, para proceder à recolha de dados, através da realização de entrevistas, a jovens do 11º ano beneficiários do SASE bem como a profissionais docentes e não docentes da Escola que, após convite formal de colaboração, se mostrem receptivos a participar no estudo em causa. Se, entretanto, necessitar de algum esclarecimento adicional poderá entrar directamente em contacto com o investigador principal para o telemóvel 933460118 ou para o endereço electrónico, mgsilva250@hotmail.com

Agradeço, desde já, a atenção que este assunto lhe possa merecer.

Atenciosamente;

Porto, 24 de Abril de 2009

_____

Manuel António Gomes da Silva

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto-Portugal

ANEXO C

Consentimento Informado dos encarregados de Educação: Psicóloga, Técnica de SASE, Professores/as.

ANEXO C

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Consentimento Informado

Nome do Encarregado de Educação do/a jovem:

.....

Morada:

.....

Contactos telefónicos (fixo e móvel):

.....

Entrevista ao **ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO**

☐ Confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convidado/a a participar.

☐ Não confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convidado/a a participar.

Entrevista ao **ALUNO-FILHO/A**

☐ Autorizo o/a meu/minha filho/a a colaborar no estudo que me foi apresentado na entrevista para a qual será convidado a participar.

☐ Não autorizo o/a meu/minha filho/a a colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual será convidado a participar.

DATA:.....

ASSINATURA:.....

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto -Portugal

ANEXO C.1

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Declaração de Aceitação e Autorização

Nome da Técnica Superior de Educação - Psicóloga:

.....

Morada:

.....

Contactos telefónicos (fixo e móvel):

.....

Entrevista à **PSICÓLOGA**

☐ Confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convida a participar.

☐ Não confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convidada a participar.

DATA:.....

ASSINATURA:.....

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto -Portugal

ANEXO C.2

Declaração de Aceitação e Autorização

Nome da Técnica Profissional de Acção Social Escolar:

.....

Morada:

.....

Contactos telefónicos (fixo e móvel):

.....

Entrevista à TÉNICA DE ACÇÃO SOCIAL ESCOLAR

☐ Confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convida a participar.

☐ Não confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convidada a participar.

DATA:.....

ASSINATURA:.....

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto -Portugal

ANEXO C:3

U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Declaração de Aceitação e Autorização

Nome do(a) Professor(a):

.....

Morada:

.....

Contactos telefónicos (fixo e móvel):

.....

Entrevista à/ao Professor(a)

☐ Confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convida a participar.

☐ Não confirmo a minha disponibilidade para colaborar no estudo que me foi apresentado, participando na entrevista para a qual fui convidada a participar.

DATA:.....

ASSINATURA:.....

Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto -Portugal

ANEXO D

Entrevistas aos/às alunos/as

Entrevista ALUNA A1

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A Escola? Para mim é um sítio onde eu posso aprender…mais e formar-me numa coisa que gosto para mais tarde exercer uma profissão.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

Primeiro…(respira fundo)…Não, para aprender, basicamente para aprender agora, como já disse, para depois ter uma profissão e trabalho.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola e porquê?

Diria o 8. **(Porquê?)** Porque a Escola…conhecemos muita gente, aprendemos muito e…(pausa) pah…Eu não gosto muito de estudar, mas gosto de andar na escola, gosto de vir todos os dias para aqui e estar com os meus amigos e gosto também de aprender.

I.4 Fala-me um pouco sobre o que menos gostas na Escola e porquê que essas coisas te desagradam mais?

Aqui nesta escola? **(Sim, sim, sim)** Nesta escola não gosto das casas de banho **(E porquê que isso te desagrada mais?)** Porque é…devia ser…é um sítio que tem pouca higiene, devia ter dos que mais devia ter, incluindo a cantina, devia ser dos que mais tem e é o que menos tem, é as casas de banho. É super pequenino, não tem iluminação, os autoclismos não funcionam, aquilo é limpo, se é limpo, é muito poucas vezes, está sempre tudo sujo. Não gosto, não tem as mínimas condições que deveria ter.

I.5 Então imagina que havia uma possibilidade de um dia seres tu a mandar na escola. O que é tu mudavas nesta escola?

O que é que eu mudava? As casas de banho. (risos). Não gosto delas, portanto mudava-as. **(Era isso que…)** Os balneários também mudava…O que é que eu mudava mais? (pausa). Metia assim umas salas mais modernas, assim com aqueles quadros **(Aqueles quadros agora que há…)**, com uns computadores e que me lembre mais nada.

I.6 Olha, o que é que achas que faz falta na escola que poderia fazer-te ainda ter mais vontade de vir para a escola?

(demora a responder) Sabe…devia ter assim mais oportunidade de desporto, de desporto, mais coisas para poder praticar desporto. **(E achas que isso te fazia, se tivesse isso que te dava mais vontade de vir estudar?)** Sim. **(Se tivesses outras actividades…).** As actividades extra-curriculares (Extra-curriculares, sim)

I.7 Diz-me, aproveitando esta tua resposta qual é a disciplina ou disciplinas que mais gostas e porquê que essas te agradam mais?

Educação Física (risos). **(Porquê?)** Porque eu gosto de praticar desporto e gosto muito de Educação Física.

I.8 E o contrário. Qual é a que menos gostas e porquê?

(suspiro) Físico-Química. **(Porquê?)** É muita, muita, muitos cálculos e muita teoria também. Tem as duas coisas e depois junta-se tudo e dá…é muito difícil, temos que fazer teoria para depois fazer os cálculos e depois os cálculos, a Matemática, a Matemática também não é lá muito boa, portanto não dá.

I.9 Olha, imagina que cada aluno tinha a oportunidade de escolher o seu próprio currículo (Sabes o que é o currículo, não é? São as disciplinas que fazia parte do teu curso) No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Independentemente de que faça parte algumas disciplinas que tu gostes, mas outras que aches que deveria fazer e que não estão)

Português **(Sim, mas isso já faz parte)** Sim, as que já faz parte… **(As que já faz parte não dizes, agora daquelas que não fazem parte, mas que tu aches que deveriam fazer, por exemplo)** (pausa) **(O teu curso é de Economia?)** Não, é Ciências e Tecnologias **(Ciências e Tecnologias, pois)** Gostava de aprender Psicologia, para já, a começar. **(Começar já no 10º)** No 10º/11º, em vez de ter a Biologia, por exemplo, ter a Psicologia. Em vez de ter aquela Biologia toda… **(Sim, mas isso vais ter possibilidades de no 12º ano escolher uma…)** Mas não sei se nesta escola tem Psicologia **(Tem)** Tem? **(Então gostavas que no 11º ano tivesses Psicologia…)** Em vez de escolhermos no 12º se queremos Biologia ou Psicologia, escolhíamos logo no 10º. **(E era isso que gostavas, que achas que fazia falta…?)** Sim.

I.10 Olha diz-me agora um bocado, como é a tua relação com os/as professores/as nesta escola?

Posso não gostar da disciplina, mas a relação com o professor acho que é sempre boa, nunca faltei ao respeito a nenhum professor, nunca fiz nenhuma falta disciplinar… A minha relação com os professores é boa, claro que há aqueles professores que nós gostamos mais e aqueles que nós gostamos menos, pá falo mais com os que gosto mais, mas com os que gosto menos também não deixo de falar para eles.

I.11 Na tua opinião, como é que defines um BOM professor?

Um bom professor tem que saber cativar os alunos e se for uma matéria muito chata, tem de arranjar uma maneira de a dar da melhor maneira para os alunos perceberem e não acharem aquilo uma seca.

I.12 E um mau professor, já agora?

Um mau professor… é um que esteja sempre mal disposto e que berre com os alunos, quando os alunos não percebem alguma coisa, que ele ao voltar a explicar, fale assim de uma maneira, chateado, não gosto, quando nós não percebemos eles devem explicar da maneira à gente perceber e não fiquem chateados por a gente não ter percebido.

I.13 Olha, quando tens alguma dificuldade relacionada com a Escola, quem é que procuras aqui na escola para conversar? Para pôr esse tipo de problema.

A minha directora de turma. **(Em caso de algum problema que tenhas, procuras a directora de turma para o resolver)** Sim.

I.14 Há alguma coisa que preferisses além de estudar ou andar na escola? Que preferisses fazer?

Não. **(Não? Vês-te bem a andar neste momento na escola)**

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Gostava muito, muito, muito de um dia ser uma boa psicóloga. Ter um bom trabalho, estável, ser uma psicóloga, assim muito conhecida em Portugal inteiro (risos).

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Então entremos agora para o campo da Psicologia, mesmo, mais concretamente da Orientação Vocacional. Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que estás a frequentar?

Porque na escola onde eu fiz o 9º ano existia lá uma psicóloga e ela fez uns testes vocacionais e depois ajudou-nos a escolher, dissemos a profissão que queríamos e ela reencaminhou-nos para o curso que dava para depois seguir faculdade no curso que a gente queria.

II.2 Já ouviste falar na Orientação Vocacional? (QUESTÕES AUXILIARES: Para que serve? O que acontece nas consultas?

Sim, sim. **(E que pensas sobre isso?)** É muito útil porque há muitos alunos que estão indecisos sobre o curso que querem seguir e isso ajuda. (**Quem é o profissional responsável pela Orientação Vocacional, sabes? Qual o profissional responsável pela Orientação Vocacional?)** Normalmente são as psicólogas que fazem. **(Vejo que já tiveste esse…)**

II.3 O que pode, no teu entender, levar um jovem da tua idade a procurar a Orientação Vocacional?

Normalmente porque está indeciso, não sabe o curso que quer seguir ou a profissão ou as escolhas das disciplinas, no caso de ter de escolher uma ou outra…E acho que é isso. **(É aquela fase de ajudar a decidir as coisas não é?)** Sim.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a? O que é que te levou a optar por este curso e não por outro?

Porque…eu gostava muito de psicóloga, mas também de alguma coisa relacionada com computadores, com Informática, e então a psicóloga disse que também podia ir para "Línguas e Humanidades", mas em "Línguas e Humanidades" há algumas disciplinas que não me identifico, as línguas e as histórias e essas disciplinas eu não me identifico. Portanto vim para este, porque depois se não conseguir entrar em Psicologia, também tenho e posso arranjar alguma coisa de Informática.

III.2 Então quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te poderia proporcionar no futuro? Ao escolher este curso tiveste mais ou menos uma ideia de que…com este curso, vou ser?

Sim, sim, era a Psicologia. **(Tiveste sempre essa ideia da Psicologia no futuro)** Sim.

III.3 Houve alguém, por exemplo os teus pais, os teus amigos ou então algum filme ou algum artigo que tenhas sentido que tenha alguma influência na escolha que fizeste?

Na escolha do curso? **(Nessa tua escolha achas que foste influenciada por alguém ou por algum filme, como há agora estas modas destes filmes que nós vemos e queremos ser, CSI, e isso tudo… Sentiste?)** Não, não. **(Foste influenciada por alguém)** Não muito pelo contrário, tenho a minha irmã que andou a frequentar este curso que eu estou a frequentar agora, ela já o frequentou e ela disse para eu não vir para este curso que era muito difícil. Influenciou-me até para eu não vir e eu mesmo assim vim.

Entrevista Aluna A2

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

Q.I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola representa um lugar, é como se fosse um caminho que eu tenho que atravessar para ter um sucesso profissional no futuro.

Q.I.2 (E o) que te faz vir (então) para a Escola?

Desejo de ser alguém na vida, futuramente e profissionalmente.

Q.I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola?

9. **(Porquê?)** Seria 10 se na escola não tivesse, assim, algumas vezes preconceito e coisas assim. **(E de estudar?)** (pausa) Eu gosto de estudar. Às vezes, dá vontade mais de divertir e tal, mas quando a gente sabe que tem de estudar, tem de estudar.

Q.I.4 (Agora) Fala-me sobre o que é que menos gostas na Escola e porquê que essas coisas te desagradam?

(demora a responder) O que eu gosto menos… o comportamento de alguns alunos (pausa) e… alguns professores, também sim, não são muito dedicados, mas são poucos.

Q.I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar o que é que mudavas nesta escola? (No abstracto o que é que mudavas na escola?)

Mudava… O regulamento de falta **(hmm porquê? já agora…)** Porquê acho que está um bocado mal feito…uma pessoa fica doente, por exemplo, e depois, por exemplo se ficar internada ela pode estudar, sei lá, no hospital e pode pedir a um amigo para levar a matéria para lá e a pessoa estuda e até consegue recuperar a matéria. Mas se por exemplo vai ser um teste de recuperação, se não passar reprova de ano, só porque ela faltou alguns dias…

Q.I.6 O que é que achas que falta na tua escola e que poderia fazer-te ter mais vontade ainda de vir à escola?

(demora a responder) O que é que falta? Talvez bom senso em alguns alunos. (pausa) Porquê a gente vê que tem alunos que só vêm para brincar e isso e isso atrapalha o bom funcionamento da aula. O professor tem de estar sempre chamando a atenção deles e a gente perde muito tempo nisso.

Q.I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas?

Biologia e Química. **Porquê que essas te agradam mais?** Porque tem a ver com o que eu quero ser futuramente, que talvez é entrar na área da Biologia… (???)

Q.I.8 E (no lado oposto) qual/quais é/são as que gostas menos e porquê que essas não te agradam tanto?

Que eu gosto menos… Português…tenho muita dificuldade. (risos). Inglês eu gosto só que também tenho muita dificuldade.

Q.I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos (o próprio currículo), isto quer dizer a possibilidade de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Podes incluir disciplinas que actualmente não existem, mas que abordem matérias que te interessem)

Tiraria Geologia (deixava só Biologia). Tiraria Física e deixava só Química. Pronto Português é chatinho, mas tem de ser (risos). Inglês também é outro elemento importante. E Matemática e Educação Física. Saía Geologia e Física. **(tiravas Biologia e Física não é? Muito bem)**

Q.I.10 (Fala-me agora…) Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

É boa. Acho que todos os professores que eu tenho são bons **(por isso tens uma relação boa com os professores em geral, não é?)** Sim

Q.I.11 (Então) define-me já agora o que é (para ti) um BOM professor?

Um bom professor? (Sim) Nota-se que ele está interessado no nosso aproveitamento, não só em cumprir o que ele tem de cumprir, mas fazer com o que nós entendamos a matéria, não só dar porque tem de dar aquela matéria.

Q.I.12 (E já agora) um mau professor?

É o oposto, que não se interessa se nós estamos acompanhando ou não. (risos)

Q.I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e para te ajudar a ultrapassar esse teu problema?

São os professores. **(Os professores?)** Sim.

Q.I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? (quer isto dizer há alguma coisa que tu gostasses de fazer do que estudar ou andar na escola?

Sim. Eu gosto muito de música, então quando não estou estudando, estou escutando alguma música. Mas acho que trocar a escola por música, acho que não. **(Então, se não andasses na escola, passarias o teu tempo na música?)** Assim no Conservatório ou escola de música.

Q.I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Quero ter uma clínica em meu nome e um laboratório e ter os melhores cientistas e biólogos e químicos e físicos do mundo.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

Q.II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

No 9º ano, nós tivemos Orientação com a psicóloga daqui da escola, que fez vários exercícios para a gente. No primeiro ano ela perguntou o que é que nós queríamos ser profissionalmente e viu um curso relacionado com isso, aí ela deu exercício para a gente ver se tínhamos vocação para aquele curso.

Q.II.2 (Concluí que já ouviste falar em Orientação Vocacional?)

Sim. **(E o que é que achas sobre a Orientação Vocacional)** É indispensável. Se não tivesse tido, ia para o curso errado e assim estou no meu. É essencial.

(Então fala-me um pouco sobre a Orientação Vocacional. Para que serve, o que acontece nas consultas? Quem é o profissional responsável pela consulta da Orientação Vocacional? Visto que anteriormente referiste que já tiveste uma consulta de Orientação Vocacional)

A responsável é uma psicóloga, daqui da escola, como já havia dito e ela reuniu a nossa turma, acho que foi em Formação Cívica e fez exercícios. Por exemplo, os alunos que escolheram o meu curso, nós tivemos que fazer vários exercícios de Matemática, com combinação de números e coisas assim que era para ver que não era só o que a gente gostava, mas o que a gente tinha vocação, porque também só gostar não ia adiantar muito.

Q.II.3 Na tua opinião, o que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Procurar? Se ele estiver interessado em saber se é realmente aquilo que ele tem vocação para fazer, se é o dom dele. Por exemplo, no nosso curso, se a pessoa não entender de Física, Biologia e Matemática não consegue uma boa média, uma boa nota.

Q.II.4 No teu caso, qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado na Orientação Vocacional?

Ah, foi muito bom, a psicóloga era mesmo boa. Ajudou imenso, mesmo. **(Em que medida isso foi útil para ti e porquê?)** Eu já tinha a ideia de querer entrar neste curso por causa da profissão, mas foi mais importante a ajuda dela porquê eu gostaria de ter essa profissão, mas tive de ver se tinha essa vocação.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

Q.III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculada?

Foi o facto de eu querer essa profissão. Gosto muito de seguir Biologia. Na altura era Ciências, Biologia e Química.

Q.III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Tinha muitas saídas e muitas saídas na área que eu quero, dentro da Biologia e da Química eu poderia ser monte de coisas. (Então na escolha do curso tu também vistes que ele realmente te poderia proporcionar, criar oportunidades, para essas saídas que tu ambicionas).

Q.III.3 Houve alguém (e.g. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algum programa de televisão, livro, filme, jogo… que sintas que teve alguma influência na tomada de escolha do Curso que fizeste? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

Eu já me interessava pelo assunto, mas na altura surgiu o CSI e eu "ahh" é isso mesmo que quero e os meus pais também. Eu perguntei aos meus pais o que é que eles achavam e eles também acharam interessante.

Entrevista aluno A3

Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola representa uma segurança de futuro, caso seja bem aproveitada.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

Isso mesmo,pretendo garantir o meu futuro.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Porquê? E de estudar? Porquê?

Talvez 7. Embora…muitas vezes não seja mesmo aquilo…que, talvez, quero fazer mas… no entanto tenho que garantir que no futuro terei que ter algumas bases. (**e de estudar?**) Talvez 5. Porque, talvez seja uma fase que goste mais de fazer outras coisas e, talvez não ache que….seja vantajoso estudar.

I.4 Fala-me sobre o que menos gostas na escola. Porquê que essa coisas te desagradam?

Na escola em geral ou…. **(demora a responder)** talvez os horários, um pouco sobrecarregados… (**mais uma longa pausa**).

Porque dão-nos pouco tempo livre, pouco tempo para…para além dessas coisas, às vezes o pouco tempo livre que temos, temos que ocupá-lo com o trabalho de casa, estudar….

I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar na Escola, o que é tu mudavas na tua Escola?

(Demora a responder) Talvez mudasse a hora de entrada, para um pouco mais tarde e…. (**longa pausa**) Por exemplo… em relação às infra-estruturas, se calhar…sim.

I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de estudar?

Talvez um maior número de eventos, não relacionados propriamente com a escola (**pausa**) por parte, talvez, da Associação de Estudantes.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas? Porque é que essas te agradam mais?

Matemática e Física - Química. Talvez porque são as que eu me identifico mais, as que tenho…as que não tenho tantas dificuldades em raciocinar dessa maneira.

I.8 E qual/quais é/são as que gostas menos? Porque é que essas não te agradam tanto?

Talvez Biologia e Geologia e porque… e Línguas também**.** Porque …eu próprio não desperto interesse pelas disciplinas, não é a área que eu mais me identifico.

I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos, isto é, de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudo? (Podes incluir disciplinas que actualmente não existem mas que abordem matérias que te interessem)

(demora a responder) Talvez informática…todas as …de informática (pausa) (**e não tiravas nenhuma do teu plano**) Ah sim! Tirar… para se adequar a mim, não digo, para uns….Tiraria Biologia e Geologia e…. (pausa) Filosofia, embora goste também…não traz muitas vantagens.

I.10 C**omo é a tua relação com os/as professores/as?**

É boa. Não tenho tido problemas…

I.11 Na tua opinião o que é um BOM professor?

É um professor que consegue captar a atenção do aluno**,** para…para raciocinar ao mesmo tempo, como a matéria é explicada. E ao mesmo tempo, digamos, que seja exigente, também. Não em exagero mas, exija responsabilidade dos alunos.

I.12 E um Mau professor?

O contrário, que não, que não capta a atenção enquanto está dar a aula, que, que exija pouco, que faz com que os alunos ainda façam menos.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassá-los?

Falo com a Directora de Turma.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? Porquê? Ou se não andasses na escola, como é que passarias o teu tempo?

(Demora a responder) Talvez…por parte se arranjasse um trabalho para aquilo que eu gosto e talvez fosse remunerado talvez preferisse. Sim, mas que fosse um trabalho seguro, bem remunerado… Claro que teria de arranjar alguma forma de, de, talvez de me sustentar a mim próprio, já que não estudo, os meus pais não seriam, digamos que obrigados a sustentar-me, porque se eles me sustentam é porque eu estudo. Teria de arranjar um trabalho.

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Penso que gostaria de tirar o curso de Engenharia Mecânica ou de Electrotécnica porque são as áreas em que eu mais me identifico.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

Porque eu estava um pouco, não estava bem assente na minha cabeça o que eu queria fazer no futuro e esta área, Ciências e Tecnologias é a área que depois de completa, a escolha é mais vasta.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional? O que pensa sobre a Orientação Vocacional?

(Demora a responder) Não me lembro.

Para que serve? O que acontece nas consultas? Quem é o responsável pela Orientação Vocacional? Não sei. **(Vieste de que escola?)** Da Preparatória. **(e não havia psicóloga?)** Sim, havia. **(e não faziam sessões nenhumas?)** De Orientação Profissional. Sim já ouvi falar. Fazíamos pesquisas de em que é que consistiam os cursos superiores e mesmo os cursos que agora estamos a frequentar, fazíamos, tentávamos responder a inquéritos de modo a ficarmos mais elucidados daquilo que pretendíamos verdadeiramente seguir, haviam outras actividades que foram realizadas nos outros anos mas connosco não foi, que era a ida ao CATIM, nós por acaso não fomos, não me lembro assim mais…

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Talvez alguma falta de informação em relação às, em que consiste cada curso, qual é digamos a prática de cada curso, não há muita, pelo menos na Internet, não há muita informação sobre estes assuntos.

(EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? Ou em que medida foi útil para ti? Porquê?

Sim, foi importante, porque de formas indirectas consegui perceber aquilo que talvez ao mesmo tempo tivesse menos dificuldades e mais, que eu gostasse, mais me identificasse.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Talvez, o curso em que eu frequento tenha uma escolha mais vasta de cursos superiores, não está directamente ligado a uma área, tem as várias áreas e assim durante os três anos poderia ou não mudar de ideias e não necessitaria de voltar atrás.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria vir a fazer no futuro?

Penso que era o curso mais exigente, por isso mesmo talvez, talvez fosse o que me dava mais bases e mais conhecimento, por isso, por isso considerei vantajoso para mim porque talvez as dificuldades depois do Ensino Superior não eram tantas.

III.3 Houve alguém (e.g. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algo (e.g. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sentes ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

Não, penso que foi uma decisão autónoma. Talvez algumas, alguma, neste caso foi só exposição que visitei no 9º ano, sobre isso mesmo, Orientação Profissional que mostrou os vários cursos, mas não foi digamos uma influência, foi apenas uma confirmação daquilo que eu já pensava. Já tinha essa ideia, a ideia da Engenharia Mecânica, foi mais uma confirmação daquilo que eu gostava.

Entrevista Aluno A4

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

Q.I.1 O que representa para ti a "Escola"?

Para mim a escola além de ser o local onde podemos aprender, que é de facto o que fazemos, ter aulas, aprendemos várias matérias que são leccionadas, não é, mas, além de tudo isso, de ser uma maneira de obtermos conhecimento, também é um local onde temos várias experiências de vida que nos podem enriquecer.

Q.I.2 O que te faz vir para a Escola?

Acima de tudo, desde pequenino que sempre ouvimos os nossos familiares a incentivar-nos, a dizer que temos de ir à escola porque só assim é que vamos aprender, só assim é que vamos ser alguém, só assim é que iremos ter trabalho, mas também, por outro lado, sabendo a situação actual, de Portugal, Europa, etc, eu também quero ter um bom nível de vida quando for adulto, quero ter um bom trabalho, uma casa, um carro…

Q.I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola?

Eu diria entre o sete e o oito **(Porquê?)** Porque, além, eu gosto, desde pequenino sou muito curioso e eu gosto de aprender e de me relacionar com as pessoas, com os meus amigos, professores e tudo, mas por outro lado tem os testes, tem os trabalhos de casa, aquelas obrigações que pronto são sempre um bocado chatas e aborrecidas. ***(Risos)*** **(Então a questão seguinte é e de estudar? De 1 a 10 qual é…?)** Pronto um 6 **(Porquê, já agora?)** Seis, nota positiva, porque há matérias que eu gosto, gosto de ler e estudar, mas há outras que são um bocado difíceis e aborrecidas.

Q.I.4 Então aproveitando a deixa, diz-me o que menos gostas na escola. Fala-me sobre o que menos gostas na escola.

O que menos gosto na Escola…(pausa) Depende, às vezes as instalações, na escola às vezes não são tão satisfatórias quanto podíamos querer, mas é uma escola pública, não se pode exigir muito, mas às vezes certos professores, são casos raros, certos professores são um bocado incompreensíveis ou não sabem explicar muito bem a matéria. Eles sabem a matéria, querem ensinar os alunos, muitas vezes não têm a maneira adequada e às vezes torna-se um bocado chato, de resto…

Q.I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar o que é que tu mudavas, nesta escola, na tua escola, neste caso é esta?

Eu talvez tentava, se eu fosse presidente, falava com os professores e dizia-lhes além de tudo, de tentarem leccionar, dar as aulas aos alunos e também manter a ordem na aula, acima de tudo tentar estabelecer uma relação, não só de trabalho, mas também de amizade com os alunos, porque se toda a gente se der bem, mesmo que alguns alunos

não gostem da matéria ou sequer da escola, vai sempre haver aquele bom ambiente onde ninguém vai prejudicar ninguém e vai ser sempre saudável.

Q.I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de estudar?

Não sei, talvez…(pausa). Sinceramente agora não estava à espera dessa pergunta, mas… Depende, da, se calhar, talvez mais actividades, mas também depende do tempo, por exemplo este ano eu tenho três aulas de tarde, três dias com aulas de tarde, só tenho três tardes livres, mesmo que tivesse mais actividades se calhar eu não poderia estar presente, ou, mas…se calhar mais algumas actividades, não sei.

Q.I.7 Fala-me agora um bocado sobre qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas e Porquê que essas te agradam mais?

Definitivamente Biologia, Educação Física, claro e talvez Português. Porque….Biologia porque desde pequenino eu sempre gostei muito de animais, de coisas relacionadas com o nosso corpo e com a vida em si e sempre fui muito curioso e sempre gostei de saber e sempre procurei conhecer mais. Em relação a Educação Física acho que já está tudo dito, gosto de Desporto, de Futebol, é sempre saudável e também a suar juntos também faço grandes amizades. O Português foi a outra que eu disse e gosto porque acima de tudo consigo sempre enriquecer o meu vocabulário, mas também aprendo um bocado da nossa história, da história da cultura portuguesa, de um modo indirecto, mas estuda-se sempre.

Q.I.8 E agora no lado oposto, qual/quais é/são as que gostas menos e porquê?

Matemática e de Físico e Química. Porque eu também a partir mais ou menos do 6º , 7º ano, não tinha notas muito boas a Matemática. Não tinha negativa, mas eram notas razoáveis, Satisfaz, Satisfaz mais e assim e cálculos, não sei porquê, não é mesmo comigo, não empanca, porque Matemática sempre dizem que é uma ciência exacta e eu sou muito, porquê, mas que é assim e porquê que não dá, e não consigo interiorizar que é assim e pronto, espalho-me um bocado.

Q.I.9 Imagina que tinhas oportunidade de construir o teu próprio plano de estudos, o currículo, isto é, tinhas a possibilidade de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Podes incluir disciplinas que actualmente não existem, mas que abordem matérias que te interessem)

Das disciplinas que eu… **(Que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos que tu criavas e podes incluir disciplinas deste teu plano de estudos e outras que achas, que não estão no teu plano de estudos, mas que achas que podia constar?)** Definitivamente e dentro deste curso que é Ciências e Tecnologias, eu incluiria a Biologia, a Química, a Educação Física, claro, a Filosofia também, porque ajuda-nos a argumentar e a perceber alguns aspectos sobre esta, talvez Área de Projecto, porque é uma maneira de nos relacionarmos com os nossos colegas e de aprendermos a trabalhar

em grupo, que muitas pessoas apesar de pensarem que sabem **(que vocês vão ter no 12º ano) .** Exactamente. Matemática é uma disciplina essencial, Português, Inglês, Inglês não tenho muitas dificuldades, por isso, mas há alunos que têm muitas dificuldades e que precisam e como já se sabe o Inglês é a segunda língua mais falada do mundo, portanto precisam de aprender a língua.

Q.I.10 Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

No geral, é boa, é saudável, só que pronto, há uma vez ou outra que há aqueles distúrbios ou uma coisinha ali e outra ali, mas nada de mais.

I.11 Define-me então para ti na tua opinião o que é um BOM professor?

Ora bem, para mim o que eu gosto…eu vou dizer o que eu gosto de ver num professor. Gosto de ver uma pessoa alegre, sempre bem-disposta, claro que, acima de tudo, temos de nos lembrar que são Seres Humanos e que têm os seus problemas e não podem estar todos os dias bem-dispostos e tal, uma pessoa também compreende isso. Bem-disposto, alegre, que saiba relacionar-se com os alunos, que nos tente entender, que nos tente ajudar e acima de tudo nosso amigo, porque havendo um pouco de amizade, claro que temos de ter sempre em conta a confiança e os nossos limites, mas uma amizade não faz mal a ninguém.

I.12 E no lado oposto, um mau professor? O que é para ti um mau professor?

Um mau professor…Talvez exigente demais, como é que eu hei-de explicar (pausa). É oposto do que eu disse…que não se saiba relacionar com os alunos, que não consiga estabelecer uma relação afectiva com os alunos e que talvez não consiga dialogar muito bem, não sei.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassar essa dificuldade?

Normalmente, a minha mãe está, só tem o sexto ano de escolaridade, vai agora para as Novas Oportunidades, trabalha de segunda a sábado e não tem muito tempo livre, mas tento sempre, quando às vezes me encontro em situações de desistir, não é bem desistir **(é desmotivado)** eu falo com ela e ela dá-me bons conselhos. Mas também como a maior parte dos meus colegas, eu falo com eles e peço-lhes ajuda "mas olha o que é que achas que devo fazer aqui ou ali" e pronto e ajudamo-nos uns aos outros.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? Vias-te a fazer outra coisa que não fosse andar na escola ou gostavas de fazer outra coisa? Porquê?

Neste momento, não sei porque não…tenho 16 anos e não tenho nenhuma experiência profissional e não sei o que é que poderia fazer, mas talvez vejo-me na escola, mas também não há nenhum mal em ter um part-time que serve também como uma escola para o nosso futuro.

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Quero, quero terminar o 12º ano, se possível também é muito difícil entrar para faculdades e universidades também devido às médias e muitas vezes devido a situações financeiras, mas gostava de entrar para uma faculdade e formar-me, não sei tirar um curso superior, e talvez e ter um bom emprego, acima de tudo uma coisa que eu gosto de fazer, porque assim não se vai tornar uma obrigação como muitos vêem, que é o seu emprego, um emprego que eu goste e se Deus quiser que me ajude a ter dinheiro e saúde.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Agora estas questões de cariz mais ligado à Orientação Vocacional. Como é que chegaste à escolha do agrupamento, do curso que agora estás a frequentar?

Como já referi eu gosto muito de Biologia e até ao 9º ano chama-se Ciências Naturais e então sempre gostei de coisas relacionadas, à volta da Ciência e do, do, assim, do ser vivo e dessas coisas e Tecnologias também, eu gosto de computadores, não só pelos jogos, de Informática, em si, gosto de trabalhar com vários softwares e isso. E também um bocado de influência dos meus amigos, claro, porque eu acima de tudo, queria escolher uma coisa que eu gostasse, mas não queria ir sozinho, então sempre tive mais inclinado para esta, Ciências e Tecnologias e a maioria parte dos meus colegas também e juntei o útil ao agradável.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional?

Já, já ouvi falar, mas eu, a mim neste momento tenho algumas dúvidas, já, muitas vezes quem me tenta ajudar mais é a minha mãe, os meus familiares e não tenho essa situação bem definida. **(Mas não tens uma ideia de que para que serve a Orientação Vocacional e o que é que se faz nessas…)** Eu penso que de certa forma deve ajudar-nos a tentar clarificar as ideias na nossa cabeça e optar por um caminho, neste caso um emprego, que nos agrade e que vá de acordo com as nossas expectativas. **(Sabes quem é o profissional responsável pela Orientação Vocacional?)** Não, mas penso que é um psicólogo, não sei.

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Ora bem eu sou, tenho 16 anos, sou jovem ainda e convivo com muita gente da minha idade e muitas vezes as dúvidas que vão na nossa cabeça é: "eu vou gostar daquilo eu vou fazer? O que é que eu vou fazer? Eu já estudei ou estou a estudar, mas quando acabar que emprego é que eu vou escolher? E isto é um bocado aborrecido, aquele é difícil…", uma pessoa tem sempre aquelas dúvidas que não sabe ao certo o que é que há-de fazer e depois não sabe se irá ter sucesso ou não e muitas vezes há pessoas que nem sabem o que podem fazer, quais são as suas capacidades para o fazer.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 Esta questão tem agora a ver com o que já dissemos anteriormente, mas vou reforçar: O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Já referi antes, realmente é parecido. Foi o facto de ter a ver com as Ciências e Tecnologias que eu gosto e eu sempre tive apreço por elas.

III.2 Quando escolheste este curso, então, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Normalmente quem vem para Ciências e Tecnologias, uma pessoa pensa logo: Médico. Não, é muito difícil, muito difícil, eu não me vejo a ser médico de todo, se calhar não tenho, não iria ter a calma necessária e a serenidade para ser médico, que realmente é uma profissão muito difícil. Mas além disso, também, como já tinha dito antes, eu gosto muito de animais, porque não Veterinário, porque não um Informático, um Engenheiro Informático, não sei, à volta disso.

III.3 E agora a última questão é esta: Houve alguém (e.g. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas com quem te relacionas) ou então alguma coisa (e.g. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sintas ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

Bem neste momento é um bocado difícil pensar nisso. Desde pequenino que sempre levei esta ideia de Ciências, que gostava de Ciências, não sei é uma coisa, se já nasceu comigo ou não, não sei, mas sempre gostei, sempre tive um certo, uma certa aptidão até para isso e sempre me dei bem, se calhar, não sei, foi o que me levou a escolher isso.

Entrevista Aluno A5

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola representa um local onde a gente pode aprender e crescer.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

O que me faz vir para a escola é eu querer ter um, se é a escola é um local onde a gente pode aprender e futuramente ter uma profissão que possamos ser alguém na vida.

I.3 Agora numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Andar na escola, de um a 10.

Oito **(Porquê?)** Bom, muitas vezes o estudo torna-se cansativo, é verdade, às vezes torna-se cansativo, mas sei que é isso é para o nosso bem e, portanto, sei que vai ser uma coisa que vou ter uma recompensa no futuro. **(E de estudar? De um a 10 também)** De um a 10? Também oito. **(Porquê?)** Porque se eu quero ter alguma coisa no futuro eu sei que tenho de estudar e isso é necessário para eu ter boas notas e poder evoluir.

I.4 Fala-me sobre o que menos gostas na escola. O que menos gostas na Escola?

O que eu menos gosto na escola às vezes são, na maioria das vezes são alguns dos professores que frequentam esta escola. Às vezes o ambiente escolar não é o que deveria ser, propriamente. **(E porquê que essas coisas te desagradam tanto assim?)** Me desagradam porque sabemos que o ambiente que seria de ensino é praticado noutras coisas que não têm nada a ver com ensino e é totalmente o contrário daquilo que é suposto ser.

I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar na Escola, o que é tu mudavas nesta Escola?

O que é que eu mudava na Escola? **(Sim)** *(Pausa a responder)* Provavelmente seria um pouco mais rigoroso em tudo, em todos os aspectos, disciplinas, nos alunos, o que se pode fazer, impunha regras nesta escola que fosse cumpridas e colocava, desenvolvia maneiras de essas regras serem cumpridas.

I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de vir para a Escola?

(Demora a responder) Às vezes, os nossos professores às vezes são, acho que, nos influenciam mais a vir à escola e se pudesse a escola mudar para que nos pudéssemos integrar cada vez mais no ensino ou então com os professores ou então com o ambiente escolar e os alunos terem prazer a entrar na escola, não se ter chatice e essas coisas e

actividades que possam despertar o interesse dos alunos, mas também o interesse dos professores que são eles que nos ensinam e que é um modelo aqui na escola.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas e porquê que essas te agradam mais?

O que é eu mais gosto é Biologia, Geologia e Biologia e Geologia, Educação Física e Química. **(E já agora porquê que essas te agradam mais em relação às outras?)** Bom**,** me agradam mais porque eu não sou muito bom com números, não sou muito bom com números confesso, até ao 9º ano era razoavelmente na Matemática e na Física. Filosofia acho uma disciplina chata, apesar de ser construtiva, acho que é construtiva. Mas Biologia e Geologia acho que é, essas duas disciplinas mais envolvidas com Ciência e com aspectos e que mais contam para a nossa vida, para nos conhecermos melhor, para conhecermos o mundo e acho muito interessante.

I.8 E agora no lado oposto, qual/quais é/são as que gostas menos e porquê?

Física e Matemática. São disciplinas muito complexas, são matérias muito complexas, com muitas teorias, muitos cálculos, muitas, e às vezes isso é complicado de entrar na cabeça. Não são todos que conseguem desenvolver bem a matéria.

I.9 Imagina que tinhas oportunidade de criar um plano de estudos, o currículo, o teu currículo não é? E no teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos, além das disciplinas que tens, se achas que outras poderiam fazer parte ou não? «

(Demora a responder) **(Esta ideia de que há algumas disciplinas que tu achavas que não deviam fazer parte deste plano, mas outras que estão noutro plano de estudos que, Estás a compreender?)** No meu plano de estudos eu faria… No curso que nós estamos que tem seis disciplinas e é o curso tecnológico e científico são as mais apropriadas para o curso justamente que envolve Ciências e isso, eu, não sei, acho que não acrescentaria, possivelmente História, colocaria História no plano de estudos. **(Colocarias História no teu plano de estudos? Mantinhas as que tinhas…)** História era muito bom, gostava também de estudar, tem muito a ver com essa área que estamos a estudar, fala de tempos antigos, tempos modernos e podemos entender melhor as outras disciplinas com História. Acho que seria uma coisa a acrescentar.

I.10 Diz-me como é que é a tua relação com os/as professores/as?

É boa, em geral é boa, acho que são compreensivos comigo, são amigáveis e em geral é uma boa relação.

I.11 Na tua opinião como é que tu defines um BOM professor?

Um bom professor é o professor que ajuda o aluno, que ajuda ele a passar as dificuldades que ele tem, que não é professor chato, que não seja um professor chato, que seja um professor interactivo com a turma, que além de professor seja amigo do

aluno, acima de tudo, que eu acho que é uma coisa importante, deixar, às vezes eu acho que é importante o professor deixar um pouco de lado o rigor de ser professor e passar um pouco para a ser amigo.

I.12 E no lado contrário, um mau professor, como é que defines?

É um professor que às vezes não se importa, às vezes, com, não se importa em ajudar os alunos, é aquele professor que dá a matéria e se os alunos entendam ou não, ele não tá nem aí, o que lhe interessa porque ele fez o trabalho dele, não interessa se eles sabem ou não. E isso para mim é um mau professor.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassar esses problemas?

Nesse primeiro período ainda tive, tive pequenos problemas com os professores e fui falar directamente com eles, fui falar com eles e os professores acharam muito bem que eu fosse falar com eles e acho que é importante que o aluno falem com o professor e entenda a profissão dele, que tem de resolver com ele, para tentar haver uma conciliação entre o professor e o aluno e se isso não acontece às vezes é bom também falarmos com os nossos pais e às vezes facilita.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola?

Em vez de estudar e andar na escola? **(Outra forma de perguntar se calhar é esta: Se não andasses na escola o que é te verias a fazer neste momento?)**

Neste momento… *(pausa).* É um bocadinho a situação do ano passado, tive um período muito grande sem estudar, tive dez meses sem estudar e foi engraçado porque é um período em que todos os meus amigos estavam na escola e eu estava simplesmente em casa e tentava fazer alguma actividade e estava mais ligado ao desporto que é uma coisa que eu gosto de fazer é o desporto, mais precisamente o futebol e acho que era isso que eu estaria fazendo no momento.

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

O futuro…O meu objectivo é me formar, tentar terminar o 12º ano e entrar em algum curso na faculdade, dependendo das minhas notas, claro e há sempre uma questão dos pais que querem que você seja uma coisa e influenciam um bocado, só que também a gente sabe, nós temos a nossa realidade e a nossa realidade não é a que os nossos pais pensam e os meus pais pensam que, meu pai e minha mãe, pensa e quer que eu entre para Medicina, só que a realidade é outra, a realidade nunca me diz que eu vá entrar no curso de Medicina, mas não vou deixar de tentar, vou tentar recuperar as minhas notas e tentar entrar na faculdade e fazer algum curso.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento, deste curso que agora estás a frequentar?

É um curso que estava ligado mais com as profissões que possivelmente eu poderia ser no futuro, ou Medicina ou Informática ou Engenharia e nessas áreas e a minha mãe também influenciou muito, a minha mãe escolheu o curso e foi por isso.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional?

Sim. **(O que pensas sobre isso? Sobre Orientação Vocacional. Para que serve, o que se faz na Orientação Vocacional, nas consultas, fala-me um pouco sobre isso…)** Sim, já ouvi falar, já o ano passado. A Orientação Vocacional é necessária muitas vezes, eu acho que é necessário para aqueles alunos que, para aqueles alunos ou outras pessoas, que têm bastante dificuldade e não conseguem ultrapassá-las só e acho que serve como um apoio para tentar ultrapassar isso. **(E sabes quem é o responsável pela Orientação Vocacional?)** Não sei. **(Na escola, não?)** Não sei.

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Acho que ele vê que não é capaz de conseguir sozinho, que não é capaz de passar as dificuldades que ele tem, não só nas disciplinas, mas também no mundo social dele e queira ultrapassar isso e não veja outra alternativa a não ser a orientação que ele tem na escola.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 Esta questão tem agora a ver com o que já dissemos anteriormente, mas eu vou te repetir: O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Foi como eu disse, mais, quase 90 por cento de influência dos meus pais, foi a minha escolha. Este é o segundo ano que eu estou estudando em Portugal e até no ano passado, quando cheguei aqui e eu não sabia muito bem como funcionava isso, como funcionava os cursos, a que cada curso estaria ligado e a minha mãe me explicou e isso tudo e nós dois concordamos que seria o mais sensato.

III.2 Quando escolheste este curso, então, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Poderia me permitir uma profissão que me dê, que me dê resultados, que não seja uma profissão que eu não goste de fazer, que não seja desvalorizada e que possa ter bom resultados nessa profissão.

III.3 Houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas com quem te relacionas) ou então alguma coisa (e.q. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sintas ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

(Demora a responder) Não, é, teve os meus pais e no Ensino Secundário sempre gostei das Ciências e isso, eu era muito bom aluno e sempre gostei dos assuntos relacionados à Ciência e nunca fui, nunca fui mau aluno e sempre achei interessante estudar porque que eu acho que é uma coisa que eu acho que é importante estudar, as áreas ligadas à Ciência. Foram os meus pais e a minha curiosidade em querer descobrir as coisas.

Entrevista Aluna A6

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

Ora bem a Escola, representa, é, um meio para eu alcançar um objectivo, que é uma maneira de eu chegar a uma profissão, ao meu ponto, ao meu objectivo. Digamos que é o caminho para lá chegar.

I.2 (E o) que te faz vir (então) para a Escola (na tua opinião)? Escola como edifício.

É a vontade de querer ser alguém e o incentivo dos meus pais. Os meus pais incentivam-me ao estudo, mesmo.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola?

Sete. **(Porquê?)** Porque é cansativo. É rotina e eu odeio rotinas. E é muito cansativo ter de estudar e eu sou miúda que estuda, falando de estudar. Ter de vir para a escola, ter de estudar e fazer os testes e ver as mesmas pessoas todos os dias, a mesma cara todos os dias… Irrita-me um bocado. É uma rotina muito cansativa. **(Mas a questão é vir para a escola, porque ter de estudar é outra questão que coloco)** Pois. Sim do vir para escola, é isso. Sempre a ver as mesmas caras é uma rotina, não fisicamente cansativa, mas assim um bocado para o psicológico. **(E de estudar, então? Porquê?)** Não gosto de estudar. (risos) Não sei, não fui feita para estar sentada a estudar, não é o meu tipo. Tenho de estudar. Eu estudo, não estudo assim muito, mas ainda tento estudar. Mas melhorei muito desde criança, porque desde criança que sou assim, que não estudo. Não consigo ficar sentada a estudar.

I.4 Fala-me um pouco do que é que tu menos gostas na Escola.

O que eu menos gosto na escola… é o comportamento de alguns colegas e de situações, como se passou ali no outro dia, que eu fiquei completamente chocada, que eu estava a sair da escola e fiquei completamente chocada com o que aconteceu ali com duas miúdas. É o comportamento de algumas pessoas e de alguns "stores" também, de alguns professores. **(penso que já respondeste porquê que essas coisas te desagradam. Pronto o que menos gostas na escola, foi agora respondido por estas duas situações. Também já está dada)**

I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar o que é que mudavas na tua escola?

Mudava a nível estrutural, algumas coisas, por exemplo, hoje em Educação Física, o pavilhão estava completamente molhado, escorregava, nós tínhamos de ter cuidado, não podíamos correr nem fazer nada direito. A casa de banho das raparigas é uma lástima, quase que não consigo estar lá dentro e coisas assim. Na parte da educação, acho que a forma de dar as aulas acho que está bom. Acho que é isso.

I.6 (Então no seguimento da pergunta anterior) O que é que achas que falta na tua escola que te poderia motivar mais para andar na Escola?

Actividades. Mais actividades, sei lá. É assim, como eu não gosto de estudar, se houver uma forma interactiva de aprender, eu aprendo bastante. Por exemplo, ver com o meu pai muitos documentários sobre animais e assim e gosto de ver e chama-me e desperta a minha atenção. Talvez se houvesse assim uma forma de mostrar aos alunos que mostrar não é chato, até pode ser divertido de certa forma, se calhar iria também interessar-me em vir para a escola.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas?

Biologia. A que mais gosto é Biologia **Porquê que essas te agradam mais?** Acho que tem mais a ver com o dia-a-dia e pesquisar e assim. Eu gosto muito de pesquisar e tem mais a ver com pesquisar um corpo ou assim. Gosto de saber o que é que se passa entre as pessoas e assim e interacção e tudo.

I.8 E (no lado oposto) qual/quais é/são as que menos gostas.

Matemática. **(Porquê?)** Odeio cálculos não entram na cabeça, da mesma forma que aprendo, eu esqueço-me logo a seguir, não dá, não fica. Aqueles cálculos todos é muita coisa para minha cabeça. Não gosto. Não sou burra, mas também pronto, o ano passado ainda consegui tirar positiva lá. Ainda consigo.

I.9 Imagina que um dia tinhas oportunidade de mandar na Escola, que tinhas oportunidade de criar o teu próprio plano de estudo, isto de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos?

Educação Física, Psicologia, Sociologia, Biologia, talvez Biologia e Português tem de ser. É essencial. Não gosto lá muito de Português, mas acho que é essencial para ter uma base na Língua Portuguesa, saber falar, saber escrever, saber comunicar, acho que é preciso o português.

I.10 Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

É boa, é bastante boa até. Não há discussões, nem nada. Quando tenho alguma dúvida, tiram e explicam. Não tenho assim..

I.11 (Então) define-me lá o que é (para ti) um BOM professor?

Um bom professor é um professor interessado em ajudar o aluno, que dá a matéria por gosto e não dá a matéria por dar, tipo tomem lá isto e estudem. É um professor que se interessa por arranjar novos meios de, de ensinar e tenta aprender connosco e nós aprendemos com ele. **(Muito bem)**

I.12 E um mau professor, já agora?

Um mau professor é o que não se interessa, que dá a matéria só por dar, porque é a profissão. "Já que estou aqui vamos dar a matéria, vamos lá despachar isto"e não arranja novos meios para a nossa aprendizagem ser melhor, por exemplo, há professores que adquirem às novas tecnologias e tudo, para captar o interesse, e acho que não, é só assim e está a despachar.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para te ajudar?

O director de turma ou o executivo, que são assim os mais, os mais altos.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola?

Se eu pudesse escolher acho que ia trabalhar. Escolher assim tipo, acho que nunca iria substituir a escola, porque cada coisa tem o seu tempo, não é? Agora é o tempo de estudar, vou ter muito de tempo para trabalhar. Mas acho que se tivesse de substituir, acho que trabalhava.

(Então se não tivesses na escola, em que te actividade é que te vias neste momento a desenvolver? O que é que estarias a fazer neste momento se não tivesses na escola?)

Trabalhar na área, sei lá, trabalhar na área, um bocado de moda, roupa e assim. Não a fazer isso que eu não tenho jeito nenhum, mas naquelas lojas que tem de roupa ou assim e depois tratar de ir subindo no comércio, da base até ao topo, se não tivesse de estudar.

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Os meus sonhos e projectos é ser assim uma grande psicóloga experimental, em que depois por exemplo, aqueles comentários que se vê na televisão e que depois aqueles profissionais, assim todos, e aparecesse assim o meu nome "Doutora M… N…", que foi a que fez o estudo todo. Era o meu sonho mesmo., chegar a ser uma grande Doutora, assim de Psicologia. **(Acho que sim, que podes vir a ser)** Espero bem.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

No 9º ano, tive apoio, aqueles apoios, daqueles testes vocacionais, com a minha "stôra"de Área de Projecto e algumas vezes a psicóloga ia lá. E elas ajudaram-me a escolher porque eu estava muito indecisa. Não sabia o que havia de escolher. Também ainda não tinha ficado completamente decidida, mas como era, abrangia, no futuro podia escolher, ter um mapa assim de coisas mais, que podia escolher mais, foi o que eu segui.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional?)

Sim. **(E o que pensas sobre isso?)** Acho que é muito boa. Eu também tive Orientação Vocacional e acho que me ajudou imenso porque eu estava muito indecisa, não sabia completamente nada. Gostava de muitas coisas, mas no entanto não focava só numa. Tanto gostava sei lá, de Teatro, como de Moda, como de Biologia, assim tudo espalhado.

(Então o que é que acontece nas consultas de Orientação Vocacional e para quê que elas servem?)

Para orientar um aluno num certo caminho. Focar-se numa coisa, ver o que ele tanto tem vocação e como gosta de uma coisa que ele goste, uma coisa para a vida inteira, uma coisa que ele goste, mas que ao mesmo tempo ele tenha alguma espécie de vocação. Que goste e que saiba fazer isso, e juntar os dois.

Quem, na tua opinião, (quem julgas que é?) é o profissional responsável pela consulta da Orientação Vocacional? (Qual é a formação académica desse orientador)

Mais sobretudo os psicólogos, os psicólogos pedagógicos e assim.

II.3 Na tua opinião, o que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

É, acho que é, porque hoje em dia podemos fazer tudo o que nós quisermos, há profissões para tudo mesmo. O que nos faz procurar é procurar uma coisa que nós fazemos para a vida inteira, mas que não se torne num peso, chegar até um ponto da nossa vida em que seja um peso ("Ai a minha vida, aquele trabalho"), fazer uma coisa que nós gostemos para a vida inteira.

II.4 Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado, a esse nível na Orientação Vocacional que tiveste?

O meu foi muito bom. Ajudou-me imenso mesmo. **(Foi útil para ti?)** Foi, foi muito útil mesmo. Conseguiu orientar-me para o que eu queria e estou com essa ideia fixa até hoje. Espero chegar lá.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 Então que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculada?

Foi a Orientação Vocacional. **(Apenas ou também?)** Sim também. Foi isso e é foi isso, mas essencialmente foi isso.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Pensei que me ia dar muitas oportunidades, um leque maior de oportunidades, porque Ciências dá para muita coisa mesmo, e posso ir por muitos caminhos, enquanto os outros cursos não davam. É estudar mesmo só para uma coisa restrita, não dá para escolher assim.

III.3 Sentes que houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algum programa de televisão, livro, filme, jogo… que sintas que teve alguma influência na tomada de escolha do Curso que fizeste?

Sim. Houve um programa de televisão. Eu estava já com a ideia, eu queria muito, sempre gostei muito de psicologia, nunca gostei muito de Psicologia Clínica, de estar a ouvir os outros a falar, mas não sabia qual havia de seguir. Então quando vi uma série, não é o CSI, é "Mentes Criminosas" e vi eles a dar a psicologia, assim daquela forma mais, como é que eu hei-de dizer, mais estudada, não é assim a psicologia de ouvir os outros e ajudar os outros, mas sim de pesquisar. **(De maior investigação, não é?)** Isso. Aí fiquei mais incentivada já. Já estava com a ideia direccionada para isso, mas ainda incentivou mais. **(Sentes que houve aí uma influência na tua escolha neste momento, não é?)** Sim.

Entrevista Aluno A7

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola para mim é um lugar onde as pessoas vêm para aprender coisas novas, além de estudar se relacionar. Para se relacionar e aprender a viver em sociedade.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

Nesse momento o que me faz vir para a escola é terminar o secundário, não é, para depois poder entrar para a universidade.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Porquê?

Acho que 9, porque mesmo não sendo uma das melhores alunas, acho que o estudo é uma coisa que motiva os alunos a prosseguir para um futuro melhor, não é? (**E de estudar? De 1 a 10 também)** Eu gosto de estudar. Eu acho que 9, também, porque gostar de estudar é uma coisa, agora **(Andar na escola é outra, é isso?)** Não, gostar de estudar, agora estudar o que deveria, vai além, já é diferente para mim.

I.4 Fala-me (então) sobre o que menos gostas na Escola?

O que menos gosto da escola é algumas, algumas, eu acho que na escola às vezes ocorre algumas injustiças a nível de notas, não é? Não é bem na escola, é mais pessoal. Eu acho que são algumas injustiças que ocorre ao nível das notas, só algumas. Era isso que você queria? **(Sim, sim era isso. Mas também queria saber porquê que essas coisas te desagradam?)** Porque eu acho que independente se o aluno que tirou uma nota baixa, mesmo que pronto que ele não tenha, sejam amigos do professor, mesmo que ele, que ele… O aluno tem de ter a nota que tirou, não pode ter nem a mais nem a menos, é a média que faz e nem sempre isso ocorre. O aluno nem sempre tem a nota que ele tirou e eu acho que tem de ser assim. **(Isso é uma das coisas que te desagrada na escola?)** É uma coisa que às vezes ajuda um aluno que teve dificuldades, mas também, por exemplo, um aluno que está entre o 12 e o 13, ninguém aumenta a nota dele, agora o aluno que está entre o 8 e o 9 eles vão lá e dão mais e eu acho que isso não é justo para os alunos.

I.5 Então pegando nessa tua, nesse teu registo, a questão seguinte: Imagina que te era dada a oportunidade de seres tu a mandar um dia na escola. O que é tu mudavas nesta escola?

É complicado, porque para mudar uma escola completa é quase impossível, não é? Agora o que eu faria se algum dia eu fosse professora, eu ia preparar meus alunos, ia exigir muito deles, mas não ia exigir mais do que eu ensinei, mas ia ter um grau de

exigência muito grande, porque eu acho que na escola nós estamos mesmo para ganhar responsabilidade, não para estarmos, pronto.

I.6 O que é que achas que falta à tua escola e que poderia fazer-te ainda ter mais vontade de vir para a escola?

Ah…eu gosto dessa escola, gosto das pessoas, o que poderia…O dia que faz vir para a escola com aquela vontade é o dia que eu durmo mais, mas um tempo maior de sono, faz com o que a disposição seja maior.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas?

Biologia, Biologia e Geologia, Educação Física e Físico-química, é das que mais gosto. **(E Porquê que essas te agradam mais?)** Porque são as que traz mais desenvolvimento, não é mais desenvolvimento, mas são as que eu tenho mais sucesso. Um sucesso a nível de notas.

I.8 E no lado oposto qual/quais é/são as que gostas menos e porquê?

Não diria gostar menos, diria que tenho mais dificuldades. Matemática e Português.

I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos (o currículo), isto é, de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Pode ser as disciplinas que tu entenderes)

Eu escolheria Biologia, Biologia e Geologia, Físico-química, Português que eu acho que é essencial. Eu acho que eu escolheria todas as disciplinas que tem o meu curso, menos Filosofia, porque eu acho que Filosofia não é uma disciplina muito importante. É o que discutimos nas aulas, "porquê estudar Filosofia?", sempre tem uma justificação, mas para mim essas justificações, nunca são justificações mesmo. **(Pois…)**

I.10 Como é a tua relação com os/as professores/as?

Eu me relaciono bem com os professores, gosto de todos. Nunca tive nenhuma discussão com nenhum, mas já me decepcionei com um professor, mas pronto, mas não chegar ao ponto de não gostar dele, mas já me decepcionei.

I.11 Na tua opinião, como é que defines um BOM professor?

Um bom professor é que aquele que cumpre com o programa, que é o que nós, que os alunos precisam para depois realizar o Exame Nacional, mas que acostuma o aluno no grau que, não, que exija do aluno aquele que ele ensinou, não mais daquilo que ele ensinou. Porque, tem que gostar, mesmo que não tenha muitas afinidades com o aluno, tente fazer com que todos os alunos participem, não deixar só um ou dois alunos participarem. Porque às vezes os professores fazem diferença e pergunta mais para um ou chama mais um para o quadro e deixa alguns alunos de lado que são os mais fracos, evidente, mas pronto.

I.12 E no lado oposto então como é que definirias um mau professor?

Um mau professor é o professor que não passar dever para casa, também, não é, que não treina os alunos. É um professor que, é tudo ao contrário, do que eu falei, não é, porque, é o professor que deixa alguns alunos de lado, é o professor que dá pouca matéria, é o professor que… é um professor que não consigo explicar, mas é um professor que não consegue manter a atenção da turma também.

I.13 Njara, quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, a quem é por norma te costumas socorrer ou pedir apoio?

Eu nunca tive um problema assim tão grave. É, nunca tive um problema grave ao ponto de ter que procurar alguma pessoa **(Mas numa eventualidade de precisares de conversar com alguém quem é que procurarias aqui na escola?)** Mas conversar em que aspectos? **(Qualquer dúvida que tenhas, não tem de ser problema por si, tem que ser até uma coisa boa que tenhas. Alguém que procuras que te cause…)** Eu gosto das senhoras da biblioteca, acho que é das coordenadoras, não é? Sempre que eu precise de alguma coisa relacionado a uma pesquisa ou por exemplo para perguntar a hora, da, esqueci o nome, das salas de estudo ou do Estudo Acompanhado, qualquer coisa assim, eu pergunto para as senhoras da biblioteca, é das pessoas que eu mantenho mais relação na escola, são as coordenadoras da biblioteca.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? Porquê? Se há alguma coisa que preferisses fazer do que andar a estudar ou andar na escola? OU Se não andasses na escola, como é que passarias o teu tempo?

Hmm.., Eu penso que não. Às vezes, quando, tem épocas que quando o sucesso não é tão grande quanto eu gostaria que fosse, aí às vezes eu me decepciono um pouco, mas não é, ao ponto de deixar os estudos para fazer outra coisa antes de terminar. **(Então não é, não te vias nesta fase da tua vida a fazer outra coisa senão estudar?)** Não, nesse momento o meu objectivo é terminar o secundário e depois entrar na universidade.

I.15 Pegando nessa tua frase, quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Para o futuro, dependendo do que eu correr, ou eu vou fazer, ou eu quero fazer Medicina ou eu quero fazer Biologia, mas me especializar na área de Bióloga Marinha ou relacionado com a Biologia ou com a Medicina que está sempre na área da Saúde, não é? Mas ainda não sei completamente o que vai ser.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Agora estas questões geralmente relacionadas, com a Orientação Vocacional a minha questão é a seguinte: Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que estás agora a frequentar?

Quando eu cheguei do Brasil, vai fazer dois anos agora em Dezembro, eu não sabia para que curso ir. Eu entrei na escola de Ermesinde e só tinha dois cursos, ou era Economia ou Ciências e Tecnologias, a minha opção, aí, eu preferi Ciências e Tecnologia, que eu achei mais interessante a área do que Economia, até porque eu acho que Economia tem Geografia e eu não gosto muito de Geografia.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional? (QUESTÕES AUXILIARES: Para que serve? O que acontece nas consultas? Quem é o profissional responsável pela Orientação Vocacional?

Não. **(Não?)** Se ouvi, não estou associando. **(Então, nunca tiveste, por exemplo no 9º ano não tiveste consultas, a psicóloga não, não tiveste, psicóloga, ou na área de Projecto nenhuma situação em que te sentisses apoiada para fazer uma escolha…)** Não, porque eu cheguei aqui no 10º ano, já comecei a contar directamente do 10º ano lá no Brasil, e nunca tive necessidade dessa parte de Orientação Educacional, porque eu sempre tive o objectivo, de sempre terminar os estudos, e depois, depois ver o que eu ia seguir. Lógico que eu tinha essas duas opções que são as minhas preferências, mas eu acho que nunca foi necessário.

II.3 O que é que achas poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

A segurança, da, às vezes, não tem nem oportunidade de estudar em casa ou alguma cosia desse género. Às vezes tem muitas dificuldades em tirar boas notas e não sabe o que vai seguir, mas tem vontade de terminar os estudos e aí ele procurar a Orientação Vocacional.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a? Já respondeste mais ou menos aí, mas eu gostaria que falasses novamente nessa situação. O que é que te levou a optar por este curso em que estás?

Quando terminar os estudos, eu tenho vontade de voltar ao Brasil. (pausa). Não sei como vou dizer isso… Nós no Brasil não temos….Em alguns países dos estados, temos

opções de cursos para escolher, mas na maioria não temos, é sempre o mesmo curso, parecido com Ciências e Tecnologia também que temos as mesmas disciplinas que tem Ciências e Tecnologia e como no Brasil, a matéria que dá é parecida, as matérias são parecidas, eu preferi escolher porque queria estar preparada para trabalhar lá e para mim estar preparada para trabalhar lá, acho que este é o melhor curso. Não sei se… **(Não, é perceptível. Percebe-se perfeitamente a ideia que tu tens.)**

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Uma grande variedade de opções no mercado de trabalho, não é? Tem muitas saídas para vários, para várias áreas não é? E então é uma das, das coisas que levam a pessoa a olhar mais para esse curso, nem os alunos mais fraquinhos que não conseguem tirar às vezes três positivas nesse curso, não é, não é assim. Tem alunos que não conseguem tirar mais de três positivas, é sempre nega, nega, a seguir e escolhem esse curso porque tem mais saídas, mas não pensou que ia tirar aquele tanto de nega e que não ia ter positiva nenhuma.

III.3 Houve alguém (alguém da tua família, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou então algo que te pudesse influenciar na escolha deste Curso?

Minha irmã e meu pai, que meu pai, que sempre foi ligado, sempre gostou muito de Matemática e sempre gostou muito de Físico-química enquanto ele gostou e a minha irmã porque achava que esse era o curso mais, mais actualizado para o tempo que estamos vivendo agora e eu fiquei um bocado insegura na época, mas depois vi que era a melhor opção para mim.

Entrevista Aluno 8

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola, acima de tudo, é aquilo que tem o meu futuro nas mãos e tenho que estar na escola e utilizar a escola como um meio para atingir os meus fins e aquilo que eu quero ser na vida.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

Acima de tudo um dia poder vir a dar uma boa vida à minha família, ter boas possibilidades, ter um bom trabalho que me faça feliz.

I.3 Agora numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola?

Oito. Sete ou oito. **(Porquê?)** Porque é assim, não sei explicar muito bem, eu gosto da escola, mas não sei explicar porque depende das disciplinas, depende também do professor em questão**. (Mas aqui a questão é andar na Escola tem a ver com a Escola no seu todo).** Sete ou oito. Gosto, tem tudo ver com a cooperação entre os colegas, conhecer pessoas, aprendemos coisas novas, tudo à volta disso gosto. **(E de estudar? Também de um a 10, quanto é que dás?)** Um 6 ou 5. **(Porquê?)** Não gosto muito de estudar, acho que chateia um bocado, acho que é normal, tenho de estudar e sei que tenho de estudar, tenho essa noção.

I.4 Fala-me então sobre o que menos gostas na escola.

Das aulas *(risos)* **(E porquê que essas coisas te desagradam?)** Depende da aula em especial, não estou dizer que não goste nem de todas as disciplinas, nem de todas as aulas, depende da maneira como o professor dá a aula, se faz com que nós estejamos interessados na aula ou se está ali por estar, se está ali obrigado e não faz com que os alunos estejam empenhados, atentos o que faz com que muitas vezes as aulas sejam a vergonha que são.

I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar um dia na Escola, o que é tu mudavas nesta Escola?

É uma pergunta um bocadinho complicada. Acho que acima de tudo tinha de mudar um bocado, falar com os professores, penso eu, e mudar o método de ensino, fazer com que os alunos, arranjar uma maneira para os alunos estarem mais atentos, porque a maior parte dos alunos não está atento, a maior parte dos alunos não gosta de andar na escola, pelo menos pelo que parece a maior parte dos alunos não gosta de andar na escola e o que tinha, acho que tinha de se arranjar uma maneira ou um método para que os alunos gostassem de andar na escola.

I.6 Então pegando nessas tuas palavras, o que é que achas que falta nesta escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de vir de estudar?

Não querendo tornar-me repetitivo, acho que os professores é uma das questões fundamentais. **(Por isso vês aí como o cerne da questão, crucial, os professores, não é?)**

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas e porquê que essas te agradam mais em relação às outras?

Eu vim para Ciências, neste caso, porque gosto de Ciências, ou seja, a Biologia e a Geologia é a disciplinas que mais me interessa. Tirando Educação Física, pronto, Biologia e Geologia é aquilo que mais me interessa. De resto, não vejo assim mais nenhuma, que eu goste mesmo, tirando línguas que também gosto. O que eu não gosto é Matemática. ***(risos)***

I.8 E já agora quais as que gostas menos e porquê que essas te agradam menos?

Matemática, é a Matemática. Não gosto de números, está tudo à volta disso, não gosto de números.

I.9 Imagina que cada aluno tinha oportunidade de criar o seu próprio um plano de estudos, isto é as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos, no teu plano de estudos que tu escolhias, o gostavas que fizesse parte?

Eu acho que para o que eu quero seguir o que eu escolhi tem tudo. Tem as Ciências, tem a Matemática, tens a Línguas e acho que isso é o que eu vou mais precisar. Talvez incluiria os TIC, acho que é assim que se chama, incluiria os TIC e Psicologia que é uma peça fundamental

I.10 Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

Depende dos professores. **(Especifica melhor isso. Depende dos professores…)** Há professores com quem eu me dou muito bem, com quem gosto de trabalhar, com que estou nas aulas, estou atento, estou empenhado, que gosto de estar a ouvir o professor, acho que ele explica bem e que estou ali e que está a render, enquanto que há outros professores que estou ali por estar, não consigo tirar partido das aulas (tirar partido das aulas acho que é o mais fundamental), não estou ali, não estou a aprender aquilo que deveria, acho que isso.

I.11 Na tua opinião define-me o que é um BOM professor?

Acho que um bom professor tem de ter em primeiro lugar uma boa relação com os alunos. Os alunos têm que ver o professor, não só o professor, mas como um amigo. Temos de gostar de trabalhar com eles, gostar de estar com os professores na sala, também tem que explicar bem, claro, é a função dele, tem que explicar bem, tem de dar

a matéria, mas acho que a relação com os alunos é uma peça fundamental e hoje em dia muitos professores não ligam a isso.

I.12 Então já agora define-me um mau professor para ti?

É o contrário. É um professor que não se dá bem com os alunos, em que os alunos notam que ele está ali a ser obrigado, que não faz o que gosta, não era aquilo que queria para a vida, um professor que não explica bem, que há casos de isso. Acho que isso basicamente.

I.13 Pedro, quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassar esses problemas?

Acima de tudo os meus pais, em termos psicológicos, os meus pais. Em termos de, de disciplina em si, numa explicação, é aí que tiro as minhas dúvidas.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola?

É assim eu costumo dizer que gostava de já ser mais velho, já podia ter o meu trabalho, acho que isso já gostava mais de fazer do que andar na escola. Só que não vejo assim algo que chame mais por mim, com esta idade, que andar na escola, acho que estou aqui com algum motivo e tenho de gostar daquilo que estou a fazer. **(Numa situação destas, como te vias, onde é que te vias tu neste momento?)** Como assim? **(Se não andasses na escola, o que é achas estarias a fazer neste momento?)** Estaria em casa, provavelmente, com esta idade não posso trabalhar ainda, mas provavelmente a trabalhar aí num sítio qualquer, a ganhar um ordenado miserável, digamos, e que não me ia dar futuro nenhum.

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Eu gostava de seguir Saúde, não quero dizer Medicina porque a média interfere muito nisso. A área da saúde é aquilo que eu gosto, foi por isso que eu vim para este área. A área da saúde é muito ou tudo para mim. Desde pequeno que dizia que queria ser médico, queria ser médico, queria ser médico, agora que, desde o ano passado que entrei no 10º ano é que comecei a analisar melhor, as médias, digamos, mas é saúde que eu quero seguir e preferivelmente, claro, Medicina.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento, deste curso que agora estás a frequentar? Como é que chegaste à escolha deste curso?

Foi como acabei de dizer, foi uma escolha básica, desde criança, desde que comecei a falar, penso eu, que o meu sonho é ser médico, ser médico, ser médico, e não há outra maneira de ser médico do que vir por aqui, ou seja, se eu tenho que seguir isto, se eu

tenho que fazer isto, se eu tenho de passar por aqui para atingir os meus fins, para chegar aonde eu quero é isto que eu tenho de fazer e é isto que eu vou fazer.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional?

Que eu me lembre não. **(Então não sabes, não tens por isso nenhuma ideia do que é, nem para que serve…)** Pelo nome, não… **(Orientação Vocacional é aquilo a que se chama as consultas com…)** Com a psicóloga? **(São orientações para te ajudar a escolher uma área, um curso. Já ouviste falar, não é?)** Sim, já ouvi no 9ºano, por obrigação, digamos, porque não me afectou nada a minha escolha, mas tive que ir falar com a psicóloga porque toda a gente tinha que ir. **(E o que pensas sobre a Orientação Vocacional?)** Eu acho que é importante, não em todos os casos, porque eu já tinha decidido aquilo que queria, ajudou-me apenas a solidificar mais ainda que era aquilo que eu queria, mas há imensa gente que não sabe aquilo que quer, não faz a menor ideia daquilo que quer ser quando for mais velho, apesar de eu achar isso muito mau, porque não faz sentido algum uma pessoa não ter objectivos, a Orientação Vocacional ajuda imenso. **(Ainda te lembras do que acontecia nas consultas?)** Não me recordo muito bem **(E quem era a profissional que estava lá?)** Era uma psicóloga da escola.

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Acho que não ter decidido aquilo que quer ser ou aquilo que quer fazer da vida acho que é um problema que nos atinge hoje em dia a nossa sociedade, que faz com que muita gente procure a Orientação Vocacional.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 Esta questão está um bocado a ver com uma primeira que já fizemos, mas eu vou repetir: O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a e não por outro.

É assim eu gosto dos outros cursos. Há cursos como por exemplo, Artes, eu gosto de Artes, mas isto era aquilo que eu queria mesmo. Foi fácil para mim escolher isto.

III.2 Então quando escolheste este curso, então, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

A Medicina, como eu já disse ou a Saúde. Isso era aquilo que sempre chamou por mim e é por isso que eu tenho lutado e que vou continuar a lutar.

III.3 Houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas com quem te relacionas) ou então alguma coisa (e.q. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sintas ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

A coisa que mais influencia em mim é que eu tenho um problema muito grave do coração em que não posso fazer desporto, eu era jogador de andebol e essa separação de mim com o andebol custou-me muito e quero futuramente investigar sobre isto, estar metido neste assunto da saúde, da cardiologia, especificamente e tentar saber sempre mais acerca disto, não quero que outras crianças, outras pessoas passem pelo mesmo que eu passei. **(Portanto, este teu problema físico ajudou-te a despoletar este interesse na área da saúde.)** No 10º ano desci muito as minhas notas porque fui-me muito abaixo neste problema **(Por acaso já vi)** Acho que custou-me imenso porque eu era um bom aluno até ao 9ºano, tive notas muito baixas, fiquei com a minha média de 10, porque não tinha cabeça para a escola, tentava estudar e pensava no meu problema e este ano já pensei e tenho de utilizar isto para me dar força e seguir a minha vida que é isso que tenho de fazer.

Entrevista Aluna A 9

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola é um lugar muito importante que eu acho que todos devíamos passar por ela. É uma fase muito importante da nossa vida, que é onde a gente aprende, não é? Então é uma base do que a gente vai ser no futuro.

I.2 Então e o que te faz vir para a Escola?

É a vontade de aprender, a vontade de ser alguém no futuro, alguém que eu sonho.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Porquê?

Nove. **(Porquê?)** Nove, porque é a base dos meus sonhos. Claro que todos os jovens da minha idade preferem, entre aspas, estar se divertindo, porque a escola não é propriamente um lugar para ser divertido e o divertimento também chama muito os jovens. Mas eu dou a nota 9 porque eu sei que não é o divertimento que vai me levar onde é que quero chegar, na profissão que eu quero chegar e então a escola é muito mais importante. **(E agora na mesma escala, quanto dirias que gostas de estudar? Falamos aqui na questão de gostares da escola, que é diferente muitas vezes de estudar?)** Gostar, gostar é um oito…mais ou menos. **(risos) (Porquê?)** Porque é bastante complicado, não pela matéria, não pela dificuldade, mas porque exige bastante responsabilidade e bastante dedicação e é bem melhor estar no lazer do que estar estudando.

I.4 Aproveitando essa tua última frase, fala-me um pouco sobre o que gostas menos na escola e porquê que essas coisas te desagradam mais.

O que eu gosto menos na escola? Não acho que está nada de errado assim na escola que eu possa gostar menos dela. **(Não tens nada que…)** Contra a escola? Não.

I.5 Se pudesses ser tu a decidir ou mandar, o que é que mudavas na tua escola?

Que eu mudava? **(Sim)** Deixa eu ver… (pausa) Não sei… Não sei **(Não te ocorre nada, está bom, é bom, isso é bom)**

I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de vir para escola?

(demora a responder) Que gostaria de ter mais vontade de vir para esta escola? **(Sim, tu gostas de vir, não é? Mas se tivesse mais alguma coisa que tu achas que era importante e que mais vontade de vir escola ou que é que, não tens nada assim?)** Acho que é o faz vir na escola, principalmente os professores com quem a gente

interage no dia-a-dia e se os professores forem educados com você se respeitarem como a gente tem respeitar a eles, acho que isso é o essencial.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas?

Eu gosto bastante de Físico-Química, principalmente a Química, no entanto, de Física. Gosto de Matemática e de Biologia.

I.8 E já agora no lado oposto, qual/quais é/são as que gostas menos? Porquê que essas não te agradam?

Inglês **(risos) (Porquê?).**Porque eu tenho mais dificuldade. Muito difícil inglês mesmo, muito difícil. (Porquê?) Porque falar inglês é complicado, quando você está noutra matéria e é a sua língua, você ainda lê e ainda tenta entender e já é mais fácil, agora quando é outra língua, você fica ali… **(É complicado)**

I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos, o currículo não é, isto é, de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Independente daquelas disciplinas que já fazem parte, o que é que colocarias? Se é que colocarias alguma coisa no teu plano de estudos. Que achas que está até desfasado)

Acho que tem tudo, pelo menos para o que quero seguir, não sei bem, acho que para o que eu quero seguir eu acho que… **(Não colocarias nenhuma disciplina que pudesse fazer ali…Não?)**

I.10 Diz-me uma coisa, como é que é a tua relação com os/as professores/as?

É boa. Penso que respeito e eles respeitam, eles a mim. Com alguns eu simpatizo mais. **(Mas em geral tens uma boa relação com os professores, não é?)** Sim.

I.11 Então já agora, define-me o que é que tu entendes por um BOM professor?

Tem que ser…tem de se interessar principalmente nos alunos. Entendo que eles tenham muito trabalho e tal, mas dá para ver o professor que se esforça para ver o futuro dos alunos, o bom futuro do aluno e tem uns que estão ali só porque tem que estar e tem que receber o salário dele e tens uns que a gente vê mesmo que se importa, que se importam com nossos exames e que ficam puxando pela gente e aí está a diferença.

I.12 E então define-me um pouco mais um mau professor?

Irresponsável, assim. Acho quer não tem nenhum irresponsável, mas já ouvi falar em alguns professores que estão ali só por estar e às vezes também não conseguem transmitir a matéria de forma que o aluno entenda, mas também…

I.13 Agora a questão que te coloco é quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassar esse problema aqui na escola?

(demora a responder) Assim, em geral, com algum professor… **(Em geral, algum problema que tenhas na escola. A minha questão é quem é que procuras habitualmente para conversar, para pôr o teu problema, para ajudar a ultrapassar esse problema?)** Ainda não tive assim nenhum problema que eu tivesse que procurar alguém, mas se eu tivesse acho que era o director de turma. **(O teu director de turma)**

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a andar na escola neste momento? Outra coisa sem ser andar na escola. Vias-te a fazer outra actividade sem ser andar na escola neste momento? Porquê? A questão é esta: Se tu neste momento, não andasses na escola que papel é que te vias a desempenhar neste momento?

Não. Por exemplo, trabalhar de vez de andar na escola? **(Sim, a minha questão é esta: tu neste momento estudas, mas tu pessoalmente, neste momento, vias-te a fazer qualquer actividade sem ser andar na escola?)** Não. **(Porquê?)** Assim, eu não me vejo noutra situação porque é nesta situação que eu quero estar, é na escola que eu quero estar. **(Sim, mas como é que tu vias, se não andasses na escola, como é que te vias a ocupar o teu tempo neste momento?)** Trabalhando, também, se não estudasse tinha de fazer alguma coisa, não é? Estava trabalhando.

I.15 Fala-me um pouco então sobre quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Profissionalmente, ainda não tenho assim nada muito definido. Quero uma profissão que tenha alguma relação com Química, talvez uma engenheira química, mas ainda não tenho bem definido a profissão que eu quero seguir. **(Mas para já é essa a ideia que tu tens?)** Sim.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Olha, como é que chegaste à escolha do agrupamento, neste caso do curso que agora estás a frequentar?

Foi uma psicóloga que tive no 9º ano e ajudou bastante. Mas também o que ajudou bastante também foi excluir as outras opções, entendeu? Eu gosto muito de Matemática e Físico-Química, então estou bem direccionada para esse curso de Ciências e Tecnologias e depois as outras eram Humanidades e eu não gosto de História, Literatura, também não gosto de Línguas, não é que não goste, mas não sou muito boa, como eu já disse não sou muito boa a Inglês, então e mais por exclusão de partes e porque eu também gosto de Físico-Química.

II.2 Já ouviste falar então em Orientação Vocacional?

(Demora a responder) A psicóloga. **(Isso)** Ela também ajudou muito, com perguntas…. **(Esta ideia que falaste que tiveste a psicóloga que te orientou, tem a ver com a Orientação Vocacional)** Nossa! Ajudou bastante essa psicóloga e era muito simpática e dava vontade de ir com ela ir falar com a gente. **(E o que pensas sobre isso, sobre a**

Orientação Vocacional?) Acho que é muito importante, que vai ajudar bastantes alunos que estavam na minha situação, de não saber o que queriam e ajuda bastante. **Então diz-me um pouco sobre para que serve a Orientação Vocacional e o que é que aconteceu nessas consultas que tiveste? Fala-me um pouco sobre essa tua experiência na escolha)**

Me lembro que ela me fazia umas perguntas, escritas, no papel, não me lembro muito bem quais eram as perguntas, já faz algum tempo. Mas lembro que tiraram muitas das minhas dúvidas, foi com, com essas perguntas que eu cheguei à conclusão que eu estava mais voltada para a Matemática e Físico-Química e Ciências e então ajudou bastante a dar o meu primeiro passo que era vir para aqui, para Ciências e Tecnologias. (**Então, nessas consultas eram essencialmente à base de perguntas, mas não havia assim exploração com base de valores, de interesses, assim actividades que te relacionasses. Eu estou a dar um exemplo para te ajudar a situar no tempo, se isso realmente se passou. Que algumas profissões têm a ver com determinados valores, com determinados interesses que as pessoas, porque muitas vezes nós temos determinadas coisas mas depois verificamos que depois não temos… Não eram essas actividades que eram desenvolvidas na altura? Não te lembras?)** Eu tenho a memória meio fraca. (Pois) A única que eu lembro assim, ela falava sobre a gente, sobre essa profissão, sobre o que a profissão leva e eu acho que ela perguntou o que é que a gente queria seguir e depois esmiuçava essa questão para a gente para ver se era aquilo que a gente queria. Mas do que eu me lembro mais são as perguntas que tinha sobre… **(Era do género de um teste. Tinhas as perguntas…)** Sim. **(Quem era a profissão que estava, que te fazia a isso?)** Não me lembro do nome dela. (Não era o nome dela mas era…) Era uma psicóloga. (Sim era isso, não era o nome dela, mas sim qual era a profissão dela que muitas vezes há escolas que não tem psicólogos)

II.3 Diz-me agora, o que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

São as dúvidas do que quer seguir. São mais as dúvidas porque a gente *apavoriza*, não é, "ai o que é que eu quero?" e está chegando perto de quando a gente tem de decidir e então a gente *apavoriza* e então se tiver uma psicóloga para nos ajudar, é muito importante porque nessas horas a gente fica sem saber o que fazer: "Eu vou cá, eu vou para lá". Então a gente *apavoriza* e se tiver orientação…

II.4 Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado por essa psicóloga e porquê? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

Para mim foi muito importante, para mim e eu acredito que para muitos alunos, foi muito produtivo, útil.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 Esta questão tem a ver com uma que já te fiz, mas eu vou fazê-la outra vez. O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Foram mais as disciplinas e porquê como eu já disse, tenho assim um plano ainda não muito bem definido de ser engenheira química e para cá, em Ciências e Tecnologias era a melhor opção e também por causa das saídas, as saídas desse curso são as que penso vir a ser um dia, assim.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

A ser engenheira química e também tinha profissões a ver com Matemática, também gosto, mas agora já não me lembro.

III.3 Agora por fim a última pergunta é houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algo (e.q. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sintas que te influenciou na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

Talvez. Eu já tinha decidido, mas talvez tenha alguma influência, as séries que eu via, por exemplo o CSI, que achava bastante interessante aquilo, mas não foi bem isso eu me fez optar. Já tinha decidido, mas depois ao ver essa série e tal, passei a ter mais interesse, um pouco mais do que eu já tinha. **(Já tinhas bem definido aquilo que querias e isso só ajudou mais a decidir)**

Entrevista Aluna A10

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

O que é que representa? Para mim representa o meu futuro. Eu tratar bem a escola, para poder ter um bom ambiente para estudar.

I.2 Então e o que te faz vir para a Escola?

O que me faz vir para a Escola é a vontade de ter um bom emprego, de ser alguém na vida.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Porquê? É de estudar?

De andar na escola? **(Sim)** Sete. **(Porquê?)** Porque, é assim, a escola está muito debilitada, o que me faz não ter vontade de vir para a escola, porque tipo, você vai para a sala de aula, não tem cortina, não consegue ver para o quadro, os alunos fazem muito barulho, não conseguem entender a matéria, entendeu? Então esse é o meu problema, nós estamos no 11º ano mas eles se comportam como os do 5º ano. **(E de estudar? De 1 a 10 também)** 10. **(10? Porquê?)** Porque eu sei que eu me esforçando eu vou conseguir ter nota para fazer aquilo que eu gosto, portanto eu me esforço o máximo para conseguir a carreira que eu pretendo.

I.4 Então aproveitava para te pedir que falasses um pouco sobre o que gostas menos na tua escola.

O que eu gosto menos? **(Sim e porquê que essas coisas te desagradam?)** Me desagradam porque por exemplo, todo o dia na hora de almoço, você fica 45 minutos na fila, você acaba por ficar, perder quase o almoço todo para poder comer, porque a fila é enorme. Colocaram todo o mundo para estudar de manhã e me desagrada também o facto de os alunos não crescerem mentalmente, estão no 11º ou no 12º ano, mas não estão nem aí para os estudos, nem deixam a gente entender, nem eles entendem.

I.5 Então se calhar esta questão faz algum sentido: Se pudesses ser tu a decidir/mandar o que é que mudavas na tua escola?

Eu faria de modo a equilibrar as turmas para que na hora do almoço não era tanta gente para comer. Fazia um equilíbrio, alguns dias de manhã, estudam uns, de tarde não, à tarde sim, de manhã não, que era para poder melhorar a fila do almoço. Em relação a resolver os problemas dos alunos é um bocado difícil porque ninguém consegue, por mais que se fale, por mais que os pais falem, os alunos muitos deles não estão nem aí. Eu acho que em questão dos alunos mesmo eu não teria como resolver.

I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de estudar?

Boas condições, tanto no caso de salas de aulas, como no caso de casas de banho, pavilhão, essas coisas todas. **(A parte estrutural, mais estrutural da escola)** Sim, estrutural.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas?

Que eu mais gosto? Espanhol e Educação Física. **(E Porquê que essas te agradam mais?)** Sempre tive vontade de aprender em Espanhol, mesmo quando morava no Brasil, mas eles não dão línguas, só dão Inglês e Espanhol porque eu sempre tive vontade de ir estudar para Espanha, então sempre tive vontade de aprender o Espanhol. Educação Física eu gosto porque porque jogo vólei, jogo Badminton, porque é desportivo, entendeu? Eu gosto dos desportos.

I.8 E, por outro lado, qual/quais é/são as que gostas menos? Porquê que essas não te agradam tanto?

Gosto menos de Português e de Físico-química. Português porque eu tenho dificuldades na linguagem por causa do Brasil, muitas coisas eu escrevo errado por causa da minha nacionalidade e então eu tenho muitas dificuldades e aí não gosto muito. Físico-química porque a professora é muito fixe e gosto dela, mas os alunos não deixam nos entender e eu acabo por me perder e não consigo mais recuperar, portanto eu não gosto de Físico-química por causa dos outros alunos, não é por mim. Eu tenho dificuldade nisso.

I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos, isto é, de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Podes incluir disciplinas que actualmente não existem, mas que abordem matérias que te interessem)

As disciplinas que eu queria frequentar? **(Sim as disciplinas que tu gostarias que fizesse parte desse plano de estudos)** Educação Física, Espanhol, Biologia e só. (risos) São só essas porque são as que me agradam mais.

I.10 Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

Com os professores? Desde que cheguei na escola que as minhas relações com os professores são boas. Eu tenho que fazer o meu trabalho e como os professores vêem o meu esforço acabam por me ajudar também a ultrapassar as minhas dificuldades. Então a relação professor-aluno, aluno-professor, para mim foi sempre boa. Nos três anos que tive aqui sempre tive boas relações com todos os professores. Nunca tive desentendimentos com nenhum deles

I.11 Define-me na tua opinião o que é um BOM professor?

Um bom professor é aquele que está disposto a explicar quantas vezes for preciso para você entender. É aquele que compreende quando você fala assim "mas eu não entendo" e então ele volta explicar, entendeu?. Porque muitos professores explicam uma vez, se não entendeu, entendesse e não tem nem aí. Então para mim um bom professor tem de ser compreensivo, tem que explicar bem e mandar aqueles alunos calarem.

I.12 Então define-me já agora um mau professor?

Um mau professor é aquele que não está disposto a ensinar, porque que muitas vezes com o barulho ele desanima e eu sei que o barulho da sala de aula desanima um professor e muita das vezes o professor acaba por descontar nos alunos que não têm culpa. Uns não querem entender e então os outros ficam sem entender também, porque o professor explica uma vez e não está nem aí para se o aluno entendeu ou não, e não é compreensivo, está sempre a mandar vir.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassar esse problema?

Muitas das vezes procuro o professor. O professor, o director de turma, procuro ele para dizer o que está acontecendo, entendeu, o que está me fazendo ter muita dificuldade, o que não está certo comigo e com a escola e o professor tenta me ajudar.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? Porquê? A questão é esta: Se tu neste momento, não andasses na escola que papel é que te vias a desempenhar neste momento?

Recepcionista de uma clínica médica porque o dono é meu padrinho e ele sempre disse que eu estudando ou não teria lá um emprego. Então se eu não estivesse a estudar nesse momento, eu tenho a certeza que estaria a trabalhar com ele.

I.15 Fala-me um pouco então sobre quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Tenho um projecto de me formar numa faculdade em Espanha, que foi sempre o meu sonho, na área da Medicina, estou indecisa ainda entre enfermeira e pediatra porque eu gosto das duas áreas e pretendo alcançá-los.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

R: Eu vim para esse curso porque sempre quis seguir a área da Medicina e quando cheguei aqui à Escola, o curso que tinha mais saídas para a área que eu sempre quis seguir era Ciências e Tecnologias, então eu acabei seguindo para uma escolha que sempre quis ser..

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional? (QUESTÕES AUXILIARES: Para que serve? O que acontece nas consultas? Quem é o profissional responsável pela Orientação Vocacional?

R: Sim, ajuda muito. Porque, tipo no 9º ano eu fiz e agora no 11.º ano voltei a fazer com a psicóloga. Porque ela ajuda a entender melhor o curso, diz-nos as saídas que tem e o que é preciso fazer e acaba por nos orientar. Tipo, se às vezes você pensa que não é aquilo que você quer e ela acaba te ajudando a saber realmente o que realmente o que você quer seguir.

É a psicóloga…é o, não sei o nome dela. É a psicóloga da escola, não é? E…., acho eu.

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

R: A dúvida do que quer seguir no futuro. Para mim acho que é o que leva, porque a pessoa que já tem certeza muitas vezes não vai para a Orientação, Vai quem tem dúvida do quer seguir, das dificuldades que vai ter e vai procurar a psicóloga para tentar esclarecer e realmente decidir o que quer seguir.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

R: Sim. Gostei muito, me ajudou imenso, tanto no 9.º ano, para seguir, como agora. Ela está me ajudando a saber o que é que eu vou querer para o 12ºano e, a minha opinião pessoal, é que ela me ajudou imenso e creio que ajuda muitos alunos.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

R: O sonho de sempre querer ser uma profissional da área da saúde, sempre, sempre, sempre quis seguir este caminho e então quando eu cheguei aqui, achei que este curso seria o mais apto para mim. E então foi por isso que eu segui.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

R: Quando eu pensei nesse curso, eu pensei que no futuro eu poderia me tornar uma médica ou uma enfermeira, e então e é o que quero. Ou eu quero ser médica específica e se não der, então enfermagem. O que eu quero é para a área da saúde e esse curso eu pensei que esse curso me levaria onde eu quero chegar.

III.3 Houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algo (e.q. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sentes ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

R: Olhe, me influenciar totalmente, acho que não houve influência. Porque a minha mãe sempre falou "a área que você quiser ir você está apoiada" e eu só vim mesmo…por exemplo, eu queria mesmo me tornar pediatra. Então porque eu queria ser pediatra, porque eu amo crianças, sempre gostei, então eu cuido de criança sempre que alguém, uma amiga minha não tem com quem deixar o filho, deixa comigo. Sempre gostei de criança, então o que me influenciou foi o facto de gostar de crianças, daí ir para pediatra (**então essa influência tem um bocadinho a ver com o meio em que estás inserida**) Tem a ver com o meio em que estava inserida, sim……

Entrevista aluno 11A

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

A escola para mim é um sítio onde eu posso ganhar mais cultura geral, ter mais bases para o meu futuro, para conseguir ter um futuro estável com um bom emprego e é na escola que posso conseguir essas bases.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

É isso mesmo é conseguir ter umas boas bases para o meu futuro e conseguir ter mais cultura, saber de tudo um pouco que acho que é interessante.

I.3 N**uma escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola? Porquê? E de estudar? Porquê?**

Talvez um 8. Em primeiro lugar pelos meus amigos que tenho aqui, há sempre muita convivência, brincadeiras e etc, segundo pelo, pelos recursos que a escola tem, a biblioteca, o ginásio que são sempre apelativos para vir à escola. (**e de estudar?**) Estudar acho que dou um 5. Porque, sou, admito sou um bocado preguiçoso no que toca a estudar, nunca gostei muito de puxar pela cabeça, como se costuma dizer e pronto, esforço-me, tento estudar sempre.

I.4 Fala-me sobre o que menos gostas na escola. Porquê que essa coisas te desagradam?

Talvez o que menos gosto sejam as infra-estruturas da escola, estão um bocadinho velhas, feias, talvez seja isso o que menos gosto.

I.5 Se pudesses ser tu a decidir/mandar na Escola, o que é tu mudavas na tua Escola?

Isso mesmo, talvez melhorasse as infra-estruturas e os recursos desta escola para poder assegurar aos alunos uma escola agradável.

I.6 O que é que achas que falta na tua escola que te poderia fazer ter (ainda) mais vontade de estudar?

(demora a responder) A escola não me iria trazer mais vontade de estudar. O que me traz vontade de estudar é mesmo o querer assegurar o meu futuro, a escola não… Sinto a necessidade de estudar por causa do que me é pedido e exigido aqui na escola.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que mais gostas? Porque é que essas te agradam mais?

Gosto de Português e de Inglês. Gosto porque sempre gostei de estudar línguas, sempre quis conhecer um pouco das línguas de todo o mundo, é o que eu gosto.

I.8 E qual/quais é/são as que gostas menos? Porque é que essas não te agradam tanto?

Talvez Matemática e Física e Química, mais Física, porque implica muitos cálculos e eu pode-se dizer que nunca me dei bem com números, nunca gostei muito de trabalhar com números, não são muito apelativos para mim.

I.9 Imagina que cada aluno tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos, isto é, de escolher as disciplinas a frequentar. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudo? (Podes incluir disciplinas que actualmente não existem mas que abordem matérias que te interessem)

Informática e talvez uma segunda Língua Estrangeira (**e mantinhas as disciplinas que tens?**) Acho que mantinha porque é sempre necessário um bocado de tudo.

I.10 C**omo é a tua relação com os/as professores/as?**

É boa. Nunca tive problemas.

I.11 Na tua opinião o que é um BOM professor?

Tem de ser um professor comunicativo que apele à atenção do aluno**,** que saiba comunicar com o aluno, que consiga puxar pelo aluno para o aluno obter sempre os melhores resultados e claro não pode ser, não pode ser um professor à moda antiga, sempre exigente, ali rígido.

I.12 E um Mau professor?

Um mau professor é o oposto, é aquele que dá as aulas por dar, não se interessa se o aluno aprende ou não, pouco comunicativo…

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem procuras para conversar e te ajudar a ultrapassá-los?

É aos professores. Peço ajuda sempre aos meus professores, se eles me conseguem auxiliar, se não, recorro às funcionárias da secretaria e do Conselho Executivo.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola? Porquê? Ou se não andasses na escola, como é que passarias o teu tempo?

Neste momento não. Porque neste momento não me estou a ver a trabalhar, nem a ganhar o meu dinheiro, neste momento acho que sirvo melhor ao estar aqui na escola a estudar e no futuro, pronto, começo a trabalhar, mas neste momento é só a escola, que é essencial. **(se não andasses na escola…)** Arranjaria uma actividade ocupacional onde ganhasse para me sustentar que sem a escola…não fazia nada na vida. (???)

I.15 Quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

É o necessário para seguir o curso que eu quero no Ensino Superior, pronto e é por isso que segui este curso e também fui ajudado por uma psicóloga.

II.2 Já ouviste falar em Orientação Vocacional? O que pensa sobre a Orientação Vocacional?

Já, sim. É bom que façam isso aos alunos que estão prestes a escolher os seus cursos pois dá-lhes uma ideia mais vasta daquilo que eles vão seguir e o que é que têm que fazer e como o têm de fazer. **(já tiveste orientação vocacional?)** Já. **Para que serve? O que acontece nas consultas? Quem é o responsável pela Orientação Vocacional?**

Primeiro tivemos, tive que pesquisar sobre os cursos que queria frequentar, a média exigida, as universidades onde eram, onde havia esses cursos, o que exigiam esses cursos e o que é que no futuro iríamos ter que fazer com esses cursos e depois seguimos para o preenchimento de inquéritos que nos ajudaram a perceber melhor as áreas para que estávamos mais aptos. **(quem é o profissional de Orientação Vocacional?)** Talvez a psicóloga ou psicólogo da escola.

II.3 O que é que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Ter mais certezas sobre os cursos e o emprego que quer ter, obter mais conhecimentos sobre o que tem que fazer e como o tem que fazer.

(EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? Ou em que medida foi útil para ti? Porquê?

De 1 a 5, dava um 2, porque não gostei muito da forma como a psicóloga abordou os temas connosco, foi muito superficial, não nos deu assim um conhecimento muito grande sobre os cursos. Acho que quem mais me ajudou mais nesse caso foi a minha

professora, na altura de Área de Projecto. Forem úteis porque conseguir confirmar a minha ideia sobre os cursos e saber mais ou menos o que iria ter que fazer e que trabalho é que me iria exigir e para quais as áreas é que me dava saída.

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Estou neste curso porque no final do 12ºano é o que nos mostra mais saídas para o futuro, temos mais saídas nos cursos e é o que serve para o curso que eu quero e espero tirar.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria vir a fazer no futuro?

Sempre soube que seria trabalhoso este curso, muito trabalhoso. Mas achei, é o curso mais apelativo que há, porque é o que nos dá mais bases para o futuro e acho que fiz bem em escolhê-lo.

III.3 Houve alguém (e.g. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algo (e.g. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sentes ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

O que mais me influenciou, embora não tenha sido muito, foi ver workshops sobre os cursos que eu quero tirar, mas eu já tinha esta ideia na cabeça há algum tempo e isso só me ajudou a perceber mesmo que era aquilo que eu queria, a confirmar.

Entrevista Aluna A12

I. Compreender sentido e significado que os alunos dão à escola e aos professores

I.1 O que representa para ti a "Escola"?

É o sítio onde eu penso que nos pode ensinar e que me vai fazer alguém um dia, também posso vir a fazer alguém um dia.

I.2 O que te faz vir para a Escola?

Não sei, talvez para ter um futuro melhor, um futuro que me possa assegurar a nível de tudo. **(A nível profissional e tudo isso não é?)** Sim.

I.3 Numa escala de 1 a 10, quanto dirias que gostas de andar na Escola e Porquê?

Cinco. **(Porquê?)** Porque gosto de andar na escola porque tem disciplinas que eu gosto e tenho os meus amigos e também não gosto de andar porque tenho, há algumas disciplinas que eu também não gosto e há algumas coisas que não me agradam. **(E de estudar? De 1 a 10 quanto é que dás?)** Sete. **(Porquê?)** Porque eu agora tenho-me desleixado um bocado, mas eu, depende das matérias, se for matéria que eu gosto eu estudo, se não for o que eu gosto eu não estudo assim tanto.

I.4 Fala-me (um pouco) sobre o que menos gostas na Escola e porquê que essas coisas te desagradam?

O que eu é que eu menos gosto na escola mas a nível de estrutura? **(Sim, a nível da escola em si e porquê que essas coisas te desagradam)** Por exemplo, a degradação das casas de banho das raparigas, às vezes os atendimentos tarde, ter de estar à espera porque as funcionárias não estão lá e às vezes as salas de aulas sujas, por aí.

I.5 Então imaginemos que te era dada uma oportunidade de mandares na escola, o que é que tu mudavas na escola?

O que é que eu mudava… Talvez, obras, por exemplo, nas casas de banho, mudava, se calhar não punha as aulas com tanta duração. (pausa). Não sei… **(E é isso? Pronto…)**

I.6 O que é que tu achas que falta na tua escola e que poderia fazer-te ter (ainda) mais vontade de estudar?

(Demora a responder) **(Já falaste há pouco de algumas situações que se calhar isso também teria influência, digo eu, vir com mais motivação para estudar não é? Se a escola tivesse aquilo que há bocado, anteriormente falaste, digo eu, não é?)** Talvez os professores mais compreensivos e não sei…os professores mais compreensivos.

I.7 Qual é a disciplina e/ou disciplinas que tu mais gostas e porquê que essas te agradam mais?

Educação Física e Português. **(Porquê?)** Educação Física porque eu pratico dança e gosto de fazer desporto e Português, porque eu gosto, é uma disciplina que eu me dou bem e tenho, consigo, é uma disciplina que eu gosto e me dá vontade de estudar.

I.8 E já agora as que menos gostas e porquê que essas não te agradam tanto?

Matemática e Inglês. Inglês não consigo perceber mesmo, muita coisa, não sei, é por ser uma língua diferente e é mais difícil. Matemática porque também muitas contas e muito raciocínio e eu às vezes… (risos)

I.9 Imagina que cada aluno, cada um de vocês, tinha a oportunidade de construir o seu próprio plano de estudos, o plano curricular. No teu caso, o que é que gostarias que fizesse parte desse plano de estudos? (Podes ir buscar outras disciplinas. O que é que tu entendes que devia fazer parte do teu plano de estudos)

Não percebi a pergunta**. (Imagina que tu tinhas a oportunidade de criar o teu plano de estudos, o teu plano curricular, não é, daquelas disciplinas que tu tens da parte geral e específica. Tu tinhas oportunidade de fazer tu o teu plano de estudos, quais eram as disciplinas que tu incluías? Quais são as disciplinas que deviam fazer parte do teu plano de estudos e que não fazem?)**

(Demora a responder) As práticas. Área de projecto **(Que não faz parte e entendes que devia fazer parte não é?)** Sim. Área de projecto e não estou a ver mais. **(De resto com as disciplinas do teu plano curricular, não é?)** Sim. **(então está bem).**

I.10 Como é que é a tua relação com os/as professores/as?

É, não tenho conflitos. Sou, acho, considero-me responsável e não sou mal-educada e acho que tenho uma relação boa com os professores.

I.11 Na tua opinião, já agora, define-me o que é BOM professor para ti?

Um bom professor é aquele que nos compreende, que não esteja sempre a gritar como certos professores, que se preocupem com os alunos em vez de sequer, por aí, que sejam mais compreensivos e que nos ajudem mais.

I.12 E já agora um mau professor?

Um mau? Um mau professor considero aqueles que gritam muito, que não ajudam o aluno, sei lá, que vê que ele está desinteressado e nem sequer liga, deixa-o andar assim.

I.13 Quando tens algum problema ou dificuldade relacionada com a Escola, quem tu normalmente procuras para poderes resolver esse teu problema, pedires ajuda?

Os apoios extra-curriculares aqui na escola, com os professores, procuro na biblioteca e com os meus amigos, se souber que eles sabem da disciplina, eu peço ajuda. **(Isto**

abrange mais do que esses problemas relacionados com a escola, por isso normalmente é os pais, os professores e os teus amigos, não é?) Sim.

I.14 Há alguma coisa que preferisses fazer a estudar ou andar na escola neste momento?

Não. **(Não?)** Não. (**Se não andasses na escola, o que é que tu te imaginavas a fazer neste momento?)** Trabalhar. Se não andasse na escola, estava neste momento a trabalhar. **(Mas em quê, não te estás a ver assim…Não tinhas nenhuma preferência?)** Não.

I.15 Agora fala-me um pouco sobre quais são os teus sonhos e projectos em relação ao futuro?

Gostava de entrar na faculdade e formar-me para ter assim um futuro seguro, se eu soubesse que ia passar dificuldades… **(Mas sabes qual é a área, o curso…?)** Gostava de ir para Nutricionismo.

II. Identificar os significados que os alunos atribuem à Orientação Vocacional

II.1 Como é que chegaste à escolha do agrupamento/curso que agora estás a frequentar?

Com psicólogos, tive a ajuda de psicólogos e também já tinha uma ideia do que queria.

II.2 Então já ouviste falar em Orientação Vocacional?

Sim. **(O que pensas sobre a Orientação Vocacional?)** Muito pouco, mas já, porque eram os psicólogos que iam lá à escola. **(E o que é que pensas sobre isso e já agora o que pensas e o que é que aconteceu nas consultas do qual participaste?)** Eles estiveram-nos a explicar os cursos que haviam e tiveram-nos a explicar como é que a gente podia saber o que era mais indicado para a aquele curso, tiveram nos a ajudar. O que é que eu acho da ajuda deles? (Sim.) A mim ajudou-me porque eu estava indecisa e eles explicaram-me as dificuldades que eu ia ter às disciplinas e ajudaram-me a entender o que queria e acho que se for um bom psicólogo e se se quiser mesmo saber, acho que eles ajudam.

II.3 O que é que pensas que poderá levar um jovem da tua idade a procurar o apoio da Orientação Vocacional?

Porque a gente ainda não tem bem noção de tudo, ainda não tem bem noção de tudo, ainda não tem noção das coisas. Talvez para eles nos pôr mais a par das coisas que a gente tem que fazer.

II.4 Já alguma vez tiveste apoio ao nível da Orientação Vocacional? (EM CASO AFIRMATIVO: Qual é a tua opinião sobre o apoio que te foi prestado? OU Em que medida foi útil para ti? Porquê?

III. Explorar as características do processo de escolha vocacional

III.1 O que é que te levou a optar pelo Curso do Ensino Secundário em que estás matriculado/a?

Porque é o curso que dá para a saída que eu quero que é Nutricionismo e porque também porque já sabia mais ou menos que queria seguir o curso que eu queria e eu tomei com a ajuda dos psicólogos.

III.2 Quando escolheste este curso, o que é que pensaste em relação ao que ele te permitiria fazer no futuro?

Que me podia permitir um futuro seguro. Sabia que era difícil o curso, que tinha muitas dificuldades, mas se lutar acho que consigo e acho que dá para um bom futuro.

III.3 Houve alguém (e.q. os teus pais, os teus amigos, os teus professores ou outras pessoas) ou algo (e.q. algum programa de televisão, livro, filme, jogo…) que sentes ter tido influência na escolha deste Curso? De que forma foste influenciado por essa pessoa/experiência?

Assim que eu saiba, talvez na televisão, de estar a ver aquelas séries e aquelas pessoas a fazer, a fazer, não sei, talvez seja isso que me tivesse influenciado também a mim. Foi uma coisa que eu já vi desde pequenina e que sempre lutei e que gostava de ver e que gostava de fazer. Foi sempre uma profissão que me chamou a atenção.

ANEXO E

Entrevistas aos/às professores/as

Entrevista à Professora 1

1. Que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?

R: Nesta Escola existe um Gabinete dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) constituído por uma psicóloga que exerce essa função de Orientação Vocacional dos alunos. No entanto, penso que o professor pode ter um papel activo quando vê que os alunos escolheram uma área pouco adequada à suas capacidades. Esse papel pode ser, por exemplo, conversar com cada aluno, fazendo-os reflectir sobre o seu processo de aprendizagem e os seus interesses pessoais

2. Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

R: Ultimamente tenho participado pouco em actividades com os alunos, no sentido de os apoiar na escolha de uma profissão. A minha preocupação, como professora da disciplina de física e química A, do 10.º e 11.º ano, é de ajudar os alunos a adquirirem todas as competências exigidas, para que consigam ter positiva no exame nacional e fazerem a disciplina

2.1 Em caso afirmativo exemplifique algumas dessas actividades.
2.2 Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto professor/a poderia desenvolver/proporcionar aos seus alunos (as), no sentido de os/as deixar mais preparados para a escolha vocacional?

R: Penso que sai do âmbito da minha disciplina. Em disciplinas como área de projecto este assunto é tratado.

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro e os projectos vocacionais dos seus alunos/as?

R: Tento ter um comportamento e dar opiniões sempre no sentido construtivo, pondo os alunos a reflectir sobre as suas capacidades para se irem conhecendo cada vez melhor, para serem eles a criarem os seus projectos vocacionais

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da sua disciplina em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina do que por outras? Quando se apercebe que isso pode estar a acontecer o que acha que deve/pode fazer para não condicionar as escolhas vocacionais deles/as?

R: Sou uma professora que ensino com muito entusiasmo os conteúdos da física e de química. Caso os alunos gostem mais desta disciplina do que outras, óptimo! Se isto influência as

escolhas dos alunos, parece-me bem, pois esta disciplina é importante para um grande número de cursos superiores.

5. Fale-me um pouco sobre como é a sua relação com os seus alunos/as?

R: A minha relação com os alunos é de respeito mútuo, honestidade, descontracção e de muito trabalho. Não temos tempo para grandes conversas.

6. O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sinta que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles consigo?

R: Tento sempre ser o mais profissional possível. Estamos ali para trabalhar e para isso tem de haver sempre o melhor ambiente possível.

7. Pensando em aspectos ligados à realização académica, defina o que, na sua opinião, é "um/a bom/boa aluno/a"?

R: Um bom aluno é um aluno que alcança os objectivos de aprendizagem do programa da disciplina/adquire as competências propostas, é honesto, tem um comportamento normal, participa activamente nas tarefas propostas

8. E um/a mau/má aluno/a?

R: Um mau aluno é uma pessoa sem sonhos, pois não consegue "querer"

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal/individual do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um destes dois tipos de alunos?

R: A meu ver, o meu perfil social não têm a ligação directa a bom ou mau aluno. Sei de alunos bons/maus em diferentes contextos sociais e familiares. Um ambiente social ou familiar ajudam a ser um bom aluno, mas não chega. As pessoas já nascem com tendências. A educação é uma mistura de muita coisa. Para mim nada é linear, neste âmbito.

10. De que forma se comporta com cada um destes dois tipos de alunos?

R: Ao bom aluno dou os parabéns e ajudo-o e evoluir cada vez mais. Ao mau aluno tento ajudá-lo a acreditar nele, motivo-o para as pequenas tarefas, corrijo as atitudes negativas de sala de aula, mas fico muito frustrada porque é muito difícil ajudar os alunos quando eles não querem.

11. Na sua opinião qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos/as?

R: No geral, o facto dos pais e alunos terem poucas expectativas relativamente à escola; a falta de exigência do ensino (facilitismo); a falta de estudo e trabalho individual dos alunos; a falta de concentração nas aulas; o horário escolar sobrecarregado; aulas de 90 minutos no ensino básico; a indisciplina na sala de aula; turmas com elevado número de alunos. No que respeita à disciplina FQA- 10º e 11º anos - acrescento o programa extenso, o que requer um ritmo de leccionação elevado; a falta de empenho nas aulas; alunos sem perfil para este curso.

12. Na sua opinião qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do abandono escolar dos alunos/as?

R: Poucas expectativas dos alunos e dos pais.

13. Como é que, na sua qualidade de professor, procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso ou que percebe estarem em risco de abandono escolar?

R: Encaminho-os para a psicóloga através do director de turma, mas antes tento conversar com o aluno para perceber o que se está a passar.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as? E que aspectos poderão explicar que revelem algum desinteresse pela disciplina?

R: A realização de actividades laboratoriais/experimentais e a resolução de exercícios orientados. Quanto aos aspectos que revelem desinteresse nomeio o terem que pensar, elaborar justificações de fenómenos ou factos, relacionar conceitos, etc.

15. Como é que procura aumentar os níveis de motivação e de sucesso dos alunos mais desinteressados?

R: Explicando a matéria com entusiasmo e com clareza, fazendo-os sentir que tudo se consegue com trabalho e que eu estou ali para os ajudar, basta eles quererem. Muitas vezes confronto-os com a perda de energia que eles têm, ao estarem a queimar tempo numa sala de aula, onde só estão com o corpo e não com a alma. Para quê essa passividade perante a vida?

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma?

R: Penso que contribui para os alunos que sabem o querem da vida, pois é uma disciplina que exige muito trabalho e grande parte dos alunos não estão para isso.

17. Em direcção a que cursos/profissões o gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as? E para que cursos/profissões acha que poderão vir a orientar-se caso não gostem da sua disciplina?

R: Em direcção a cursos de engenharia, farmácia, ciências da terra, medicina, enfermagem, astronomia, tecnologias (mecânica, electricidade) e tantos outros. Casos não gostem de físico-química, cursos de línguas, humanidades, direito, economia, artes e outros.

18. Alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais? Em caso afirmativo descreva sucintamente algumas das actividades realizadas.

19. Diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente

R: Atribuo grande importância à orientação vocacional. No caso dos alunos com insucesso e risco de abandono, também atribuo mas penso que estes alunos deveriam de ter acompanhamento psicológico/assistente social para se saber o porquê e, caso disso, aumentar a auto-estima. Para haver sucesso é preciso uma mente saudável.

20. Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?

R: Penso que as escolas deveriam ter gabinetes de apoio com pessoal adequado (psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, advogados, etc.). Isto dos professores serem tudo, não resolve. Não sinto necessidade de ter essas competências. Trabalho por semana muitas horas, para além das 35 legais, a preparar as minhas aulas, as actividades laboratoriais, a preparação para o exame nacional. Não é fácil ser professor de física e química!

Entrevista professora 2

A questão que eu queria colocar é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?

(demora a responder) É assim em termos por exemplo da minha experiência de 10º ano conheço-os pouco, é muito difícil ter uma percepção do que os alunos gostam, do que não gostam, do que são capazes. Possivelmente isso só se verifica já muito em cima do fim do ano e portanto nessa altura eles não gostam de mudar, portanto nessa altura os alunos mesmo que o próprio Director de turma os tente dirigir no sentido de orientar, muitos deles não, porque já perderam ou vão perder, já perderam disciplinas, vão perder um ano "entre aspas" e às vezes nota-se alguma relutância nos alunos. No 11º ano penso que ainda é pior, não é, portanto, mesmo nós tendo a percepção que os alunos não estão bem na área, muitas vezes até damos-lhes sugestões e apontamos caminhos, eles às vezes não reagem bem. Porque lá está eles já perderam não é, no 11º ano ainda é mais complicado, porque já perderam dois anos e reformular toda uma situação que implica às vezes ir outra vez ao 10º ainda pior é. Agora acho que é muito fácil como Directora de Turma o ano passado no 12º ano, eu com a Dra. E.., tivemos muitos alunos que por causa da Matemática, era uma disciplina que eles então sempre perceberam com o espectro de Exame Nacional que não eram capazes de o fazer e então começaram a pensar alternativas e então juntamente comigo, como Directora de turma não como professora da disciplina, como Directora de Turma e com a professora E…, neste momento estão a frequentar o 6 (???) , estão bem encaminhados, fizeram boas opções. Não sei, não tenho grande experiência de ter encaminhado alunos para a Orientação Vocacional.

1. **Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na escolha que fazem?**

Nenhuma. Como docente nada, como Directora de turma, sim, pontualmente com pais, agora como docente, nenhuma, nenhuma mesmo. Tenho por exemplo este ano um aluno no 10º ano que eu percebo que ele anda perfeitamente perdido, sei neste momento pelos pais que ele vai eventualmente mudar de curso, tento, para que ele esteja empenhado no Português explorar um pouco o seu talento que é fazer filmes e fazer vídeos e essa a opção que ele vai seguir, mas de facto eu ter algum papel de o encaminhar, de lhe dar sugestões de outras escolas, outras possibilidades, outros cursos, nenhuma.

Em caso afirmativo exemplifique algumas dessas actividades.

1.1. Então nesse sentido enquanto professora, que tipo de acções e/ou actividades poderia desenvolver para orientar esses alunos?

Repare, eu não tenho formação nenhuma sobre isso, não é? Eu não sei que cursos, nem sei que escolas, eu sou uma ignorante nesse aspecto. Eu não sei. Portanto quando eles me falam que há um curso de cine-vídeo, sou eu que lhes pergunto mas aonde é, tenho uma alguma curiosidade, depois falam na Católica, falam-me aqui, falam-me acolá, mas realmente eu não tenho formação nenhuma sobre isso e acho que nós, professores, não temos, nem como Directores de turma, não é? Portanto como Directora de Turma, eu sinto, no 10º ano, eu sou directora de turma de 10ºano, sinto que quando preciso, quando eles me fazem questões ou os pais eu encaminho-os muito para a Dra. E…, não é? E depois o caminho é com ela, não é? Eu realmente sei que há aqui uma pessoa na escola que os orienta e pronto, fico por aqui.

2. **Então isto se calhar vai ao encontro da questão seguinte que é: De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro…**

   Ah, isso é diferente, pronto. Isso é evidente, pronto. É evidente que as minhas aulas, porque as minhas aulas, são de Português e são muito de questionação e de reflexão e tem a ver muitas vezes com as profissões gerais, que são temas da actualidade e muitas vezes com as expectativas deles, muitas vezes, nós temos, os professores de Português e de Línguas, têm uma percepção por causa da abertura da discussão dos temas que surgem, dos conflitos até das personagens das obras que eles estão a estudar, etc, que muitas vezes despoleta reflexões pessoais e isso às vezes surgem reflexões, não é, surgem reflexões: "o que é que quero fazer da minha vida", "que caminhos vou seguir", mas mais de reflexão. Agora apontar caminhos, propor escolas, sei lá, eu acho que nós, professores, ou pelo menos eu como professora, a única coisa que sei dizer é onde ele vai procurar emprego e depois dali largo-os, não é. Mais uma vez bato aqui na psicóloga e depois largo-os porque a mim não é uma área que me, que eu esteja à vontade, não sei nada, não faço a mínima ideia…

3. **Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da sua disciplina em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina do que por outras?**

Eles não são atraídos pela disciplina de Português, pronto. Porquê? Porque eles escrevem mal. A única, eu neste momento, por exemplo, tenho a minha turma de 11º ano, um 11º ano, eu penso que eles começaram a ficar mais presos, também aquela ideia que comigo agora vêm ter, aquela não era a minha turma, eles perceberam que não redigem bem e falei com eles e realmente eles têm dificuldades em escrever à mão, pronto. E é muito esta parte prática da escrita. Em termos de temas, os temas propostos são aliciantes por exemplo, no 10º ano, são aliciantes por exemplo no 12º ano, no 10º ano os alunos não vêm com hábitos de grande concentração portanto os temas passam-lhes muito superficialmente, abordam-nos com muita superficialidade e são muito imaturos, por exemplo nem se apercebem que os temas podem ajudá-los a crescer. No 12º ano é diferente, realmente, o 11º os temas não são muito actuais, é o "Frei Luís de Sousa", é o "Sermão do Padre António Vieira", aí sim eles aderem e quando vem "Os Maias" eles já estão na recta final, muitos deles já desmotivados ou muitos deles com problemas com algumas disciplinas e o Português fica ali um bocadinho periférico, não é? Não tenho, agora, é evidente que eu tento puxá-los para a minha disciplina. (**Essa era essa a questão realmente a seguir que é : Quando se apercebe que isso pode estar a acontecer o que acha que deve/pode fazer para não condicionar as escolhas vocacionais deles/as?)** Eu não condiciono, pois eu não condiciono mesmo, mas eu não condiciono, eu não condiciono porque a minha disciplina para eles não é razão, eu não condiciono, mas que gostaria de condicionar, gostaria. Acho que Letras e tudo o que é Cultura Geral, Português, Línguas, Filosofia, História da Arte, acho que são disciplinas de preenchimento cultural e de realização em termos estruturais da nossa própria personalidade e da nossa maneira de estar no mundo, que são fundamentais**.** Por exemplo no ano passado eu tive uma turma de 12º ano, que era uma turma excelente a Matemática e a Física, estão todos na FEUP e o que eu me esforçava para lhes fazer ver a beleza dos textos e outro tipo de beleza que não a dos projectos científicos, não é, o outro lado mais humanista da nossa cultura. Eles eram às vezes receptivos, mas é engraçado porque eu nunca tenho, nunca tive dessa turma, a mercê de um aluno, por acaso nunca tive não, um aluno a dizer assim nitidamente que ele dizia de vez em quando "que bonito, isto é giro" e não sei quê e portanto fazia pontes de ligação entre os conteúdos e depois chegava às suas conclusões e achava que o Português, a Filosofia, como é que as coisas faziam sentido todas ligadas, mas a maior parte dos miúdos não, a maior parte dos miúdos nunca encontraram, nunca souberam apreciar esteticamente as coisas, eu acho.

4. **Professora , fale-me um pouco sobre qual é a sua relação com os seus alunos/as?**

   A minha relação com os alunos, olhe, é normal, é, portanto, não tenho conflitos de os pôr na rua, não tenho nada disso, agora sou muito exigente na aula. E isso, eu tenho por exemplo, depois de eles saírem, depois de eles saírem é engraçado, depois de eles saírem da escola, eles telefonam-me, eu vejo os trabalhos deles da Faculdade, eles convidam-me para casamentos, eles estão comigo, vêm aqui à escola, vêm visitar-me e vêm visitar a directora de turma e a mim, ainda agora estou aqui vieram cá. Agora na aula sou bastante rígida e eles lidam um bocadinho mal com isso, não é, portanto, agora tenho a percepção de tudo, eu avalio as minhas actividades e avalio, chego ao fim e o que eu gostaria que mudasse durante as aulas, porque eles não são capazes de me dizer e também penso que aí será assim algum acanhamento, agora que eles reconhecem sempre que sou uma pessoa exigente, mas empenhada e portanto e que trabalho para eles, e que trabalho muito para eles, corrijo-lhes os trabalhos, agora os prazos são para cumprir, no dia seguinte eu já não aceito, não é, porque eu também digo que numa semana e meia corrijo os testes e em uma semana e meia entrego os testes nem que tenha de fazer uma noitada. E eu sou muito exigente nisso de professor, e portanto eu tenho uma atitude extremamente rígida dentro da sala de aula, portanto eu não atendo o telemóvel dentro da sala de aula, eu não, se o meu telemóvel inadvertidamente tocar eu peço-lhes imensas desculpas e eles dizem "professora, atenda" e eu nunca fiz isso, desligo o meu telemóvel e peço-lhes imensa desculpa. Portanto se um aluno tiver uma atitude de telemóvel dentro da sala de aula eu sou rigorosa.

5. **O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sinta que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles consigo?**

   Com o Português, está a ser. Eu acho que uma disciplina, a relação do Português com qualquer disciplina, eu fui, eu muitas vezes conto-lhes o meu caso, não é, eu converso com eles e conto-lhes muitas vezes o meu caso, porque eu era para ser professora de História, quando fiz a minha opção era para seguir História, só que a minha professora de Português era brilhante, não é, e a minha professora de História também, e a minha professora de História também, mas depois aquele lado humano da minha professora de Português aliado a uma competência extraordinária fez-me seguir Português, não é, portanto já no 10º ano, quando eu fiz as opções era para ser História e de repente uma professora teve mais domínio sobre a outra e eu acabei por ir para Português e eu conheço isso. Agora não lido, não tenho essas, também não tenho grande problema nesse aspecto, porque nenhum minha turma é para seguir Letras, é sempre as Ciências. E portanto o Português é sempre uma disciplina muito complicada (??). Agora é evidente, acho que eles ficam, a relação do professor, a relação com o professor, é muito importante na escolha da disciplina, do curso deles, isso é, agora os meus alunos vão escolher ou seguir Matemática ou seguir Física ou não sei ou Desporto **(Sempre dentro das Ciências).** E dentro das Ciências. Não vão, nunca o Português é posto em cima da mesa, agora é evidente, é evidente que se fosse uma turma de Humanísticas em que o Português pudesse ser escolhido, a relação com o professor de Português era fundamental **(Fundamental).** Mas aí também é diferente, porque eles próprios estão mais receptivos à disciplina, percebe, a comunicação é diferente **(é diferente),** porque eu acho muitas nas Ciências o Português vem do professor para eles, é quase vertical, do professor para eles, enquanto que numa turma de Humanísticas **(há uma relação mais horizontal).** Exactamente, exactamente quando eu tenho turmas de História da Arte, essas turmas, nota-se nitidamente essa postura muito mais horizontal, eles próprios trazem livros, eles próprios comunicam as leituras deles (estão mais à vontade), exactamente, estabelece-se logo uma relação completamente diferente.

6. **Pensando em aspectos ligados à realização académica, e meramente essas, defina o que, na sua opinião, é "um/a bom/boa aluno/a"?**

Para mim um bom aluno é um leitor competente e um leitor competente, pronto, e que saiba escrever, no sentido de comunicar os seus conhecimentos. Um bom aluno para mim é esse. Depois em termos atitudinais é um aluno que queira aprender, receptivo ao saber.

7. **E já agora o inverso, um/a mau/má aluno/a?**

Um mau aluno é esse, que está na escola e não quer aprender. Não quer aprender, só isso. Porque por exemplo eu tenho alunos que não sabem ler, aquele caso, prontos, não sabem ler, no 10º ano, não sabem fazer inferências num texto, não sabem, mas querem aprender e aí é constrangedor como professor, ter alunos no 10º ano, já não ter espaço curricular para os ensinar a ler e eles já estarem com todas as aprendizagens comprometidas a todas as disciplinas porque não sabem ler, não sabem retirar informação e isso é dramático um professor para um aluno, em alunos que querem aprender, agora aqueles que não querem aprender, não há problema nenhum, não querem, não querem. Isso é um mau aluno.

8. **Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal/individual do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria em cada uma dessas situações, neste caso, destes dois tipos de alunos? A posição social de um bom e de um mau aluno…como é que retrataria…**

Olhe eu não retrataria nada, porque eu tenho alunos em termos sociais que tem todas as condições para serem excelentes alunos, tem, têm livros, têm pais, têm bom ambiente cultural em casa que é um preconceito porque muitas vezes os pais, nós achamos que eles estão formados ou que têm formação que dão apoio aos miúdos e às vezes não dão nenhum, eles sabem menos do que famílias ditas mais humildes e que se sentam à mesa e até conversam e aqueles pais não, muito formados, não conversam nada e os miúdos são autênticos ignorantes e não sabem nada do que se passa no mundo, nem sabem questionar, não têm sentido de família. Portanto, tenho tido de tudo, tenho tido este ano pais muito humildes de miúdos que os pais reconhecem que não podem ajudar e é com muita pena porque eles fazem isso. Os miúdos querem aprender e eu acho que neste momento a escola favorece esses miúdos, porque a escola está disponível para estes miúdos, que eventualmente, que queiram, para mim não há perfis especiais, para mim há aquele aluno que quer aprender e aquele que não quer, aquele aluno que tem um perfil familiar muito deficitário, mas que passe em termos de postura na Escola e que mostre interesse, a escolha dá-lhe, acho que a nível todos os professores até a própria instituição como escola, já está muito organizada para apoiar os miúdos. Agora aqueles que já têm tudo, pronto, têm…

9. **De que forma é que a professora se comporta com cada um destes dois tipos de alunos?**

(demora a responder) Como é que eu me comporto? **(Perante estes dois quadros que falamos)** Eu sou muito receptiva aos alunos que querem aprender e que não tenham as condições, deixo-me muito influenciar por isso, sabe, porque a minha família era muito humilde também e os meus pais ajudavam-me imenso, empurraram-me, eu era muito humilde, quer dizer os meus pais tinham e têm dificuldades económicas, mas em termos de estudo não, os meus pais sempre me incentivaram o estudo e ir às aulas e perguntar o que é nós aprendíamos, portanto, se não tivesse pais assim, frequentei uma escola que é muito elitista, no meu tempo a escola era muito para determinados grupos sociais e se não fossem os meus pais a remar contra a maré eu não tinha tido um curso superior, nem eu nem a minha irmã, mas eu também era uma aluna que também queria aprender, percebe? Portanto, eu quando vejo miúdos mesmo até curiosos, a querer saber, eu sou muito receptiva a isso porque revejo-me um bocadinho nessa situação deles, agora sou muito intolerante com aquele aluno que não trabalha, que não se esforça, portanto, eu sou, eu faço o culto do trabalho, não é. **(Independente da sua origem social).** Exactamente, não quero saber, isso para mim passa-me muito ao lado. Agora o aluno que trabalha, o aluno que se esforça, o aluno que queira trabalhar,

não é, que se empenhe, e que tenha espírito participante, isto é para ser feito, então tem de fazer, não é, eu ajudo imenso os alunos. Agora aquele que realmente, não tem o meu apoio, sou bastante severa até com eles.

10. Na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos/as?

É a falta de cultura de trabalho. É. Portanto, primeiro, eles não têm um ambiente, primeiro, vá lá, estou a falar em Secundário, sei que no Básico e já vi que ainda há dois anos tive Básico, no Básico muitas vezes chega até nós miúdos que a situação da escola é um porto de abrigo, pronto, eles não têm família, têm a família completamente desestruturada, eles não têm ambiente, saem daqui da escola, não sabem para que casa vão, se para casa do pai, se para casa da mãe, se para casa da avó e o que é eles fazem? E portanto a escola aqui é muito complicada, portanto, o ambiente familiar condiciona exactamente o sucesso desses miúdos, porque eles não têm sequer onde pôr a pasta, portanto eles não sabem onde vão dormir, eu tinha estes casos cá na escola. E portanto, alunos que pegavam numa pasta e "hoje não a trouxe porque ela ficou na casa da minha mãe e eu fui dormir a casa do meu pai" e os pais inconformam-se. O ambiente social nesse aspecto condiciona muito, são casos extremos, que parece que a escola cada vez tem mais, isso inevitavelmente, não é, condiciona o sucesso escolar e os que vêm com a mesma roupa durante uma semana inteira e que em termos alimentares, sabe se Deus, nunca vêm com o pequeno-almoço porque a mãe não se levantou para tomar o pequeno-almoço, a mãe ficava a dormir, o pai não estava em casa, nem sabiam dele, nem sabiam o nome do pai, a avó está internada, que era a avó ou geralmente os tios, estou a falar de muitos casos que passaram por mim no Básico, essa é uma situação, aqui esses miúdos não têm possibilidade de sucesso escolar, não podem e não têm capacidade de concentração, não têm hábito de estar sentado, não têm, aí é muito difícil. Pronto, falando no 10º ano em que essa triagem já está mais ou menos feita, não é, portanto, são pais, se conseguiram passar a barreira do 9º ano, falando nesses que é o meu caso concreto deste ano, o que é que condiciona o sucesso escolar? Condiciona uma, um 9º bem feito, bases, não, é, portanto, tem de haver uma escolaridade que é feita regular, de uma forma regular, eles terem conhecimentos mínimos para continuarem bem no secundário, mínimos, não estou a falar no meu tempo do Secundário nem do seu, de maneira nenhuma, que saibam minimamente, que tenham mesmo os pré-requisitos mínimos de escrita, de compreensão, se não a minha comunicação oral com eles, nem é entendida, porque eu estou a falar, por muito vocabulário, num registo quase familiar, eles não entendem o que eu estou a dizer, eles não entendem e portanto isso é básico para o sucesso. A Língua Portuguesa é transversal ao sucesso escolar, é transversal e se eles não tiverem um registo de Língua padrão mínimo, as aprendizagens nunca serão feitas e depois se eles tiverem isso, vão ter vontade de querer aprender e um bocadinho esforço.

11. Essa mesma questão para os factores da origem do abandono escolar dos alunos. Quais são os factores que poderão estar na origem do abandono escolar?

Por exemplo, duas situações que eu acho: pais para quem a escola não é significativa é um ATL para os ocupar e a desvalorização da escola, o professor vê que são pais, famílias não, que se reproduzem, como não fizeram escola vão reproduzir nos filhos exactamente isso o que fizeram, como não fizeram escola, como faltaram, como não foram incentivados, vão reproduzir exactamente aos filhos e portanto a escola não tem qualquer valor social, não é, portanto, vivem do rendimento mínimo entre aspas e portanto isto basta-lhes. Portanto, temos muito essa situação, portanto uma reprodução social porque os pais não têm escolaridade nenhuma, conseguem sobreviver com o mínimo, com rendimentos mínimos, fazendo biscates, fazendo isto e fazendo aquilo e o que é certo vão criados nisso e olham a escola exactamente como os pais olham e eu acho que a escola nesse aspecto não consegue, ainda não consegue sobrepor-se à família, não se sobrepõe e isto perpetua e há uma reprodução, pronto. Depois temos aqueles pais, que eu tenho, este ano, alguns pais no 10º ano, de origens muito humildes, que não estudaram, mas que querem

que os filhos estudem, não é, e vestem os filhos, compram-lhes os livros, as mochilas, vêm à escola, mas os filhos não vão, não trabalham, de facto a escola para eles não lhes diz nada, porquê, porque a vida para eles, os pais de tanto os quererem ajudar, muitas vezes não conseguem comunicar-lhes que é preciso trabalhar e os pais reconhecem isso, "dei-lhes tudo queria em troca que ele estudasse" **(facilitismo)** e eles não estudam e os pais ficam extremamente desencantados com isso. Pronto e depois tenho também grupos, portanto aqueles que os pais são reformados ou têm 12º anos e também uns poucos são licenciados, e eles têm a mesma postura daqueles alunos que acabei agora de falar, não querem saber, não querem saber, tudo é fácil para eles, mas eles de facto depois têm uma cunha, têm aqui, têm acolá ou compram o curso e pronto e vão lá e vão conseguir.

12. **Na qualidade de professora, como procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso ou que percebe estarem em risco de abandono escolar? Como é que tenta lidar enquanto professora deles?**

Falo muito com os pais, falo muito com os pais, mas ainda agora há pouco estou com dois casos desses, falo muito com os pais, tento encaminhá-los para outros cursos, falo com a professora E…., tento encaminhá-los para outros cursos, mas quando é uma solução, quando é uma decisão que passa pelos pais, muitas vezes os pais dizem que precisam deles para problemas económicos e querem que eles os ajude, e isso é terrível, não é, portanto, é terrível. Pronto, agora com os cursos por turnos, não é, portanto tentar conciliar que eles possam ter algum part-time e trazê-los para os cursos nocturnos, pode ser mais fácil, mas se é uma decisão do miúdo que tem insucesso no ensino regular e se é uma decisão do miúdo e os pais deixam o miúdo na escola, a professora E…., o Director de turma, decidirem o melhor para ele, geralmente nós conseguimos pô-lo noutro curso, passar para um curso mais vocacionado para as suas capacidades ou de momento, que eu chamo as suas capacidades. Se for do pai é muito difícil demover, os pais querem que eles trabalhem e que entre mais dinheiro em casa. Eu tenho casos desses.

13. **Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as, tendo em conta as características da sua disciplina?**

Motivo positivamente? **(Sim)** As, as discussões que muitas vezes se proporciona em termos de vidas, não é, portanto em termos de vida em termos de postura, que é pequenos debates sobre a condição humana, as nossas, os nossos limites, os nossos sonhos, o nosso carácter, como é que muda, os nossos conflitos e estas são especialmente o lado humano, não é portanto, é essencialmente o lado humano, como eles estão em crescimento é esta possibilidade de debater os nossos fracassos, os nossos sonhos, os nossos sonhos realizados e os não realizados, muitas vezes, eu acho que é por aí que se prende muito os alunos, um bom livro debatido com eles a tomarem posições, sobre o personagem que devia ter feito isto, devia ter feito aquilo, assim era melhor, mas depois já li um, acho que é por aí que nós os cativamos. (**E agora o contrário: que aspectos poderão explicar que revelem algum desinteresse pela disciplina?)** O maior desinteresse é quando eles são confrontados com por exemplo a leitura dos "Maias", a seco, a seco, e que o programa impõe, não é, têm que ler "Os Maias", pronto e a partir daí os alunos ou realmente nós temos aulas em que hoje vocês trazem "Os Maias" e vamos ler um bocadinho, agora sigam que para a próxima, o próximo encontro de "Os Maias" é tal, aí eles pronto, agora deixar o aluno dar uma grande autonomia nas leituras, por exemplo, é extremamente desmotivante, extremamente desmotivante, a parte, do funcionamento da língua, da gramática, também é extremamente desmotivante, eles acham os exercícios uma seca, eles dizem assim: "oh o professora isto é uma seca", é, aquelas regras, aquelas coisas todas, em parte, também é. Agora eu não tenho essa postura.

14. **Essa é a questão seguinte que eu ia perguntar à professora L…, como é que procura aumentar os níveis de motivação e de sucesso dos alunos mais desinteressados?**

Pois, eu tento, eu tento, eles acham, eles acham que eu sou uma pessoa diferente, eles não gostam muito, porque como orientei muitos anos de estágio, eu faço muito modelos processuais, nunca é as avaliações finais, depois eles também não gostam porque eles estou constantemente a trabalhar, porque estou constantemente em cima deles a avaliá-los, mas é, eles não percebem que aquilo é avaliar aprendizagens e não produtos finais, percebe, portanto eles não percebem isso, eu tenho alguma dificuldade em gerir essa situação de eles se deixarem expor, são processos, vamos trabalhar isto. Ainda agora a última aula do 11º ano é como é que nós vamos fazer uma introdução, hipóteses de introdução, espalharam-se todos porque não sabem fazer uma introdução, no 11º ano estão a trabalhar isto, um texto argumentativo, como é que há outras hipóteses para introdução, e eles ali percebe, quando se lhes apresentam várias hipóteses, eles ficam interessados e quando eu digo que há esta técnica para fazer introdução e há esta e há esta, e então para este tema que tipo de introdução é que vamos fazer e eles gostam e aí motivo-os, mas agora quando eu pego nas introduções deles e agora vamos melhorá-las, vamos, aí já há desmotivação, eles são muito pouco persistentes, gostam de mudança constante, mudança constante. Estar sempre a mudar e aí eu sei se quiser eu motivo-os por aí, mas se eu insistir, vamos trabalhar e vamos melhorar o que está feito, os processos têm de ser assim, "professora esta frase está mal", "diga só porquê", eles não querem, é o tal esforço, é o tal esforço. Agora como é que eu os motivo, claro motivar, repare, os trabalhos é eles que os fazem, eu distingo muito o ensino de mim, não sou nada eu a dar conteúdos, não falo um bloco inteiro, já não faço nada isso há muito tempo, também porque estive ligada ao estágio. Agora motivar é pô-los a trabalhar, isso eles gostam, isso eles gostam. Agora quando eles têm que pegar nos trabalhos que fizeram e melhorá-los, está tudo estragado, implica esforço, implica pegar em gramáticas e ver aquilo que falhou. **(e isso eles não gostam muito não é?)** Disso eles não gostam.

15. **Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma?**

Sim, claro. Eu faço muito isso, conto-lhes muito, até porque tenho um filho que eles muitas vezes conhecem, até joga à bola com eles e não sei quê e chamo-lhes à atenção, portanto conto-lhes situações, as pessoas saem do trabalho, portanto, tenho um filho com 28 anos, tenho pessoas de família que entrego a pessoas, e conto-lhes muitas vezes o que é que às vezes faz com o que a pessoa fique no emprego e que não fique por exemplo numa entrevista, e conto-lhes muitas situações, porque conheço muito isso, não é, tenho pessoas de família que fazem recrutamento de Recursos Humanos e conto-lhes muito como é que isso se lida, a postura, a linguagem, o que têm que fazer, o cumprimento de prazos, os horários, tudo isso, falo muitas vezes, por acaso falo muitas vezes com eles sobre isso. Agora, eles são muito receptivos, percebe, eu acho piada, é que eles são muito receptivos a isso e ficam muito interessados, mas saem dali até com muito boas intenções, no outro dia já está tudo esquecido.

16. **Em direcção a que cursos/profissões o gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as?**

Pronto, os meus alunos são todos de Ciências, o gosto pela minha disciplina, neste momento, só se eles mudassem de curso, portanto porque é de carácter geral, não muda, eles não vão. Agora muitas vezes até em termos de trabalho de aula era o Jornalismo que eu tento-os apanhar, o Jornalismo, as exposições orais, fazer debates, o redigir, é por aí, e comentadores na televisão, faço muitas vezes, é por aí, mas a minha disciplina, não tem, nas turmas que eu tenho tido, nenhum vai seguir Português, nenhum.

(E para que cursos/profissões é que poderia orientar aqueles alunos que não gostam de Português. Para que curso é que os orienta, se é que os direcciona?) Eles não gostam de

Português, porque já estão direccionados para as Físicas, já estão direccionados para as Matemáticas, já estão direccionados para o Desporto, eles não gostam de Português ou gostam minimamente, mas já estão direccionados, quando chegam às minhas mãos, eles já sabem para onde querem ir, e o Português não é determinante. Eu neste momento não tenho Básico, portanto não é determinante, no Básico, nenhum professor Português, era ser Jornalista ou ser professor, Jornalista ainda vá que não vá, agora Professor, eles não querem mesmo, percebe? É ponto assente, eles não querem mesmo.

17. **Drª. L…. estamos mesmo a terminar, diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente.**

Eu acho que é essencial, acho que tem um papel fundamental, mas acho que a Escola ainda tem que trabalhar muito, não é, nós por acaso temos uma boa profissional na escola, mas é pouco, é muito pouco, para o tipo de alunos que temos é muito pouco porque os miúdos, ela precisava, precisava de haver mais, formar grupos, eu não sei se isso se passa no 9º ano, formar grupos de miúdos, ver bem o que é que eles querem, ter ali no 10º ano uma atenção no primeiro período extremamente exigente e com um envolvimento de todos os conselhos de turma, portanto estar muito atentos àquele primeiro período dos miúdos que é ainda o primeiro período em que eles podem fazer alguma mudança, depois já não querem, porque vão perder, percebe, entre aspas não perdem, mas é o preconceito, mas acho que continua a ser muito amador o trabalho, isto peço desculpa, mas acho que continua a ser muito amador e depende muito da boa vontade dos profissionais que nós temos, temos uma óptima profissional mas que não tem possibilidade para cobrir toda a escola, ela não pode, e é isso.

18. **Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?**

Faltam-me todas as competências, todas, não sei nada.

19. **Alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais?**

Não. **(No caso de ser proporcionado, gostaria?)** Possivelmente não sei, se calhar com curiosidade e sou curiosa, com curiosidade até iria ver o que é que poderia, porque eu acho que é fundamental principalmente por ser Directora de Turma, percebe, porque repare, porque a professora E…. com quem comunica, com o Director de Turma e o Director de turma com ela, mas fica por aqui, tem um aluno problemático e passa e a partir dali acabou, porque ela não tem tempo de reunir connosco, não é, e eu reunir como Director de Turma com os meus colegas e dizer é este aluno, está aqui o processo, é isto, o que é que vamos fazer, não temos. **(O trabalho de equipa não é possível)** Não há trabalho nenhum de equipa e é muito pouca vontade e empenhamento e aquele aluno e tudo que vai e até se põe em bicos de pés para ser atendido, porque aquele que nos foge, até fugiu mesmo e ninguém se apercebeu dele. **(Tinha de haver um trabalho de triagem…)**

Entrevista professora 3

- Professora de Física e Química 11ºano – Ciências e Tecnologias

1- **Que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

Na orientação vocacional dos alunos? **(que papel é que a professora pode ter)** Bem, ao nível do 11º ano, os alunos praticamente já têm alguma, muitas opções feitas não é? Pronto, pode, pode dar-lhes algumas informações sobre o mundo do trabalho, um mundo do trabalho que contempla a disciplina que está integrado.

2. Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na de uma profissão, por exemplo?

A nível de 11º, bem, promovo, porque faço visitas de estudo e acho que aí eles podem contactar com o mundo do trabalho e acho que é uma forma de promoção. **(Por isso nessa vertente as visitas de estudo que faz têm essa…)** E depois pronto tento sempre relacionar a disciplina com o mundo do trabalho, com a vida do quotidiano porque a disciplina presta-se a isso não é, a disciplina de Física e Química.

(Por isso a questão seguinte ia pedir-lhe que exemplificasse algumas dessas actividades, já exemplificou, as visitas de estudo e as aulas…) E as aulas práticas e nas aulas teóricas também, sempre que possível fazer um paralelismo com a vida do exterior, com a vida cá fora, tento sempre fazer isso sempre.

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro e dos projectos vocacionais dos seus alunos?

(Demora um pouco a responder) Não estou a perceber. **(A questão é a seguinte: as opiniões e o comportamento que tem com os seus alunos de que forma é que acha que pode influenciar o comportamento vocacional dos seus alunos, por exemplo quando fala da importância da disciplina que lecciona…)** É assim eu sou uma pessoa ligada às Ciências, acho que a disciplina de Físico-Química que é assim aquela dá mais abertura, para o, para as Ciências e Tecnologias e para todas essas áreas. Eu tento fazer, digamos a ponte entre aquilo que eles aprendem e aquilo que se passa no exterior, sempre que posso tento mostrar-lhes digamos, as opções que eles têm no mundo do trabalho, não sei se é essa a pergunta **(sim, sim tem a ver. É isso tem a ver com essa questão)** Digamos, tento mostrar-lhes onde é que é este conteúdo ou aquele onde é que se vai inserir, em que contexto na vida real, tento sempre fazer isso. **(Está bom)**

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da disciplina que lecciona em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por a disciplina de Físico-Química do que por outras por exemplo?

Olhe, uma verdade é a seguinte há alunos que se interessam desde o início e esses são fáceis de motivar. À partida têm de ser alunos muito trabalhadores porque a disciplina não é fácil, os outros, os que são trabalhadores facilmente são motivados porque encontram interesse na disciplina, trabalham e conseguem andar para a frente, os outros é mais difícil, é mais difícil porque a disciplina requer muito trabalho e quer dizer, para trabalhar é mais complicado **(complicado),** mas tento sempre motivá-los no sentido de eles não perderem as matérias, de conseguirem sempre dar um passinho em frente e aprenderem sempre um bocadinho mais, verem a utilidade das conteúdos que estão a aprender, as informações que podem daí tirar, nos alunos menos motivados, porque os que estão, aqueles que trabalho, isso é fácil fazer, quer dizer com meia dúzia de coisas uma pessoa consegue facilmente dar-lhes o horizonte da disciplina e mostrar-lhes o horizonte que a disciplina cobre e eles prontos, esses alunos, em principio facilmente são

motivados, o pior são os outros, os outros é que são o piores, aqueles que gostam pouco de trabalhar, porque a disciplina exige muito esforço e muito trabalho, esses é que são piores.

(Essa questão já respondeu que era a questão que eu tinha seguinte que era de que forma é que quando se apercebe dessas situações, de que forma é trata uns e outros, mas já respondeu)

Uns e outros. Esses, lá está os mais, os mais preguiçosos, aqueles que gostam de trabalhar menos é que é pior, uma pessoa tenta, com outros métodos, com outras estratégias, convidá-los, que às vezes não passa de convidá-los que é mesmo forçá-los a vir aos apoios, dizer-lhes que têm de vir e marcar-lhes as aulas extra para eles virem para recuperar, integrá-los mais na aula, nas aulas, nas actividades, valorizar o pouquinho que eles sabem para eles não se sentirem tão perdidos, não é, o pouquinho que eles sabem puxar por eles e dizer assim "ora aqui está uma coisa que sabes fazer" e "vamos pegar nisto e andar para a frente". É mais assim por aí, percebe? Às vezes é umas coisinhas de nada mas a gente pega nelas **(mas que são importantes),** são importantes para o ego deles.

5. Fale-me um pouco sobre qual é a sua relação com os seus alunos/as?

Olhe, é assim, a minha relação com os meus alunos (risos). Ai que pergunta difícil**.** É, é uma pergunta difícil. Eu acho que tenho uma boa relação com os meus alunos, eu só começo a ter má relação com os meus alunos quando eles me perturbam a aula, eu estou a falar ao nível do 11º ano e ao nível do 9º é igual, quando me começam a perturbar a aula por desinteresse e quando eu faço uma ou duas tentativas para os chamar e para estar com eles e para e falo com eles e tento puxá-los, por bem, e as coisas, vejo que as coisas não funcionam, aí é que começa uma relação mais acesa, percebe o que eu quero dizer? **(eu percebo)** Mas de uma maneira geral, nas aulas, tenho tempo para tudo, tenho tempo para dar a matéria e tenho tempo para dar a matéria brincar um bocadinho com eles, brincar com respeito, eu sou sempre a professora e eles são sempre os alunos (cada um no seu lugar), percebe, eu sou sempre a professora e eles são sempre os alunos, de resto outras conversas não tenho, tenho conversas de brincadeira mas é a respeito da disciplina, há um que diz uma palhaçada e a gente pega na palhaçada **(para desanuviar um bocado)**, para desanuviar, mas até agora eu vou-lhe dizer, tenho tido sorte com os alunos, não tenho tido razão de queixa, não tenho tido razão de queixa por acaso. **(é bom, isso é bom)**

6. O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sente que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles com a professora? Não sei me estou a fazer entender com a pergunta…

Não gosta da disciplina porque não gosta da professora. Pronto, aí está quando, quando eu noto isso também tento sempre ter uma conversa com eles e este ano já me aconteceu isso, (já?) já me aconteceu e eu já falei com o aluno e já nos sentamos os dois a conversar umas boas duas horas e agora as coisas estão completamente mudadas, ele achava que o que eu que o tomava de ponta, eu falei com ele, estivemos os dois a conversar e agora as coisas estão completamente mudadas e ele agora é um aluno perfeito, pronto não tenho nada para lhe apontar e as coisas mudaram, mas lá está por uma pessoa ter uma conversa com eles porque eles às vezes acham que nós que por lhes dizermos "vira-te para a frente", "está calado" e termos estas atitudes assim que somos nós que estamos sempre a olhar para eles e que os estamos a tomar de ponta e não é nada, é mesmo às vezes para o, para os chamar a atenção das atitudes deles e pronto às vezes se calhar em particular é que temos que, temos que os fazer ver uma coisa e outra.

7. Pensando em aspectos ligados à realização académica, defina na sua opinião, o que é um/a bom e um mau aluno? Academicamente.

Academicamente…Olhe um bom aluno que, que tem autonomia para fazer as tarefas, para mim, consegue ler e interpretar e que tem aquelas competências que nós exigimos bem definidas e que consiga andar para

a frente sozinho, que já consegue superar uma série de dificuldades e que tem autonomia para isso. Um mau aluno é aquele que faz sempre com a ajuda, quando o professor está atrás a dar uma palmadinha olha lê aqui olha lê ali e depois quando está em contexto sozinho ele não consegue andar para a frente, percebe o que eu quero dizer, eu tenho alunos que quando estão comigo e quando eu estou com eles eu estou sempre a dar uma pancadinha a chamar a atenção disto, daquilo e aqueloutro eles vão fazendo e depois em contexto sozinho não fazem, sozinhos não fazem porque não têm autonomia, estou a falar dos maus, mas que não é, dos maus mas que vão fazendo qualquer coisa, não é daqueles maus que abandonam, não é desses que está a falar? (não, não é aqueles que realmente não conseguem). Não conseguem, é, esses é que são os mais problemáticos, também têm uma grande preguiça, desistem facilmente quando as questões são mais complicadas, pronto não procuram outras soluções.

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e individual do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um destes, se eventualmente…?

Do perfil? **(sim do perfil social, familiar e individual tanto do bom como do mau aluno, que perfil é que teria um e outro na perspectiva da professora?)** Às vezes parece que a gente diz que os bons alunos estão mais ligados com uma parte social mais estável, mas eu não concordo muito com isso sabe? Tenho tido bons alunos que acontece isso, mas também tenho tido alunos que têm uma parte social por trás estável e são maus alunos e tenho o contrário, tenho alunos que socialmente são desfavorecidos e que na aula têm um comportamento de pessoas até com valores e que em termos de trabalho trabalham e têm acento dentro da aula, percebe o que eu estou a dizer? **(percebo)** Estão concentrados e colaboram e por trás às vezes são pessoas que têm uma vida difícil, portanto não posso estar… **(por isso fazer esta relação linear sobre)** Fazer uma relação tão linear, que o bom aluno é aquele que por trás tem um apoio social bom e o mau…é natural que isso aconteça nas, com alguma frequência, mas acho que não é nada geral, percebe, tenho tido bons alunos (exemplos até de famílias mais carenciadas), exacto de famílias mais desfavorecidas e com alunos com muita cabeça no sítio e conseguem fazer muitas, conseguem ser bons alunos, pronto.

10. Esta questão, eu tenho de a colocar é de que forma é que a professora se comporta com cada um destes tipos de alunos, com estes dois perfis, de que forma é que se comporta, tem tratamento igual, tem algum tratamento específico?

É igual, não, não tenho. Trato toda a gente igual. Se tenho de ter algum tratamento diferenciado por esta razão ou por aquela com algum grupo, normalmente faço à parte, mas em espaço da sala de aula, não, não faço. **(tenta ter algum comportamento igual para todos)** Tento, faço, faço sempre, tento ter um comportamento igual para toda a gente.

11- Na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar?

Olhe um, um do insucesso da generalidade não, só a disciplina ou à disciplina? **(Do insucesso escolar dos alunos neste caso à disciplina, à disciplina)** Olhe a disciplina de Físico-Química é difícil, pronto. É uma disciplina de Física e Química e precisa de muito trabalho e os alunos trabalham pouco, é, acho que é um factor, depois acho que também temos uma carga horária muito grande, as turmas também poderiam ser um bocadinho mais pequenas, para nós podermos chegar a cada aula um bocadinho mais a cada aluno e fundamentalmente é isso, acho que é, fundamentalmente é isso.

12. Essa mesma questão mas agora para o abandono escolar. O que é que pode na opinião da professora, que factores é que podem estar na origem do abandono escolar?

Que factores é que podem estar na origem do abandono escolar… Acho que é principalmente a falta de expectativas dos alunos, "para que é que eu ando aqui a estudar?", é o que eles pensam, " eu ando aqui para quê?" e depois desmotivam-se e começa aquilo é uma bolinha de neve, " a sociedade lá fora o que é que tem para me dar?", é um bocado, eu acho que é um bocado isso é a desmotivação em termos do futuro, das expectativas de futuro deles, acho que isso os faz desmotivar um bocado. **(que os pode levar ao abandono, não é)** Acho que sim, um bocado.

13. Como é que na qualidade de professora procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso e que percebe que têm potencial risco de abandono?

Pronto, faço quando tenho a percepção desses casos, faço como com os casos normais, tento falar com os alunos particularmente e tento motivá-los, tento fazer-lhes ver sempre que ter o conhecimento é ter uma mais-valia e ter qualquer coisa que o, que eles levam com eles para qualquer lado e é o que eu tento sempre fazer e tento ajudá-los sempre, se às vezes eles estão desmotivados por este ou aquele motivo tento, tento motivá-los com conversa, às vezes em termos de ajudar mais um tempo ou outro com um apoio, se se trata da minha disciplina, mas normalmente quando acontece isso não é só à minha disciplina **(em geral, não é)** é na generalidade, na generalidade.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as?

Os aspectos… **(Que mais motivam os alunos? De acordo com a disciplina que tem, que aspectos…)** É sobretudo o interesse pelas Ciências, pela Tecnologia e também, eles saberem que as Ciências e Tecnologia é o que mais há procura no mundo lá fora, percebe o que eu quero dizer? O mundo do trabalho está mais virado para **(as Ciências…)** e Tecnologias e eu acho que isso também é uma fonte de motivação para alguns deles **(alertar para a importância da área, não é? Neste momento no mercado)** É, é no mercado. **(E neste caso também a questão contrária será, em que aspectos poderão explicar que revele algum desinteresse pela disciplina, no lado contrário, o que é que a professora vê que ache que a disciplina, que pode estar na origem do desinteresse dos alunos?)**

Às vezes eles não conseguirem fazer a ponte no que estão a aprender e o que é o mundo da realidade, entende? E depois já, como já lhe disse, o factor da disciplina ser muito exigente e deles serem às vezes um bocadinho preguiçosos.

15. E nesses casos como é que procura aumentar os níveis de motivação dos alunos mais desinteressados?

Não é fácil, não é fácil. **(Calculo).** Não é fácil, não é fácil, como é que eu procuro… Pronto, às vezes dou-lhes trabalhos mais fáceis para ver se eles conseguem fazer, nas aulas dos laboratórios que é mais uma aula, tenho a vantagem de ter as actividades laboratoriais, que é mais, digamos, é uma componente de actividade laboratorial tem a ver mais com o saber fazer, motivo-os mais para a parte laboratorial, indo depois buscar aí a parte do conhecimento, percebe, entro ao contrário, entro pela parte do saber fazer em vez do saber, pela parte da componente laboratorial e depois vou buscar a outra parte, portanto "para saberes fazer isto perceber, tens de compreender isto e aquilo e aqueloutro", porque eles às vezes na componente laboratorial conseguem ser um bocadinho melhores, gostam de fazer **(mais componente prática não é?),** gostam da componente prática, gostam mais de trabalhar e de fazer e depois eu tenho de lhes fazer ver que realmente para fazer têm de saber fazer, mas têm que sobretudo saber porque é que fazem e qual é o interesse de saber fazer aquilo e pronto e eu tento dar a voltinha um bocado ao contrário, às vezes fazem um bocado de actividade laboratorial empiricamente, perceber, e depois vão aprender mais tarde aquilo que deveriam saber, "olha isto é para, isto fazes, para devias, ter aprendido isto e tens essas explicações aqui", tento dar a voltinha um bocadinho ao contrário nesses, nesses assim que são mais desinteressados pela disciplina, que normalmente são desinteressados, mas depois na componente laboratorial arranjam ali um suporte para os motivar.

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho, por exemplo, e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais na mesma? A pergunta, pronto, a questão é esta, de que forma, em que medida considera que dizendo aos alunos que a importância da Físico-Química para o mundo do trabalho é, de que forma é que isso pode levar ou não a investir o aluno mais tempo na disciplina? Na opinião da professora, que influência é que vê nisso, realçar a importância da Físico-química por exemplo?

Olhe, é assim, é como eu já lhe disse, aqueles alunos que vêem na Físico-Química o interesse na disciplina, facilmente quando eu pego na disciplina e faço a ponte entre o que se passa cá fora, eles facilmente conseguem ver o interesse, isto é, temos sempre que tentar dar a disciplina numa perspectiva de continuidade, não é, de continuidade e relacioná-la sempre com o mundo actual, com o mundo actual, isto toda a Físico-Química e estou a falar no GPS, percebe e estou a falar no GPS, olhe isto é, está ligado com o GPS e toda a gente hoje e faço ali uma ponte, estou a falar de velocidade, estou logo a falar nas velocidades dos foguetões, dos automóveis, estou a falar em Fórmula 1 e eu às vezes, principalmente com tenho turmas de rapazes, vou ter de ir lendo assim umas coisitas, para estar dentro do assunto **(e para lhes despertar o interesse pela…)** e para lhes despertar o interesse e é um bocadinho por aí que eu faço, ir um bocadinho aos interesses deles, percebe, aos interesses das coisas que eles têm **(para eles fazerem a associação da importância),** "afinal quem me fala destas coisas é a professora de Físico-Química e eu até lhe vou dizer", até a professora de Físico-Química eles acham que sabe tudo que eles encontram, "porque é que aconteceu isto?", vão perguntar à professora de Físico-Química, "hoje vi uma gota de água a evaporar-se mas não estávamos à temperatura de 100 graus, porque é que se evaporou? Vou perguntar à professora de Físico-Química", "hoje aconteceu uma coisa qualquer um sangrou, uma veia, não sei, vou perguntar à professora de Físico-Química", é tudo, perguntam tudo à professora de Físico-Química, ela é que tem de saber, é a clínica geral da ciência, é o que lhes digo também, "não sei de tudo, sei os bocadinhos", e os bocadinhos é quase nada, para o que é preciso saber é quase nada **(sim mas tem resposta),** vou tendo, vou tendo, vou limando algumas coisinhas e procuro sempre os interesses deles, é o que eu lhe digo, procuro sempre as coisas, eu estou-lhe a falar da Fórmula 1 porque muitas vezes a gente fala em velocidades, quando vou falar de velocidades, às vezes até tento saber quais são os nomes dos que estão na primeira linha de Fórmula 1, quais são as velocidades que eles atingem, as acelerações dos automóveis, vou estudando isso, nessas provas de velocidades e essas coisas e na altura sei, depois esqueço-me (risos), e depois também algumas características que estão ligadas e que lhes dizem **(prende-lhes a atenção, não é?)** e dos foguetões e das naves espaciais, estas coisas com que eles lidam agora, não é, é aquilo que eu procuro fazer a ligação, não é?

17. Em direcção a que cursos/profissões o gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as, por exemplo?

Eu normalmente tenho a tendência de conduzir os meus alunos para o ramo das Engenharias, não sei se é essa a resposta que está **(sim é isso que queria),** também por formação um bocadinho profissional, se calhar não é, pronto, primeiro porque eu acho que é um leque enorme de conhecimento e que tem um leque enorme de, no mundo de trabalhos, em que eles podem, ou por um ramo ou outro eles podem ingressar e às vezes daquilo que eu vou sabendo que se faz vou lhes transmitindo, olhe eu hoje se estivesse a dar aulas ia lhes falando da experiência que estava no CERN da explosão das partículas, se tivesse a dar aulas eu hoje já estava na Internet a ver aquele coisas com eles para os motivar, e para eles verem onde é que aqueles senhores que sabem de Física e de Química onde é que eles estão, como é que eles trabalham, porque às vezes é giro mostrar-lhes isso, onde é aquela gente trabalha, que às vezes até trabalham em sítios que nem são muito agradáveis, mas isso é para também eles saberem as realidades, as realidades, o bom e o mau, são indivíduos que trabalham 15/16 horas por dia, não é. **(Agora isso para aqueles alunos que estão realmente vocacionados na área, agora para os outros, para aqueles que não gostam da disciplina de Físico-Química, para onde é que os procura orientar, se…)** Para

coisinha mais leves, é para coisinhas mais leves, sei lá, como, para as áreas de Relações Públicas, para as áreas de relações mas que também têm de ter conhecimentos, Relações Públicas eu digo, estou a falar nas áreas de relações, porque um vendedor de produtos químicos agora tem de ter conhecimentos, não precisa necessariamente de ser um ex libris em Engenharia Química ou em Engenharia Electrotécnica, mas tem têm de ter conhecimentos básicos, eu aqueles que são menos… depois a gente também nota aqueles que são mais perspicazes para a disciplina e aqueles que não, um professor começa a notar, começa a notar e às vezes a gente chama a atenção dos alunos, "olha tu tens que pensar bem na tua vida, porque tu se calhar estarias melhor num cursozinho que tem Física e Química, mas uma coisa mais leve, que tenha um bocadinho mais de outra área", sei lá, tentar orientar um bocadinho, pelo menos alertá-los, não quer dizer orientar, mas pelo menos alertá-los para eles conseguirem, para eles reflectirem um bocado sobre a sua vida futura, não é, "se a professora de Física me está a dizer isto é porque haverá aqui qualquer coisa, algum interesse meu que está por trás e que eu ainda não despertei". Mas sobretudo passa tudo, eu continuo a insistir que passa tudo por estudar e começar a gostar. É o início, o início. **(é uma verdade)**

18. Professora, diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o abandono escolar é eminente. Numa opinião geral e mais especificamente naqueles alunos que são casos de insucesso e o abandono é eminente. Na opinião da professora, é uma opinião pessoal, que importância atribui à Orientação Vocacional nestes casos?

É muito. É muito importante, estes alunos que estão em vias de abandono **(e de insucesso)** e de insucesso, primeiro eu acho que eles têm de se encontrar, definirem as metas deles, as perspectivas e é preciso alguém que consiga fazer isso com eles, sabe, às vezes não passa muito por nós, professores de Físico-Química, é preciso haver alguém especialista, que saiba mexer nestas coisas e que consiga pegar nesses alunos e que lhes consiga mostrar o interesse da vida e de futuro e das perspectivas futuras. Quando eles encontram e conseguem encontrar uma luz ao fundo do túnel depois o outro trabalho é todo muito mais fácil, o mais difícil às vezes é eles encontrarem os seus objectivos de vida, pronto, é o que lhe digo, às vezes é nas conversas com eles, particularmente que falo e que lhes, até muitas vezes, nessas conversas particulares falo de episódios que já passei e que passa pela nossa vida para eles serem confrontados, que as coisas que estão a acontecer com eles já aconteceram com outras pessoas e que eles têm de definir as metas deles e as suas finalidades, isso é que é o fundamental, mas às vezes passa por outros serviços, outros técnicos, nós podemos ajudar, mas, acho que deveria haver uma equipa mais incisiva e com mais frequência, porque às vezes o que a gente faz é pontualmente, fala um bocadinho com este ou com aquele que está ali no cantinho, um bocadinho no reforço, mas às vezes aquilo **(não chega),** é pouco, é muito pouco.

19. Professora tenho mais duas questões para lhe fazer para acabar é que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional?

Para os alunos… **(se acha que tem que ter competências, se calhar não tem, digo eu).** Tenho**,** acho que tenho que ter muito mais competências porque agora há um sem número de coisas e eu já estou um bocadinho, já estou um bocadinho desviada, quer dizer, ou seja, como é que eu lhe hei-de, que competências é que eu hei-de ter para ajudar os alunos na Orientação Vocacional, não é? (pausa). (Neste caso é que competências é que acha que lhe faltam, gostava de ter, mas que faltam, que gostava se calhar de poder ter essas competências de saber…) Pois acho que não tenho, não tenho, perante as competências de um aluno não sei dizer se ele está melhor para uma área de Letras, sei por exemplo dizer, se ele estará ou não bem na minha área, mas depois também não sei também encaminhar para qual. Faltam uma série de coisas que eu não sei. **(Mas acha que era importante saber, os professores que leccionam as outras disciplinas, saber? Ter essas competências a nível de orientar os alunos, já que se defronta muitas vezes com alunos que se calhar, digo eu, estão na área errada)** Há pessoas que estão mais ligadas, a Dra. E….. que está mais ligada com isso, quer dizer, eu até posso dizer " tu não tens muito perfil para

estar aqui nesta área porque pronto porque é preciso uma série de coisas e tu não estás vocacionado para isto", mas depois não sei dizer para que é que ele estará vocacionado, e quando acontece isso eu encaminho para a E…., porque eu não estou a aprofundar porque eu não sei, nem que eu quisesse, não sei aprofundar, nem sei dar resposta a isso. Sei que no meu caso, na área em que ele está, não estará assim muito bem e depois encaminho para a Drª E...

20. Alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais?

Não.

Entrevista Professora 4

1- **Professora a primeira pergunta que tenho é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

Ora bem na medida em que fomenta o interesse por uma determinada disciplina, pode levar os alunos a optarem por uma escolha que envolva ou que inclua essa disciplina. Ou não o contrário arrastar para uma determinada área.

2. Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na de uma profissão?

Neste ano lectivo não tenho participado em nenhuma prática nesse sentido, que me lembre não é, directamente não é, tento sim como sempre fomentar-lhes o gosto pela Matemática, mas isso é outra situação, não é uma acção directa na escolha relativa da profissão. Em outros anos já aconteceu levá-los por exemplo a visitas a universidades, em particular por exemplo à Universidade do Minho, os alunos que eram de informática para verem as instalações, currículo de cursos, etc, falarem com pessoas da área, neste momento não, não tenho nenhuma direcção de turma e portanto o meu trabalho não está tanto vocacionado para esse aspecto.

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro e dos projectos vocacionais dos seus alunos?

(respira fundo) É uma pergunta difícil. Não sei se, nalgum sentido…aquilo que eu o que faço é tentar criar-lhes algum gosto pelos próprios aspectos da Matemática, aspectos mais lúdicos, etc, até porque há outros que à partida são menos lúdicos e que eu acho que posso valorizar de determinada forma, é uma peça de teatro no fundo e portanto eu tento dramatizar um pouco certos aspectos para, de maneira a levá-los a criar algum interesse nesses aspectos, por exemplo na técnica da demonstração que normalmente é uma coisa antiga, com difícil e aborrecida e eu tento dar-lhe outro ângulo de visão, mostrá-la como uma espécie de, digamos, de trabalho "detectivesco", descobrir a maneira de levar uma hipótese a uma tese e a graça que tem procurar os caminhos, enfim, esse tipo de situações, não mais **(estratégias construtivas, não é?)** Eu tento, tento, não quer dizer que consiga não é? Por outro lado o nosso trabalho actualmente pretende-se a maior parte das vezes, infelizmente, com o contar de, da falta de pré-requisitos que eles têm mostram a maior parte das vezes, ao nível do cálculo elementar, ao nível, enfim, dos processos até de procedimentos mais elementares, resolução de equações, trabalho de contracções, etc, portanto, temos pouco tempo às vezes para lhes mostrar outras coisas mais apelativas e mais interessantes.

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da disciplina que lecciona em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina do que por outras?

Ora bem, eu gosto muito de Matemática, sempre gostei, eles notam isso, eles próprios dizem "ai a professora gosta mesmo disto", é verdade gosto e não sei se isso nalguma medida leva a que eles procurem as razões do meu gosto, eu tento fazê-lo, mas nem sempre consigo não é, nem sempre é fácil passar essa mensagem, passar esse prazer em trabalhar as coisas, em trabalhar com a Matemática no fundo, não é fácil fazê-lo, mas já tem acontecido, já tenho tido alunos que pelo contrário dizem, até conseguem chegar ao fim de uma demonstração e dizer "ai que engraçado", "como isto afinal é engraçado", outros, já tenho tido alunos que foram para Matemática, um pouco por, talvez um pouco, um bocadinho de influência minha, não muito mas alguma. Nos dias mais próximos não tem sido tanto assim, não é frequente, eu ver isso, mas eu não sei dizer.

(Professora mas quando se apercebe que isso pode estar a acontecer que pode haver alguma influência desse prazer o que é acha que pode ou deve fazer para não condicionar essa escolha, porque às vezes pode haver alunos que a professora vê que não têm realmente possibilidades nenhuma, mas sentem que estão a ser um pouco influenciados) Já tem acontecido eu dizer que a Matemática é um curso muito difícil, as saídas não assim muito extraordinárias, nem muito apelativas, hoje em dia a Matemática as aplicações que têm são o Ensino, pouco mais do que isso, a Astronomia, enfim, algumas aplicações no caso da Matemática Aplicada, algumas coisas relacionadas com a Informática e tal, mas não é um curso daqueles muito apelativos que têm empregos daqueles mirabolantes em que as pessoas à partida sabem que vão evoluir bastante até economicamente etc, a Matemática não é assim, quer dizer, ou a pessoa tem mesmo prazer naquilo e tem um objectivo muito definido relativamente ao curso que quer ou realmente vai ter uma desilusão porque hoje em dia como sabe entrar no Ensino também não é nada fácil, o Ensino está como está, a gente sabe e portanto à partida não é apelativo, agora, não os inibo em relação a isso, limito-me a dizer "vejam bem" **(alerta-os para os problemas)**, sim para os problemas, muito pelo contrário até fico muito contente se algum deles me disser que quer ir para Matemática.

5. Professora fale-me agora um pouco sobre a sua relação com os seus alunos/as.

Penso que é boa. Pelo menos não tenho assim à partida situações…haverá um caso ou outro, por ano e por turma em que por qualquer razão não simpatizaram muito comigo, mas normalmente tenho uma boa relação com eles, nunca tive nenhum caso de zanga constante que não fosse resolvida de alguma maneira, principalmente com estes alunos do Ensino Secundário, do Ensino Básico já não é bem assim, mas no Ensino Secundário, sim, costumo ter boa relação com eles. **(são mais maduros)** Sim até tenho alguma relação de amizade com alguns deles, tento não fazer demasiado próxima, porque não é conveniente não é, mas tenho até, normalmente estabeleço relações com eles pouco formais, para começar trato-os todos por tu, coisa que poucos professores fazem porque para mim eles são mais novos que os meus filhos mais novos, portanto, são muito novinhos não é e portanto custa-me um bocado não os tratar por tu e trato-os por tu sempre. Depois, as relações, brinco imenso com eles, é uma coisa que eu gosto muito de fazer e eles aceitam bem, normalmente, também é brincadeiras. As turmas que estão comigo há mais tempo, uma turma que tenho comigo há mais tempo já sabe estabelecer limites e portanto sabe onde parar e é uma brincadeira e pronto, a outra turma não tanto, porque estão comigo há pouco, e portanto não estão ainda habituados, mas já vão estando, agora estamos a meio do ano e normalmente as coisas correm bem.

6. O que pensa que pode fazer ou deve nos casos em que sente que a relação dos/as alunos/as com a disciplina (com os alunos ou com a disciplina), **dos alunos com a disciplina, pode estar associada à sua relação dos alunos com a professora? A questão que aqui pretendo saber é se, a professora disse que tem uma relação informal e que muitas vezes essa relação, os alunos podem confundir o darem-se bem com a professora e também obrigá-los quase a gostar da disciplina, quando sente isso…?**

Está errado. Quer dizer, neste nível etário, há sempre uma componente afectiva, é normal que um aluno, eu actuo mais nesse sentido contrário: quando um aluno não gosta da disciplina porque não gosta do professor, aí sim eu actuo, eu tento fazer perceber que o professor não é a disciplina e que ele tem que ter aprovação à disciplina, ter boa nota à disciplina, tem de se desligar do facto de não se simpatizar com o professor e isto era a minha orientação mais quando eu era directora de turma, como professora de Matemática não tanto, estou naquela disciplina, normalmente não me atrapalho relativamente a outros professores de outras disciplinas. Em relação a mim, não tenho assim casos nenhuns este ano, de alguém que não goste de mim muito directamente ou muito visivelmente, não vejo assim ninguém que eu veja que não se simpatize comigo e que por isso não se simpatiza com a disciplina por minha causa, não é o caso. Agora em relação aos anos em que tenho sido directora de turma, o que faço é tentar mostrar-lhes embora não seja muito fácil nesta idade, que o facto de um aluno não se simpatizar muito com a professora não tem nada a ver com a forma como eles trabalham na disciplina, têm que trabalhar na

mesma na disciplina e têm que tentar distanciar-se um pouco dessa questão afectiva, gostar ou não gostar do professor, claro que era muito mais agradável quando eles gostam do professor, mas não sendo assim, paciência, há que de se andar para a frente, mostrar-lhes que um dia mais tarde quando eles tiverem um emprego também se não gostarem do chefe, não deixam de ter de conviver com o chefe lá por causa disso, têm de se distanciar e eles lá vão tentando perceber e até às vezes ensino algumas técnicas para se distanciarem dessa questão ou para não criarem problemas com professor em causa, ou qualquer coisa assim, esforço-me por isso. Como digo, este ano não é o caso, porque só sou professora de Matemática, não sou directora de turma.

7. Professora, pensando em aspectos ligados à realização académica, e apenas esta, defina o que, na sua opinião, considera ser "um/a bom/boa aluno/a"?

Ora bem…vamos lá ver, é difícil também. Um bom aluno é aquele que consegue ir até para além das aulas e dirigir o seu próprio trabalho, de maneira a evoluir em relação, ao mesmo, aquilo que é ajudar a aprender, não é, que é capaz de facilmente, que raciocina bem, na Matemática, tem que raciocinar bem, que tem alguma visão espacial, também é preciso na Matemática, que consegue descobrir numa nova situação o caminho para resolver a questão, que lê e interpreta bem, e que é capaz de expor razoavelmente pelo menos.

8. E no lado oposto, um mau aluno, já agora?

Normalmente são alunos que têm carências ao nível dos conhecimentos elementares, normalmente são alunos que ficaram bastante atrás, parados, na Matemática, isto é que perderam, perderam o barco digamos assim, entre aspas, que a certa altura da aprendizagem da Matemática deixaram de conseguir acompanhar, normalmente é isso que acontece, porque a Matemática é uma disciplina global e quando acontece isto, que as pessoas perdem o barco, ou são ajudados ou nunca mais vão conseguir. Há outras situações de alunos que têm muita dificuldade de raciocínio e aí não há nada que se lhes possa fazer, por mais que, conseguirá com muito trabalho e muito esforço, chegar ali a um dézinho, a um novezinho, mas não vai além disso, porque realmente na Matemática é preciso saber raciocinar e saber raciocinar é também se aprende um pouco, não é, também se consegue melhorar, mas se não existe nada à partida é difícil. Há alunos que de facto têm muita dificuldade de compreender as coisas, de raciocinar, etc, e esses é muito difícil trabalhar com eles e pô-los a funcionar, embora sejam de certo modo raros estes casos, felizmente, não é? O caso mais frequente é dos alunos que deixaram de trabalhar a Matemática a partir de certa altura e então já não conseguem, esses casos é mais frequente.

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e individual do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um deles?

Não sei se é uma correlação muito directa. Eu tenho tido bons alunos que são de meios socioeconómicos muito baixos, com dificuldades grandes. Estou me a lembrar do meu aluno Z C que era um miúdo porreiro que era de uma família muito pobre que ele tinha de ajudar, ele trabalhava para ajudar a família e no entanto era um aluno com um raciocínio espantoso, óptimo, a única dificuldade que ele tinha era no Português e isso acontece muitas vezes com estes alunos de meios socioeconómicos baixos porque a cultura fica um bocado perdida não é e portanto eles acabam por ter dificuldades ou no Português ou na Filosofia, disciplinas que exigem alguma cultura, porque têm um meio cultural baixo não é, portanto não foram puxados desde infância para essa, para essas vertentes e têm portanto dificuldade em adquiri-las mais tarde, não é, e porque a cultura é o que nos ficou daquilo que aprendemos, não é, **(sim)** e às vezes eles não aprenderem desde muito cedo muita coisa, não é e portanto depois têm dificuldades em readquirir enfim, completar esse espaço perdido, não é. Agora, não lhe vou dizer que acho que haja uma correlação muito directa entre o trabalho em Matemática e o ser bom aluno a Matemática e o meio económico que o aluno é oriundo, até tenho uma experiência contrária, tenho alunos de muito boas famílias que eram péssimos alunos e tenho aluno de muito más famílias que eram óptimos, que eram

alunos excepcionais, portanto não acredito que haja uma correlação, agora se for só Português, da cultura, aí já é capaz de haver, no entanto por outro lado se calhar um aluno de meio socioeconómico, cultural, não é tanto socioeconómico, é mais o cultural, meio cultural mais rico é capaz de ter algumas vantagens, pelo menos tem alguma cultura e é capaz de poder partir daí, mas isso nem sempre está directamente relacionado com a inteligência, de facto e portanto não faço uma correlação directa. Eu não tenho dados **(pois não)** de estudos, é uma experiência só. Até posso estar enganada **(mas é sustentada por uma experiência importante e isso é mais importante que outra coisa qualquer)**

10. De que forma é que se comporta com cada um destes tipos de alunos?

De meios socioeconómicos mais baixos…**(e mais…)** Da mesma maneira, não estabeleço diferenças, eu às vezes até nem sei, às vezes quando preciso de saber vou procurar às fichas, mas normalmente não ligo nenhuma a isso, para mim é-me perfeitamente indiferente **(o nível do aluno),** sim, se o aluno é de um meio socioeconómico muito bem ou muito mau.

11- Professora, na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos?

Voltando atrás um bocadinho, só há uma coisa que, que eu me esforço por intervir até certo ponto, que é às vezes alunos de meios socioeconómicos muito baixos que têm uma linguagem que deixa um bocado a desejar e não só, até às vezes uma educação que é um bocado relativa e eu às vezes intervenho um pouco, mas não por ser de meios socioeconómicos baixos, é porque os comportamentos estão errados e eu tento…De modo nenhum estabeleço diferenciação nesse aspecto. Desculpe lá. **(Estava eu a perguntar, na opinião da professora qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos?)**

(risos) Uiiii… esses são tantos! Ora bem, meio socioeconómico claro que está também, o facto de a Matemática, posso falar da minha disciplina? **(sim sim também),** na Matemática temos também a questão de a Matemática ser uma disciplina global, portanto quando os alunos em alguma altura da sua aprendizagem ficam para trás ou deixam de ter sucesso, têm muita dificuldade em retomar, mais, os alunos actualmente, têm, são, tem muita dispersão de actividades extra escolares e portanto têm muitos pólos de interesse e muito pouco espaço para o estudo, portanto a maioria das vezes eles têm joguinhos de computador, a televisão, sei lá, as saídas com os amigos, etc., isto e aquilo, a Internet em que eles muitas vezes se perdem nos chats, etc., e portanto muitas vezes fica-lhes muito pouco tempo para estudar, portanto o trabalho é muito pouco, depois também se criou um pouco a ilusão, que eu acho que é disparatada, de que estudar é uma brincadeira e que não é preciso esforço nenhum para estudar, é só andar aqui e vir às aulas e portar-se mais ou menos bem nas aulas e estar atento, que pronto já se tem as notas, já se passa, já está, tudo bem e não é nada disso não é, no Ensino Secundário principalmente, é necessário trabalho individual, e às vezes um trabalho individual forte, não é assim só andar a passear os livros pelas aulas e a ouvir vagamente o professor, isso não é chega, o aluno tem de ter esforço, tem de fazer trabalho, e o trabalho dói às vezes e portanto não é só uma brincadeira, uma alegria, tudo muito bem, porque hoje em dia, insiste-se na motivação dos alunos e muito bem, mas falta o resto não é? Não chega a motivação, não chega as coisas muito bonitas, não chega os joguinhos de computador **(o rigor),** é preciso o trabalho individual eles têm que trabalhar as coisas, fazer exercícios, tentar eles próprios resolverem o problema, enfim, o trabalho individual é essencial, sem o trabalho individual não há nada feito, mas muitos alunos acham que não é necessário, estou bem habituados ao Ensino Básico, a não fazerem nada, a estarem nas aulas e pronto e acham que o Ensino Secundário é a mesma coisa, não é, e facilmente eles percebem isso e depois às vezes não conseguem adquirir os hábitos de trabalho necessários, portanto esse é um dos factores principais do insucesso.

12. E a mesma pergunta para a questão do abandono escolar.

O abandono escolar… isso é falta de persistência que eles têm. As coisas correm-lhes mal, eles vão se embora e pronto, normalmente é falta de objectivos, muitas vezes, eles não sabem o que é que andam aqui a fazer, andam aqui porque os pais mandaram ou enfim porque, não têm mais nada que fazer, ou não têm em vista um emprego ou seja o que for, mas também não sabem o que é que vão fazer, se querem um curso, se não querem um curso, se querem ir para aqui, se querem ir para ali, se querem um curso profissional, se querem um curso dos outros, enfim os pais acham que eles se forem para a faculdade e forem doutores está tudo resolvido e então eles andam aqui a passear os livros e portanto a certa altura apercebem-se que não conseguem e vão se embora **(e abandonam),** portanto eu penso que este é o principal factor. Outras vezes ou familiares ou de saúde mesmo que os levam ao abandono, tenho casos de miúdos com depressão, com problemas familiares graves, que às vezes os levam a abandonar, no Ensino Secundário, no Ensino Básico já são outras questões.

13. Tendo em conta as características, antes disso, como é que na sua qualidade de professora, como é que procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso e que percebe que são potenciais "abandonadores", digamos assim?

Bom, normalmente tento conversar com eles, ainda ontem estive a fazer isso com dois e tento ver onde é que está o problema e tento indicar-lhes caminhos de resolução do problema, não quer dizer que sempre seja eficaz, não é, muitas vezes não sou, mas esforço-me por lhes mostrar que os problemas não são se resolvem fugindo deles, é preciso enfrentá-los e procurar soluções e ver o que se há-de fazer, não é, nunca cruzar os braços e dizer "pronto vou-me embora", mais trabalhar, não é, trabalhar e procurar as soluções, as vias, primeiro procurar as razões do insucesso e depois procurar maneiras de os solucionar não é, é a única maneira.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as?

(risos) Ter notas para entrar na faculdade, acho que é de uma maneira geral aquilo que, para passar ou para entrar na faculdade, normalmente, há um ou outro que gosta e há a questão afectiva, gostam da disciplina, gostam de trabalhar na disciplina, trabalham, outros é mais, subir a nota, ou porque têm uma nota boa para entrar na faculdade ou tem positiva.

15. E que aspectos poderão explicar que revela algum desinteresse pela disciplina?

(suspiro) A Matemática não é muito evidentemente uma disciplina apelativa, não temos, temos até coisas bonitas que às vezes mostramos, mas a maior parte do trabalho é trabalho de grupo e portanto à partida, à primeira vista e para quem não gosta, não é lúdico, será lúdico nalguns casos para os que gostam de fazer cálculos e de trabalhar com as coisas e que são capazes de achar alguma beleza em algumas coisas que fazem, agora não é muito evidente esse aspecto lúdico da Matemática, nós às vezes tentamos mostrá-lo quando é possível, mas nem sempre é possível, porque a este nível eles, eles, principalmente têm de adquirir técnicas de cálculo, procedimentos básicos para depois mais tarde utilizarem na Faculdade, para aqueles que vão para cursos que envolvem Matemática, eles têm que ter adquirido já tudo isso (essas competências), mas infelizmente nos últimos tempos isso não acontece, até porque hoje em dia no Ensino Superior, eles estão a criar cadeiras introdutórias para precisamente colmatar precisamente as brechas que surgem aí e agora e portanto porque a Matemática exige um trabalho forte e constante, tem de ser quase todos os dias, isso afasta muitas vezes os alunos porque eles não estão habituados a isso (não estão habituados), e não estão para isso e depois quando não vêem a coisa, por exemplo, como é que eu hei-de explicar isto, Filosofia para alguns é interessante por questões, são às vezes questões ou resposta à questões que lhes dizem alguma directamente, etc., outras disciplinas, sei lá Físico-Química, que trata de

fenómenos muito visíveis e até do dia-a-dia, muitas vezes e que portanto que lhes diz alguma coisa, é muito às vezes bastante prática, a Matemática a este nível, embora nós tentemos reportar a Matemática em termos prática, os problemas são normalmente da vida prática, etc., e não é, tão, tão evidente essa relação, e portanto provavelmente muitas vezes não lhes diz muito, ou eles não, eles passam agora uma fase, por acaso agora já lhes passou essa fase, mas houve uma fase em que eles passavam a vida a perguntar "mas para que é que isto serve?" e às vezes não é fácil dizer-lhes e mostrar-lhes para que é que serve, há coisas que só mais tarde, **(é que eles vão perceber)** eles vão perceber para que é que serve e eu ainda vou dizendo "um dia quando estudares isto assim assim vais precisar disto, porque se não souberes isto também não vais conseguir fazer isto assim assim, por exemplo as derivadas, quando se dá as integrais vais precisar das derivadas, se não souberes bem derivar também não vais saber integrar e pronto para quem vai para Engenharia isto é essencial, vou tentando mostrar um pouco, mas nem sempre é fácil há coisas que não, cuja aplicação não é muito óbvia, por exemplo, trigonometria, quem vai para electricidade precisa muito de trigonometria, mas eles não estou a ver **(a utilização)**, portanto não, nem sempre é fácil.

Como é que procura aumentar os níveis de motivação e de sucesso dos alunos desinteressados?

Para já vou tentando que eles vão ao apoio para terem alguma ajuda não é, embora por outro lado me pareça, é uma opinião pessoal, que o apoio é muito pouco tempo para as necessidades de alguns, alguns teriam necessidades de apoio muito mais tempo e depois mais individualizado, por exemplo o meu apoio tem duas turmas, portanto se forem, não são cinco mas, se forem muitos alunos de cada uma das turmas eu tenho outra vez uma aula com aqueles alunos todos, portanto não posso apoiar directamente este e aquele, ontem por exemplo, tive quatro, três, sete, oito alunos, aí foi mais fácil conseguir gerir e dar um apoio mais individualizado, mas com quinze, ou dezasseis ou dezassete eu já não posso andar de mesa em mesa e então tenho de dar uma aula, não é uma aula, ou fazer exercícios com eles ou qualquer coisa assim… **(não têm directamente)** É apoio individualizado **(é individualizado?).** Nem sempre posso, às vezes posso e outras vezes não, portanto o que faço com esses alunos é indicar-lhes isso que vão lá para tentarem, para ver se consigo dar-lhes algum apoio, trabalhar mais individualmente com cada um deles e conseguir, nas aulas, no espaço em que eles estão a fazer trabalho, em que eu faço exercícios por exemplo para eles fazerem ou também me esforço para darem um bocadinho de apoio a este ou àquele, mas há situações em que o atraso é tão grande, aqueles bocadinhos em que eu consigo recuperar seja o que for para isso seria preciso trabalhar com cada um deles horas e horas e horas, nem sempre é fácil **(e quando muitas vezes o problema está já num passado)**, às vezes um passado num remoto.

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma?

Um pouco, quer dizer não acho que isso seja tudo não é, e nem sempre é fácil fazer isso. Como lhe disse há pouco, mas sempre que consigo tento, por exemplo, como lhe ia dizendo há pouco dizem-nos por exemplo que quem for para Engenharia, nos primeiros anos vão ter Matemática e mais Matemática e portanto ou vão bem preparados a Matemática ou não conseguem, noutras, noutros cursos de Matemática são só os da Ciências, não é, portanto quem vai para Medicina ou cursos de Saúde não tem grandes conhecimentos de Matemática, mas dizendo vão ter aulas de Matemática, vão ter estatísticas e tal, tenho de tentar que eles invistam na disciplina também, seja como for eles têm de fazer o 12º ano quando estão no Ensino Regular e portanto têm que acompanhar se não, e isto eu digo-lhes muitas vezes que se perdem o fio à meada é muito difícil de retomar e têm que ir sempre acompanhando, mesmo que não gostem muito e mesmo que não precisem muito, mas têm mesmo assim que acompanhar para ficar com o 12º ano feito, não é.

17. Em direcção a que cursos/profissões e gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as?

As Engenharias, os cursos da Faculdade de Ciências, Física, Matemática, Biologia, até Biologia, não sei tinha muitos cursos nem conheço todos, Matemática, obviamente não é, penso que, e Economia, Economia, também, Economia, Gestão, os cursos ligados à área da Administração e penso que mais nada. **E no caso de, para que cursos ou profissões poderá vir a orientá-los no caso de eles não gostarem da disciplina?**

Isso é mau. Só cursos de letras, só os cursos de letras eles têm estatística, se bem que é mais fácil. (**No caso dos alunos do 11º ano do Curso de Ciências e Tecnologia, vê que eles realmente que eles ali não vão ter, que não têm hipótese mesmo, não lhes sugere uma reorientação?)** Sim, sim. Eles próprios procuram informação sobre isso, sim e indico-os para a Orientação Vocacional cá da escola, para eles procurarem uma forma de inverter o processo, não é, para o outro lado, mas no 11º ano já não é fácil, porque vão perder dois anos em princípio **(perder entre aspas, muitas vezes eles vão e…)**, voltar atrás, não é? Tenho alguns alunos nessa situação por acaso, no 11º D, nas outras turmas nem tanto. **(no 11º D entrevistei dois alunos e é uma das turmas mais…)** Porque eles estão um pouco perdidos quanto à sua vocação e às suas saídas e alguns até parece que vão mudar de e no 11º A no início do ano alguns mudaram, as raparigas **(a M),** a M e a **(a M teve a coragem de mudar),** sim, sim e foi mais a S, não sei para onde é que foi se mudou de escola, se mudou de curso (**eu a M sei porque a M foi uma das minhas entrevistadas, é aluna do SASE também)**

18. Professora só tenho mais duas perguntas para lhe fazer. Diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente, em particular.

Acho que portanto quanto mais não seja a Orientação Vocacional mostra-lhes possibilidades, dá-lhes informação, permite-lhes analisar as possibilidades de saídas, enfim, de atingir o seu caminho nalgum sentido, para além disso, em alguns casos, até os faz perceber quais são as potencialidades e impossibilidades digamos assim, e portanto acho muito importante a Orientação Vocacional. Agora nem sempre lhes mostre o caminho, mas pelo menos dá-lhes uma visão de como é **(mostra-lhes um leque de caminhos que depois poderão escolher)**

19. Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?

Ah bom…hoje em dia há 500 cursos, 500 escolas, 500 possibilidades, e portanto eu não estou a par de todos, nem pouco mais ou menos, tento dirigi-los para uma Orientação Vocacional onde podem ter informação, hoje em dia também na Internet eles conseguem essa informação, embora se calhar um pouco dispersa e talvez os confunda um bocadinho, mas na Orientação Vocacional da escola têm acesso à informação, penso eu, não sei como está a ser feito, eu pessoalmente sou velhaaa, sou do tempo em que havia alíneas, a alínea F, já tive dois filhos grandes no Ensino Superior, já tentei orientá-los na altura, na altura estava vagamente a par, hoje tenho outra filha nas mesmas condições, tenho tentado também actualizar-me, mas realmente não estou a par de tudo aquilo que há, mas a minha filha gosta pouco de orientação, é muito individualista, é muito, é complicado, para isso precisaria de mais informação, também não tenho espaço nas aulas para isso, não é.

20. Alguma vez participou num projecto de consultoria e de Orientação Vocacional?

Como assim? **(são formações ligadas à Orientação Vocacional)** Não, não. **(Nunca participou?)** Nunca participei.

Entrevista professora 5

Lecciono Biologia e Geologia

1. **A minha pergunta é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

Ah, é assim eu acho que a Orientação Vocacional vem muito de dentro daquilo que nós somos, mais do que aquilo que nós fazemos, não é? Eles têm Orientação Vocacional aqui na escola, que é orientada pela professora Edite que faz visitas e que pronto ainda agora este ano já os 12º anos foram à Faculdade de Medicina, vão agora à Faculdade de Ciências, o ano passado eu fui com os 11º anos à Faculdade de Engenharia, portanto eu acho que eles têm possibilidade de ter um acesso a um conjunto significativo de hipóteses. O professor acho que acaba por influenciar mais com aquilo que é, pronto eu não tenho nenhum papel em termos de Orientação Vocacional, fazemos aquela sessãozinha de recepção aos alunos das outras escolas e tal, acho que pronto, se é que se consegue orientar e eu acho que já consegui orientar alguns sem querer, acho que é mais pelo aquilo que se é, do que…

2. **(E então a questão que me está agora, que me respondeu na primeira, na segunda já vem se calhar muito ao encontro de esta que é: Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na escolha que fazem?**

Pronto, tem muito a ver com isso, porque eu estou ligada ao Ambiente, porque eu cativo os alunos para participar nas actividades relacionadas com o Ambiente, quer dizer também já estão no 11º ano, eles já estão numa área específica, não é? Já estão na área que escolheram, portanto já estão um pouquinho orientados e pronto, das actividades que eu promovo e que acho que pronto que servem para cativar os alunos, oriento-os no sentido que é a minha área, não é, a área em que eu trabalho.

   2.1. **Em caso afirmativo exemplifique algumas dessas actividades.**

   2.2. **Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto professor/a poderia desenvolver/proporcionar aos seus alunos (as), no sentido de os/as deixar mais preparados para a escolha vocacional?**

3. **De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro e os projectos vocacionais dos seus alunos/as?**

É assim, eu acho que sou uma pessoa que… sou muito o que vem de dentro, sou pouco racional em muitas coisas. Sou mais intuitiva, funciono mais com o coração e portanto a partir daí acho que toda a minha postura é influenciada por isso. Relativamente às opções em termos de saídas profissionais, já tenho tido oportunidade de falar com os alunos, aliás ainda há dois anos tive um caso concreto de um aluno que queria ir para Biologia e

que tem uma irmã que também foi minha aluna e que está e é professora de Biologia, e que me pediu para em conjunto ver se demovíamos o D de não ir para Biologia porque ela estava a sentir na pele o que isso era e o D está na UTAD num curso ainda na parte das Ciências, mas virado mais para o Ambiente e está radiante e está com excelentes notas e eu mantenho contacto com ele, portanto nessa perspectiva de saídas profissionais, embora agora infelizmente as saídas, o leque de saídas com capacidade de emprego são muitíssimo reduzidas, mas se possível se eu tiver, dentro daquilo que eu acho que é, a minha perspectiva, é como eu digo eu não estou ligada à área vocacional, não tenho assim contacto especial com as colegas, nem do Ensino Especial que às vezes faziam esse papel, nem com a Dra. E, mas sempre que me é possível eu tento dar uma mãozinha.

4. **Também creio que já respondeu à questão seguinte, mas…Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da sua disciplina em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina do que por outras? Quando se apercebe que isso pode estar a acontecer o que acha que deve/pode fazer para não condicionar as escolhas vocacionais deles/as?**

Exactamente por aquilo que eu lhe disse. Eu acho que é muito daquilo que se é e portanto eu acho que consigo pôr muito daquilo que sou no que faço, eu gosto muito daquilo que faço, eu sou professora por opção, gosto muito dos meus alunos, não quero reformar de maneira nenhuma pelo menos para já, portanto, acho que isso influencia como tudo na vida, não é? Nós somos e o que somos transparecemos.

5. **Então eu creio que está no surgimento destas questões, gostava que me falasse um pouco sobre qual é a sua relação com os seus alunos/as?**

Eu acho que tenho uma boa relação com os alunos. Eles poderão dizer melhor do que eu, mas em termos disciplinares, aliás eu costumo dizer que sou uma privilegiada, eu não tenho tido problemas disciplinares, eu marquei na minha vida profissional duas, três faltas disciplinares, o que é muito bom. Acho que mantenho uma relação aberta…pronto, eu acho que gosto muito daquilo que faço e isso acaba por transparecer também, como é evidente, na relação que estabeleço com os alunos.

6. **O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sinta que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles consigo?**

É assim, eu, é como digo, felizmente não tenho tido necessidade de pensar muitas vezes nesse tipo de coisas, porque felizmente não têm surgido problemas. Acho que também muitas vezes tem a ver com o professor e eu acho que às vezes também faço essa reflexão. É evidente que nós não somos máquinas nem podemos máquinas, nem podemos pôr o nosso, estar a zero, não é? Portanto tudo o que nós somos e vivemos, acabamos por trazer porque eu dizer que os problemas ficam à porta da sala, é muito

fácil dizer, mas eu acho que pelo menos para mim isso é impossível. Se calhar uma pessoa mais racional é capaz de poder fazer isso. Portanto….perdi-me**… (Tinha a ver com essa questão….dos alunos)** Ah, já percebi, já percebi. Acho que não tenho…pronto e penso muitas vezes que se calhar também a mim não foi a melhor postura e acho que isso ajuda um bocadinho porque depois na vez seguinte muitas vezes as coisas se resolvem, também um bocadinho por aí. Mas é como eu digo, eu considero-me uma privilegiada, não tenho tido situações dramáticas como ouço as minhas colegas relatar.

7. **Pensando em aspectos ligados à realização académica, e meramente essas, defina o que, na sua opinião, é "um/a bom/boa aluno/a"?**

Pois, a parte académica só eu acho que não chega. A parte académica tem que ser a pessoa e um bom aluno que não partilha com os colegas que não, pode ser muito bom aluno, mas para mim isso não chega. A parte humana faz parte integrante do aluno e portanto um aluno que tira 20 num teste se não for uma pessoa, uma pessoa, se não for pessoa, acho que para mim não chega ao 20, não é 20. **(Não é por aí que define que é um bom aluno?)** Não, não. Quer dizer, indiscutivelmente, essa é a parte mais fácil, não é, quando nós pegamos num teste o objectivo está lá. Mas eu acho, principalmente quando se fala exactamente nos bons, nos muito bons, pronto quando andam ali na linha mediana as coisas não se põem tanto, não é, põem-se e eu já tenho tido dessas situações, eu tenho tido alunos excelentes, mas excelentes de 20 e se calhar o mesmo aluno que é excelente no teste da mesma maneira, não é um aluno de 20 é um aluno de 19 porque eu acho que não pode ser, o aluno não é só os testes, um aluno é uma pessoa que age, interage com os colegas, que é um aluno de cem aulas, duzentas aulas, é o aluno, não é o teste. E portanto a parte académica no global é tudo isso.

8. **E já agora o contrário um/a mau/má aluno/a?**

Pois, o mau aluno pode ser visto de duas maneiras. É o aluno que efectivamente não consegue atingir os objectivos mínimos e há aquele aluno que continua a ser um mau aluno, que é um aluno que não trabalha, que falta, que não se relaciona, mas que quando chega aos testes e como nós temos uma avaliação, que a classificação final vem da avaliação que se faz em vários parâmetros, e às vezes ele em termos globais até chega ao 10 ou ao 11 e é uma maçada porque ele continua a ser um mau aluno. Pronto e eu acho que isto é o problema das compartimentações, pronto, o peso tende a ser igual para todos, se calhar às vezes deveria a ser um bocadinho diferente. **(Pois, o próprio sistema é que…)** Porque o aluno que tem muitas dificuldades e que o ambiente familiar pesa, se calhar as coisas deveriam ser um bocadinho diferentes. Mas pronto é tentar objectivar o mais possível a avaliação e depois às vezes se calhar…

9. **Mais uma vez a questão a seguir tem um bocado a ver com o que a professora Lurdes disse, que eu coloque-lhe a questão que é a seguinte: Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal/individual do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria em cada uma dessas situações, dos seus alunos, neste caso?**

É assim, nós infelizmente, há muitos aspectos da vida dos alunos que eu acho que são muito importantes e que se nós soubéssemos poderíamos agir de forma um bocadinho diferente e que muitas vezes não temos acesso. Não temos acesso porque a família não vem à escola ou porque a comunicação Director de turma - professores não funciona bem, pronto, seja qual for o motivo não temos acesso a isso e eu acho que isso é determinante porque eu saber que a aluna falta porque não dormiu toda a noite porque os pais se estão a separar é diferente de eu achar que a aluna anda, desculpando a expressão, a baldar-se, não vem à aula porque não lhe apetece levantar-se e eu acho que as coisas não têm nada a ver uma coisa com a outra e se eu souber disso, para mim isso é muito importante porque a minha postura vai ser diferente, tem que ser diferente, eu acho que tem de ser diferente porque os alunos são pessoas e as pessoas são pessoas totalmente diferentes e têm de ser consideradas como tal. **(Cada um é como cada qual, não é?)** Exactamente.

10. **Esta questão…parece que a professora Lurdes teve acesso ao guião e não teve** (risos)**, mas esta questão a seguir, já respondeu mas eu vou reavivar que é: De que forma se comporta com cada um destes dois tipos de alunos?**

    Aliás é assim, supostamente nós temos um, nós temos turmas, não é, mas aquilo que querem é que haja um trabalho individual, sempre que é possível e que alguma coisa distingue o aluno e que pode distinguir o aluno pelo bem e pelo mal e que pode distinguir o aluno por uma situação dessas, eu acho que é importante. É assim, eu gostava muito de saber tudo de todos e estar muito atenta a todos, em geral, isso não é possível, pelo menos no contexto que dizemos não é possível. Sempre que eu tenho conhecimento de uma situação e posso tê-la através do Director de turma ou porque me preocupo, eu pergunto, o que é que se passa, porquê este comportamento e muitas vezes sou eu que digo ao Director de turma que a justificação do comportamento do aluno, eu tenho uma postura diferente, acho que tenho que ter.

11. **Na sua opinião qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos/as?**

    Ai como eu gostava de saber isso! **(risos)** Isso era bom. Era evidente que acho que o ambiente familiar é a pedra base, porque um aluno que tem um ambiente familiar estável, que tem alimento, não estou a falar de nada de mais, que tem as necessidades básicas asseguradas, tem possibilidade, não quer dizer que seja, mas tem possibilidade de ter um aproveitamento e de ser um aluno totalmente diferente de alguém que vem com fome para a escola e não vale a pena estarmos aqui assim a pensar de modo diferente, que isso está esclarecido. Agora, eu acho também que a escolaridade obrigatória é bom, a escolaridade obrigatória para alguns alunos eu não acho que seja a melhor solução, parece mal eu estar a dizer isto, mas isto é a minha opinião. Há alunos que de facto até aos 18 anos andarem na escola, como agora, não me parece que seja a melhor opção. Os alunos que andam aqui porque são obrigados porque são obrigados a vir, esse grupo, desse grupo, dois ou três, ou quatro, uma percentagem mínima, acho que de facto vai aproveitar, os outros aqueles que sairiam e que se calhar conseguiam

fazer alguma coisa, trabalhar para alguma coisa e mais tarde poderiam retornar, poderiam vir para o nocturno, poderiam vir para as Novas Oportunidades, porque eu acho que esse grupo, que pode, não precisam de ser muitos, dois ou três alunos numa turma é o suficiente para estragar, não é o trabalho deles, é o trabalho da turma inteira. A postura que o professor tem, a disposição que o professor tem para ir para a aula, os colegas, o modo como eles estão, quer dizer acaba por ser pior a emenda que o soneto. Ou seja nós para querermos que todos consigam aquilo que fazemos é dificultar a vida a um grupo muito significativo, portanto, relativamente ao insucesso, olhe eu gostava muito, às vezes eu digo aos meus alunos "olha eu não sei fazer o pino e se é preciso fazer o pino para toda a gente me ouvir", mas o que é certo é que há muitos que não me ouvem, mas eu sei porque eu ponho a questão, oriento-me porque primeiro ponho a questão e depois indico quem é que vai responder e há sempre muitos que não ouviram, não ouviram, pronto porque não estão cá. As matérias, pronto, eu pelo menos tento que sejam as estratégias o mais diversificado possível, todas aquelas coisas que nós já sabemos dos manuais. Às vezes parece que não chega, não é às vezes mas não chega mesmo, agora se eu soubesse, se eu soubesse a solução para o insucesso eu também gostava. (risos)

12. **A mesma questão para o abandono escolar.**

Pronto, o abandono escolar…tem um bocado contra aquilo há pouco que eu lhe disse. Não estou a falar do ensino Básico. Há alguns alunos eu acho que de facto, se saírem como uma alternativa, eu é o que eu digo eu se calhar como professora não devia estar a dizer isto, mas pronto, eu tive o ano passado ou há dois anos um aluno de 10º ano que saiu e pronto está numa escola de Dança, pronto paralelo, num esquema paralelo, está a trabalhar, está a fazer aquilo que gosta e tinha tido no anterior, tinha anulado a matrícula, depois veio a faltar, criava instabilidade, para ele também não era bom…não sei, não sei, terá sido, o facto, embora tenha sido uma situação de abandono, para ele foi uma opção melhor. Agora, eu não sei muito bem como é que se resolve essa situação do abandono e ano passado eu dizia "parece que temos que nós de alugar uma camioneta e antes de irmos para a escola passar por casa dos alunos para os apanhar todos" até porque agora somos nós os penalizados por isso, não é? Um aluno que abandone a culpa é do professor, que essa também ultrapassa-me completamente. Eu gostava muito que os alunos tivessem todos aqui na escola e que estivessem todos a aprender, que estivessem todos a formar-se numa profissão, agora é como eu digo, felizmente eu continuo a dizer eu sou muita privilegiada não tenho vivido essas situações. Mas vejo as colegas que pronto passam a vida a telefonar para casa, para o pai, para o encarregado de educação porque o aluno não vem… Não sei.

13. **Nessa sequência a questão que coloco é: Como é que, na sua qualidade de professor, procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso ou que percebe estarem em risco de abandono escolar?**

É assim, situações de insucesso, eu tento tanto quanto possível ver o porquê e tenho tido situações que até não têm a ver com o estudo, com o estudar ou não estudar, tem a ver

com por exemplo, uma má orientação em termos de estudo, já tive situações em que trabalho com os alunos isso, situações de descontrolo, por exemplo, este ano já não é o primeiro ano, tenho estado a desenvolver uma actividadezinha que tem a ver com o rir, o yoga, o Reserche Yoga Education, é uma linha que está desenvolvida em França e que está, há muitas escolas que têm isso como disciplina e eu normalmente faço isso com os alunos porque eu acho que isso também faz parte do processo, o aluno que se descontrola. Eu tenho um aluno que é o paradigma dessa situação, quer dizer, é um bom aluno até, mas que fica apavorado e não faz "e não consigo" e não sei quê, pronto e eu também trabalho com isso, porque acho que isso é importante. Tanto quanto possível nós agora este ano temos essa situação privilegiada do AR, que é um espaço onde nós podemos acompanhar os alunos, eu tive, alguém tinha que ter, eu tive o azar do meu AR ser à sexta-feira às cinco e tal da tarde, o que pedir que os meus alunos depois de estarem aqui desde as 8h30 às cinco à sexta-feira, é de facto pedir um bocadinho de mais mas eles às vezes vêm. Pronto e vão trabalhando, pronto e eu vou estando atenta, eu não sou como já disse, primeiro coloco a questão e indico quem é que vai responder e portanto eu tento que quem está distraído, quem está a falar para o lado, pelo menos pela questão eu aponto para aí sempre, vou perdendo mais tempo porque já sei aquilo que vou ouvir mas de qualquer modo é a tomada de consciência do próprio que esteve ou que estava desatento e portanto é uma estratégia que eu utilizo e pronto.

14. **Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as? E que aspectos poderão explicar que revelem algum desinteresse pela disciplina?**

É assim, é assim, nós temos que ser, eu acho que temos de ser objectivos e há alunos que gostam mais de umas disciplinas que outras, ponto final. Agora dentro da minha disciplina e é o que eu digo e continuo a dizer eu já estou numa situação privilegiada porque já estou com alunos que estão numa área que escolheram, portanto, supostamente são alunos que já estão, que gostam da área, se fosse no Básico, a situação era um bocadinho diferente, portanto que gostam da disciplina. Agora, há alunos que, às vezes, pronto ontem estava a conversar sobre isso, porque concretamente, não é 11º é 12º ano que me disse, "ai este tema, não gosto e este tema também não e este tema também não", " e então o que é que gostas?", "gosto de futebol", pronto e às vezes é difícil, eu acho não é fácil motivar os alunos. Agora, chamar, relacionar a matéria com o dia-a-dia, acho que é a melhor estratégia do meu ponto de vista porque são coisas que eles vão ouvir falar, que eles vivem, mais estou numa situação privilegiada, a minha disciplina tem muito a ver com isso, com o que eles comem, com o que eles sentem, as doenças, pronto é muito mais que a Matemática, que é uma coisa abstracta para eles.

15. **Como é que procura, creio que esta já foi ao longo da entrevista respondida, mas como é que procura aumentar os níveis de motivação e de sucesso dos alunos mais desinteressados?**

Vou, dentro da aula, tento puxá-los desta maneira, ou seja, porque eu acho que se o aluno está desinteressado e o professor tem aquela postura "oh, não sabe não quer, deixa estar", quer dizer, isto depois é uma bola de neve e chamar um aluno eu acho que vai fazendo com que ele esteja minimamente por dentro e portanto que em qualquer momento possa alguma coisinha ligar àquilo que nós estamos a falar. Basicamente acho que essa estratégia é constante e pode ser o ponto de partida, pronto, depois é como digo, peço para eles trazerem revistas, fotografias, coisas do dia-a-dia, que perguntem aos pais…

16. **Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma?**

Pronto, é aquilo que já disse. A motivação, se não há motivação, pode haver o despertar para o conhecimento, para o contacto com alguma coisa que em termos depois de orientação profissional até os possa ajudar. E muitas vezes, quer dizer, há situações que nem tem a ver com a disciplina e eu acho que isso tem a ver com outra coisa que é aquilo que se pode fazer para além das aulas, para mim a escola é muito mais do que as aulas, pronto eu estou a recordar uma aluna, aqui há uns anos, nós tínhamos uma actividade extra que era pintura em porcelana e a aluna fez o 12º ano e estava a pensar em fazer, seguir um trajecto e aquilo que fez foi ficar mesmo por aí, montou a sua escola e neste momento é uma pessoa de sucesso que trabalha nessa área, que vende, que forma, pronto, é uma outra vertente de orientação que mais uma vez que tem a ver com aquilo que nós somos e que somos capazes de transmitir aos outros. Eu acho que podemos transparecer muito.

17. **Em direcção a que cursos/profissões o gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as? E para que cursos/profissões acha que poderão vir a orientar-se caso não gostem da sua disciplina?**

É assim, nós aqui, eles já estão mais ou menos orientados, ou vão para a Física, portanto os alunos que estão orientados para a área da Física e Química ou vão para a Biologia, a Matemática, são pouquinhos não é? Relativamente aos meus alunos eu tenho muita gente que está, quer ir para a área da saúde, há muita gente que quer ir, mas não vai, porque não tem média e que faz um esforço, eu tenho uma aluna que anulou o 10º ano para vir fazer novamente o 10º para ver se tinha média e não vai chegar e não vai conseguir porque uma coisa é o querer e outra coisa é o que se consegue. É como digo, eles estão em duas áreas, depois há aqueles eu acham que pronto, até vão para a Biologia, infelizmente, neste momento, as saídas profissionais são muito poucas porque o ensino está muito, muito restrito, a parte da investigação é só para os muito bons. É o que eu digo, eu acho que eles podem escolher o curso que quiserem e terão muito sucesso, os muito bons, para esses não há problema nem em termos de colocação no mercado de trabalho, mas é para os muito bons. Depois os outros, pronto infelizmente querer trabalhar e não poder eu acho que é dramático, eu

acho que já é dramático, nós já termos de trabalhar a vida inteira, agora querer trabalhar acho que é um drama ao quadrado.

18. **Alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais? Em caso afirmativo descreva sucintamente algumas das actividades realizadas.**

    Não.

19. **D. Lurdes estamos mesmo a terminar, diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente, principalmente a esses.**

    Pronto, eu acho que essa área é muito importante porque isso pode abrir outras perspectivas e o aluno pode perceber que se calhar ele não está bem, até quer abandonar, mas percebeu que há uma área de Mecânica que ele gosta e até pode ser uma saída, mesmo que seja nos cursos profissionais, pronto, é uma área e eu acho que isso é importante, porque o aluno que não gosta da escola, que não gosta de Matemática, que não gosta de Ciências, mas que tem de perceber que se for por ali tem de saber um bocadinho de Matemática e de Ciências, mas aparece-lhe uma área que ele vai trabalhar e acha que ele acha é aquilo que quer, acho que isso é determinante. Acho que para os alunos bons, pronto já estão bem orientados, já sabem aquilo que querem e já estão a trabalhar, agora os alunos que estão no caso pronto daqueles tais que há bocado dizia, que se calhar o que estão a fazer muitas vezes o trabalho aos colegas que querem aprender, se calhar para esses podia ser uma alternativa, mas tinha de ser uma alternativa real. Nós tivemos aqui o exemplo dos jardineiros do curso de jardinagem e quem é que foi colocado e quem é que foi orientado para esses cursos? Os maus alunos, que não tinham noção nenhuma, não queriam saber de plantas, plantas para eles eram, para tirar os botões estragados como eu vi fazer à minha frente. Também acho que não pode ser por aí. "Os maus alunos vamos enfiá-los num curso profissional". Eu acho que tem de ter mesmo alguma coisa a ver com aquilo que eles gostam se não então **(é criar guetos…)**… é criar mais um problema porque um aluno que já é mau aluno, como eu via aqui de sachola na mão, que eu, os colegas, eu falo da minha disciplina, que são uns heróis, porque aguentar uma turma, grande, que depois ela cresceu, de sachola na mão, de tesoura de poda na mão, fora da sala de aula, a controlá-los, para alguém que a jardinagem não é coisa nenhuma, mas que foram orientados pronto, porque era uma possibilidade, acho que não pode ser por aí. Nós não podemos pegar nos maus alunos e enfiá-los num curso só porque são maus alunos e no regular não vão conseguir chegar a lado nenhum, porque depois é criar um novo problema e depois dum curso sai um, sai dois, sai três alunos que efectivamente é aquilo que queriam. Mas acho que é muito importante e que pode ser por aí. **(pois é isso)**

20. **Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?**

É assim muito honestamente não sei se é a mim que me compete isso. Eu acho que a orientação que faço, faço por aquilo que sou na sala de aula, faço muito por aquilo que faço fora da sala de aula que acho que também muito importante e pode como ainda há bocado disse, pronto abrir novas perspectivas. Na sala de aula, pronto nós vamos analisando, eles agora têm, pesquisar cientistas na área, o que é que fizeram, portugueses, portanto pode ser a minha postura enquanto professora da disciplina e que tem a ver com isso, pode ser abrir novas perspectivas por exemplo em termos de pesquisa de falar com eles, da notícia do dia, do acontecimento da televisão. Em termos de Orientação Vocacional propriamente dita, pelo menos da maneira que eu estou a ver, pronto, nós, ainda agora estamos a convidar dois professores de Biotecnologia para virem aqui, é uma maneira de eles ficarem a conhecer essa área, vamos ter mais uma palestra com o professor Jorge Paiva que vem, estamos a tentar ver se o, ai como é que ele se chama, o Alexandre Quintanilla se vem. Pronto isso é o aquilo que eu acho que nós podemos fazer enquanto professores, orientação de trabalho individual com o aluno, pontualmente se notarmos, se eu notar, se alguém me vier questionar, ou pedir alguma opinião, tudo bem, se não em termos de trabalho não… é assim mais difuso, não é tão consciente e objectivo.

Professora 6

1- **A primeira questão é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

É assim na minha perspectiva é mesmo só orientar, porque eu acho que cada pessoa tem o seu papel, não é, e o professor, acima de tudo, pode orientar um bocadinho, mas eu acho que esse papel passa pela parte da psicóloga, portanto e pelos serviços de Orientação Vocacional que no fundo estão mais dentro do, pronto da dinâmica, principalmente da escolha dos alunos, não é.

2. Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na de uma profissão, por exemplo?

Nós às vezes quando detectamos, principalmente na minha área, não é, que é Educação Física**,** quando detectamos que realmente os alunos até têm uma vocação para essa área é lógico que nós tentamos fazer tudo ou todo o possível para que eles consigam ou se sintam motivados, não é, na área, no meu caso na parte desportiva e tentar noutras áreas a ver se realmente, se eles conseguem e posso dar agora o exemplo, principalmente numa das turmas, há alunos que já se detectou que não estão na área correcta e que eles próprios admitem, não é, que não foram bem orientados.

(Já me respondeu à questão seguinte que era identificar um desses casos)

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro e dos projectos vocacionais dos seus alunos?

Eu acho que influenciar, pronto, a gente tenta transmitir algumas situações, pronto influenciar nesse caso é um bocadinho forte porque é assim eles é que fazem as escolhas deles, não é, nós tentamos orientá-los às vezes dizendo, realmente, porque estes alunos muitas orientam-se sabendo que vão para um curso que tem mais saída, não é, que tem mais situação de emprego, mas não é praticamente a área que eles gostam e depois acabam por ter algumas dificuldades. Portanto a gente tenta não influenciar, mas tentar ajudá-los, não é, a que eles pelo menos consigam se orientar.

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da disciplina que lecciona em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina do que por outras?

É óbvio não é, que nos puxamos um bocadinho a brasa para a nossa sardinha, mas prontos, nestas duas turmas que tenho, tenho alunos que são realmente óptimos na área de desporto, portanto é lógico que uma pessoa tenta às vezes, inadvertidamente, diz assim, "se calhar vocês seguiam esta área, não é, porque vocês estariam bem", mas eu tento que sejam mesmo eles a decidir, porque de facto é um papel muito importante, não é. **(Quando se apercebe que isso pode estar a acontecer o que é que acha que deve ou pode fazer para evitar isso, que essas coisas, com que isso aconteça, de forma a condicionar essas escolhas)** Olhe muitas vezes dou-lhes a minha opinião, digo-lhes que realmente têm, podem ter uma certa vocação para a área, neste caso na área desportiva, não é, mas quase sempre os aconselho a falar primeiro com os serviços de Orientação Vocacional, porque acho que isso, são mais importantes do que nós darmos a nossa opinião realmente, mas eles orientam com muito mais êxito e com muito mais precisão.

5. Fale-me agora um pouco sobre a sua relação com os seus alunos/as.

Portanto a minha relação com os alunos é, pronto, é uma relação, para já, porque as aulas de Educação Física são um bocadinho diferentes, acima de tudo, é uma relação de confiança, de flexibilidade, mas ao mesmo tempo têm que distinguir o papel do professor do papel do aluno, sabem realmente qual é o limite, não é, mas há sempre uma flexibilidade e uma confiança que permite um bom ambiente de trabalho com os alunos. **(Posso inferir daí então que em geral mantém uma boa relação com os alunos)** Sim, sim, sim em geral é uma boa relação com os alunos.

6. O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sente que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles consigo, por isso, eles gostarem da disciplina, confundindo com o gostar do professor ou vice-versa?

Sim, às vezes acontece isso, mas na minha disciplina não acontece tanto, porque como é prática os alunos normalmente gostam da disciplina porque gostam de a fazer, portanto também é lógico que também gostam porque muitas vezes é associado a gostar do professor, também é vem junto, mas como é uma disciplina essencialmente prática, eu acho que eles acima de tudo gostam mesmo da disciplina, é lógico que o professor pode ajudar a gostar ainda mais da disciplina.

7. Professora, pensando em aspectos ligados à realização académica, e só essa mesma, defina o que, na sua opinião, considera ser "um/a bom/boa aluno/a"?

Um bom aluno e uma boa aluna? Para já para mim um bom aluno tem de ser um aluno empenhado, acima de tudo, portanto um aluno que cumpra com as tarefas que o professor pede, cumpra pronto também com as regras da sala de aula neste caso, das aulas práticas, também, que seja um aluno acima de tudo responsável, pronto a nível de atitudes que seja um aluno responsável. O que eu acho é que um aluno responsável, empenhado e que cumpre com as tarefas é um bom aluno, tem tudo para ser um bom aluno.

8. E já agora do lado contrário, um mau aluno, como é que o definiria?

Um mau aluno? Normalmente, nas disciplinas de Educação Física, são aqueles alunos que têm um desinteresse pela própria disciplina ou que não gostam mesmo, não se sentem motivados para fazer, não é, portanto e que são alunos que normalmente também têm um contexto às vezes familiar a que leva a que não, a não ser tão seguido na escola, portanto o facto de não serem tão seguidos devido aos seus contextos familiares, não é, depois acabam por arrastar para dentro da escola os problemas familiares que têm e muitas vezes também têm insucesso e o mau aluno.

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um deles?

O estrato social? **(Por exemplo se tivesse de fazer realmente traçar um perfil, pessoal, social e familiar do aluno, do tal aluno bom e do mau aluno, como é que definiria, se é que definiria?)** Eu acho que é um bocadinho relativo. **(realmente a questão…)** Pois porque nós encontramos alunos que têm um contexto familiar muito mau, que têm famílias completamente desestruturadas, não é, e que no entanto são bons alunos, portanto são alunos que têm valores, se calhar já lhes foram transmitidos alguns valores e são bons alunos. Depois também temos realmente alguns maus alunos, não é, e que têm contextos familiares bons até e até relativamente estáveis, não é, e são maus alunos. Eu acho que muitas vezes tem que haver aqui um equilíbrio não é, quer dizer, o perfil de um bom aluno, não sei, é muito relativo em relação ao contexto familiar, quer se dizer é assim uma situação, que no geral, não é, é lógico que um aluno que tenha um contexto familiar favorável é um bom aluno, portanto é… **(não, as perguntas algumas delas… são colocadas mesmo…)** são um bocado ambíguas, no sentido que é…(**também o objectivo é explorar um bocado essa posição, neste caso que os professores têm)** Posso dizer que o perfil de um bom aluno, realmente é um aluno, sei lá, que respeita o professor, normalmente tem uma

postura familiar estável, é um aluno empenhado, mas ao mesmo tempo às vezes isso também não é verdadeiro, não é, a respeito a essa situação.

10. Seguindo um bocado esta ideia anterior, de que forma é que se comporta perante um bom e um mau aluno? Qual o comportamento…que tipo de comportamento é que tem com estes dois tipos de aluno, com um bom e com um mau aluno?

É assim, principalmente ao nível, estou a falar mesmo da minha área não é, nós encontramos alunos com algumas dificuldades, não é, pronto porque há situações em que nem todos têm uma prática regular de uma actividade física e isso muitas vezes condiciona e poderá ser um mau aluno, agora um mau aluno a nível de desempenho é assim eu incentivo e continuo a incentivar para que se ele conseguir cada dia uma coisinha pequenina, é o ideal, não é, agora se for um mau aluno em relação a parte de atitudes, etc, não é, também tento modificar esse tipo de comportamentos, mas muitas vezes é mais difícil, é mais difícil, enquanto que o bom aluno, acho que nós tratamo-lo, acho que tratamos os dois da mesma maneira, não é, acho que se calhar neste caso daria mais importância ao mau aluno para tentar recuperá-lo. O bom aluno nós acabamos sempre inconscientemente por lhes dar uns feedbacks positivos e eles acabam sempre, não é, por tentar superar as suas dificuldades, o mau aluno por qualquer coisinha boa que eles façam a gente também tenta reforçar, isto na parte do desempenho, não é. Agora se for a parte atitudinal já é um bocadinho mais complicado.

11- Na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do abandono escolar dos alunos?

Neste caso a nível de 11ºs anos **(sim).** Sinceramente é assim, muitas vezes é as dificuldades que eles pensariam que nesta área essencialmente, nas Ciências e Tecnologias, pensariam que o curso seria fácil e não é, portanto é um curso de programas extensos, matérias que muitas vezes não se identificam com os próprios alunos e ao mesmo tempo também uma orientação, mal feita, muitos dos alunos chegam ao 11º ano e só no 11º ano é que descobrem que não seria esta a área mais, pronto mais indicada para eles. **(e então os factores que identifica neste caso é uma má escolha por eles próprios também não é,** (sim) **e uma orientação…)** Uma orientação que pronto, que não foi se calhar a mais correcta, até e eu digo a mais correcta porque ele fazem a opção no 10º ano e ao mesmo tempo também uma extensão muitas vezes dos programas, não é, de diferentes disciplinas, não é, porque estes alunos têm uma carga horária muito grande que lhes ocupa também uma parte do dia e perante as dificuldades eles também muitas vezes desistem, não é, porque há disciplinas em que realmente o programa é muito extenso para eles conseguirem

12. Agora esta mesma questão mas para a questão do, eu há bocado disse do abandono, mas não era, era do insucesso (pois eu referi-me realmente ao insucesso), **mas aqui é ao abandono. Quais são os factores do abandono destes alunos?**

Eu acho que acima de tudo, eles se calhar perante o insucesso, não é, eles acabam por abandonar por uma desmotivação, não é, eles sabendo que não conseguem acaba por abandonar. Isto é principalmente nestas áreas, o mais relevante neste 10º, nos 11º anos, portanto o insucesso leva muitas vezes ao abandono pelas dificuldades que eles vão sentindo e muitas vezes também por causa devido aos contextos familiares, é complicado, sabendo que à partida há um insucesso, suportar um filho na escola, durante muito tempo, acaba por ser, mesmo havendo apoios, etc., os apoios nunca são os necessários, não é.

13. Como é que na sua qualidade de professora, como é que procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso e que percebe que têm potencial risco de abandono?

É assim os casos de insucesso para mim são muito poucos. (risos) Ainda bem, ainda bem. Em risco de abandono, aí já é uma situação mais complicada, neste caso pronto, como professora tento ver não é que realmente o, sem estudos eles não conseguem nada, não é, portanto neste momento, os próprios, não é, têm licenciaturas, não é, que têm uma formação académica superior, e que já não conseguem um emprego, quanto mais os alunos que acabam por não ter mais do que uma certificação do 9º ano, não é, se abandonarem a nível do 11º, às vezes eu brinco com eles e digo-lhes que eles que nem a carta conseguem tirar, portanto se não tiverem, portanto tentando-lhes fazer ver que realmente, não é, **(a importância do…)**, a importância, e que não por essa via, quer dizer, não é a baixar os braços, que eles conseguem, que eles vão, não é, resolver as situações, há situações em que é realmente quase impossível dizer para eles não abandonarem, porque depois também a parte familiar está sempre por trás.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as?

Isso é a parte em que (risos)…Isso não é muito difícil, portanto para já, principalmente nestas duas turmas, que isso posso falar assim, porque tenho duas turmas todas vocacionadas para a parte desportiva, ainda por cima, portanto, há alunos que realmente já chegaram à conclusão de que até nem estariam na área correcta, porque, quer dizer estar na área correcta estão, quer dizer, a parte, portanto eles estão muito motivados mesmo porque são alunos que para além das suas aulas de Educação Física têm as suas modalidades que praticam para além da escola, são alunos que acima de tudo também mantêm sempre sucesso, consigo motivá-los, estão sempre com vontade de estar nas aulas porque para já os conteúdos agradam-lhes e fazem essencialmente porque eles este ano eles têm uma prática que são eles que escolhem as modalidades a realizar durante o ano e ainda por cima estão sempre a fazer coisas que gostam, portanto é uma motivação para eles. (**E no lado contrário que aspectos que poderão explicar, que revelem algum desinteresse pela disciplina)** O desinteresse é essencialmente a dificuldade que estes miúdos às vezes encontram em realizar algumas actividades práticas, pronto, alguns, que pronto que não foram desenvolvidos, neste caso uma pequena parte destes alunos tem algumas dificuldades na parte prática, portanto na parte prática do exercício físico e aí se calhar desmotivam um bocado, mas não, não é grande problema.

15. E já agora como é que procura aumentar os níveis de motivação dos alunos mais desinteressados, se é que os tem?

Bem neste sentido é assim nós trabalhamos muito por níveis de desempenho ou por níveis de prestação portanto e adaptamos um bocadinho as matérias à característica do aluno, portanto nunca poderemos exigir um aluno faça algo que não consiga fazer, portanto, vamos tentar, motivamo-lo para ele fazer mais do aquilo que ele já sabe, não é, mas nunca poderemos obrigar a fazer o aluno uma coisa que não, que ele tem dificuldade porque isto também a parte desportiva, tem, é uma parte que se pratica muito fora da escola, não chega só o que é feito na escola, mas normalmente as actividades são sempre, a gente vai sempre de encontro àquilo que o aluno pretende.

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma? Fazendo esta ponte, esta relação.

17. Em direcção a que cursos/profissões e gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as?

Qual as profissões? **(ou cursos)** É lógico que vai tudo para a parte desportiva, é Educação Física, é e pelo que sei tenho alguns que irão mesmo fazer mesmo essa opção, vão fazer parte, para leccionar, a parte de Educação Física, mas também poderão fazer outros cursos ligados também à parte de Gestão Desportiva, etc., portanto que não seja, mas mais na área de**… (Essa questão por acaso era a questão seguinte que é**

para que cursos ou profissões podem vir a orientar-se caso não gostem da disciplina, da Educação Física, neste caso) Portanto eles têm um leque muito grande que este curso permite, não é, eles podem escolher várias coisas, mas a nível de profissão, penso que a maior parte vão escolher mais a parte de Engenharias e…que é isso que eu acho que a maior parte dos alunos está à procura, procura, quando estão, é mais a parte de Engenharias.

18. Diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente.

Isso eu realmente já disse no início que a Orientação Vocacional tem para mim um papel fulcral, porque acho que acima de tudo tem de haver alguém que oriente os alunos, pronto, porque muitas vezes eles fazem a opção por eles e erradamente e nós muitas vezes temos uma perspectiva que inconscientemente se calhar levamos a optar, pronto, se calhar por uma, por a nossa área, não é, que é por aquela parte que nós também gostamos mais, por isso eu acho que tem de haver uma pessoa, não é, ou um gabinete **(um serviço)** ou um serviço, exactamente, que esteja a funcionar só para orientar os alunos na área que pretendem escolher e ao mesmo tempo para resolver essas situações de abandono e de insucesso, exactamente.

19. Tenho só mais duas perguntas que já respondeu, mas vou ter de as fazer que é que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?

Isso aí é um bocadinho…eu acho que é assim eu costumo dizer que cada pessoa tem o seu papel, portanto eu sou professora, o meu papel é ensinar, pronto e ajudá-los em algumas situações, nessa área, aí teria de investigar um bocadinho mais e estudar um bocadinho mais, mas acho que cada, que acima de tudo cada pessoa deverá ter o seu papel e cada pessoa tem o seu peso, portanto, acima de tudo sou professora, sou educadora portanto e limito-me um bocadinho a essa situação, é lógico que nós depois por trás principalmente quando somos directores de turma ou isso, não é, orientamos um bocadinho mais os alunos, mas penso que sempre em articulação com algum serviço de orientação que acho que é fundamental.

20. E a última pergunta que tenho é que: alguma vez participou num projecto de consultoria e de Orientação Vocacional?

Não. **(sobre questões de Orientação Vocacional?)** Não.

Professora 7

1- **A questão que eu coloco é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

Pode dirigir as perspectivas e as saídas a nível de carreiras profissionais, portanto, apesar de que eu acho que esse não é tanto o papel do professor, mas o papel do psicólogo ou do orientador profissional da escola. O professor pode ajudar, dentro das suas capacidade, enquanto professor, não é.

2. Na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na escolha que fazem?

Enquanto Directora de Turma encaminho-os para a Orientação Vocacional que existe na escola, noutros anos já acompanhei alunos a actividades de, a nível, actividades viradas para a parte vocacional, ou seja, eu lembro-me aqui há uns anos que até fui ao Palácio de Cristal a uma feira de, que foi extremamente interessante que era da Universidade do Porto, em que nos alunos aí entraram em contacto precisamente com profissões que eles não sabiam, carreiras que eles não sabiam que existiam e alguns até foi aí que encontraram a sua vocação. Acho que é bom e este ano estava a pensar fazer a mesma coisa, se a escola o permitir.

(Concretamente a este tipo de actividades. Essa foi uma que promoveu) Sim, sim, sim. Normalmente, normalmente aqui na escola há uma espécie de mostra de cursos e saídas profissionais e eu nessas alturas quando a pessoa está para seguir esses cursos, nessas alturas, acompanho os alunos ao respectivo polivalente onde são efectuadas essas demonstrações, mas, portanto, normalmente sou alertada pela escola, são alturas que eu nunca sei quando vão acontecer, são no mês de Fevereiro, normalmente.

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro dos projectos vocacionais dos seus alunos?

Ora bem quando eu lecciono a parte relacionada com trabalho, carreiras futuras, é lógico que isso proporciona sempre uma abertura para este tipo de análise de trabalhos de, neste momento, estou precisamente a fazer isso, estou a abordar um tema de trabalho e do emprego, de carreiras e é uma coisa que os alunos são, faço com que eles falem, até discutimos isso na aula, precisamente as saídas profissionais e outros conhecimentos de outras possibilidades e caminhos, dou-lhes a conhecer perspectivas de futuro e assim, mas dentro das minhas capacidades, claro. Estou a pensar, aliás até já falei com eles este ano já acerca dessa, dessa Mostra da Universidade do Porto e da hipótese de eles se deslocarem lá, porque eles têm muitas dúvidas quanto à escolha de carreiras, eles têm muitas dúvidas.

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da disciplina que lecciona em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina em detrimento de outras?

Em detrimento de outras eu não diria, eu tento criar **(em detrimento de outras, pronto, mas tentar apelar mais à disciplina que neste caso lecciona)** Ora bem, aquilo que eu poderei eventualmente fazer à disciplina é para, no sentido que os alunos se sintam interessados e motivados para estar ouvir. É nesse sentido pura e simplesmente. Se eu estudasse uma língua estrangeira com, que é fulcral hoje em dia, quer

queiramos quer não, que é Inglês, eu faço com que os alunos, tento abordar temas actuais, de um modo, sei lá, em que as coisas sejam focadas de modo a atrair os alunos, para que eles vejam a importância do Inglês num mundo, no contexto em que nós estamos, e interessava perfeitamente, aliás basta ir à Internet por exemplo em que praticamente tudo é Inglês…. (Não sei se estou a fugir ao tema, desculpe…) **(Não, não, a questão pronto, está a ir ao encontro do tema, é a questão de valorizar de uma forma inadvertida a disciplina que lecciona, não é e se sente que está a condicionar os alunos muitas vezes para a escolha de)** Não, de maneira nenhuma. Escolha não, de maneira nenhuma. O que eu tento fazer nas minhas aulas é visto que, já é uma disciplina que eu dou, portanto tenho que dar umas aulas minimamente interessantes e motivadoras, se não eles não vão para lá fazer nada, vão para lá dormir tudo a dormir, e também visto o Inglês ser uma língua de grande importância hoje em dia, tento tornar as aulas o mais interessantes possível, haver um diálogo contínuo, portanto fazer com que os alunos falem e interessá-los e motivá-los, para terem pelo menos, quanto mais não seja, uma hora e meia de uma situação agradável e divertida se possível e que comuniquem em Inglês e que aprendam alguma coisa, para não ser uma disciplina para depois esquecerem.

5. Fale-me um pouco sobre qual é a sua relação com os seus alunos/as?

Eu tento que a minha relação com os alunos seja a melhor possível, se consigo ou não, isso, o ideal seria conseguir, mas isso não sei, os alunos saberiam melhor do que eu, como é a relação que eu tenho com eles. Eu tento que seja uma relação, não digo de amizade porque não estou aqui para fazer amizades com os alunos, mas pronto que seja uma relação simpática e agradável e que se passe um tempo divertido e que passe depressa, não é. Quando eu digo divertido não é no sentido da brincadeira, mas que seja mais agradável, juntar o útil para ao agradável, portanto para não fazer das aulas um sacrifício. Agora eu tento que a relação seja boa, eu respeito os alunos, acho que eles me respeitam a mim, claro que não é tudo rosas, não é tudo uma maravilha, agora tento ter uma relação equilibrada agora se o consigo fazer não sei.

6. O que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sente que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à relação com o professor?

Portanto ou seja, não gostarem de mim, porque não gostam da disciplina é isso? **(Sim)** Nesse sentido tenho tentado fazê-los dissociar uma coisa da outra, não gostar da disciplina, não tem necessariamente de fazer com que não goste do professor, lógico é uma coisa esteja associada à outra, porque se eles não gostarem, não perceberem, não entenderem nada estiverem na sala sem perceber nada, isso vai ser, vai fazer com que eles comecem a detestar a disciplina e automaticamente associam a disciplina ao professor, mas isso não é por maus-tratos da minha parte ou coisa do género não é. Agora eu tento fazer, puxar por toda a gente, claro que é impossível, será impossível se houver alunos, se houver, não estou a dizer neste caso deste ano, alunos que estejam completamente desfasados de uma língua estrangeira em que para eles seja uma coisa de chinês, é um bocado difícil fazer com que o aluno se integre, mas eu tento equilibrar as coisas, não é?

7. Pensando em aspectos ligados à realização académica, e meramente essas, defina o que, na sua opinião, é "um/a bom/boa aluno/a"?

Um bom aluno para mim? **(Definir academicamente o que é um bom aluno)** Academicamente, é uma coisa, na prática é outra. Academicamente é um aluno que consegue atingir os objectivos propostos, ter umas classificações elevadas, na prática nem sempre é isso, eu tenho alunos que têm boas classificações, estudam muito, são alunos muito aplicados, mas quando chegamos à questão prática **(não atingem)** não atingem tão bem, como outros que até não, academicamente não são tão bons, mas também o estudo é deficiente lá está, não atinjam níveis elevados sobretudo na parte escrita e depois na parte oral, a vertente

oral tem uma grande importância também e a capacidade de comunicar rapidamente sem ser, só por escrito com tempo para pensar, a questão gramatical, com aquelas questões de todas, que as pessoas pensam que são só isso, que não atinge os objectivos, a meu ver, que também tenho muito em conta a parte oral, esse não será academicamente tão bom aluno. Portanto academicamente será um aluno que cumpre, que estuda, que atinge níveis bastante elevados…

8. E já agora o inverso, um/a mau/má aluno/a?

Um mau aluno? Para mim um mau aluno é um aluno que não participa nas aulas, que está lá a fazer corpo presente, isso é que é um mau aluno. Que há alunos que até tiram notas baixas e nunca são maus alunos porque lá está, a aula é uma coisa muito importante, não são só os testes que às vezes os pais em casa pensam que o teste, e pronto que o meu filho tirou aqui um 10 ou até um 7 se for preciso e o aluno que tirou esse 10 ou o 7 na aula é fantástico, só que na parte escrita, não consegue por exemplo, mas isso para os pais é, para os pais é o teste que conta mais, mas isso pode não ser um mau aluno, é um aluno que não atinge os objectivos, mas não é um mau aluno. Um mau aluno é um desinteressado, desagradável…

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um desses alunos?

Eu acho que isso muito furtivo. Eu não posso estar a tratar, eu posso ter um bom aluno de um estrato digamos assim social mais alto ou mais baixo. É lógico que para um aluno poderá, o ambiente em casa contribui para que o aluno seja melhor, possivelmente ver os pais com uma cultura mais elevada, o nível cultural muito elevado, se eles tiverem oportunidade de frequentar institutos, essas situações todas. Eu não posso estar a comparar um aluno que não tem essas facilidades. Já tenho tido alunos que são de níveis sociais digamos assim mais baixos e são alunos fantásticos, empenhadíssimos, muito melhor do que outros que à partida teriam outras condições. É um bocadinho difícil, não queria muito entrar por aí, não sei… **(É que esta questão para o meu trabalho é fulcral)** Pois… (Mas é de alguma complexidade…) Pois é isso que eu lhe digo, há essas coisas… é isso teoricamente...e eu tenho casos de alunos não é, filhos de pessoas com nível cultural bastante elevado e que são alunos fantásticos de facto, mas que também em casa que o educam para isso, a nível de conversas têm em casa e essas coisas todas e é uma cultura geral que eles têm que se vê que eles trazem de casa, que já vem de trás. Tenho aqueles alunos com um nível social diferente, portanto sem tanta, sem essas facilidades, digamos assim, e que no entanto são pessoas muito empenhadas e querem aprender por si próprias também e que atingem sem ter em causa os pais que os ajudam…(não é?)

10. De que forma é que a professora se comporta com cada um destes dois tipos de alunos?

Como eu me comporto? **(Se tem algum trato de diferenciar…independente da origem)** Não, não, não. Nunca faria isso, só se não me apercebe-se de tal coisa, mas eu não faço isso.

11- Na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar dos alunos/as?

Insucesso escolar…Para já não estudam, basicamente, a maioria dos alunos que têm insucesso escolar não estudam, não dedicam tempo suficiente ao estudo, ao trabalho de casa e a atenção das aulas também conta muito, se os alunos estiverem atentos nas aulas isso já é meio caminho andado. E quer queiramos, quer não, eu acho que é falta de estudo, mesmo, não me venham dizer que são desmotivações e coisas do género e que o professor não sabe, isto é falta de estudo. Quem estudar, consegue.

12. Essa mesma questão para os factores da origem do abandono escolar dos alunos. Quais são os factores que poderão estar na origem do abandono escolar?

Eu não tenho tido assim muita percepção do abandono escolar nestes últimos tempos, mas por exemplo neste momento estou com um problema de abandono escolar, eu penso que é de abandono escolar porque o aluno nunca mais apareceu, por mais tentativas por parte da Directora de Turma, falar com o Encarregado de Educação, falar com o aluno, falar destas propostas, destas propostas todas, como é que isso se chama de recuperação, sei lá, que agora existe, não é. Tanto quanto eu sei, agora este aluno em causa irá, tem em vista um trabalho qualquer que lhe surgiu e agora está a deixar a escola, está deixa, não deixa, mas eu creio que está a deixar a escola porque nunca mais apareceu nas aulas para ir, não queria dizer qual é o trabalho para não o identificar, posso dizer acho que não é segredo, para ir para ir para Disk Jokey, esse tipo de coisas. É o único caso que eu tenho conhecimento de abandono escolar. Na minha direcção de Turma neste momento não tenho abandono escolar. Nas outras turmas, os alunos que saíram foi tudo para cursos profissionais, ou seja, talvez por serem coisas mais simples, não é, a questão da facilidade. De resto não tenho assim este ano pelo menos contacto com o abandono escolar. **(Mas não tem uma opinião pessoal sobre aquilo que poderá estar por trás…)** Eu acho que há várias coisas, ou será o aluno que não quer continuar a estudar, porque a escola não lhe diz nada, poderá ser isso, poderá eventualmente mas duvido que seja esse, por questões financeiras, duvido, não me parece que seja o mais importante nisto tudo, geralmente o abandono escolar pelo que eu tenho conhecimento é em relação a cursos profissionais porque é uma questão de facilitismo, na minha opinião é isso.

13. Como é que na sua qualidade de professora, procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso ou que se apercebem que podem ser potenciais abandonadores?

Como é que eu lido com isso enquanto professora… Ora bem enquanto professora eu tento chegar a todos os alunos não é, e tento motivá-los de maneira a não abandonarem, não é, tento fazê-los ver que a escola é essencial, não sei se é essa a questão, **(sim),** que a escola é essencial, que sem o 12º ano não vão a lado nenhum, depende cada caso é um caso, se eles tiverem, é lógico que geralmente converso com os alunos se por caso, for caso de tal, se eles vierem falar comigo ou se se proporcionar, eu converso com eles e faço-os ver isso, faço-os ver que poderiam fazer mais um esforço, visto que o 12º ano é uma imposição hoje em dia, (é uma obrigatoriedade) que tentassem fazer o 12º ano e que depois que fizessem o que quisessem, mas pelo menos o 12º ano tinham de fazer, faço-os ver isso.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as?

O que mais motiva os meus alunos? Na disciplina de Inglês? **(tendo em conta as características da sua disciplina)** Motivados? Vamos lá ver. O que faço para os motivar? Será porque Inglês é uma língua de comunicação, internacional e todos nós felizmente em Portugal temos acesso a Inglês na televisão, felizmente ainda não impuseram as dobragens, por exemplo, isso é uma coisa, na música, a Internet, as redes sociais, o Facebook, o hi5, essas coisas todas, que eles estão todos ligados, já se sabe e em tudo isso o Inglês impera e eu tento aproveitar um bocadinho isso também para os puxar para o Inglês e juntar o útil ao agradável.

(E já agora que aspectos poderão explicar o desinteresse desses alunos) Eu acho que a maior parte dos alunos ficaram desinteressados, são alunos já que vêm com grandes lacunas, infelizmente, e que é isso que nós temos cá é que o aluno pode ingressar numa disciplina de continuação, por exemplo, fez o 9º ano no nível 1 e que pode no 10º ano inscrever-se em Inglês no nível 5, 6, não 6, o que é um perfeito disparate visto que o aluno que durante cinco anos não aprendeu rigorosamente nada, neste caso uma aluna estrangeira, ao fim de 6 anos, no 6º ano, não vai perceber, e eu muitas vezes até aconselho a ir para institutos se não estão ali e nunca mais vão perceber. É um bocado difícil no papel de professor tentar colmatar essas coisas todas, esses anos todos, para mim considero-me um bocado incapaz de fazer isso, tento lidar, tento aconselhá-los a frequentarem novos apoios.

15. Por acaso era a questão seguinte que vinha que é como é que procura aumentar os níveis de motivação e de sucesso dos alunos mais desinteressados?

É isso, é tentar fazer com que eles comecem a compreender a disciplina, quer dizer, nas aulas, é muito difícil eu ter aulas particulares com qualquer aluno, visto que nós somos, deparamo-nos com uma turma inteira à nossa frente, não é, mas de qualquer forma tento encaminhá-los, que é um bocado difícil porque os alunos fora das aulas preferem fazer outras coisas, para as aulas de apoio, para o estudo orientado, essas coisas assim e tento falar com os Directores de Turma, ou com os pais, no sentido de os pôr, de os sei lá, de ver se lhes conseguem dar uma ajuda, não sei, sei lá, nem que seja frequentar um instituto de línguas por exemplo, porque isso na verdade é impossível lidar com uma coisa destas, é como Matemática sem saber resolver problemas e depois tem muitas aulas que tento chegar a eles, que tento particularmente enquanto os outros estão a fazer trabalhos, chegar à beira deles, fazê-los perceber particularmente o que estamos a fazer, porque enquanto não fizerem nada que estão ali a fazer? Corpo presente. Não me agrada, não é? Mas não sei se consigo, tento abordá-los individualmente mas não sei se consigo, não é?

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma? Fazendo esta ponte, esta relação.

Pois, exacto, ora bem, eu acho que se eles virem que há um elo de ligação, que a língua inglesa, neste caso tem uma importância ou poderá eventualmente ter uma importância na, no seu futuro no trabalho por exemplo, ficarão mais interessados, porque vêm uma saída não vêem aquilo como uma disciplina desconexa do resto da vida, não é, vêem aquilo como uma parte integrante da vida deles e vêem aquilo como uma possível saída profissional, também, quer dizer, o facto de saber determinadas línguas estrangeiras é uma porta aberta para muitas carreiras, também acho que consigo fazer isso, também muitas vezes, não é, ou seja se for para um determinado emprego, dependendo do que for, mas falar línguas estrangeiras é uma mais-valia em relação àquele que não fala nenhuma língua, não é? Pode abrir portas cada vez mais. Inglês é, agora temos a concorrência do Espanhol, não é? (Risos)

17. Em direcção a que cursos/profissões o gosto dos/as seus/suas alunos/as pelas matérias que lecciona poderá conduzi-los/as?

Ora bem essa é um bocado complicado porque os alunos hoje em dia não vão para cursos de línguas por exemplo, nem eu os incentivo a tal, para já porque não é o meu papel e depois em segundo lugar porque são cursos sem saída, as línguas, tirei o curso de línguas, tirei-o por vocação, mas infelizmente sabemos que a vocação não paga renda de casa, exactamente, e isso é que os alunos, quando falamos sobre isto, eu alerto-os para isso, eu acho que todos devem seguir a sua vocação, eu segui a minha e é aconselhado a todos para a seguirem, mas na verdade se formos a termos concretos, pergunto-me assim por exemplo, num curso de germânicas, como eu tirei, o que é que os alunos fazem com isso, não é? Portanto eu nunca na vida diria, "ai vão para germânicas que tem muitas saídas", não, não sei, não têm. Não tenho, portanto eles têm de estar alerta em relação às saídas profissionais que têm e depois escolher. Agora a saída profissional é uma mais-valia, a língua estrangeira é uma mais-valia em qualquer curso que eles tirarem, desde ter consulta de materiais por exemplo, a hipótese de sei lá, bolsas para o estrangeiro, isso é sempre uma mais-valia.

(Por isso era a questão seguinte que já respondeu também. Orienta-os dentro daquilo da disciplina tenta orientá-los, de orientá-los, não, digo, de valorizar a importância que tem a língua para o tipo de profissão) Sim, não tento valorizar, mas de gostar. Eu geralmente abro-lhes o jogo, não desvalorizo, nem desvalorizo, abro o jogo e digo-lhes "as coisas são assim", acho que é, por acaso, é uma coisa que nunca fiz, nem penso fazer, que é valorizar qualquer coisa, assim, porque é a disciplina que eu ensino, de

maneira nenhuma, não vou dizer assim, primeiro o Inglês e depois Espanhol, não queria isso, aliás eu leccionei Alemão durante muitos anos, infelizmente agora já não lecciono porque temos aqui a concorrência que é mais forte, mas nunca seria capaz de dizer um aluno "não, não escolham isto, escolham antes Alemão". É uma mais-valia, mas cada um escolhe o que quiser. Não, não valorizo.

18. Professora, diga o que entende e, que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente. Neste caso que importância tem em geral e muito particularmente nestes casos de insucesso escolar.

Eu acho que é muitíssimo importante, eu acho que a escola deve ter sempre uma Orientação Vocacional porque é muitíssimo importante porque acho que os alunos que abandonam grande parte deles dever-se-á à falta de informação, porque vieram para cursos errados, não fazem a mínima ideia do que andam aqui a fazer, isso eu noto nos meus alunos, eu falo com os meus alunos e alguns andam completamente, não abandonaram mas, porque os pais não deixam também, andam completamente perdidos porque pensavam que iam para uma coisa boa e as da Orientação Vocacional já tinham vindo no 9º ano, porque tem muita oferta e não fazem a mínima ideia do que estão a frequentar, chegam aqui estão no 11º ano escolheram um curso de Ciências, por exemplo, quando afinal deviam estar em Humanidades e depois temos aquela coisa, vão deitar dois anos da vida deles fora para seguir a sua vocação, quer dizer é um dilema um bocado complicado. Eu tenho esse problema este ano, tenho falado com os alunos acerca disso, precisamente, abro-lhes, quer dizer, abro-lhes as perspectivas deles, mas não digo "façam isso, façam aquilo, falem com os vossos encarregados de educação, digam que estão no curso errado", porque a maior parte deles acha que é o curso errado, eu acho que isso é, pelo que eu concluí com conversas com eles é por falta de Orientação Vocacional. Portanto acho que tem muita importância a Orientação Vocacional, mas bem administrada, que seja uma coisa que abra mesmo e não dizer "olhem podem vir para aqui, que fazem isto assim assim", tem de ser uma coisa em condições.

19. Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?

Eu não sou orientadora vocacional, portanto não tenho competência para isso.

20. E agora por último, alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais?

Não, não nunca participei.

Professora 8

1- **A primeira questão que lhe coloco é: que papel acha que o professor pode ter na Orientação Vocacional dos/as alunos/as?**

O papel…um professor de Educação Física ou um professor em geral? (**o professor em geral, só em geral neste caso)**. Eu acho que pode ter alguma importância em determinados momentos em perceber que o aluno não está, por exemplo, a dar resposta mais indicada por exemplo às disciplinas em que está a frequentar e também se surgir algum momento oportuno para conversar com o aluno destes assuntos, não é, porque muitas vezes durante a prática normal das nossas aulas não surgem muitos momentos, mas com ou outro aluno surge sempre às vezes um momento em que nós temos oportunidade de lhe fazer alguma ou outra pergunta e se sentirmos que há ali algum problema podemos sempre tentar perceber qual é o problema e tentar encaminhar pelo menos os alunos para o sítio ou para as pessoas mais indicadas, aquilo que eu costumo fazer quando me apercebo que há algum aluno que não está bem ou está com algum problema, não está na área certa é tentar aconselhá-lo a ele procurar a psicóloga da escola para o ajudar a encontrar o caminho, não é?

2. Passo já para a segunda questão que é: na sua prática docente, em que medida promove ou participa em actividades com os seus alunos/as, nos sentido de os apoiar na sua escolha vocacional ou profissional?

Aquilo que eu faço geralmente quando me apercebo de algum desses problemas é mesmo isso, uma conversa informal e geralmente como eu não sou especialista na matéria conduzo ou tento encaminhar os alunos para falarem ou com a Directora de Turma e logo a seguir com a psicóloga da escola, porque penso que são as pessoas mais indicadas para poderem ajudar o aluno nesse sentido.

3. De que forma o seu comportamento e as opiniões que veicula nas aulas sobre os mais diversos assuntos poderá influenciar as expectativas de futuro dos projectos vocacionais dos seus alunos?

Eu não sei bem se tem muita influência, mas sempre que eu tenho uma oportunidade tento fazê-los perceber que a escola que é uma parte do percurso deles enquanto pessoa e tento dar-lhes alguns conselhos, digamos assim, tendo enquanto a experiência que eu tenho de outros alunos, de perceber o que aconteceu com outros alunos, tentar dar-lhes o exemplo dos outros e mostrar-lhes os perigos que eles correm e qual será o caminho mais adequado. Não sei muito bem se isto tem alguma influência depois nas opções que eles tomam, mas, mas eu acho que eu como professora, antes de mais sou educadora e por isso sempre que tenho uma oportunidade para os chamar a atenção para alguns problemas que eu sei que há partida a maior parte dos alunos tem e algumas dificuldades, tento alertá-los para os perigos para aquilo que eles poderão fazer para tentar evitar situações mais problemáticas para eles.

4. Tendo em conta o seu próprio interesse pessoal pelos conteúdos da disciplina que lecciona em que medida considera que pode, mesmo inadvertidamente, contribuir para que os/as alunos/as se sintam mais atraídos por essa disciplina em detrimento de outras?

Bom, eu penso que se as aulas forem bem dadas e os conteúdos forem bem abordados com os alunos eles vão aprender alguma coisa e aprendendo alguma coisa eles vão ganhar mais gosto para a área em que estou a trabalhar com eles e alguns alunos em particular, se desenvolverem um gosto especial, digamos assim, pelas matérias todas que vou dando, provavelmente, podem achar que isso será uma opção para eles em termos de futuro, mas mais importante do que isso eu acho que, no caso da disciplina que eu lecciono, sou professora de Educação Física, as minhas preocupações vão mais no sentido de eles perceberem que o exercício físico é importante para a saúde deles e que é uma coisa que eles devem a

fazer mesmo quando abandonarem as aulas de Educação Física e o que eu tento fazer nas aulas é também fazer com que eles fiquem com um conjunto de referências que eles possam utilizar sozinhos mesmo que não tenham a ajuda de ninguém e que possam ter alguma prática desportiva, independentemente de estarem com alguém a liderar o processo ou não, mas serem capazes sozinhos de tomarem a opção de fazer alguma coisa, porque eu acho que é importante para o futuro deles enquanto pessoas. **(Pois mas quando a professora se apercebe que, que esse condicionamento pode estar a acontecer por exemplo, o que é que faz para, para que eles não façam essa eventual escolha profissional, isto é, isto tem um bocado a ver, de uma forma inadvertidamente, inadvertida, como a questão colocada, o aluno pode estar a ser direccionado para uma escolha de Educação Física** (que eu considero errada) **e a professora vê que não tem e que ele se calhar está na direcção errada, tenta, toma alguma medida para o orientar?)** Eu alunos que não, que eu vejo que não têm aptidão nenhuma para esta área, que me tenham mostrado interesse de seguir esta área não tenho tido, tenho é tido alunos com muito jeito para a área de Educação Física, digamos assim, com muitas capacidades e alguns que querem seguir esta área, que me dizem que querem seguir esta área e outros que apesar de gostarem muito, não sabem se querem fazer disso profissão ou não e o que eu tento fazer é mostrar-lhes a realidade actual, ou seja, o que é que lhes reserva o futuro, ou seja, conhecendo as possibilidades de trabalho que existem neste momento relativamente à Educação Física tento alertá-los, olha "se gostas disto, eu acho muito bem que possas tentar construir o teu futuro na área, nesta área no Desporto e Educação Física, mais vais encontrar estas e estas e estas dificuldades, tu tens que pensar bem se é mesmo isto que queres", porque nós sabemos hoje em dia que há muitas áreas em que termos profissionais as saídas são complicadas e a área de Educação Física começa a ser uma delas, porque ao nível de saídas profissionais na escola é difícil e ao nível do trabalho que depois existe fora, do ginásio, das piscinas e tal, nem sempre os profissionais de Educação Física são muito bem tratados e não têm muitas vezes, o trabalho é muito instável e por isso eu tento alertar os meus alunos para aquilo que eu sei que neste momento está a acontecer, dizeres-lhes sempre que se gostam mesmo muito hão-de encontrar uma maneira de se realizar, espero eu, se for mesmo, mesmo aquilo que eles querem, não vou dizer a um aluno "professora, mas eu quero mesmo isto", não vou dizer "não, não vás fazer isso", tem é depois de saber que vai encontrar dificuldades e que vai ter de fazer um grande esforço **(alerta…).** Alerto para as dificuldades **(alerta para a realidade actual),** para aquilo que eu conheço, para aquilo que eu sei.

5. Fale-me um pouco sobre qual é a sua relação com os seus alunos/as?

A minha relação com os alunos, eu globalmente considero, que tenho uma relação boa com a maior parte dos alunos. No início do ano e quando são turmas novas, nem sempre a relação é a melhor por que eu procuro ser muito exigente em relação a algumas regras que eu considero básicas e que acho que eles têm de interiorizar e às vezes os alunos não aceitam isso muito bem e por isso enquanto que essas regras não estão interiorizadas às vezes há momentos de conflito durante dois ou três meses mas depois de os alunos perceberem que essas regras são importantes para o funcionamento da aula e apesar de eles considerarem que eu sou exigente e eu também durante as aulas também sou exigente comigo própria, ou seja, procuro organizar as aulas da melhor maneira possível, ir ao encontro de cada um deles e estou sempre atenta para os alunos que têm mais dificuldades, arranjar uma forma de eles ultrapassarem essas dificuldades. Os alunos acho que eles sentem o meu interesse e a minha preocupação em os ajudar a melhorar e a aprender e eu acho que depois o que eles não gostam que é aquele cumprimento de algumas regras acaba por se diluir porque acaba por se criar uma empatia porque eles percebem que eu que sou exigente, mas que me preocupo com eles. É isso que eu acho que tento passar aos meus alunos, que faço o melhor que sei por eles, mas que isso também obriga a que eu tenha de ser exigente com eles em algumas coisas, isso também faz parte do que eu acho que é importante desenvolver neles enquanto pessoas, serem pontuais, respeitarem os outros, não faltarem, colaborarem com os colegas, tudo isso são valores que nem sempre os alunos estão muito receptivos numa parte inicial, não é, e consideram que a professora que é um bocado chata e que é exigente demais, ainda por cima é de Educação Física, que é uma disciplina que não é muito importante, mas ao mesmo tempo também tento ajudá-los sempre que possível para eles perceberem que todos são capazes de aprender alguma coisa e pronto e acho que por aí tenho tido…

6. Esta questão tem um bocado a ver com isto que já disse, mas: o que pensa que pode/deve fazer nos casos em que sente que a relação dos/as alunos/as com a disciplina pode estar associada à sua relação com eles ou deles com a professora?

Eu acho que os miúdos confundem isso muitas vezes. Eles confundem muito isso, o facto de gostarem do professor faz com que eles gostem da disciplina, pronto e às vezes quando não gostam da disciplina reagem mal ao professor, seja ele quem for, que venha. Eu não sei se se consegue desmontar isto, eu tento sempre, até mais como directora de Turma, que isto são, que eles têm que tentar separar isto, podem não gostar do professor e podem ter bons resultados na disciplina, mas que exige uma grande disciplina da parte dele, mental, e que não é fácil às vezes nestas idades, muitos conseguirem. Agora perdi-me, volte-me… **(O que pensa que pode ou deve fazer quando pensa que a relação dos alunos com a disciplina pode estar associada à relação com eles?)** É assim, se a relação for boa não me preocupa, não é, porque se eles tiverem boa relação comigo e por causa disso passarem a gostar da disciplina, eu penso que não preciso de fazer nada, que está tudo bem, se eles gostam, gostam do professor e por causa disso passaram a gostar da disciplina, é bom, se já gostavam da disciplina e por causa disso passaram a gostar do professor também, o contrário é aquilo a que temos de estar mais atentos, não é, por exemplo, quando um aluno não gosta nada da disciplinam, ah, aquilo que eu tento fazer é aproximar-me dele no sentido de lhe mostrar que apesar de ele se achar inapto para a disciplina, com certeza ele vai ser capaz de aprender alguma coisa e se eu lhe conseguir mostrar que ele é capaz de aprender alguma coisa geralmente a partir daí os problemas terminam, eles passam a gostar da disciplina porque já foram capazes de fazer alguma coisa e geralmente também acabam por gostar do professor porque o professor ajudou-os a ultrapassar aquela dificuldade.

7. Pensando em aspectos ligados à realização académica, e meramente essas, defina o que, na sua opinião, é "um/a bom/boa aluno/a"?

Na perspectiva de poder **(académica)** ingressar no ensino **(nesta pergunta é o aspecto académico, pronto, só meramente académico, esta questão eu sei que é um bocado… em relação à parte académica, o que é considera ser um bom aluno?)** Eu…está-me a falar de um aluno em geral, em todas as disciplinas, não é? **(Sim um bom aluno, quando falo de um bom aluno é um bom aluno em todas as disciplinas, não só, aqui é uma repetição geral, do que considera enquanto professora independente da disciplina)** Daquilo que eu vou observando, eu acho que um bom aluno é um aluno que consegue, na maior parte das disciplinas, ter sucesso e consegue esse sucesso não só, pelas horas que eles passam a estudar, porque geralmente, quando falamos em bons alunos temos dois tipos de bons alunos, temos o bom aluno que consegue bons resultados porque praticamente só estuda e dedica o seu tempo todo só a estudar e pronto e esses têm mérito porque pelo seu trabalho e com o seu esforço conseguem atingir bons resultados, não é, e depois há os outros miúdos que apesar de estudarem, não estudam só, que estão mais abertos a outras coisas, a outras experiências, são miúdos que são capazes por exemplo de praticar desporto e continuar a ter boas notas e isso porque estão mais abertos a tudo o que lhes vai aparecendo e eu acho que estes miúdos e não sei se isto se enquadra na resposta (**não, enquadra-se, é esta resposta mesmo…),** mas têm mais, eu acho que eles às vezes nem tendo tão boas notas, como outros, estão mais preparados para responder às dificuldades do futuro e por exemplo quando forem para o Ensino Superior, poderão estar, penso eu, não sei se é verdade se não, mas que estarão mais preparados para responder às exigências porque o que os espera não é uma coisa formata e esses miúdos que estudam muito só dão resposta àquilo e depois quando lhes surge uma situação diferente ou um problema diferente às vezes têm dificuldades em responder. Eu lembro-me que aqui há uns anos tive dois alunos que queriam ir para Medicina, um era o que nós chamávamos marrão, que era um miúdo impecável, muito educado, mas que só estudava e quando nós o chamávamos para vir participar em alguma coisa ele dizia sempre que não, que só queria estudar e entrou em Medicina com muita boa nota e tínhamos outro aluno que não tinha tão boa nota mas que fazia tudo, estudava, praticava desporto, estava sempre disponível para participar nas outros actividades da escola e também entrou em Medicina. Entraram em duas faculdades diferentes e a sensação que eu tenho, ou melhor, não tenho a certeza se o que tirou boas notas vai ser melhor médico do que o que tirou piores notas, porque em termos humanos e em termos de relação com

os outros, se calhar o segundo desenvolveu outras competências que o primeiro não desenvolveu que viveu mais isolado com os estudos, digamos assim e o outro aluno não, tinha uma relação, pronto um bom relacionamento com a maior parte dos colegas, relacionava-se com muito mais pessoas e acho que isso também faz toda a diferença.

8. E já agora um mau aluno?

Eu acho que maior parte das vezes um mau aluno não é o aluno que não tem capacidades, é o aluno para quem a escola não diz nada, é um aluno que tem dificuldade em respeitar regras, é um aluno que não, que não percebe que a escola pode ser uma mais-valia para ele e eu acho que, geralmente, esses é que são os mais alunos, mas não quer dizer que não tenham capacidade de aprender. Porque eu acho que há alunos, que não têm capacidade, que têm dificuldades de aprendizagem, digamos assim, mas que pelo trabalho conseguiram alguma coisa e esses eu não considero tanto, pronto esses miúdos acabam sempre por conseguir alguma coisa, se calhar não são esses os maus alunos, os maus alunos são aqueles que ainda não descobriram a importância da escola e que nenhum de nós, nenhum professor, lhes conseguiu fazer que isto é importante e que há coisas muito interessantes que eles podem aprender na escola e que isto vai ser importante para o futuro deles enquanto pessoas. Eu acho que esses são os que eu considero mesmo os maus alunos, são os completamente desinteressados disto tudo.

9. Se lhe fosse pedido para traçar o perfil social, familiar e pessoal do "bom" e do "mau" aluno, como retrataria cada um deste tipo de alunos?

(demora a responder) Eu…eu acho que nunca há só um tipo, não é? Acho que é difícil encaixar as pessoas dentro de uma gaveta, só e em relação aos maus alunos, ah… muitas vezes são alunos de famílias desestruturadas, de famílias carenciadas, eu acho que na maior parte dos casos, se calhar são esses miúdos, para quem os pais acham que a escola não serve para nada, serve apenas para eles passarem umas horas do dia sem os estarem a chatear em casa e nunca ninguém lhes mostrou a importância da escola, porque a própria família não reconhece a escola como uma coisa importante, mas também alguns miúdos que são maus alunos que vivem em famílias mais ou menos estruturadas, que têm algumas condições económicas, alguns se calhar até muito boas condições económicas e que estão habituados a ter uma maneira muito facilitada e para quem a escola não lhes diz nada, porque a escola é exigência e eles estão mais habituados a uma vida em que podem fazer o que querem e o que lhes apetece e onde os pais lhes permitem muitas coisas, porque às vezes têm condições económicas em que lhes podem dar muitas coisas e também temos maus alunos assim. Em relação aos bons alunos, eu também acho que tenho de tudo, temos de uma maneira geral, os alunos em que as famílias estão mais ou menos estruturadas e acompanham os miúdos e têm algumas condições económicas, temos bons alunos assim, mas também temos miúdos de famílias com dificuldades económicas, mas que geralmente eu acho que são famílias com alguns valores, apesar de ter dificuldades económicas tentam incutir nos filhos alguns valores e há miúdos que conseguem ser muito bons alunos e conseguem ter sucesso, apesar de alguma situação, de alguma origem mais humilde, digamos assim. Nós temos cá na escola um caso desses. Temos um aluno, que não, que a mãe vive com algumas dificuldades, que são vários irmãos até que estão cá na escola, mas que se percebe pelo relacionamento dos miúdos, que são miúdos com valores e com educação e percebem que a escola que é importante e que lhes pode e pode vir a diferença no futuro deles e então esforçam-se para conseguir ser melhor do que os pais, utilizando a escola e os estudos para conseguirem o seu sucesso, **(como meio)** como meio para conseguirem uma vida melhor, digamos assim.

10. De que forma é que a professora se comporta com cada um destes dois tipos de alunos?

(risos) Com os alunos… Eu acho que é assim. Os alunos que têm a vida dificultada, esses sempre que posso, tento ajudá-los e facilitar-lhes naquilo que for possível, por isso alunos que já trazem muitas dificuldades de casa, sempre que for possível tentar aligeirar. Os alunos que estão habituados a muita permissividade, tentar perceber-lhes, que as regras são importantes e a esses ser intransigente relativamente ao respeito de algumas regras que são básicas. Ainda o ano passado eu virei-me para um aluno e disse-lhe " tu dessa maneira até podes acabar o 12º ano e conseguires fazer as disciplinas todas, mas não sei se vais ser muito boa pessoa e eu acho que isso não é um bom caminho para ti e quem tem de te mostrar isso também são os teus pais", eu disse-lhe isso e ele disse-me assim "oh professora, mas", deu-me a entender que a mãe também não queria saber dele para nada e tal e que só tinha o pai e eu disse-lhe "apesar disso, tens o teu pai, por isso tens alguém que gosta de ti e essa pessoa tem de te mostrar o que é certo e o que é errado e muitas vezes optas por aquilo que é errado, tens de aprender a distinguir essas coisas e optar pelo que é certo, porque se não vais-te transformar" e eu não sei mas eu acho que alguma coisa ficou, foi uma conversa de dois ou três minutos mas eu acho que o aluno ficou a pensar naquilo que eu lhe disse, e eu pensei que não, disse aquilo um bocado por dizer e disse-lhe "olha eu podia fazer-te aqui um grande sermão, mas eu não vou fazer porque não sou tua mãe, nem teu pai, mas eu só te estou a dizer porque acho que não estás no bom caminho e por isso tu agora pensa nisso e os teus pais agora têm de te ajudar a transformar numa pessoa melhor" e ele depois deu-me essa resposta e eu não quis aprofundar porque eu sei que eram problemas mais íntimos e que estava numa aula e que não era o momento oportuno, mas ele disse-me "acha? Acha mesmo isso professora?" e eu disse "acho, acho que devias reflectir, acho que devias reflectir sobre isso porque acho que não estás no bom caminho" e eu acho que ele ficou a pensar naquilo e pronto e acho que valeu a pena aqueles dois minutos que eu perdi entre aspas com aquele aluno, que pensei que não ia servir para nada mas lá está, às vezes uma pessoa pensa que com uma conversa que vai conseguir muito e noutros momentos que acha que vai falar e eles vão lhe dar por um ouvido e sair pelo outro e às vezes fica alguma coisa, vale sempre a pena perder dois minutos a tentar (risos)

11- Na sua opinião, qual ou quais o(s) principal(ais) factores que podem estar na origem do insucesso escolar?

(demora a responder) Eu acho que… os alunos que não conseguiram passar por experiências de sucesso, acham que não são capazes, por isso fecham-se a tudo, ou seja, eu acho que por exemplo, numa disciplina como a Matemática, em que há muito insucesso escolar, um aluno que não houve nunca nenhum professor que o conseguisse fazer perceber que ele era capaz de resolver determinada coisa ou era capaz de dar uma resposta positiva a alguma pergunta, a alguma questão ou a algum problema, esse aluno vai sempre achar que é incapaz e como acha que é incapaz chega a um momento e fecha-se à possibilidade de os outros lhe ensinarem alguma coisa, quando nós somos capazes, nós professores, às vezes somos capazes de mostrar a um aluno que ele afinal foi capaz de fazer aquilo, de valorizar e de lhe chamar a atenção, eu acho que isso às vezes funciona como motor para eles aprenderem outras coisas. Pelo menos essa é a experiência que eu tenho na minha disciplina e é a experiência que eu tive como aluna, eu achava sempre que era uma aluna mediana a Matemática e que não era nada de especial até ao dia em que tive um professor em que eu não sei explicar muito bem como, mas eu comecei a ter sucesso, eu conseguia fazer as coisas que me iam propondo e depois de eu conseguir fazer três ou quatro vezes uma coisa, ter sucesso, "afinal eu sou capaz" e a partir daí passei a achar que era capaz para a Matemática e nunca mais tive problemas com a Matemática, mas foi preciso esse click, porque até aí os professores que eu tinha tido, eu achava sempre que não percebia bem, ia fazendo mas era o mínimo e que nunca iria dar uma boa resposta a Matemática e depois afinal descobri que era tão capaz como os outros que tinham boas notas e esse click não é fácil, mesmo para nós professores não é fácil de encontrar um momento de nos aproximarmos do aluno e de escolher o exercício certo, a situação certa e às vezes não conseguimos chegar a todos. Não sei se respondi bem à questão. **(Não, respondeu, a tudo, os factores de insucesso que é neste caso a motivação, muitas vezes…)** Eu acho que é, os alunos não estão muitas vezes motivados porque acham que não são capazes e depois o insucesso gera insucesso e enquanto nós não formos capazes de inverter esse ciclo… **(Isto aqui pronto, aqui é a questão das duas motivações, tanto da intrínseca do próprio aluno como a extrínseca do próprio professor)** Sim. Eu acho que o aluno

tem de ter alguma abertura, eu como eu costumo dizer, há alunos que me dizem "professora não vou fazer isto porque eu nunca fui capaz e não vou conseguir fazer" e eu digo "pelo menos vamos tentar, tens de me dar uma oportunidade para eu te conseguir ajudar, vamos tentar, se nessa tentativa tu não fores capaz e depois de insistirmos duas ou três, eu então poderei dizer-te então não vamos fazer mais, mas pelo menos vamos tentar", por isso tem que haver a minha disposição de tentar ajudar o aluno a ultrapassar uma coisa que me diz que nunca fez na vida e ele também tem de me dar a oportunidade de eu o ajudar, não é, se o aluno se recusar terminantemente a olhar para o assunto ou a olhar para o exercício e tentar fazer segundo as minhas indicações, claro que nunca vai fazer, mas quando eu consigo isso geralmente depois consigo com o que o aluno esteja aberto para aprender outras coisas.

12. A mesma questão mas para o abandono escolar. Quais são os factores que poderão estar na origem do abandono escolar, na sua opinião?

Eu acho que…o abandono escolar tem muito a ver com o insucesso, acho que um aluno que tenha insucesso tem uma grande probabilidade de abandonar a escola e principalmente o meio que envolve, a família, eu acho que só chega a uma situação de abandono escolar um aluno que tenha insucesso na escola e que não tenha acompanhamento em casa nenhum que o faça desviar desse caminho, porque eu acho que um aluno que for acarinhado, que for estimulado, a quem se valorize a escola e a quem se mostre que é capaz de ter sucesso e que aquilo é importante para ele, eu acho que dificilmente vai abandonar a escola, com mais ou menos dificuldades, vai sempre continuando a encontrar, ou vai encontrar um percurso qualquer dentro da escola, ainda por cima porque agora a escola está muito mais preparada digamos assim para receber todo o tipo de alunos, porque tem uma oferta mais diversificada, não é, e se não for num curso é no outro, se não for numa turma é noutra, eu acho que o abandono só acontece quando há muito insucesso e há desvalorização da escola dentro do meio familiar.

13. Na sua qualidade de professora, como é que procura lidar com alunos/as que são casos de insucesso e que percebe que têm potencial risco de abandono?

Olhe eu quando me apercebo dessas situações, primeiro tento conversar com o aluno, tentar perceber o que é que se passa, porque é que ele não gosta da escola, porque é que ele não quer vir à escola, quais são as outras motivações, o que é que ele pensa fazer não vindo à escola, porque eu acho que muitas vezes os alunos só me dizem que não querem vir mais à escola, mas não têm alternativa nenhuma e tentar mostrar-lhes que se alternativa deles não passa pela escola, tem de passar por outra coisa qualquer, porque não se vão transformar em vagabundos, como eu lhes costumo dizer " o que é? Queres ser um marginal, queres ser um vagabundo? Se não queres, então se não queres estudar tens que ir trabalhar, tens de encontrar aqui uma saída para a tua vida". Pronto primeiro fazer uma pequena reflexão com eles sobre o porquê e depois tento-me sempre socorrer das pessoas que eu acho que são mais indicadas para tentar ajudar o aluno, que eu acho que é contactar o Director de Turma que por sua vez terá de tentar contactar a família para tentar perceber o que é que se passa, alertar os pais para a situação, falar com a psicóloga da escola que é uma pessoa que está sempre muito disponível e que nós percebemos que realmente resolve problemas, pronto, e eu não sendo directora de turma, pronto, depois vou tentando acompanhar, vou perguntando, tentando perceber como é que o percurso está a ser orientado, pronto e às vezes sinto-me impotente de não ser capaz de fazer muito mais, mas pelo menos tento ter uma relação próxima com o aluno e encaminhar o aluno para as pessoas que eu penso que são as mais adequadas para o ajudar e é isso que eu no dia-a-dia tento fazer.

14. Tendo em conta as características da disciplina que tem a seu cargo, que aspectos lhe parece que mais motivam os/as seus/suas alunos/as?

Eu acho que de uma maneira geral a prática desportiva interessa à maior parte dos alunos, os alunos gostam da prática desportiva e por isso não é muito difícil nesta disciplina motivar a maior parte dos alunos, não é muito difícil. É fácil. Aqueles alunos que não gostam é que eu tento ter uma atenção especial **(é essa a segunda questão),** pronto. No início do ano eu faço sempre isto, pergunto sempre aos alunos, logo na primeira aula, numa escala de 1 a 10 quanto é que eles estão motivados para a disciplina de Educação Física, pronto, e quando tenho alunos que me respondem abaixo de 5, tenho de estar mais atenta e logo esses identifico-os logo no início do ano, memorizo logo que o aluno A, B, C, não gosta de Educação Física e tento estar muito atenta e sempre que o aluno tem alguma dificuldade estar próximo para o ajudar a ultrapassar essa dificuldade. Já tive uma aluna que no 10º ano quando eu fiz esta pergunta, de 1 a 10, que me colocava a Educação Física no 1 e no final do ano na apreciação que também peço para eles fazerem sobre os aspectos positivos e negativos da disciplina e em relação às aulas, como é que correram, ela admitiu que passou a gostar das aulas de Educação Física, pronto, isso nem sempre acontece, foi um episódio de grande sucesso, digamos assim, mas nem sempre acontece, mas pronto eu acho que fundamentalmente é estar próximo dos alunos e sempre que eles têm alguma dificuldade mostrar-lhes que eles são capazes de fazer. Eu acho que se conseguir isso em coisas pequenas, às vezes em pequenos exercícios até, do aquecimento da aula, que isso depois é um motor que depois vai dar frutos.

15. Essa realmente é já a questão seguinte que é como é que procura aumentar os níveis de motivação dos alunos mais desinteressados.

É proporcionar, é proporcionar sucesso, é organizar as aulas bem, de maneira a que as aulas sejam interessantes, a que não hajam muitos tempos mortos, que sejam diversificadas, experimentar materiais que os alunos não estão habituados a utilizar, por exemplo, nós aqui na escola temos arcos e cordas, que são coisas que parecem um bocado brincadeiras de miúdos, mas que faço com alunos de todas as idades e que resulta muito bem porque muitos deles nunca brincaram com uma corda, nunca brincaram com um arco e têm oportunidade de fazerem exercícios que me interessam a mim para a minha disciplina e ao mesmo tempo com uma componente muito lúdica e de descobrir um objecto novo e acho que isso funciona muito bem e pronto é assim que eu tento motivá-los para a disciplina.

16. Em que medida considera que o facto de dar atenção e mostrar a ligação da sua disciplina a aspectos ligados ao mundo do trabalho e das profissões, poderá contribuir para levar os alunos a investir mais no estudo da mesma?

Eu na minha disciplina acho que não faço muito isso…ah…se calhar porque eu sei que em termos profissionais neste momento não é uma boa **(por causa do mercado de trabalho),** uma boa aposta para a maior parte dos alunos não me preocupo muito com essa vertente, o que eu lhes digo sempre ou procuro mostrar-lhes é que a actividade desportiva é importante em termos de saúde e não só porque na actividade desportiva eles aprendem regras que são muito importantes depois para o futuro deles enquanto adultos e principalmente para o relacionamento com os outros porque no desporto há regras sempre muito bem definidas em todos os desportos que têm de ser respeitadas, ora nós temos de nos habituar a respeitar regras. Nós no desporto temos de respeitar os colegas e temos de respeitar o adversário, ora nós no futuro, eles vão ter que saber respeitar toda a gente, que trabalha com eles, que convive com eles, nós no Desporto temos de lidar com as falhas dos outros e com as nossas falhas e eles no futuro vão ter que saber lidar com isso, por isso eu tento às vezes mostrar-lhes que assim como na vida eles no Desporto também têm de aceitar um colega que seja mais fraco e que falhou, eles têm de o ajudar a ser melhor e o colega é fraco numa coisa, mas pode ser bom noutra e eles têm que saber aproveitar o que cada um tem de melhor. **(incute-lhes valores).** Pronto tentar incutires-lhes, através do Desporto, eu acho que o Desporto consegue passar um conjunto de valores muito amplo e tentar perceber que isso pode ser importante depois para o futuro deles enquanto pessoas, se eles conseguirem interiorizar estes valores durante pronto a prática desportiva e isso também pode reflectir-se na personalidade deles no futuro. E é um pouco isso que eu tento fazer.

17. Esta questão tem mais uma vez um encadeamento. A questão seguinte que já respondeu também é: A que direcção ou curso ou gosto pelas matérias que lecciona poderá conduzir os seus alunos, além dessa vertente profissional que falou e que para que cursos/profissões acha que poderão vir a orientar no caso de não gostarem da disciplina? Tem alunos que por qualquer motivo não gostam da disciplina, mas consegue através da disciplina para outros cursos ou profissões. Era essa a questão.

Não sei. (Não?) Não, não sei que lhe diga. (Respondeu anteriormente às questões de através da disciplina incutir valores através do Desporto). Sim quer dizer, eu penso que eles se tiverem esses valores interiorizados poderão ter mais sucesso ou poderão..ah…não sei em termos pessoais também, se o desenvolvimento pessoal for bom poderão eventualmente ajudá-los em termos profissionais e em termos das suas escolhas mas eu não consigo perceber se realmente conseguimos ter essa influência com os alunos, tenho dificuldade em perceber isso, não sei, até porque nós depois é uma coisa que às vezes. A maior parte dos alunos nós nunca mais vemos não é? Por exemplo às vezes há alunos que nos vêm visitar, ainda na semana passada tive cá dois alunos, mas foram meus alunos durante três anos, acabam por criar uma relação afectiva grande connosco e só saíram da escola o ano passado, por isso ainda estão são próximos e vieram à escola e eu consigo falar com eles e perceber que eles estão bem nos cursos, se gostam dos cursos em que estão, pronto perceber como é que eles estão enquanto pessoas digamos assim e também perceber se tivemos alguma influência porque às vezes nós falamos "lembra-se quando a professora me obrigou a fazer isto, quando me obrigou a fazer aquilo" ou pronto, às vezes nós, a maior parte dos alunos nós não temos muito contacto e acabamos muito por não saber o tipo de influência que temos junto dos alunos. É sempre uma aposta, é uma aposta que nós temos que fazer sempre, mas nunca sabemos se vai ter frutos, não podemos deixar de a fazer, eu acho.

18. Diga o que entende e que importância atribui à Orientação Vocacional em geral e, no caso de alunos/as que se confrontam com o insucesso e o risco de abandono da escola é eminente. Por isso uma opinião geral.

É muito importante a Orientação Vocacional e….e…não sei vou falar do caso concreto da Escola, eu acho que se tem feito um bom trabalho cá na nossa escola nessa área, e acho, porque é que eu acho que isto é importante? Porque muitas vezes os miúdos não têm junto deles as pessoas que lhes possam mostrar outros caminhos e eu acho que a Orientação Vocacional tem essa obrigação, não é, e consegue muitas vezes mostrar aos alunos que não existe só aquela realidade que eles conhecem e abrem-lhes perspectivas de outras áreas, de outras possibilidades de sucesso, de outros percursos, de outros caminhos que se não tivessem a ajuda dessas pessoas que são especializadas não é, nunca lhes passaria por a cabeça e às vezes de uma dessas opções os alunos realmente percebem que pode ser o seu caminho e podem resolver o seu problema, pronto e nós cá na escola temos exemplos disso, temos alunos que foram para os cursos de Educação e Formação e depois conseguem continuar a estudar e mesmo que sejam uma minoria eu acho que valeu a pena. Nem que em dez alunos, seja um, vale sempre a pena porque há um aluno que encontrou um caminho melhor, pronto eu acho que realmente isto é uma parte muito importante na escola e que se tiver bem organizada pode marcar a diferença.

19. Que tipo de competências acha que lhe faltam para poder apoiar mais e melhor os/as seus/suas alunos/as no processo de Orientação Vocacional de cada um/uma?

Olhe eu acho que, para já eu tento manter-me mais ou menos informada, quando tenho dúvidas em relação a alguma área específica tento falar com as pessoas mais conhecedoras, pronto para poder ajudar mais os alunos, mas também acho que não sei tudo e não tenho que saber tudo, não podemos saber tudo e por isso

eu tento ter uma informação, alguma informação, que me permita, num primeiro momento poder ajudar o aluno e depois principalmente encaminhar os alunos para a pessoa certa e para a pessoa que realmente lhes pode dar uma informação mais fidedigna, muitas vezes falo eu primeiro com a pessoa, depois faço a ponte com o aluno e depois num momento final aconselho sempre o aluno a ir falar com a orientadora vocacional da escola porque pronto nós…para dar informação muito concreta eu acho que não é esse o meu papel enquanto professora, eu tenho que estar atenta às situações de risco, tentar ajudar o aluno e encaminhá-lo para os sítios certos, é um pouco o que eu tenho que fazer.

20. Alguma vez participou num projecto de consultoria sobre questões vocacionais?

Não. **(não?)** Não, nunca participei, penso eu.

ANEXO F

Entrevistas aos encarregados de educação

Entrevista para Pais e/ou Encarregados de Educação
(Encarregado de Educação 1

Questão1:Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

R: O sucesso escolar não é o mais importante, importante é o aluno absorver o maior conhecimento possível e reunir-se do máximo de ferramentas académicas para assim poder competir no acesso ao mundo do trabalho..

Questão 2:Quando conversa com o seu filho/a sobre esse mesmo tema que tipo de coisas lhe costuma dizer?

R: Três coisas: primeiro, tem que estudar; segundo, estudar e, terceiro, estudar ainda mais (e pelo meio brincar). Só assim poderá sonhar com o melhor.

Questão 3:Na V. família quem mais tem por hábito iniciar conversas/diálogos acerca da vida escolar e do futuro profissional do V. filho/a?

R: O pai e a mãe; a mãe e o pai.

Questão 4: Até que ponto o seu/sua filho/a recorre a si com questões ou dúvidas relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente, como é que lida com estas situações?

R: Independentemente de essas (dúvidas) surgirem e serem tratadas a três (pai, mãe e filho), o aluno em causa desde pequeno que tem um sonho e só compete a ele alcançá-lo.

Questão 5: Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho(a) no sentido de o apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

R: Não, mas o aluno já fez alguns contactos nesse sentido, em bora como em cima já disse, estar há muito decidido.

Questão 5.1:Em caso afirmativo indique algumas dessas acções e/ou actividades.

R:

Questão 5.2.Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho/a no sentido de o deixar mais preparado para a escolha vocacional?

R: Num mundo em que o intelecto se afasta perigosamente da prática, era importante promover por exemplo: visitas da indústrias, firmas de prestação de serviços e outras, onde o conceito prático sobrepõe-se ao intelecto.

Questão 6. Em que altura do crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional/ profissional do seu filho(a)?

R: Desde muito cedo foi motivado para o mundo trabalho. Já no ensino básico se abordava o assunto.

Questão 6.1.O que é que motivou o surgimento desta preocupação?

R: A motivação é ancestral. Primeiro, estuda (conhecimento); segundo, emprego (trabalho); terceiro, casamento (família).

Questão 6.2. Que tipo de aspectos vos preocuparam nessa ocasião, e que aspectos vos preocupam actualmente?

R: Não há uma preocupação em especial. É um processo da vida que tem que acontecer e como tal tem que ser encardo e trabalhado

Questão 7. O que é que conhece acerca das ofertas de formação que o Sistema Educativo tem para o seu filho(a), após o 9º ano e 12ºanos?

R: Conheço aquelas que o sistema tem ao dispor dos alunos

Questão 8.Se, enquanto pai/mãe, tivesse a oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho em vez dele, que tipo de escolha tenderia a fazer?

R: Nunca o faria (responde o pai) e a mãe, tenho a certeza que diz a mesma coisa

Questão 8.1.Que razões o levaria a fazer essa escolha e não outra?

R:

Questão 9. Quando em casa falam acerca das V. actividades profissionais e do trabalho que fazem que tipo de mensagens sente que transmitem ao V. filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas? Dito de outra forma, se eu perguntasse ao seu filho/a o que aprende com os pais acerca do que torna o trabalho importante para as pessoas, que aspectos é que ele/a provavelmente iria referir?

R: Que a realização dos sonhos começa no estudar, depois trabalhar e então com a remuneração desse trabalho ir realizando alguns dos sonhos.

Questão 10. Na V. família quem mais influenciará o modo como V. filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? Mãe?) O que explica essa menor influência de (pai? mãe?)?

R: Os pais e os padrinhos de baptismo são dois exemplos que caminham no mesmo sentido mas usando métodos diferentes..

Questão 11.O que é que torna o trabalho importante para si?

R: Meio de subsistência, antidepressivo, alegria de viver e, na conjuntura actual sinto-me feliz por ser um privilegiado que tenho um trabalho remunerado .

Questão12.Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o/a faz sentir-se realizado/a?

R: Se compreendermos a importância de que o que fazemos é importante ou vai fazer outras pessoas felizes só nos podemos sentir realizados pelas tarefas que ao longo da vida vamos fazendo.

EM QUALQUER CASO (questão 11 e 12), se necessário: Enuncie alguns dos aspectos que considera centrais na sua actividade profissional, aqueles que lhe trazem satisfação? E aqueles que mais lhe desagradam naquilo que faz?

R: Os vários aspectos complementam-se, não vejo as coisas da forma como as tenta demonstrar.

Questão 13.Gostaria de ter exercido/exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraia/atrai nessa outra profissão?

R: Já tive várias. Gostaria de ter tido outras. Agora tenho outra e todas são importantes nesta complexidade que são as necessidades das pessoas.

Questão 14.Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode vir a ter influência na escolha profissional do seu filho(a)?

R: Não acredito que tenha, porque há muito que o meu filho tem um sonho e anda a persegui-lo

Questão15. Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho(a)? O que pensa acerca do mesmo?

R: Sim tenho conhecimento e no contexto actual tem muitas saídas e é necessário no nosso país.

Questão15.1. Em caso de desacordo: Como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho/a?

R:

Obrigado pela sua colaboração

Entrevista Encarregada de Educação 2

Questão 1- Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

R: No sentido do que é exigido hoje pelo mundo do trabalho tendo em vista que a cada ano que se passa com a evolução, com a tecnologia, existe mais conhecimento, não é…e em contrapartida existe um preparo pelos candidatos por isso acho que é muito importante a educação na vida do aluno

Questão 2- Quando conversa com o seu filho/a sobre esse mesmo tema que tipo de coisas lhe costuma dizer?

R; Sim, tento incentivá-la a não parar de estudar, não é, tento mostrar para ela os benefícios que o estudo trás, pois isso é um investimento para o futuro e também tento mostrar a ela as opções que temos relativamente a não se prender a um pais ou a uma escola ou a uma faculdade porquê opções há muitas. Um desses exemplos é ela ser brasileira e estar a estudar aqui.

Questão 3- Na V. família quem mais tem por hábito iniciar conversas/diálogos acerca da vida escolar e do futuro profissional do V. filho/a?

R: Ela (pausa)… ela normalmente fala… porque é assim, eu tento dar o suporte e dar condições para que ela estude…mas ela é que faz as opções, ela é que pensa as coisas dela, ela é que me diz que precisa de um explicador para esta ou aquela matéria, ela é que me diz que quando terminar o ciclo normal quer ir estudar para Espanha ou para o Brasil por causa da média…porque ela como estrangeira não tem uma média boa comparada com as pessoas que já estão a estudar aqui desde o inicio não é como ela tem muitas ideias tem muitos planos, normalmente é ela que chega para a gente discutir qualquer assunto o que eu acho disto ou aquilo por isso a minha preocupação é que ela esteja a estudar na escola, que tenha um apoio ou suporte para isso…(pausa) o que ela vai fazer com o estudo ou como o vai fazer é sempre ela que decide.

Questão 4- Até que ponto o V. filho/a recorre a si com questões ou dúvidas em relação às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente como é que lida com esta situação?

R: Bom… quando parte relativamente às coisas que ela pode fazer sem atrapalhar ou sem modificar a rotina dela, ela faz e às vezes eu nem sei. Mas a partir do momento que ela tem que sair de casa ou que ela tem que se deslocar para um sítio mais longo ou que ela por questões monetárias, ou que é preciso receber alguém em casa por causa do estudo e essas coisas ela vem falar comigo. (**como é que lida com essa situação quando ela recorre aos conselhos…como é que lida?**) Eu lido de uma maneira positiva.. mas… eu sou mais para apoiar do que para proibir, portanto se é uma coisa que eu acho que não faz sentido ainda se não proíbo mas mostro para ela tento fazê-la chegar á razão e ainda sim é

ela quem tira as conclusões por isso ela tem muito…dentro de casa não rola do tipo ai eu sou contabilista você também vai ser é como a gente vê muitos médicos que são filhos de médicos, que são netos de médicos e não sei quê e não são bons profissionais. Eu quero que ela descubra aquilo que ela quer fazer. Eu ainda posso dar outro exemplo… o facto de eu trabalhar na clínica causou uma influência muito grande, ela falava que não queria saber da área da medicina entretanto… o facto de eu trabalhar incentivou-a e animou-a para isso.

Questão 5- Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho(a) no sentido de o apoiar na escolha um curso ou de uma profissão?

R: Sim!

Questão 5.1- Em caso afirmativo indique algumas dessas acções e/ou actividades.

R: Pronto, é assim… é como eu estava a dizer anteriormente, na fase que trabalha aqui tem uma influencia muito grande, então durante as férias dela ela está sempre aqui aprende a ver como é os procedimentos das novas enfermagens e aprender muitas coisas. Também pergunta muitas coisas, entretanto a primeira vez que ela viu sangue ela se sentiu muito mal…mas. Uma coisa que a atrai muito também e que já estive com ela foi em fábrica de bolo…e ela já também centrou no meio porque gosta da arte da culinária… não é e que também é outra opção mas relativamente a isso noto que ela tem trabalhado nestes dois sentidos para ver o que realmente ela gosta de fazer (**faz assim um género de explorações)…**a primeira vez que ela viu sangue ela já caiu para o lado (**isso é bom.. isso é bom no sentido**….) é bom que ela apure aquilo que realmente ela gosta de fazer….procuro conhecer pessoas que estão no meio daquilo que ela gosta para que ela possa entrar naquele mundo e ver como funciona para não escolher um curso e depois ter surpresas….!

Questão 5.2- Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho/a no sentido de o/a deixar mais preparado/a para a escolha vocacional?

Questão 6- Em que altura de crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional/profissional do seu filho/a?

R: Desde os sete anos…

Questão 6.1- O que é que motivou o surgimento desta preocupação?

R: Queria que ela não tivesse as dificuldades que eu tive no mercado de trabalho, porque….hoje em dia estudo não quer dizer nada não é você tem que estudar, tem que reciclar e tem que se actualizar porque a evolução tá aí… e quem não faz parte e não acompanha acaba por se tornar atrasado e torna-se um ser humano absoleto no mercado

por isso, acho o que valoriza qualquer tipo de curso é o preparo desde muito cedo que eu quis que ela aprendesse o Inglês. Ela aos 3 anos já lia…então é assim, ela foi, antes de ir para a escola, ela foi muito educada em casa, desde sempre, acho que, desde que eu estava grávida já queria que ela fosse óptima.

Questão 6.2- Que tipo de aspectos a preocuparam nessa ocasião, e que aspectos a preocupam actualmente?

R: A grande preocupação foi você tirar…é que no Brasil, normalmente, as crianças só vão para a escola aos sete então você tirar uma criança de casa para, o convívio as influências isso me preocupava muito, a professora…isso me preocupava muito, porque lá as professoras mudam todos os anos a professora existe para um ano lectivo. Não é como aqui… que a criança é acompanhada isso dá uma segurança e um conforto muito grande para os pais agora a criança estuda um ano e no segundo ano a professora não pode ser a mesma…. e por isso….portanto…e as crianças sentem muito isso, mas assim, em primeiro lugar o que preocupava era a influência que ela ia ter, a certeza que ela ia estar, porque é assim… num pais subdesenvolvido é completamente diferente sabe… e eu tinha a certeza que ela lá ia ter más influências, por causa da estrutura familiar, por causa dos vícios, por causa do vocabulário, isso tudo me preocupava…muito, então eu tinha uma grande preocupação com o primeiro dia de aulas dela…

(**actualmente o que a preocupa**) R: Relativamente à aptidão profissional dela, relativamente à escolha que ela vai fazer, o que me preocupa é que ela não escolha um curso para ganhar dinheiro, que ela escolha uma coisa que ela goste de fazer. Porque senão, ela vai ser uma profissional frustrada e isso atrapalha horrivelmente. O que mais me preocupa neste momento é isso…já falei para ela que não há pressa… sabe…mas, ela tem que fazer aquilo que ela tem a certeza que gosta… (**de forma consciente**…) exactamente, não fazer qualquer coisa que dê dinheiro porque… isso vai causar uma frustração, e ela vai ter que conviver com isso de uma maneira infeliz ou vai ter que refazer de novo os planos dela como profissional.

Questão 7- O que é que conhece acerca das ofertas de formação que o Sistema Educativo tem para o seu filho/a após o 9º ano e 12º anos?

R: Bom, o que eu conheço são os cursos profissionalizantes…não é! Que inclusive também falamos sobre isso na altura, ela não quis fazer…ela tem ideia de fazer uma faculdade e, também não tendo pressa…não é. Olha …o que eu sei é isso e… não sei nada além disso e apesar de muita gente falar de que o estudo aqui não é grande coisa…eu só posso elogiar, porque o estudo aqui é muito, muito e muito bom. Daí…não sei se posso falar isso mas, as escolas no Brasil… você tem 3 turnos num dia que é.. das 7 às 11 da 13 às 17 e 18 às 23, são 3 horas de escola tem o tempo do intervalo e eu te pergunto o que é que você aprende? Das 7 da manhã às 11 o que é que você aprende? A contar com o intervalo e tudo mais. (**as realidades do Brasil são muito diferentes de**

região para região) Sim! O que eu posso lhe garantir é que o sistema é o mesmo a maneira de geri-lo é que muda, mas assim na maneira quase que não se nota, é o que muda. Eu também estudei em duas capitais e não vi diferença e não é só no ensino primário, porquê, na faculdade você… não existe uma faculdade em qualquer Estado que seja, ou em São Paulo, ou em Belo Horizonte ou em Brasília não existe uma faculdade sem que ela esteja com bares, no lado esquerdo, lado direito, em frente nas ruas de acesso, é assim….por isso eu penso que…é uma grande diferença. E acho que valeu a pena o ela ter vindo estudar para cá.

Questão 8- Se enquanto pai/mãe, tivesse a oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho/a em vez dele/a, que tipo de escolha tenderia a fazer?

R: Para a área da Saúde…(pausa) se eu pudesse escolher..(**sim a questão é essa**) se eu pudesse falar para ela "eu quero você faça isso!" (**sim qual era a tendência**?) para a área da saúde e de preferência em algo do tipo das Forças Armadas, ou da Aeronáutica, ou…na área da saúde dentro dessas corporações.

Questão 8.1- Que razões o levariam a fazer essa escolha e não outra?

R: ahhh! A razão de escolher a área da saúde em primeiro lugar, é porquê….eu acho que…é uma profissão que te abre as portas em qualquer lugar, é uma profissão em que o idioma é único, é uma profissão em que você pega compra uma medicação e as indicações vêm escrito em Português, em Inglês, em Francês, em Russo…entende. Então eu acho que isso facilita muito…existe uma (**uma universalidade…**) é, exactamente…eu penso que na área da saúde era bom por isso, que ela não tinha que se prender a normas e a procedimentos de uma empresa, sabe… depois ter que se adaptar a outra, porque uma pessoa, uma médica, uma enfermeira que trabalha num hospital trabalha em qualquer parte do mundo. E relativamente á segunda parte que era trabalhar numa Corporação, pelo facto de ter familiares que fazem parte da Polícia e essas coisas…existe ali uma disciplina, respeito, um cumprimento das normas fora do normal, uma coisa que você não vê nas pessoas hoje em dia, e eu acho que a união dos dois era perfeito (risos).

Questão 9- Quando em casa falam acerca das V. actividades profissionais e do trabalho que fazem, que tipo de mensagens sentem que transmitem ao V. filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas?

R: Bom! Eu tento passar para ela, em primeiro lugar, o senso de responsabilidade…não é. Eu gosto que ela me veja sair para trabalhar, esteja a fazer sol ou não, esteja me sentindo bem, ou não, que é para ela ter noção que é importante o trabalho…não é. E que se eu consegui, e se eu faço o que faço é porque eu me esforcei. Porque antes ela achava que eu sabia tudo (pausa) a gente quando cresce acha que os pais são mágicos e que sabem tudo, e que nasceram sabendo tudo, o que eu tento mostrar para ela é que isso foram conquistas, isso foi de pouco a pouco, percebe, isso foi muito devagar e que ela pode seguir os passos, pode ir devagar, que ela vai chegar lá do mesmo jeito. Então,, é isso que eu tento passar para ela…não faço com que ela tenha ideia que foi muito

fácil, que eu sou inteligente, que eu fui estudar e que eu consegui, que veio tudo assim, não, eu tento passar para ela que as coisas dependem daquilo, ou do quanto nós nos esforçamos para adquiri-las. Por isso, se eu faço o que faço, eu tento passar para ela que eu me sentia atraída… em fazer contas, em fazer palmilhas, gostava disso e, na altura o curso que tinha mais a ver era o de contabilista. Eu fui fazer o curso de contabilista então…, porque eu gostava. Gosto dos números, gosto das contas… sabe, dei muitas aulas de matemática para ela…sabe. Mostro para ela, até hoje, que a gente faz aquilo, a gente consegue fazer aquilo, desde que a gente esteja disposta a pagar o preço. A se esforçar, a perder tempo, a ter paciência, muitas vezes ela fala "*ai mãe não tenho paciência*", às vezes ela chora em cima dos livros "*não consigo, não consigo, não tenho paciência*…". Eu falo para ela "olha, esta é que é a hora de parar, vê um pouquinho de televisão, sai um pouquinho, depois você volta, vai estar com outra cabeça e vê que consegue".

Questão 10- Na V. família quem mais influenciará o modo como o V. filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? mãe?). E essa menor influência de (pai? Mãe?)?

R: Eu penso que é o padrasto (pausa) porque… ela não… se calhar, por estar ali comigo muito e muitas vezes, ela está habituada, mas uma coisa…ela faz muitos comentários relativamente à postura dele diante do trabalho. Porque ela nunca o viu na cama e nem nunca o viu faltar ao trabalho, nunca…nunca…e ela fala. Ela fala, "*olha ele não falta…não sei o quê*…" Então, eu acho que é um grande exemplo para ela, isso chama a atenção dela. Porque… eu quando tou doente, normalmente, como trabalho aqui na clínica, e tenho médicos e sabem que eu estou doente ela pede para eu ficar em casa. Ela já me viu em casa muitas situações, mas ele nunca. (…) **O que é que explica então uma menor influência por parte da mãe**? Uma menor influência é que, como eu tenho…como ela está sempre comigo, ela acaba por ver o meu trabalho da mesma maneira que eu vejo. Porquê! Muitas vezes… eu estou aqui sozinha, por exemplo, e preciso de sair ou preciso de resolver qualquer coisa…se ela estiver em casa ela vem para cá. Ou ela faz o que eu tinha de fazer, ou ela fica aqui a fazer o meu trabalho enquanto eu saio. Então, ela olha o meu trabalho de igual para igual, da mesma maneira que eu vejo…entende. Era a história que estava a dizer, foi uma conquista dela… já falei isso para ela, é uma conquista dela…para que ela, mas ela nem deu fé, mas ela se empenhou, ela vai para ali, faz o que eu faço na perfeição, e já fez muitas vezes. Então isso perde um pouco o valor, porque ela é capaz…sabe. Mas quando ela olha para ele, porque é o tipo de pessoa que chega em casa às duas da manhã e às oito já está de pé para sair de novo. Então…ela acha piada porque as amigas dela falam assim mas "você

se dá bem com o seu padrasto?" e ela "sim! Eu nunca o vejo". (risos) Mas…ela é assim tenta fazer piada do lado ruim, mas também se calhar é mais uma coisa que…mais um atenuante para aquilo que eu já disse que chama muita atenção a ela o facto dele nunca parar…nunca. Ou doente ou não, nunca, nunca, nunca para, pode chover pode o que for, ele nunca falta. Inclusive às vezes ele estava doente ou se cortava ou isso, ela falava " mas ele não vai ficar em casa para curar" e eu, não! E ela "não acredito, aquele patrão é muito mau e não sei o quê…."

Com relação à minha parte… deixa de ser uma coisa assim de outro mundo, ela não tem ilusão nenhuma, porque ela faz exactamente o que eu faço!

Questão 11- O que é torna o trabalho importante para si?

R: (Grande pausa)… O trabalho, antes de fazer bem para o meu bolso faz bem para a minha cabeça. Se eu….um dia que eu estou em casa sem trabalhar para mim fica esquisito…sabe, me incomoda. Se não tiver a mente ocupada, se não tiver ali sabe…no movimento, então é importante para mim em primeiro lugar…a níveis de estar bem comigo mesmo e depois…vem o outro lado não é, que é o lado financeiro, que… também nos dá a satisfação, todo o mundo, não é, quer ser independente, e enfim, não quer estar a precisar de ninguém, nem nada. Mas em primeiro lugar a…. mental, acho que é um tratamento, trabalhar é um tratamento mental, todo o mundo que trabalha não consegue parar para pensar outras coisas, e isso faz bem.

Questão 12- Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o/a faz sentir-se realizado/a?

R: Bom, trabalhar com público e a satisfação de ver uma pessoa entrar mal e sair bem é a melhor coisa do mundo. Acho que… como para um professor também, que pega um aluno analfabeto e ele passa aquele ciclo e já sabe ler e, isso e aquilo acho que é satisfação. É conseguir é olhar e pensar "eu consegui fazer"…sabe, a satisfação, a realização. Acho que…em primeiro lugar é isso. Eu lhe digo que no decorrer de um dia eu faço coisas muito diferentes. Porque aqui, eu sou recepcionista, mas de manhã eu sou empregada de limpeza em outros lugares…sabe. O reconhecimento, tento fazer…ainda que seja, porque é importante que eu acho que o facto de você…independente daquilo que você faça se você fizer bem…é a realização total. Então é assim, por mais que as pessoas digam…olha está óptimo assim, eu tento fazer melhor. Tento fazer melhor, porque eu acho que, quando alguém diz que está óptimo é porque é hora de melhorar. Enquanto não está bom, você tenta fazer com que fique bom, quando ficar bom é hora de melhorar.

(Nas actividades que desempenha diga as que lhes dá mais prazer e pelo contrário as que menos agradam?) É assim, como eu estava a dizer, trabalhar com público é complicado, não é, é um bocado difícil você nunca sabe com quem está lidar e o tipo de

reacções essa pessoa pode ter ou não. Então é assim, me agrada muito quando uma pessoa vem, entra e sai e sai melhor do que o que entrou. O que me desagrada é quando…as pessoas… quando acontecem situações no trabalho onde você não consegue fazer melhor ou fazer com que aquela pessoa esteja melhor. A sensação que dá é que você sempre deixou a desejar em alguma coisa, falhou ali em alguma coisa. Mesmo que você está ali falar com a pessoa e está-se perguntando o que é que eu posso fazer, o que é que…Sabe, tenta ter ideias para que…aquilo possa ser resolvido e não consegue. Isso desagrada muito, isso no trabalho é péssimo, eu não gosto. Eu não gosto quando uma pessoa fica descontente com o meu trabalho.

Questão 13- Gostaria de ter exercido/ exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraia/atrai nessa outra profissão?

R: (Grande pausa**).** Não sei (**risos**) não sei o que faria se eu não fizesse o que faço hoje, não sei. (reformulação da questão). Acho que, olha, sempre gostei, e acho que…antes eu fazia muitas actividades de férias com crianças e todo mundo achava que eu tinha que ser professora. Porque eu sou óptima para desenhar. Se voçê tiver que fazer uma festa de um filho, olha… me chama. De repente tem balões, tem toalhas de papel pela mesa, tem aquilo tudo colorido. Sou muito boa com esse tipo de arte e gosto de trabalhar com crianças, adoro, adoro, vejo crianças eu me perco….adoro.

Uma vez eu tinha dez anos, passou à porta da casa minha mãe uma senhora com um bebé e tinha fome. Eu pedi à senhora para entrar e minha mãe deu de comer para ela e eu peguei naquele bebé e dei banho. Fiz daquele bebé minha boneca enquanto ela esteve lá, e não queria que a minha mãe a mandasse embora. Isso foi uma briga terrível, porque a minha mãe deixou a senhora ir embora com o bebé. Entretanto chegaram as férias minha mãe me colocou num orfanato. Ela conhecia a dona do orfanato e falou assim, olha…vou votar aí minha filha nessas férias, dê ocupação para ela. Olha, e para me tirar de lá! Eu só queria estar lá com as crianças…sabe, mas não é para brincar, eu gostava de cuidar, de…não sei. Tem aqui pacientes que trabalham em creches e quando elas começam a contar, me balança um pouco. Por isso eu acho que se eu não fosse contabilista eu ia ser educadora infantil ou alguma coisa assim.

Questão 14- Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode ter influência no trabalho profissional do seu filho(a)?

R: Nenhuma, nenhuma… ela odeia matemática. Ela só vai ao explicador por causa da matemática e da física e química. Ela odeia números, às vezes eu na brincadeira com ela começo a falar, T…. 32 mais 15 e ela " ah, ah… ai não, não sei o quê. Nenhuma, absolutamente nenhuma. Ela fala assim, que não sabe como eu consigo entender, fórmulas e números, e essas coisas todas.

Questão 15- Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho(a)? O que pensa acerca do mesmo?

R: Bom, tudo o que eu sei é daquilo que ela diz. Ao princípio disse que ia escolher a área da saúde, e prontos, começou a fazer o curso para isso, Ciências e Tecnologias. É assim, até hoje ela não voltou atrás naquilo que está decidida a fazer. Até hoje não…e tem muitos planos, às vezes fala que estuda aqui, as vezes fala que estuda em Espanha, às vezes fala que estuda no Brasil, o que ela quer fazer mesmo…. (**O que é que pensa acerca desses planos?**) Eu acho óptimo, eu acho óptimo. Desde que ela tenha planos, desde que eu possa ajudá-la a investir nesses planos, eu acho óptimo. Uma coisa que eu não faço é impedir que ela…colocar dificuldades, impor… dificuldades para que ela não os faça. Já disse a ela, quer estudar em Espanha, olha vamos ver como é que é, quer estudar para o Brasil, vamos ver como é que é. Desde que ela estude, desde que ela…é assim, eu vejo a T…, além de filha, como uma pessoa. Eu não posso me meter nas escolhas que ela vai fazer para o futuro, porque o futuro é só dela. Eu também fiz as minhas escolhas, tenho que respeitar as escolhas dela. Então, eu vejo isso de uma maneira muito positiva, o que ela quiser fazer…desde que não seja nada que possa vir a atrapalhá-la, ela tem todo o meu apoio. Ela tem toda a liberdade…ela nunca me perguntou o que é que eu acho que ela deveria fazer, ela nunca me perguntou, Eu também nunca disse, o que é que eu achava que ela deveria fazer. Entretanto ela cresceu, já está nesta fase e já esta a fazer as escolhas dela. A única coisa que eu posso fazer é alertá-la para o que é bom e para o que não é.

Questão 15.1- Em caso de desacordo: como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho(a)?

Entrevista à Encarregada de Educação 3

1- Em que medida é que acha que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

Fundamental, porque o insucesso escolar prova também que isso é um bocado culpa da família que não investe em assim em dar educação para os filhos. Se eu sei que o meu filho tem alguma dificuldade eu tenho que trabalhar naquilo, aulas particulares, algumas coisas mais para que possa ter um sucesso porque se não, se eles não são bem sucedidos quando estão no Secundário, não vão ser bons profissionais quando entraram para a Faculdade.

2- Quando conversa com a sua filha que tipo de coisas lhe costuma dizer, tanto a uma como à outra.

Digo sempre, eu e o pai dela, nós somos pessoas que não temos, não somos pobres, mas também não temos uma posição muito favorável, mas o que nós podemos deixar para elas, não temos dinheiro para deixar herança, para deixar nada, o que nós podemos deixar para elas é que elas sejam umas meninas estudadas. Essa é a nossa conversa, em nossa casa, o que é nossa parte é ajudá-los no que a gente pode para que eles possam estudar e chegar lá, não é?

1- **Muito bem, na vossa família quem é que tem mais tem por hábito iniciar este tipo de conversas sobre a vida escolar e o futuro profissional delas?**

É o meu marido. Estou mais ligada porque tenho mais tempo, sempre fui a encarregada. Mas geralmente, a gente, sempre, todo o mundo junto, é os dois, conversa muito e é muito importante para nós. Sempre nós falamos para eles que a nossa alegria sempre vai ser eles serem bem sucedidos nos estudos. É uma forma assim para nós, para nós fazer o maior por eles, porque nós não podemos deixar herança, bens materiais, mas, não é? Incentivá-los a ser profissionais, bons.

2- **Até que ponto as vossas filhas recorrem a vocês com questões ou dúvidas em relação às coisas efectuadas ou aquelas ainda a escolher?**

É assim, agora que elas estão no 11º ano, mas elas ainda têm um bocado de confusão. A D…. já não é decidida, aquela é que a parte de Biologia, a R…. quer daquilo mas ainda tem um pouco de confusão ainda, sabe? (risos) Então a gente conversa bem, fala assim: "olha tem de prestar atenção bem o que é", porque a gente tem um filho que escolheu errado e teve que parar a faculdade para ir fazer o curso de novo para entrar no que ele queria: "Então tem que pensar bem para não perder anos, viu?".

3- **Geralmente como é que lidam com essas situações? Quando acontece isso como é que…?**

É assim, para nós custou muito. Ele estava fazendo Engenharia Electrotécnica e mudou para Música, agora que você vê, é ao contrário. Foi muito complicado, mas depois a gente chegou à conclusão de que realmente não adianta nada ele

fazer uma coisa que ele estava, diz ele, fazendo para nos agradar e não pode ser. Ele é que o profissional e tem que ser… O que importa também é que ele faça o que queira. **(É o futuro dele que está em causa).** Pois, ele é muito mais feliz agora. (risos) **(Está a fazer o que gosta)**

4- Em algum momento promoveu ou participou em actividades com as suas filhas no sentido de as apoiar a escolher um curso ou profissão?

Sim, acho que já teve um curso nesta escola. **(Mas já participou, dona J…?)** Já, foi no 9º ano acho**.** Do 9º para o 10º, não é? Sim, participei**. (Lembra-se que actividades é que fez nessa altura?)** (Demora a responder) **(Se não se lembrar, mas participou?)** Participei. Lembro que também participei no meu filho e da minha filha também lembro que também participei lá numa coisa que elas fizeram (risos) que era uma árvore assim com umas garrafas, mas é muito tempo.

5- Em que altura de crescimento da D…. e da R…, começou a preocupar-se com o futuro profissional delas?

Ah, mas isso já isso já é desde que elas eram pequenas (risos). Sempre incentivei eles que elas sempre estiveram assim, sempre foram um bocado inteligentes e então desde o pré-escolar, elas sempre se destacaram, sempre, sabe? Então desde pequenas, eu e o meu marido sempre incentivamos elas a estudar e elas sempre gostaram de estudar, sempre foram iniciativa delas, não era o caso de assim, de às vezes, nós queremos que os filhos sejam assim, não é? Mas desde pequenas a gente explicou a elas.

6- O que é que motivou o surgimento dessa preocupação?

Justamente o nosso caso, o meu principalmente, porque eu, quando, eu tenho só até ao 12º ano, porque o meu pai falou comigo assim, quando era jovem eu queria fazer faculdade, porque lá no Brasil eu fiz técnico de enfermagem e eu podia ter feito faculdade de Enfermagem. Mas meu pai falou assim: "Nem pensar, não pago mais nada", "Mas porquê pai?", "Não, não", " Porquê? Você é mulher e eu vou investir em você porquê? Você vai casar, você vai cuidar de sua casa… E o que eu podia fazer por você eu já fiz até aqui" e eu pensei assim " não pode ser, não é? Mulher também seus direitos de chegar lá, não é?". E também por causa do meu marido que ele sempre teve vontade de estudar, mas na época que ele era jovem também não deu, tem só o 9º ano e então a gente, nós crescemos ensinando eles que vale a pena estudar para eles não sofrerem o que a gente sofre, não é? O meu marido até fala assim " se vocês querem ser bem pagos, quer ter uma vida melhor, tem que procurar para isso". **(Então posso daqui concluir que esses foram e são os tipos de preocupação que vocês têm em relação a eles?)** Claro.

7- Isso foi nessa altura, mas agora que preocupações têm relativamente a elas?

Olha, é assim, é o mesmo caso do meu filho. Eu espero que elas não escolham, porque a D…. também quer um curso, como é que chama…criminal, Investigação Criminal,

isso não tem muita saída, era a mesma coisa do outro. A minha preocupação agora é não por, assim, por eles escolherem isso, mas é do tempo que se perde, eu sou da opinião, assim, tudo tem que fazer no momento exacto, se deixar " vou falar agora, vou fazer depois"…. pode ser que dê certo mas é muito difícil. Então o meu maior medo é esse, é perder muito tempo, por exemplo, trocando de curso ou com a indecisão " o que é que eu vou fazer", mas parece que esse ano elas já decidiram mais. Ela já optou por Biologia, a outra optou por Química, vamos ver, se… **(Parece que estão bem encaminhadas, não é?)** Estão bem encaminhadas.

10- O que é que conhece acerca das ofertas de formação do sistema educativo português, neste caso, não é, e que ofertas tem, aquilo que conhece, que ofertas é que conhece para o 9º e 12º ano, por exemplo, conhece algumas ofertas do sistema educativo português, ofertas vocacionais para o 9º e 12º ano?

É, conheço. Eu acho importante e engraçado é fazer estágios, para ver se é isso mesmo que eles gostassem, era muito importante, é ou não é? **(Sim).** Por exemplo, me esqueci, estava com isso na cabeça, qual a pergunta que você me fez antes**? (A pergunta que eu faço é se conhece as ofertas do sistema educativo, que o sistema educativo português tem, para quem faz o 9º ano, mas também para quem faz o 12º ano? Acaba o 9º ano, se conhece as ofertas educativas do sistema educativo, a partir do 9º?)** A partir do 9º ano, são os cursos profissionais, não é? E a partir do 12º, é entrar na faculdade, preparação para entrar na faculdade. **(Sim, do mundo universitário, é isso)**

11- Enquanto mãe, se tivesse oportunidade de escolher um curso/profissão para as suas filhas, em vez delas, que tipo de escolha tenderia a fazer?

(Risos) Essa pergunta é tão engraçada, porquê, sabe porquê? É assim, a escolha é a escolha, cada um deve saber o que quer. Sabe, porquê é até difícil responder, porque, por exemplo, quando o meu filho mudou de curso, para nós custou muito, porquê? É lógico que a gente sabe que se ele fosse um engenheiro ele ganhava muito melhor e tinha muito melhor concorrência no mercado, é ou não é? Era muito melhor do que um músico. Mas ele não era feliz. Era estafar o meu filho. Eu acho que o que importa para os pais mesmo é que ele seja feliz. Às vezes a gente fala para a D….: " D…. você é tão inteligente, porquê que você não faz Medicina, porquê que você não faz isso?", mas ela não quer. Então a gente fala assim, só para mexer com ela, mas você vê que ela tem mesmo uma fascinação por coisas de Biologia, a R…. também gosta de coisas por Química. Às vezes a gente fala mas elas dizem: "Nem pensar!" e então fica por aí, "você escolhe o que você quiser".

12- Quando em casa falam das vossas actividades profissionais, do pai e da mãe, não é, e do trabalho que fazem, do tipo de, quando falam do vosso, das vossas profissões e do trabalho que tipo de mensagem procuram transmitir?

Nós procuramos transmitir, o meu marido às vezes, até fala muito nisso: " o pai quer que vocês estudem, por isso, o esforço que eu tenho que fazer…". Eu trabalho o

dia inteiro como o meu marido, ele é trolha, pintor de parede, e não sou também remunerada assim. “ Isso é um serviço digno? É. Que é com esse trabalho que o pai sustenta vocês a vida inteira, mas se você pode estudar e eu a sua mãe, pode oferecer isso para vocês, porquê não fazer?” Entendeu? Então a gente tenta mostrar para eles. Eu e ele não tivemos essa oportunidade, o meu pai não quis investir em mim e ele também não pôde porque a família dele precisava. Ele trabalhava para ajudar em casa, não é, então? Então, para elas é importante e a gente conversa e mostra para eles, que eles deviam aproveitar essa oportunidade, que nem todos os pais fazem isso, nem todos os pais têm essa visão.

(Então esta questão é, também, tem muito a ver de falar sobre a importância do trabalho para a pessoa, não é?) Lógico. **(Por isso vocês nesses diálogos que mantêm com a D…. e a R…. procuram também mostrar a importância…)** A importância do trabalho, para ser bons profissionais, também, que por exemplo uma profissão é uma coisa muito importante, que você pode ser um bom profissional ou um péssimo profissional, é ou não é? **(Sim claro. Mas dentro de, já me falou que isso é partilhado, mas dentro do diálogo com elas, quem é que participa mais, quem é que evoca mais essa questão do trabalho e que fala mais sobre a sua própria profissão. É o pai ou é a mãe?)**

Olha, não, é engraçado. Meu marido, ele fala, meu marido pega mais isso. (risos) Meu marido, fala mais, sabe? (É ele que participa mais, não é?) Ele fala mais.

(E o que é que explica essa maior influência por parte do marido?) Por parte do marido? Por isso mesmo, o meu marido, ele gosta que eles sejam, ele fala assim que ele espera, que eles não sejam igual a ele, sabe que ele quer que eles sejam estudantes, que tirem um curso. O que pode dar o prazer e alegria para ele é que eles sejam estudantes.

14- O que é torna o trabalho importante para si?

Para mim, o trabalho é livre, porque pensa nisso aqui, o trabalho ele nos sustenta, ele nos dignifica, faz nós sermos respeitados. Uma pessoa que não trabalha, já pensou, você ser uma pessoa inerte, que não faz nada, que dorme o dia inteiro, nem pensar! (risos) E assim eu tenho meu trabalho, tenho o meu objectivo, tenho um alvo, não é? Servir alguém, ensinar alguém.

15- Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente a faz sentir realizada?

Muito. Eu trabalho com crianças deficientes e para mim é muito importante isso, não é? Porque é assim, gosto de falar, nem tenho curso universitário nem nada disso, mas eu me sinto muito importante no que faço. (risos) Porque, é mesmo, eu trabalho com três crianças deficientes e é um trabalho que me faz ficar muito alegre porque não é muito fácil, mas é uma coisa que eu gosto de fazer.

16- Dona J…., fale-me um pouco sobre o trabalho que faz e sobre aquilo que lhe dá maior satisfação e sobre aquilo que lhe dá menos satisfação naquilo que faz.

É assim, me dá muita satisfação porque eu já trabalho lá há dez anos, então quer dizer, eu já faço parte da mobília (risos) e não quero mudar. Antigamente me fazia menos satisfação porque ganhava muito pouco, mas agora pelo menos aumentar o meu salário, então agora está equilibrado. É uma coisa que eu gosto de fazer mesmo, por prazer, eu já fazia isso lá no Brasil, faço aqui, sabe e eu tenho prazer disso, sair de casa e ir para lá e contribuir para fazer algo por alguém, não é? É um, assim, igual ao de lá, as professoras ensinam e eles não aprendem tão facilmente, não é visto muito… Só o facto de eles não saber falar e passar a falar é muito importante. **(E o menos importante tem alguma assim…)** O menos importante… para mim… o menos importante, o que é o menos importante? Para mim é tudo bom.

17- Gostaria de ter exercido ou exercer outra profissão, outra actividade profissional?

Oh, gostaria, isso eu gostaria. **(Qual?)** Não, é assim, explicar, que agora lá no Brasil onde eu trabalhava, lá no Brasil, eu não trabalhava de funcionária de limpeza ou agente operacional. Lá eu trabalhava num centro de saúde, quer dizer, tinha, não era esse tipo de trabalho que eu fazia. Se eu pudesse aqui em Portugal, trabalhar num trabalho assim também, ficava mais feliz, mas como que não tem jeito, eu faço lá as duas coisas, quer dizer, eu faço o que eu sei fazer, mas também, tem que… Mas eu ficava mais feliz se eu pudesse trabalhar mesmo na minha área, mas eu não posso, então, é nem menos nem mais do que eu gosto.

18- Em que medida é que a sua actividade profissional tem ou pode ter influência no trabalho profissional das suas filhas?

Ah, tem muito, sabe porquê? Porque elas falam assim, "ai mãe, não sei como você consegue fazer isso" e eu falo assim " cada um minha filha, Deus chama para uma coisa, a mãe gosta de lidar com criança que não é normal". Aí elas acham isso um máximo e elas ficam assim "mas como é que você consegue?" e não é por ter nojo, nem por ter nada não, sabe, assim, é querer, quem realmente não tem muito contacto, mas para elas é um máximo, elas falam assim "ai eu queria ser como tu" e eu digo "pode vir a ser". É a deficiência que mexe muito com a cabeça delas, "porque é que assim, porque é que saiu assim?". Elas dizem " mamãe, interessante o trabalho que você faz". Mas não é muito fácil.

19- Tem conhecimento, já me falou nisso, mas tem conhecimento do projecto actual, profissional, de cada uma delas? Projecto da formação e profissional, também. Tem conhecimento sobre o que elas querem ser no futuro?

Sim. (O que é que pensa sobre isso?) Eu acho que, para mim está bom, porque às vezes elas falam assim meio, ela já foi na Internet, ela já viu que a faculdade só tem lá em Vila Real o que ela quer fazer, "e aí como é que você vai fazer?", "ai Vila Real é

perto, mamãe", posso ficar lá depois vi. E a outra diz que também vai fazer lá para ficar junto e aí eu penso assim "eu vou ficar sem as duas?". Quer dizer eu também não posso frustrar os sonhos delas, não é? **(Mas aceita?)** Vai custar um bocado, é assim, não é? Mas um dia a gente vai ter que abrir mão.

Encarregada de Educação 4.

1- Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

Bom, o sucesso escolar para entrar no mundo do trabalho, se bem que é realmente difícil, porque há gente formada que está batendo o pé e a cabeça, mas eu acho que o sucesso escolar pode evoluir bastante porque sem estudo não é, com o estudo está difícil, sem estudo está pior ainda.

2- Quando conversa com a sua filha sobre esse mesmo tema que coisas lhe costuma dizer?

Que ela continue estudando, até porque ela quis trocar de curso e eu apoiei, que ela continue estudando, é basicamente isso, sem estudo…

3- Na vossa família quem mais tem por hábito iniciar conversas acerca da vida escolar e o futuro profissional do vosso filho/a?

Eu e meu marido, os dois. Os dois.

4- Até que ponto a vossa filha recorre a si com questões ou dúvidas relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente como é que lida com essa situação?

Ela recorre sempre. Lá em casa temos essa abertura que ela tem de recorrer sempre, sempre recorre a mim, a mim primeiro não é, e depois com o pai, mas é sempre tudo comigo.

5- Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho/a no sentido de o apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

Não, não ela escolheu o que ela quer fazer, ela me fala e eu apoio, apoiei-a sempre. Não, não. **(mas teve alguma actividade, teve algum psicólogo de Orientação Vocacional?)** Não, não. Teve um psicólogo, mas não foi de Orientação Profissional, por causa disso do pai, não é? No momento achei que estava afectando ela e ela foi ao psicólogo e a irmã ao psiquiatra, aliás as duas foram ao psicólogo, o psicólogo fez avaliação psiquiátrica e achou que ela ficava no psicólogo e a mais velha ficava no psiquiatra. Mas em questões relacionadas com trabalho não.

5.1. Em caso afirmativo indique alguma dessas acções e/ou actividades
5.2. Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho no sentido de o deixar mais preparado para a escolha vocacional?

6- Em que altura de crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional do seu filho/a?

Sempre, sempre, Tanto é que logo com sete anos de idade ela foi para a escola, para o instituto de inglês, porque eu acho que é importante a pessoa falar pelo menos uma língua, porque eu, eu até hoje, eu se eu tivesse uma língua, eu teria arranjado trabalhos melhores, eu sou, eu tenho o 12º ano, na minha época que eu estudei, muita gente que se formava ficava batendo perna já naquela época, não é, e eu, eu ganhava mais do que muita gente formada, porque eu era secretária não é, e eu pu-la logo no curso de Inglês, tanto a G…. como a M…., que é para elas terem já um futuro melhor que o meu, um futuro melhor que o meu. Sempre essa preocupação, sempre, sempre.

6.1. O que é que motivou o surgimento dessa preocupação?

O próprio tipo de vida que a gente leva, o mercado de trabalho, mesmo para quem não…muita gente é formada hoje em dia e não trabalha, não consegue emprego na sua área, então eu disse a elas: "vocês têm que logo cedo começar a preparar o futuro", a preparar o futuro, porque é difícil e fazer aquilo que gostam, que trabalhar, é bom que o dinheiro caísse do céu, não é, trabalhar já é chato e trabalhar no que não gosta, não é, e então eu preparei-as nesse sentido.

6.2 Que tipo de aspectos vos preocupam nessa ocasião, e que aspectos vos preocupam actualmente?

Meu pai já dizia assim "as filhas mulheres tem de estudar, de ter uma profissão, os homens não digo, mas as mulheres têm de ter uma profissão se casa e não der certo, mande o marido às favas e vai cuidar de sua vida, que mulher não pode ficar dependendo de homem", meu pai sempre disse isso, tem uma boa cabeça ele. "As mulheres têm de estudar, os homens, se não quiser estudar, não estuda, pode trabalhar em qualquer coisa" são motoristas, tem camião, trabalham por conta própria, alguns já estão já aposentados não é, mas o meu pai sempre disse "as mulheres têm de estudar, os homens não, mas as mulheres não vão ficar dependendo de marido", se não der certo então vai ficar casada, se o casamento não der certo porque não tem uma profissão, não é porque antigamente acho que casamento era até uma profissão, e se a mulher não casasse ia viver de quê, não estudava, não trabalhava, não tinha profissão, não tinha nada, então o casamento naquela época era uma profissão. A minha avó dizia à minha mãe assim, que se pudesse ela nunca casava, a minha mãe era uma pessoa muito doente sempre foi uma pessoa muito doente desde pequenina, então a minha avó dizia "se eu pudesse não casava, mas se não casar vou viver do quê?", se bem que a minha mãe depois quando nós já estávamos grandes, trabalhou, arrumou coisas para vender, não é, e fez alguma coisa para não ficar muito tempo em casa parada, aliás ela nem no sentido

de ganhar muito dinheiro, era só para sair, conversar com as pessoas e então ela arrumou coisas para vender, mas até então o casamento era uma profissão. Não tem profissão de mulher de jogador de futebol? É, é profissão. Quantos casam para fazer o futuro e se separam e ficam cheias da massa?

7- O que é que conhece acerca das ofertas de formação do sistema educativo que o Sistema Educativo tem para o seu filho(a), após o 9º ano e 12ºanos?

Conheço, conheço. **(Parece-me que conhece, a Marta estava no Ensino Regular, no 11º ano não é e foi para o Ensino Profissional)** Eu sempre soube que existia. Foi só porque geralmente quem vai fazer esses cursos são pessoas, quer dizer, que não têm muita capacidade de, como é que digo, **(mais direccionados para o mercado de trabalho)**, exactamente, mas se ela não chegar a onde ela quer com esse curso…Conversei na época com a psicóloga e com a directora da escola, foi com a psicóloga, até como ela era boa aluna, nós conseguimos na escola, não havia em lado nenhum o curso que ela queria, que era "Humanidades" então só termos conseguido em S. Mamede Infesta, então a directora disse para ela não sair da escola, porque era uma boa aluna, se não já ia tarde, já ia tarde, que tem alunos que Deus me livre, não é, entendeu, porque o português tem a mania de achar que os professores é que têm que educar e a educação tem de partir de casa, tem de partir de casa, o português, é um bocado, todos sei lá, tem que partir, as minhas filhas sempre foram assim, têm de se portar bem e andar, não quero ver reprovações. Nunca recebi reprovações dos meus filhos, muito pelo contrário, muito pelo contrário, agora mesmo eu estou trabalhando, fazendo umas horas extraordinárias, a professora de Russo da G……, no período passado, fiquei esperando ela, porque ela está de licença sabática, está a fazer um doutorado, e ela disse "a G….. é muito organizada", você pega os cadernos dela, as gavetas dela, desde ela com os cinco anos, ela sempre foi assim, muito organizada, "vocês têm de cuidar das vossas coisas direito, não quero caderno nem livro com orelha aqui dentro", eu prefiro que sejam danadas em casa que o contrário, porque tem crianças em casa que são uns anjinhos e a mãe não sabe o que se passa na rua, eu nunca tive esses problemas com os meus filhos, nunca tive, eu sempre digo "meninas a vossa profissão é estudante, estuda, passa de ano, aqui ninguém reprova", eu nunca reprovei, fui até ao 12º e nunca reprovei, então nunca exigi nada delas, meu marido diz "você é escrava das suas filhas" e eu digo "não sou escrava das minhas filhas, eu quero que elas tenham um futuro melhor", quando elas têm testes e tudo isso, não lhes exijo nada, se não tem nada que fazer elas me ajudam em casa, é normal, mas quando tem que fazer para isso tem as máquinas todas, de lavar, de secar e de lavar louça, falta só as empregadas que tenho lá em casa, agora se não tem o que fazer ajuda. Eu sempre quis que elas…a prioridade sempre foi o estudo, "vossa profissão: estudante, então passar de ano que eu não estou aqui a gastar dinheiro para vocês estar repetindo de ano", entendeu?

8- Se enquanto pai/mãe, tivesse oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho em vez dele, que tipo de escolha tenderia a fazer?

(demora a responder) Eu não faço a mínima ideia, menos professor, professor não. (risos) Professor sofre. Não, queria uma profissão que ela se saísse bem e ganhasse muita massa (rico).

8.1. Que razoes o levariam a fazer essa escolha e não outra?

Pois, porque é o seguinte. Eu, outra coisa, eu tenho várias da minha família, gente da minha família, que não deu para o estudo, entendeu, será que não dá para estudo? Sai da escola. Por exemplo como é o caso da M….., a M….. foi num curso profissionalizante, mas muita gente que eu conheço lá no Marco de Canaveses, é mesmo isso: "se não você não dá para o estudo Regular, vai para um curso profissionalizante", que foi o que muitos meninos fizeram lá. Porque, não tem jeito de ficar ali, se não tem cabeça para certas coisas. Eu tenho uma prima do Brasil que não tem cabeça para estudo, mas é uma maravilhosa dona de casa. Agora vai ficar batendo uma tecla, não vai chegar lá. É que o que digo às minhas filhas, Deus queira que não, mas "se vocês chegar a um certo ponto, se vê que não tem…" Vamos ver, eu tenho duas filhas completamente diferentes. A M….. sempre foi do estilo que presta atenção à aula, nem estuda, faz o teste, e tira boa nota. A G…… não, a G…… é de matar-se de estudar, ela estudou um mês para um teste de Gestão, resultado, está devendo essa matéria para o próximo período, porque não passou naquela matéria, em compensação, tirou 20 a Russo, 17 a Alemão. Ela falou "ai ela está num curso profissional, isso é ruim". Ruim, nada. Do jeito que ela estava não ia a lado nenhum, não é.

9- Quando em casa falam das vossas actividades profissionais e do trabalho que fazem, que tipo de mensagens sente que transmitem ao vosso filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas? Dito de outra forma, se eu perguntasse ao seu filho/a o que aprende com os pais acerca do que torna o trabalho importante para as pessoas, que aspectos é que ele/a provavelmente iria referir?

(demora a responder) Olhe a importância do trabalho é basicamente isso é a sobrevivência, não é e tem também elas fazerem o que gostam e sobrevivência também, se não tiver trabalho…e ter prazer no que faz. O pai por exemplo o pai é vendedor e ele trabalha há 40 anos nisso e elas sabem. Ele só trabalha direito se for vendedor, se não for vendedor não faz nada que se aproveite. Então é você fazer o que gosta, principalmente, que é como eu já disse, trabalhar já é chato e quando não se gosta pior ainda.

10- Na vossa família quem mais influencia o modo como o vosso filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? Mãe?)... O que explica essa menor influência de (pai? Mãe?)

Acho que os dois, o pai e a mãe.

11- O que torna o trabalho importante para si?

O trabalho importante para mim… Eu acho que até para o, como se diz, conhecimento pessoal, até para a sua própria satisfação. O trabalho não é só ganhar dinheiro, o dinheiro faz parte, não é, mas o trabalho é muito importante na medida em que a gente faz aquilo que gosta.

12- Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o faz sentir realizado/a?

Eu ando agora, pronto. Como eu já não eu acho nada, como o que eu gosto de fazer na minha área, eu era secretária, fui secretária muitos anos, como eu fui secretária, quando surgiu secretária era função, quando passou para profissão tinha que ter dois, quem não fosse do curso de secretariado tinha de estar dois anos pelo menos na função e eu peguei o estatuto de secretária porque eu já tinha mais de dois anos na função de secretária, só que naquela época nem nada, pronto, mas mesmo assim eu comecei agora a visitar Inglês, mas não conseguia porque eu era secretária e saía muito tarde e trabalhava muito, eu sempre trabalhei muito, até que hoje eu detesto papéis, sempre trabalhei muito e não encontro, eu faço o que eu gosto que é limpar, lavar, passar. Eu gosto de cuidar da minha casa. Se eu tivesse que escolher, se eu pudesse escolher, não precisa trabalhar fora de casa, só cuidar da casa eu preferia ficar em casa.

13- Gostaria de ter exercido/exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraía/atrai nessa outra profissão?

Gostaria. Eu na época que eu estudei eu fiz duas opções, fiz vestibular no Brasil e tinha duas opções, administração de empresas ou secretariado, mas como no primeiro ano que eu terminei o científico, colegial lá, era diferente da época agora também é diferente, eu não tinha dinheiro para fazer a inscrição no vestibular lá, não fiz naquele ano, fiz no próximo e aí realmente não atingi os objectivos, as notas para entrar e desisti, não é, ao mesmo tempo que eu via muita gente se formar, tive um namorado na época que irmã dele fez Biomédicas, e eu era secretária e ganhava mais que ela, ela é formada e aí então eu pensei "para que é que eu vou esquentar minha cabeça, fazendo curso superior, me matar para ir ficar batendo porta". Hoje em dia é mais fácil ganhar um bom salário, até ser empregada doméstica, do que ser secretária. Pois é. Não vê por aí as empregadas domésticas internas, já tem casa e comida, quem não tiver filho, consegue um trabalho desse agora quem tem filho e marido e quiser cuidar de uma casa não pode. Então eu hoje faço, eu faço pelo menos, já que não entrei, não estou na área que fazia antigamente, secretariado, eu era secretária administrativa, eu fazia tudo, escritório, tanto arquivo, como tudo, eu faço o que eu gosto, eu gosto de trabalhar.

14- Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode vir a ter influência na escolha profissional do seu filho/a?

Nenhuma. Não porque elas já estão direccionadas para o que elas querem, não é, já estão direccionadas para o que elas querem. Então o que eu faço actualmente não influi em nada.

15- Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho/a? O que pensa acerca do mesmo?

Tenho. Acho bem, eu acho que está bom, o que ela quer fazer, eu acho que está bom. Eu apoiei (o projecto dela), eu inclusive, ela diz que quer fazer faculdade, mas não sei até que ponto ela vai chegar lá, está entendendo, tenho pessoas da minha família do lado dos meus pais, que não tiveram muita cabeça para estudar e fizeram cursos profissionalizante, estão trabalhando e estão se dando bem, não fizeram faculdade, mas trabalham e vivem bem, por isso que eu acho, eu não tenho nem certeza se a M…. vai fazer, tomara que chegue, tomara que chegue, sabe, mas já que ela está num curso profissionalizante eu acho que ela está num bom caminho, mesmo que ela não faça, não sei, eu não sei se este curso que ela está fazendo, se ela não quiser fazer psicologia, quais são as saídas que ela tem, isso eu ainda não sei…

15.1- Em caso de desacordo: Como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho?

Entrevista do Encarregado de Educação 5

Questão1:Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

R: Acho que quanto mais sucesso escolar, quanto mais formação mais fácil é a entrada no mundo do trabalho, pois quando uma empresa precisa de uma pessoa para desempenhar um cargo, essa empresa quer a melhor pessoa possível, quer aquela que melhor sucesso escolar teve..

Questão 2:Quando conversa com o seu filho/a sobre esse mesmo tema que tipo de coisas lhe costuma dizer?

R: Costumo dizer-lhe para estudar muito, para tirar um curso para ter um bom emprego.

Questão 3:Na V. família quem mais tem por hábito iniciar conversas/diálogos acerca da vida escolar e do futuro profissional do V. filho/a?

R: Eu mesma falo com a minha filha.

Questão 4: Até que ponto o seu/sua filho/a recorre a si com questões ou dúvidas relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente, como é que lida com estas situações?

R: Eu acho que sou a primeira pessoa a quem a minha filha recorre e eu lido bastante bem com isso.

Questão 5: Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho(a) no sentido de o apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

R: Sim, para ter uma ajuda mais “personalizada” acerca do curso para o qual deveria ir no 10.º ano, eu levei a minha filha a uma psicóloga

Questão 5.1:Em caso afirmativo indique algumas dessas acções e/ou actividades.

R: Indiquei na questão anterior.

Questão 5.2.Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho/a no sentido de o deixar mais preparado para a escolha vocacional?

R: _____

Questão 6. Em que altura do crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional/ profissional do seu filho(a)?

R: Quando ela estava no final do 9.º ano.

Questão 6.1.O que é que motivou o surgimento desta preocupação?

R: Ela foi para o 10.º ano e teve de escolher uma área

Questão 6.2. Que tipo de aspectos vos preocuparam nessa ocasião, e que aspectos vos preocupam actualmente?

R: Naquela ocasião foi o facto de ela estar a escolher mal o curso que queria e actualmente preocupa-me se o curso em que ela está irá ter saídas profissionais.

Questão 7. O que é que conhece acerca das ofertas de formação que o Sistema Educativo tem para o seu filho(a), após o 9º ano e 12ºanos?

R: Conheço pouco

Questão 8.Se, enquanto pai/mãe, tivesse a oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho em vez dele, que tipo de escolha tenderia a fazer?

R: Se calhar, a mesma escolha que a minha filha fez..

Questão 8.1.Que razões o levaria a fazer essa escolha e não outra?

R: Escolheria o mesmo curso que a minha filha porque acho o mais interessante e com mais “saída” para a faculdade.

Questão 9. Quando em casa falam acerca das V. actividades profissionais e do trabalho que fazem que tipo de mensagens sente que transmitem ao V. filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas? Dito de outra forma, se eu perguntasse ao seu filho/a o que aprende com os pais acerca do que torna o trabalho importante para as pessoas, que aspectos é que ele/a provavelmente iria referir?

R: Iria referir, que encontrar um emprego nos dias de hoje é muito difícil, para ela estudar muito para ter mais facilidade de encontrar um.

Questão 10. Na V. família quem mais influenciará o modo como V. filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? Mãe?) O que explica essa menor influência de (pai? mãe?)?

R: Acho que sou eu, porque neste momento até estou desempregada e não consigo arranjar emprego..

Questão 11.O que é que torna o trabalho importante para si?

R: Quando fazemos algo que gostamos.

Questão12.Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o/a faz sentir-se realizado/a?

R: Actualmente, como já referi, estou desempregada mas adorava voltar a trabalhar com pessoas idosas

EM QUALQUER CASO (questão 11 e 12), se necessário: Enuncie alguns dos aspectos que considera centrais na sua actividade profissional, aqueles que lhe trazem satisfação? E aqueles que mais lhe desagradam naquilo que faz?

_____

_____

Questão 13.Gostaria de ter exercido/exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraia/atrai nessa outra profissão?

R: Não

Questão 14.Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode vir a ter influência na escolha profissional do seu filho(a)?

R: Já referi anteriormente.

Questão15. Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho(a)? O que pensa acerca do mesmo?

R: Sim. Penso que a minha filha deva estudar mais.

Questão15.1. Em caso de desacordo: Como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho/a?

R:

Obrigado pela sua colaboração

Encarregado de Educação 6

1- Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

É assim o mercado, está muito exigente, não é? Eu digo ao J… que até para varrer a rua ele tem de ter no mínimo o 12º ano, portanto é assim, acho que acima de tudo é preciso, é necessário para o dia-a-dia e cada vez mais, porque eles estão muito exigentes, o mercado, não é e além disso o estudar eu acho que faz parte de tudo, não é, da sociedade, do dia-a-dia, e é bom, é sempre bom ele saber e cada vez mais não é.

2- Quando conversa com o seu filho sobre esse mesmo tema que coisas lhe costuma dizer?

É assim eu sempre frisei muito bem ao J… que queria que ele tirasse o 12º ano, ponto final. Porque quando ele chegou ao 9º ano ele ficou naquela dúvida de ir tirar um curso e ta ta ta, que é que equivalente, eu não, não entrei por aí. 12º ano de escola é totalmente diferente de cursos, venha lá quem vier, porque acho que o 12º ano é 12º ano de escola não tem nada a ver com prontos. Na altura que ele foi a escolher eu disse-lhe "fazes o 12º ano e quando chegares ao 12º ano pensas se queres seguir ou não e aí depois que queiras tirar um curso ou que queiras ir para outras áreas, aí já a gente já pensa diferente", mas acho que o 12º ano de escola, de estudo, acho que é totalmente diferente do que tirar o 12º ano com um cursozinho de noite. Não concordo mesmo.

3- Na vossa família quem mais tem por hábito iniciar conversas acerca da vida escolar e o futuro profissional do vosso filho/a?

Neste caso, a mãe, não é, porque sou a 100 por cento, mas mesmo quando estou com amigos com familiares, prontos, falamos sempre de tudo um pouco, porque o J… é um dos primos, da geração dele, que está à frente, tem primos mais velhos que são repetentes e ele por acaso é dos primos que é o que está à frente, que nunca reprovou, que tem boas notas, o problema dele é a Matemática, mas isso pronto e quando falamos ele fica assim, noto que ele fica assim um bocadinho orgulhoso "eu estou no 11º, graças ao mesmo esforço,", mas geralmente sou praticamente eu, não é, embora em família quando estamos em convívios falamos um bocadinho claro.

4- Até que ponto o vosso filho recorre a si com questões ou dúvidas relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente como é que lida com essa situação?

O J…. recorre a mim quando está furioso. O J…. não é uma criança muito de, preciso disto, preciso de aqueloutro, não, o J… sempre foi um miúdo que sempre se desenrascou muito. A única coisa que ele às vezes fala comigo é injustiça, o J… não gosta de injustiças, ainda há pouco tempo fui à reunião e foi o que a professora me disse, a directora de turma, a professora P…. M…., foi uma das qualidades que ela me

disse, eu cheguei atrasada à reunião, e ela deu-me os parabéns que o J…. tinha um sentido de justiça incrível, diz ela que e isso eu noto que ele não gosta de injustiças, então qualquer professora que às vezes tenha, entre aspas, um bocadinho, um bocadinho injusta é isso que o revolta, revolta, fica chateado, às vezes reclama um bocadinho disto e daqueloutro, mas em geral da escola, não nada assim de coisas pequenas ou às vezes diz que tem muitos estudos ou assim, mas nada assim muito. Digo-lhe a ele, eu normalmente costumo-lhe dizer "eu conheço-te J…., eu conheço-te", portanto o engraçado é quando às vezes um professor lhe dá uma repreensão e ele vem "achas justo mãe, achas justo" e eu digo-lhe a ele "oh J… eu conheço-te, portanto não quer dizer que a professora não tenha errado um bocadinho, mas eu sei que tu és uma criança que normalmente não levas desaforo para casa", não é malcriado, nunca foi malcriado, não tem falta de educação, nunca tive uma reclamação em relação a isso, mas notei que ele frisa bem a palavra dele, não é aluno de se calar assim muito facilmente, não, não. Frisa muito bem, por exemplo, posso dar um exemplo, na aula de Biologia a professora mandou-os estudar para o teste e disse-lhes em que páginas ou deu-lhes umas fichas para eles estudarem e ele foi o único que não o fez, estava a estudar de outra forma, e a professora como já o conhece, já é o segundo ano, no início não se entendiam muito bem, agora já o entende, já conhece a personalidade dele, a postura dele, disse-lhe a ele "pronto J…., se eu digo agua o menino diz…", e a turma até brincou "ó stora ele diz que é cerveja" e portanto quer-se dizer, ele não vai, assim muitas das vezes, porque prontos devido à personalidade dele.

5- Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho/a no sentido de o apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

Ainda há pouco tempo nós fomos chamadas à escola para um curso, mas era, que era, que chamavam os pais também para estarem presentes, que ele tinha sido sorteado, um dos miúdos tinha sido sorteado e eu fui, lamentavelmente ele não seguiu porque era a pagar e era muito caro e eu não podia, não porque eu não gostaria que ele o fizesse, na altura até era a área de Informática e de Inglês, mas ele de Inglês, ele é muito bom a Inglês, não tinha necessidade disso, o J…. é aluno de 18's a Inglês, a professora só não lhe deu 19, por essa tal injustiça, porque ele achava injusto levar um 19 e uma amiga dele não poder levar o 20, merecia o 20. Participo, naquilo que eu puder participar eu participo, tanto que até que estou aqui a participar. Naquilo que me pediram a minha presença, tive sempre presença, sempre, naquilo que, tanto que a gente foi a uma consulta com a psicóloga da escola, na altura, estive presente, foi aí até que eu frisei bem que queria o 12º ano, como 12º ano de escola e não um 12º de cursos, porque sinceramente não acredito muito nisso, pronto há aqui isto das Novas Oportunidades, eu inscrevi-me mas não segui, Novas Oportunidades para mim queria como ter mais Matemática, mais Português e não falar da minha vida passada, tipo escrever a minha vida, não isso, isso não é tirar o 9º ano nem o 12ºano, isso para mim não, tanto é que eu desisti porque não era isso que eu queria, não é, tudo o que seja pedido, naquilo que eu puder, que seja pedida a minha presença eu entro.

5.1. Em caso afirmativo indique alguma dessas acções e/ou actividades
5.2. Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho no sentido de o deixar mais preparado para a escolha vocacional?

6- Em que altura de crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional do seu filho/a?

Sinceramente, não estou ainda muito, muito, muito, muito nessa fase da preocupação. Estou preocupada nesta área porque ele tem também um bocadinho os pés bem assentes, não é, ele sabe perfeitamente que realmente isto hoje estudar é complicado, não é e pode ir como ele diz para uma caixa de supermercado Pingo Doce, que é como ele diz, "oh mãe que tenho amigos meus, pessoas que conheço que são, uma está licenciada em Psicologia e está a trabalhar numa caixa do Pingo Doce." E diz ele: "Será que vou estudar para isso? Será que vale a pena?". Eu digo-lhe a ele "tudo vale a pena e é por isso que eu quero que tu faças o 12º ano, depois os miúdos principalmente o meu, têm, aquelas, aquelas ideias fixas, mas ao mesmo tempo estão naquela corda bamba, não é, não sabem muito bem o que é que querem, não é, pronto. O que eu digo ao J…. é deixar rolar, para ser bom aluno, para se aplicar bem e depois com o tempo, não gosto muito de pensar já no dia de amanhã, sei lá o dia da amanhã, quem sabe, não é, portanto o que eu lhe digo é para ele tentar ser bom aluno, que se aplique bem e para ter um bom 12ºano que eu acho que é essencial. Tenho preocupação, é lógico que tenho preocupação. Tenho preocupação de ele me querer seguir com uma universidade ou com uma faculdade e eu estou a pensar já como vou governar a minha vida nele na faculdade ou na universidade, porque é muito complicado, não é, fica muito caro e hoje em dia a vida cada vez está mais difícil não é.

6.1. O que é que motivou o surgimento dessa preocupação?

A nível financeiro…

6.2 Que tipo de aspectos vos preocupam nessa ocasião, e que aspectos vos preocupam actualmente?

Eu vou ser sincera, eu gostaria muito que o meu filho seguisse, sinceramente gostaria, mas ele como eu, temos principalmente de tudo, ele ainda não tem uma área bem decidida, não tem, ele gostava muito do mundo animal, veterinário, Ciências, porque o problema dele, desde pequeno teve sempre um problema, nunca encaixou muito bem a Matemática, porque a Matemática tem a sua lógica e não tem, porque dois mais dois são quatro e não há o porquê de dois mais dois serem quatro e não há justificação para isso, embora há outras áreas que tenha, mas essa não. Mas sinceramente preocupa-me muito porque eu sei que ao mesmo tempo, ele também sabe que eu não tenho

possibilidades de ele seguir, que ele embora seja um aluno com uma média razoável, não é um excelente aluno, mas tem uma média razoável, mas ele tem consciência também que a minha mãe não tem possibilidades de me seguir para a frente, sabe que eu que sou sozinha, não é, portanto ele sabe perfeitamente e tem consciência disso, talvez seja mesmo isso, o J…. também não pense assim muito em seguir depois do 12º ano, devido mesmo a uma questão financeira.

7- O que é que conhece acerca das ofertas de formação do sistema educativo que o Sistema Educativo tem para o seu filho(a), após o 9º ano e 12ºanos?

Não, não, sinceramente não. Ouço falar muito mas não sei se tem a ver, miúdos que fazem o 12º ano mas querem seguir sei lá Medicina, as pessoas querem concorrer às bolsas, não sei se se está a referir…Já ouvi falar sobre os cursos profissionais, tanto é que o J…. queria no 9º ano, ele queria fazer o 9º e fazer o curso e o 12º ano profissional, e eu não concordei, 9º ano, 12º ano na área que escolheu, ao fim do 12º ano, pode tirar um curso profissional e até pode tirar em várias áreas e seguir por outros caminhos, mas ao mesmo tempo, ele também fala muito em ir para uma Academia, uma Academia Militar e depois eu também lhe digo a ele que as academias são muito boas porque através daí pode estudar, pode seguir em várias áreas e isso também é muito bom, portanto ainda estamos assim numa fase, ele também ainda tem 16 anos, embora seja um miúdo com uma personalidade já vincada, mas ainda está assim numa fase de muitas incertezas, portanto quem me garante que ele ao fazer o 12º ano até pode seguir para um curso profissional numa área de informática, numa área que ele goste ou até mesmo se alistar numa academiazinha e seguir e estar aí o futuro ele.

8- Se enquanto pai/mãe, tivesse oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho em vez dele, que tipo de escolha tenderia a fazer?

Não escolheria pelo meu filho, não. Podia era dar-lhe a minha opinião, se ele perguntasse, Medicina ou Advogado? Medicina, lógico. Mas naquilo que ele escolhesse eu dava-lhe a minha opinião na altura, porque eu acho que há certas coisas na vida de um filho que é só mesmo ele que pode decidir, não é.

8.1. Que razoes o levariam a fazer essa escolha e não outra?

Ora vá, a advocacia está um pouco complicado também no mercado. Há muito, muito escritório, muito advogado, está um bocadinho complicado, está. Acho que na área de Medicina ele tinha mais chances, mais oportunidades mesmo para trabalho, sim.

9- Quando em casa falam das vossas actividades profissionais e do trabalho que fazem, que tipo de mensagens sente que transmitem ao vosso filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas? Dito de outra forma, se eu

perguntasse ao seu filho/a o que aprende com os pais acerca do que torna o trabalho importante para as pessoas, que aspectos é que ele/a provavelmente iria referir?

Eu falo ao meu filho que quem tem trabalho hoje em dia, é muito bom, por muito pouco que ganhe ou por muito que ganhe é muito bom, porque o ter trabalho, falo por mim, a mim faz-me sentir viva e é essa a mensagem que digo ao meu filho, eu não me imagino sem trabalho, comecei a trabalhar aos 14 anos e eu digo ao meu filho que aos 14 anos já punha o ordenado dentro de casa e digo que realmente os miúdos de hoje e quando me refiro não me refiro só a ele, porque ele diz-me logo "oh mãe eu não tenho culpa disso", mas refiro-me aos miúdos de hoje que não estão preparados para a vida, não estão preparados para o dia de amanhã porque os nossos filhos e eu falo por mim, estão muito protegidos e eu acho que hoje em dia é um escândalo um miúdo de 14 anos trabalhar, porquê, porque será, não é mais escândalo ele andar com 15, 16 anos aí no 8º ano que não sai não anda para a frente e falta, eu acho que é mais escandaloso isso não é, os pais estarem a trabalhar e um filho andar ali na escola como se nada se passasse, não sabe dar valor ao sacrifício que um pai faz para o ter na escola e essa a mensagem que eu digo ao meu filho, o trabalhar é bom, acima de tudo é muito bom trabalhar naquilo que se gosta, eu gosto daquilo que faço, gosto, embora lidar com o publico é complicado, muito complicado, costumo dizer que não há ordenado que pague o lidar com o público, porque às vezes as pessoas dizem-me assim, "olhe o pronto-a-vestir porreirinho tasse bem", não, não é fácil, e então um pronto-a-vestir de mulheres ainda mais complicado é, o sexo feminino é um pouco complicado, que a gente sabe, mas é essa a mensagem que eu lhe digo, "acima de tudo J…. é tentar fazer algo que tu gostes e que sintas orgulho de ti próprio, mesmo, faças me sentir orgulhosa não é". Para tudo na vida é bom que a gente faça aquilo que gosta, mas se acontecer fazer aquilo que a gente não gosta, paciência, a vida é assim mesmo, nem tudo é perfeito, nem tudo é um mar de rosas e uma mensagem que eu também lhe digo é "um bocadinho de humildade nunca fez mal a ninguém", é isso.

10- Na vossa família quem mais influencia o modo como o vosso filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? Mãe?)... O que explica essa menor influência de (pai? Mãe?)

Lá está é a mãe, é sempre mãe, nesse ponto é a mãe. É assim o J…. não é uma criança de se influenciar muito, ele tem as ideias dele muito, muito próprias, não é, eu posso lhe dizer que é preto e ele diz que é branco porque não é bem preto, cinza escuro. O J…. ouve-me a mim porque tem pai ausente, tem pai de sangue, mas não tem pai, pronto e ele é uma criança que me ouve mais a mim, ouve os avós, os avós os ouve mais por uma questão "tá bem, vó, tá bem vô, gosto muito de ti e tal", e ouve-os e respeita-os e acha-os uns queridos, mas penso que sim, penso que aquilo que eu digo ao meu filho ele aceita bem e ouve bem, embora com a personalidade dele e com as ideias fixas, sim.

11- O que torna o trabalho importante para si?

Sentir-me viva, sentir-me útil, é, embora o dinheiro faz falta, claro que faz falta, não é, o dinheiro, eu sem trabalho não era nada porque não tinha o meu ordenado, não é, mas não me vejo no fundo de desemprego, não me vejo sem trabalho, não, não porque a minha maneira de ser desde pequena foi sempre trabalho, sentir-me útil, eu lembro-me que aqui há um tempo atrás tive, não foi bem um esgotamento, foi um cansaço, foi muita coisa e o médico deu-me uns dias, mas disse-me logo "sai de casa", não me deu medicação, não me deu nada, mas disse-me "sai de casa", mas eu estava a dar em doida, gosto muito dos meus dias de férias, ir para uma prainha e não sei quê, mas o trabalho acima de tudo faz-me sentir útil, viva, não me estou a ver sem trabalho.

12- Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o faz sentir realizado/a?

O prazer de conviver com as pessoas e, eu antes de trabalhar na pronto-a-vestir, eu trabalhei numa fábrica e nós fazíamos o fabrico próprio de roupa, não é, portanto o pronto-a-vestir tem a ver com a família das pessoas da fábrica e nós criávamos roupa, não é, portanto aquilo era um máximo a gente criar aquela peça e depois terá aquela se vendia muito aquela peça, se não vendia, aquela adrenalina do stress de correr para as novas colecções e ver tecidos e gosto, dá-me muito prazer, gosto e acima de tudo, por exemplo, tem dias, aqui no pronto-a-vestir que se vende mais, que se vende menos, portanto um dia posso-lhe dizer, um dia em que tenha um dia razoavelmente bom, o muito bom já não há, bom, nota-se na minha voz ao telefone, as pessoas já notam, portanto a minha patroa quando me liga já sabe sem me perguntar nada se está a correr um bom dia ou um mau dia, pela minha voz, portanto faz-me sentir muito bem, claro. Olhe, uma coisa que me desagrada muito é a falta de educação das pessoas, isso é, é, e em relação ao meu trabalho, a tristeza que me dá é desta invasão dos chineses, pronto, desta invasão de, de, como é que eu hei-de explicar, não é, bem intrusos, vá, intrusos, eu posso-lhe dizer que nós quando fabricávamos as nossas peças, era espectacular vender, não é, de Norte a Sul do país, nós vendíamos para Espanha e de repente quando começou a entrar esta onda toda, prontos, de chineses, entristece-me muito, entristece-me muito o facto de a gente tentar procurar e ter coisas diferentes, ir a Itália ou ir a Paris e chegar aqui de repente eles conseguem ter os mesmos produtos, com o valor irrisório que a gente nem sequer consegue ter esse valor, isso sim, isso é, acho que, há uma, como é que hei-de explicar, uma concorrência desleal e é isso que me irrita um bocadinho ainda.

13- Gostaria de ter exercido/exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraía/atrai nessa outra profissão?

Sim, crianças, Educadora de Infância. Ai, eu adoro os miúdos, acho um máximo, acho eu, eu, eu costumo dizer que sou um bocadinho mazinha, entre aspas, sou exigente, não é, mas eu adoro os miúdos, acho um máximo, acho um máximo, sei lá, as asneiras que eles fazem, aquela fase de eles, de eles se, por exemplo, convivo com um casal amigo que tem duas meninas, uma tem 5 anos e outra tem 13, então a de 13 lá está, está naquela fase, de olhar para o espelho, da vaidade, de inventar aquelas histórias

mirabolantes para dar a volta, a de cinco anos é um máximo, acho, adoro, acho que os miúdos têm uma forma sincera, quando eles estão assim naquela fase dos 10 anitos e tal, eles no fundo acabam por ser sinceros, não é, porque eu acho que eles, só se for aqueles miúdos que vivem num mundo de muita maldade desde o início também aprendem a ser maldosos, não é, porque se for aqueles miúdos num ambiente assim normal, que eu chamo normal, de terem horas para, para jantar, horas para tudo, não é, que eu acho que eles têm de ter horas para tudo, um ambiente normal como eu costumo dizer, acho que são um máximo, os miúdos, são, são.

14- Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode vir a ter influência na escolha profissional do seu filho/a?

Acho que não tem, porque, porque, eu trabalho num pronto-a-vestir, não é, mesmo o meu filho até pode ir para um centro comercial, há no shopping, há imensos miúdos jovens que estão a atender ao público e sinceramente até gosto, vê-los tão atenciosos, tão engraçados, até acho às vezes quando um adolescente me vem atender, até acho engraçado a forma como ele me expõe as coisas e não sei quê, mas acho que não, não estou a ver o meu filho assim muito virado para os trapos como eu costumo dizer.

15- Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho/a? O que pensa acerca do mesmo?

Não, não, porque ele ainda não está muito bem decidido nessa área. Não, o J….. ainda não decidiu bem, bem, bem, o que, eu acho que agora quando ele entrar para o 12º, se Deus quiser que vai entrar, acho que aí ele vai realmente pensar com, mais certeza, realmente o que ele quer. Agora neste momento é como ele diz "mãe vou fazer o 11º e depois o 12º e depois chegando aí eu vejo e", a preocupação dele neste momento realmente é passar às disciplinas todas com uma nota boa, é a preocupação dele e a preocupação dele que lhe está a dar mais é a Matemática. Não, não faço pressão sobre ele, acho que a pressão nesta altura do campeonato, na altura dos miúdos, nesta fase da adolescência, assim nesta fase do armário, acho que é um bocado… é assim, eu só fazia pressão no J…., se eu não visse o miúdo ser aplicado, eu, a professora, a directora de turma o ano passado foi a mesma e ela notou uma falta de interesse no J…. no 10º ano, eu também notei, não pegava em livros, estava-se bem, este ano não, o J…. noto, tanto é, que a avaliação que a professora lhe deu é que nota o J….. mais interessado, mais trabalhador… realmente é pena a dificuldade que ele tem em relação à Matemática, por isso é que eu não pressiono muito, eu só lhe digo a ele o seguinte, às vezes, às vezes eu, ele vem ter comigo e diz "mãe, queres que te ajude a fazer algo?", ou põe a mesa ou coloca a mesa ou não sei que, e eu digo "o teu trabalho é estudar, eu não te exijo mais nada", eu digo isto muitas vezes ao meu filho é que eu exijo: sinceridade, responsabilidade, respeito perante mim e perante os professores e os amigos, lógico, e o que eu exijo-lhe a ele é que o trabalho dele é isso mesmo, escola, ele não pode dizer, eu muitas vezes vou à aldeia, sou do Marco de Canaveses, muitas vezes vou à aldeia, e às vezes vou sozinha, porque ele diz "oh mãe eu tenho um teste". Portanto o meu filho não pode dizer "eu não me apliquei bem neste teste porque a minha mãe me levou para aqui

ou para acolá e eu não consegui estudar", não, eu digo ao meu J…. que o trabalho dele é estudar, ele reclama, reclama, que tem muitos estudos, que tem muitos testes, está sempre a reclamar, "nem sabes aquilo que eu passo, mais valia estar a trabalhar" e eu digo-lhe a ele "quando fores trabalhar depois a gente aí conversa". Mas é engraçado que ele tão depressa me diz isso, como houve uma altura que eu achei imensa graça, eu tenho um sobrinho que fez recentemente seis anos e ainda não anda na escola primária e ele diz "este miúdo é que tem sorte, não tem preocupações, não tem responsabilidades", quer dizer ele ao mesmo tempo ele sabe que com o avançar da idade a responsabilidade também vai ser maior não é.

15.1- Em caso de desacordo: Como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho?

Entrevista do Encarregado de Educação 7

Questão1:Em que medida considera que o sucesso escolar é importante para uma entrada mais fácil no mundo do trabalho?

R: Considero que o sucesso escolar é muito importante do mundo do trabalho, pois com classificações é a rampa de lançamento para o sucesso profissional no futuro.

Questão 2:Quando conversa com o seu filho/a sobre esse mesmo tema que tipo de coisas lhe costuma dizer?

R: Costumo dizer que a lição não está a ser bem aprendida, se se esforçar conseguirá ter um futuro profissional melhor.

Questão 3:Na V. família quem mais tem por hábito iniciar conversas/diálogos acerca da vida escolar e do futuro profissional do V. filho/a?

R: Eu, pai de V. A. e a sua mãe

Questão 4: Até que ponto o seu/sua filho/a recorre a si com questões ou dúvidas relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar? Geralmente, como é que lida com estas situações?

R: Sempre que precisa. Lido com normalidade e apoio.

Questão 5: Em algum momento promoveu ou participou em actividades com o seu filho(a) no sentido de o apoiar na escolha de um curso ou de uma profissão?

R: Não

Questão 5.1:Em caso afirmativo indique algumas dessas acções e/ou actividades.

R: Nenhumas

Questão 5.2.Em caso negativo, que tipo de acções e/ou actividades acha que, enquanto pai/mãe poderia desenvolver/proporcionar ao seu filho/a no sentido de o deixar mais preparado para a escolha vocacional?

R: Falar com um psicólogo

Questão 6. Em que altura do crescimento do seu filho/a começou a preocupar-se com o futuro vocacional/ profissional do seu filho(a)?

R: Quando transitou para o 10.º ano, acompanhando-a sempre no percurso escolar.

Questão 6.1.O que é que motivou o surgimento desta preocupação?

R: A área a escolher e o seu futuro.

Questão 6.2. Que tipo de aspectos vos preocuparam nessa ocasião, e que aspectos vos preocupam actualmente?

R: Se a escolha da área era a correcta e se realmente é isso que ela pretende para seu futuro.

Questão 7. O que é que conhece acerca das ofertas de formação que o Sistema Educativo tem para o seu filho(a), após o 9º ano e 12ºanos?

R: Muito pouco

Questão 8.Se, enquanto pai/mãe, tivesse a oportunidade de escolher um curso/profissão para o seu filho em vez dele, que tipo de escolha tenderia a fazer?

R: Curso profissional de segurança e higiene no trabalho.

Questão 8.1.Que razões o levaria a fazer essa escolha e não outra?

R: Porque é um dos cursos que ela menciona

Questão 9. Quando em casa falam acerca das V. actividades profissionais e do trabalho que fazem que tipo de mensagens sente que transmitem ao V. filho/a sobre a importância do trabalho na vida das pessoas? Dito de outra forma, se eu perguntasse ao seu filho/a o que aprende com os pais acerca do que torna o trabalho importante para as pessoas, que aspectos é que ele/a provavelmente iria referir?

R: Porque o trabalho é importante nas nossas vidas, sem o trabalho nada conseguimos.

Questão 10. Na V. família quem mais influenciará o modo como V. filho/a encara o trabalho? O que explica essa maior influência de (pai? Mãe?) O que explica essa menor influência de (pai? mãe?)?

R: A mãe e o pai porque o trabalho foi sempre importante para sobreviver.

Questão 11.O que é que torna o trabalho importante para si?

R: Para conseguirmos uma vida melhor.

Questão12.Em que medida a actividade profissional que exerce actualmente o/a faz sentir-se realizado/a?

R: Infelizmente nenhuma, por motivos de doença

EM QUALQUER CASO (questão 11 e 12), se necessário: Enuncie alguns dos aspectos que considera centrais na sua actividade profissional, aqueles que lhe trazem satisfação? E aqueles que mais lhe desagradam naquilo que faz?

_____

_____

Questão 13.Gostaria de ter exercido/exercer outra actividade profissional? Qual? O que o/a atraia/atrai nessa outra profissão?

R: Motorista Internacional

Questão 14.Em que medida considera que a sua actividade profissional tem ou pode vir a ter influência na escolha profissional do seu filho(a)?

R: Nenhuma

Questão15. Tem conhecimento do projecto actual de formação/profissão do seu filho(a)? O que pensa acerca do mesmo?

R: Não

Questão15.1. Em caso de desacordo: Como tem lidado/pensa lidar com essa divergência entre o seu desejo e a intenção do seu filho/a?

R: Com normalidade e chamá-la à realidade daquilo que ela quer para seu futuro.

Obrigado pela sua colaboração

ANEXO G

Categorias e Sub – categorias com respectiva descrição:
Alunos/as

ANEXO G Categorias e Subcategorias com respectiva descrição dos Alunos

Categoria:

1. Representações da Escola

(Referência dos/as alunos/as ao que pensam sobre a Escola nas diferentes dimensões que envolve)

Subcategorias:

1.1 Aprendizagens

(Referência dos/as alunos/as que reflictam a sua visão sobre o estudar e o aprender e que exprimam a sua relação com o saber.

1.2 Relações interpessoais

(Referência dos/as alunos/as à Escola enquanto espaço de convívio/interacção, e local onde se fazem ou se podem fazer amizades)

1.3 Espaço/Ambiente
(Referências dos/as alunos/as a aspectos relacionados com as condições físicas e organizacionais da escola)

Categoria:
2. Factores de motivação
(Referências dos/as alunos/as à natureza dos factores que estão, ou poderão estar, na base do seu gosto por andar na escola)

Subcategorias:
2.1 Concluir o Ensino Secundário
(Referências dos/as alunos/as à conclusão do Ensino Secundário como principal motivação para a frequência da escola)

2.2 Preparar a entrada para o Ensino Superior
(Referências dos/as alunos/as à aquisição de conhecimentos e competências que entendem serem necessários para a transição para o Ensino superior). Inclui referências dos/as alunos/as à importância da frequência da escola no que diz respeito à preparação dos seus projectos a médio e longo prazo.

Categoria
3.Valorização da Escola
(Identificação por parte dos/as alunos(as), das razões pelas quais gosta de frequentar a escola e de estudar)

Subcategorias
3.1 Relação com a Escola (Referências explícitas dos/as alunos/as, a dimensões humanas e afectivas, da Escola, que justificam o valor que lhe atribui);

3.2 Relação com o Saber (Referências explícitas dos alunos/as a dimensões relacionadas com a aquisição de conhecimentos, competências e saberes que justificam a importância atribuída ao estudo)
Categoria:

4. Subvalorização da Escola

(Referências dos alunos/as aos aspectos da Escola que consideram menos positivos

Subcategorias:
4.1 Espaço físico
(Referências dos/as alunos/as às condições das instalações escolares incluindo o espaço exterior e interior da Escola);

4.2 Espaço Relacional
(Referências dos/as alunos/as à qualidade das interacções entre os elementos que constituem a comunidade educativa)

4.2.1 Pares (Referências dos/as alunos/as à qualidade das interacções com os/as colegas e os/as amigos/as da e na Escola)

4.2.2 Professores (Referências dos/as alunos/as à qualidade das interaçções com os/as professores/as da turma e da Escola)

4.2.3 Funcionários (Referências dos/as alunos/as à qualidade das interacções com os/as funcionários/as da Escola)

4.2.4 Outros Técnicos (Referências dos alunos/as à qualidade das interacções com a Psicóloga e a Técnica da Acção Social Escolar)

Categoria
5.Propostas de mudança (Referências dos/as alunos/as que remetam para a concepção do que entendem como errado na escola e, que na sua perspectiva, deve ou deveria ser alterado)
Subcategorias

5.1 Ao nível estrutural (Referências dos/as alunos/as a alterações a serem realizadas no edifício e toda a zona envolvente);

5.2 Ao nível de recursos humanos (Referências dos/as alunos/as relativamente a aspectos que gostariam de ver mudados no comportamento/atitude dos elementos que constituem a comunidade educativa: professores (as), funcionários (as); colegas.

5.3 Ao nível Organizacional (Referências dos/as alunos/as a situações susceptíveis de alteração ao nível dos Serviços presentes na escola, e.g. a Direcção, os Serviços Administrativos e Outros;

5.4 Ao nível Administrativo e Pedagógico Referências dos/as alunos/as relativamente à forma como estão estruturados os currículos, e os horários)

Categoria

6. Factores de investimento (Referências dos/as alunos/as à natureza de factores que podem, podiam ou poderão vir a fazê-los/as investir mais nos estudos.

Subcategorias

6.1 Relações Interpessoais (Referências dos/as alunos/as às relações que se estabelecem ou deviam estabelecer entre todos os elementos que constituem a comunidade escolar);

6.1.1 Pares (Referências dos/as alunos/as às relações que se estabelecem ou deviam estabelecer, na escola, entre os/as colegas e os/as amigos/as)

6.1.2 Professores (Referências dos/as alunos/as às relações que se estabelecem, ou deviam estabelecer, entre eles/elas e os/as professores/as)

6.1.3 Funcionários (Referências dos/as alunos/as às relações que se estabelecem, ou deviam estabelecer, entre ele/elas e os diversos funcionários/as)

6.1.4 Outros Técnicos (Referências dos/as alunos/as às relações que se estabelecem ou deviam estabelecer entre eles/elas e a Psicóloga e a Técnica da Acção Social Escolar)

6.2 Outras actividades (Referências dos/as alunos/as a actividades extra-curriculares)

6.3 Ambiente (Referências dos/as alunos/as às condições físicas da escola e ao meio envolvente)

Categoria

7.Disciplinas favoritas (Referências dos/as alunos/as à (s) disciplina(s) que identificam e justificam como aquela(s) de que mais gosta)

Subcategorias

7.1Razões do interesse pela(s) disciplina(s) (Referências dos/as alunos/as aos aspectos relacionados com a(s) disciplina(s) que a(s) torna(m) especialmente interessante(s) para eles/as)

7.1.1 Característica (s) da(s) disciplina (s) (Referências dos/as alunos/as à (s) utilidade da(s) disciplina(s) no seu quotidiano, isto é, à sua vertente mais prática)

7.1.2 Desperta curiosidade (Referências dos/as alunos/as ao facto desta(s) disciplina(s) possibilitarem a aprendizagem e a descoberta de novos conhecimentos)

7.1.3 Maior informalidade (Referências dos/as alunos/as à importância da(s) disciplina(s) permitir(em) promover e desenvolver actividades desportivas e/ou de carácter lúdico)

Categoria

8. Disciplinas menos apreciadas (Referências dos/as alunos/as à(s) disciplina(s) que identificam e justificam como aquela(s) de que menos gosta)

Subcategorias

8.1 Razões do desinteresse pela(s) disciplina(s) (Referências dos/as alunos/as aos aspectos relacionados com a(s) disciplina(s) que a(s) torna(m) pouco ou nada interessante(s) para eles/as)

8.1.1 Falta de interesse dos conteúdos programáticos (Referências dos/as alunos/as que correspondem a apreciações negativas das matérias leccionadas na(s) disciplina(s)

8.1.2 Complexidade dos conteúdos programáticos (Referências dos/as alunos/as à dificuldade suscitada pelas matérias leccionadas na(s) disciplina(s) nomeademente ao nível da compreensão, interpretação e operacionalização dos respectivos conteúdos)

8.1.3 Metodologias de ensino (Referências dos/as alunos/as à forma como os/as professores/as expõe os conteúdos e dão as alulas)

Categoria

9 Reestruturação Curricular (Referências dos/as alunos/as a eventuais disciplinas, que na sua opinião, deveriam constar do seu actual plano de estudos)

Subcategorias

9.1 Manutenção do plano (Referências dos/as alunos/as à manutenção do plano de estudos em vigor)

9.2 Alterações do plano (Referências dos/as alunos/as a propostas de inclusão ou exclusão de certas disciplinas do actual plano de estudos)

9.2.1 Inclusões (Referências dos/as alunos/as à pertinência da integração de nova(s) disciplina(s) no actual plano curricular)

9.2.2 Exclusões (Referências dos/as alunos/as à(s) razão(ões) que, no seu entendimento, não justificam a manutenção de determinada(s) disciplina(s) no actual plano curricular

Categoria

10 .Relacionamento interpessoal (Referências dos/as alunos/as através das quais caracterizam a qualidade das relações existentes entre eles/as) e os professores/as).

Subcategorias

10.1Facilitadores da Relação (Referências dos/as alunos/as a factores que apontam para a existência de um bom relacionamento professor/a-aluno/a)

10.1.1 Respeito (Referências dos/as alunos/as à existência de respeito e consideração mútuos)

10.1.2 Disponibilidade (Referências dos/as alunos/as à postura de colaboração a existir e/ou existente por parte dos/as professores/as. Inclui a compreensão e empatia manifestada)

10.1.3 Motivação (Referências dos/as alunos/as à atitude dos/as professores/as na sala de aulas no que se refere ao incentivo à aprendizagem)

10.2 Constrangimentos e Condicionantes da Relação (Referências dos/as alunos/as a factores que apontam para a existência de um mau relacionamento professor/a-aluno/a)

10.2.1 Falsas expectativas (Referências dos/as alunos/as a situações de decepção vivenciadas e relativas às expectativas iniciais acerca dos/as professores/as)

Categoria

11 Perfil do Bom professor (Referências dos/as alunos/as que remetem para as suas concepções pessoais acerca das características de um/a bom/boa professor/a)

11.1 Relação Interpessoal (Referências dos/as alunos/as a aspectos como a preocupação, a amizade, a compreensão, e a empatia, que revestem de afectividade a relação professor/a-aluno/a)

11.2 Métodos de ensino (Referências dos/as alunos/as à forma zelosa e organizada como o/a professor/a dá, ou deve dar, as aulas e transmitir conhecimento)

Categoria

12 Perfil do Mau professor (Referências dos/as alunos/as que remetem para as suas concepções pessoais acerca das características de um/a mau/má professor/a)

Subcategorias

12.1 Relações Interpessoais (Referências dos/as alunos/as à falta de preocupação, amizade, compreensão, a empatia, aspectos cuja ausência afecta negativamente a relação e a comunicação professor/a-aluno/a)

12.2 Métodos de ensino (Referências dos/as alunos/as à forma descuidada e/ou desorganizada como o/a professor/a dão as alulas e transmitem o conhecimento)

Categoria

13. Problemas e Apoios (Referências dos/as alunos/as que permitem identificar quais figuras ou instâncias a que tende/m a recorrer em busca de apoio quando se vêem confrontados com situações problemáticas que envolvem a sua relação com a escola)

Subcategorias

13.1 Fontes de Apoio (Referências dos/as alunos/as que permitem identificar quais figuras ou instâncias a que tende/m a recorrer em busca de apoio)

13.1.1 Direcção da Escola (Referências dos/as alunos/as à procura de apoio junto a este órgão);

13.1.2 Pessoal Docente (Referências dos/as alunos/as à procura de apoio junto de professores e/ou do Director de Turma);

13.1.3 Pessoal Não Docente (Referências dos/as alunos/as à procura de apoio junto de pessoal auxiliar, administrativo e/ou aos Técnicos (e.g. Psicóloga; Técnica de Acção Social Escolar)

13.1.4 Pais (Referências dos/as alunos/as à procura de apoio junto do pai e/ou mãe)

13.1.5 Pares (Referências dos/as alunos/as à procura de apoio junto a de colegas da escola e/ou de amigos fora do contexto escolar)

13.2 Vivências problemáticas na relação com a escola (Referências dos/as alunos/as a experiências problemáticas vivenciadas na escola que os/as levaram a recorrer a ajuda)

13.2.1 Hipótese de desistir dos estudos (Referências dos/as alunos/as a momentos de desânimo que os leva ou levaram a pensar seriamente em abandonar a escola)

13.2.2 Integração/Adaptação (Referências dos/as alunos/as à necessidade sentida em solicitar ajuda para saber a localização das salas e os horários dos vários serviços)

Categoria

14. Alternativas à Escola (Referências dos/as alunos/as a actividades percebidas por eles/as como mais aliciantes do que andar na escola e/ou estudar)

Subcategorias

14.1 Mundo do trabalho (Referências dos/as alunos/as ao exercício de actividades profissionais);

14.2 Prática Desportiva (Referências dos/as alunos/as ao exercício de actividades desportivas)

14.3 Outras Actividades (Referências dos/as alunos/as à conciliação do estudo com outras actividades).

14.4 Prioridade ao estudo e á Escola (Referências dos/as alunos/as à opção por andar na Escola e estudar)

Categoria

15. Expectativas pessoais (Referências dos/as alunos/as aos desejos e objectivos que gostaria de realizar, futuramente, na sua vida

Subcategorias

15.1 A nível profissional (Referências dos/as alunos/as à dimensão do trabalho/emprego e, em particular, ao momento de transição para a vida activa)

15.1.1 Perspectivas profissionais (Referências dos/as alunos/as a profissões que desejam ou desejariam vir a exercer)

15.2 A nível académico (Referências dos/as alunos/as ao domínio da formação e, em particular, ao ingresso em determinado curso pós-secundário)

15.2.1 Motivos da escolha do curso pretendido (Referências dos/as alunos/as aos motivos que os/as levam ou poderão levar à escolha de determinados cursos)

15.2.2.1 Procura de Estatuto (Referências dos/as alunos/as à importância da escolha do curso para a preparação do exercício de profissões que lhes garantam poder, prestígio e estatuto social)

Categoria

16 Sem projectos definidos (Referências dos/as alunos/as às causas que estão, ou poderão estar na base, da indecisão quanto a projectos a realizar no futuro)

Subcategorias

16.1 Classificações (Referências dos/as alunos/as às médias dos cursos nos quais pretende ingressar)

16.2 Mercado de trabalho (Referências dos/as alunos/as à situação actual do mercado de trabalho)

Categoria

17.Processo da escolha vocacional (Referências dos/as alunos/as à forma como percepcionam os antecedentes da escolha do curso/área de estudos actual).

Subcategorias

17.1 Factores de influência (Referências dos/as alunos/as à natureza dos diversos factores que concorreram para escolha do curso/área actualmente frequentado)

17.1.1 Factores de natureza pessoal (Referências dos/as alunos/as às suas representações subjectivas sobre eles/as próprios/as e/ou a aspectos afectivo-motivacionais)

17.1.2 Factores de natureza familiar (Referências dos/as alunos/as ao papel dos pais (mãe e/ou o pai),aos irmãos(ãs) e/ou outros elementos da família alargada

17.1.3 Factores de natureza social (Referências dos/as alunos/as ao papel de amigos(as) e/ou colegas, a preocupações ou conhecimentos relativos ao mercado de trabalho, e/ou à exposição aos meios de comunicação)

17.1.4 Factores de natureza psico-educativa (Referências dos/as alunos/as à participação em processos de consulta em Orientação Vocacional, ou ao apoio de professores/as ou , Director(a) de Turma

17.2 Tipos de Influência (Referências dos/as alunos/as que permitam identificar o modo como a influência na sua escolha foi exercida pelas várias fontes de influência)

17.2.1 Directa (Referências dos/as alunos/as a formas de influência mais intencionais e explícitas, provindas de diferentes fontes)

17.2.1.1 Pais (no caso da mãe e/ou do pai)

17.2.1.2 Outros familiares

17.2.1.3 Pares (referência aos amigos(as) e/ou colegas)

17.2.1.4 Professores

17.2.1.5 Psicóloga

17.2.1.6 Meios de comunicação

17.2.2 Indirecta (Referências dos/as alunos/as a formas mais implícitas e não intencionais de influência provindas de diferentes fontes)

17.2.2.1Pais (no caso da mãe e/ou do pai

17.2.2.2 Outros familiares

17.2.2.3 Pares (referência aos amigos(as) e/ou colegas)

17.2.2.4 Professores

17.2.2.5 Psicóloga

17.2.2.6 Meios de comunicação

Categoria

18. Representações sobre a Orientação Vocacional (Referências dos/as alunos/as que remetam para o que pensam e sabem acerca da Orientação Vocacional)

Subcategorias

18.1 Utilidade (Referências dos/as alunos/as à necessidade de Orientação Vocacional)

18.1.1 Sim

18.1.2 Não

18.2 Metodologia de intervenção (Referências dos/as alunos/as acerca de quais são, ou pensam que podem ser, as actividades desenvolvidas nas consultas de Orientação Vocacional)

18.2.1 Avaliação psicotécnica

18.2.1 Outros métodos

18.3 Profissional responsável (Referências dos/as alunos/as que identificam o/a profissional responsável pelas consultas.)

18.3.1 Psicóloga

18.3.2 Outros técnicos

Categoria

19. Necessidade de Apoio Vocacional (Referências dos/as alunos/as às causas inerentes à necessidade da procura do apoio em Orientação Vocacional)

Subcategorias

19.1 Indecisão vocacional (Referências dos/as alunos/as à necessidade de obter apoio para a escolha em situação de dificuldade de decisão)

19.2 Falta de Informação (Referências dos/as alunos/as à necessidade de conhecer a diversidade da oferta de cursos e saídas profissionais para melhor definir o seu percurso escolar e profissional)

Categoria

20.Processo de Orientação Vocacional (Referências dos/as alunos/as à participação ou não num processo de OV, à qualidade do serviço prestado, bem como da importância do processo para eles/elas).

Subcategorias

20.1 Experiência de participação (Referências dos/as alunos/as aos conhecimentos, ou não, adquiridos com a participação no processo)

20.1.1 Sim

20.1.2 Não

20.2 Opinião sobre a qualidade do apoio prestado (Referências dos/as alunos/as à qualidade do processo)

20.2.1 Positiva

20.2.2 Negativa

20.3 Importância do processo (Referências dos/as alunos/as à finalidade do processo)

20.3.1 Útil

20.3.2 Irrelevante

ANEXO H

Categorias e Sub – categorias com respectiva descrição: Pais

Anexo H, Categorias e subcategorias, e respectivas descrições---PAIS

Categoria

1. Importância do sucesso escolar (Referências feitas pelo pai e/ou mãe dos/as filhos/as tendo como enfoque a importância, ou não, do sucesso escolar como meio facilitador da entrada na vida activa)

Subcategorias

1.1 Não reconhecimento da importância

1.2 Reconhecimento da importância

1.2.1.Empregabilidade (Referências do pai e/ou mãe dos/as filhos/as às condições que o sucesso conseguido numa qualificação escolar, proporciona, ou pode proporcionar, no acesso às melhores profissões)

1.2.2. Ascensão social (Referências do pai e/ou mãe à qualificação académica como via de acesso a posições económica e socialmente mais favorecidas)

1.2.3. Os desafios do presente (Referências do pai e /ou mãe às incertezas que actualmente rodeiam o mercado de trabalho e, consequentemente, exigem a obtenção de mais conhecimento, quer para o exercício de uma profissão, quer para o dia a dia dos indivíduos)

Categoria

2.Mensagens Parentais (Referências do pai e/ou mãe sobre o que transmitem aos/às filhos/as quando o tema de diálogo é o sucesso escolar, o mundo do trabalho e/ou a relação entre ambos)

Subcategorias

2.1 Sucesso escolar (Referências do pai e/ou mãe que remete para a importância que dão, ou não, ao sucesso escolar quando na entrada, do/a filho/a, no mundo do trabalho)

2.2 Mundo do Trabalho (Referências do pai e/ou mãe sobre as incertezas que existem actualmente com a entrada do mercado de trabalho)

2.3 Relação Sucesso---Mundo do trabalho (Referências do pai e/ou mãe que remetem para a relação que existe, ou pode existir, entre o sucesso escolar e a inserção, mais fácil, no mundo do trabalho)

Categoria

3.Iniciativa das conversas (Referências do pai e/ou mãe a quem, em geral, mais introduz nas rotinas de comunicação do quotidiano familiar temáticas como a vida escolar e o futuro profissional dos/as educandos/as)

Subcategoria

3.1O pai

3.2 A mãe

3.3 Ambos

3.4 O/a aluno/a

Categoria

4. Procura de apoio parental para a escolha (Referências do pai e/ou mãe a situações em que os /as filhos/as recorrem a si solicitando aconselhamento e orientação, relativamente às escolhas efectuadas ou a efectuar)

Subcategorias

4.1Existe procura de apoio

4.1.1. A nível formativo

4.1.1.1 Conclusão do ensino secundário (Referências do pai e/ou mãe ao desejo manifestado, pelo/a filho/a, de apenas concluir o 12.ºano)

4.1.1.2 Ingresso no ensino superior (Referências do pai e/ou mãe a projectos do/a filho/a que passam pela frequência de um curso superior)

4.1.2 A nível profissional (Referências do pai e/ou mãe relacionadas com a intenção expressa pelo/a filho/a em ingressar no mercado de trabalho)

4.1.3 A nível pessoal (Referências do pai e/ou mãe a situações de índole pessoal, ligadas à escola, que leva, ou pode levar, o/a filho/a a solicitar ajuda dos pais)

4.2 Não existe procura de apoio

Categoria

5. Apoio prestado pelos pais (Referências do pai/e/ou mãe à forma como lida, ou como gostaria de lidar e/ou participar na escolha do/a aluno/a)

Subcategorias

5.1 Formas de apoio

5.1.1 Deixar escolher livremente (Referências do pai e/ou mãe à atribuição total ao/à filho/a da responsabilidade exclusiva pela escolha, efectuada ou a efectuar denotando um envolvimento diminuto ou nulo nesse processo

5.1.2 Decide por ele/ela (Referências do pai e/ou mãe que mostra tomarem inteiramente para si a responsabilidade pela decisão da escolha, tomada ou a tomar, pelo/a filho/a exercendo pressões nesse sentido)

5.1.3. Incentivo à exploração (Referências do pai e/ou mãe que revelam que, sem tentar induzir ou dissuadir os/as filhos/as de certas escolhas fazem tentativas para proporcionarem aos filhos meios de exploração do mundo das formações e/ou do trabalho incluindo a introdução do tema da escolha – ou outros relacionados nas conversas com os/as filhas)

Categoria

6. Actividades de exploração vocacional

(Referências do pai e/ou mãe à criação de e/ou participação em algum tipo de actividades de exploração vocacional, tendo em conta os projectos vocacionais dos/das filhos/filhas)

Subcategorias

6.1. Sim

6.1.1. Tipo de Envolvimento

6.1.1.1.Envolvimento primário (Referências do pai e/ou mãe a actividades de exploração que foram por si directamente propostas e/ou organizadas)

6.1.1.2. Envolvimento secundário (Referências do pai e/ou mãe a actividades de exploração vocacional nas quais procurou envolver-se ainda que não tenham partido da sua iniciativa mas tenham sido organizadas por outros intervenientes)

6.1.1.3. Na escola **(**Referências do pai e/ou mãe à participação em actividades promovidas no contexto escolar pela Psicóloga, Professores/as. Inclui o/a Director/a de Turma)

6.1.2. Tipo de Actividades (Referências do pai e/ou mãe a, algumas das actividades e/ou acções que organizou e/ou em que participa ou participou com o/a filho/a)

6.1.2.1No Processo de Orientação Vocacional (Referências do pai e/ou mãe à sua participação no processo de consulta psicológica de orientação vocacional)

6.1.2.2 Na exploração directa do mundo do trabalho (Referências do pai e/ou mãe a visitas de locais reais de trabalho e ao contacto com profissionais)

6.1.2.3 Na exploração indirecta do mundo vocacional (Referências do pai e /ou mãe a situações de exploração de informação em suporte escrito ou informático, sobre as profissões, saídas profissionais e oferta formativa)

6.2. Não

Categoria

7. Saliência da problemática vocacional

(Referências do pai e/ou mãe que identificam o momento temporal, e os motivos de preocupação que estiveram, ou poderão vir a estar, relacionados com o futuro profissional do/a filho/a)

Subcategorias

7.1 Dimensão temporal (Referências do pai e/ou mãe ao momento em que começaram a ter, ou não, preocupações com o futuro vocacional/profissional do/a seu/sua filho/a)

7.1.1.Desde sempre

7.1.2. Desde a entrada na escola

7.1.3 A partir do 9.ºano

7.1.4 Só a partir do 12.ºano

7.1.5 Não me preocupa

7.2 Motivos da preocupação (Referências do pai e/ou mãe às causas que motivam ou motivaram a preocupação, ou não, com o futuro vocacional/profissional do/a filho/a)

Subcategorias

7.2.1 Incertezas/Imprevisibilidade do mundo actual (Referências do pai e/ou mãe às mudanças ocorridas na sociedade, resultado da instabilidade económica e social. Inclui-se as referências que remetem para a precariedade do emprego, em particular as dificuldades do presente, relativamente à entrada e permanência no mercado de trabalho e as consequências que, esta, poderá ter, ou não, no futuro do/a filho/a)

7.2.2 Importância da qualificação (Referências do pai e/ou mãe a aspectos relacionados com a valorização dos estudos e a transição para o mercado de trabalho, do/a filho/a)

7.2.2.1Saídas profissionais (Referências do pai e/ou mãe a aspectos ligados com as possibilidades do/a filho/a, vir a ter, ou não, emprego.)

7.2.2.2Realização pessoal (Referências do pai e/ou mãe à preocupação com o facto do/a filho/a realizar a(s) sua(s) escolha(s) com base no que pode, ou poderá vir a realizá-lo enquanto pessoa)

Categoria

8.Conhecimento da Oferta formativa (Referências do pai e /ou mãe sobre o conhecimento que tem, ou não, quanto às possibilidades de escolha que o sistema educativo/formativo actualmente disponibiliza

Subcategoria

8.1 Ao nível do ensino secundário (Referências do pai e/ou mãe às opções pós-Ensino Básico)

8.2 Ao nível do ensino superior (Referências do pai e/ou mãe às opções pós-Ensino Secundário o 12º ano)

8.3 Desconhecimento da oferta formativa (Referências do pai e/ou mãe ao desconhecimento da oferta formativa, disponibilizada pela Escola).

Categoria

9.Projectos parentais (Referências do pai e/ou mãe que referem a influência, ou não, nos projectos escolares e profissionais do/a filho/a)

Subcategorias

9.1 Escolher pelo/a filho/a (Referências do pai e/ou mãe à escolha profissional e/ou académico que fariam se pudessem substituírem-se ao/à filho/a)

9.1.1 Prosseguimento de estudos (Referências do pai e/ou mãe ao prosseguimento de estudos no Ensino Superior)

9.1.2 Conclusão do ensino Secundário (Referências do pai e/ou mãe à conclusão do 12.º ano)

9.1.3 Ensino profissional (Referências do pai e/ou mãe á possibilidade de ingressar num curso profissional, tendo em vista a obtenção de uma certificação escolar e profissional)

9.2 Razões da escolha (Referências do pai e/ou mãe ao (s) motivo (s) que o/a leva, ou levaria, a efectuar pelo/a filho/a uma determinada escolha em detrimento de outras)

9.2.1. Centradas no/a filho/a (Referências do pai e/ou mãe a razões que decorrem do seu conhecimento das características e/ou modo de funcionamento do/a filho/a)

9.2.2. Centradas no macrossistema (Referências do pai e/ou mãe à qualificação numa determinada área como um instrumento fundamental para obter melhores empregos na estrutura social de oportunidades. Inclui referências a questões económicas e sociais que, podem ou são decisivas na escolha)

9.2.3. Centradas no microssistema familiar (Referências do pai e/ou mãe à importância da formação como via de acesso dos descendentes a posições económica e socialmente mais favorecidas)

Categoria

10. Representações do trabalho (Referências do pai e/ou mãe ao que pensam sobre o trabalho nas diferentes dimensões que envolve).

Subcategorias

10.1 Dimensão económica (Referências do pai e/ou mãe ao trabalho como garantia de estabilidade económica.)

10.2 Realização pessoal (Referências do pai e/ou mãe ao trabalho como factor de realização pessoal).

10.3 Estatuto social (Referências do pai e/ou mãe ao trabalho como factor de reconhecimento social)

Categoria

11. Focagem do trabalho (Referências do pai e/ou mãe à representatividade do tema "trabalho" enquanto objecto de auto-revelação e de comunicação no dia a dia da família)

Subcategorias

11.1 Maior responsável pelo enfoque (Referências do pai e/ou mãe a quem, da família, mais contempla a temática trabalho nas conversas que têm lugar no quotidiano familiar)

11.1.1Pai

11.1.2.Mãe

11.1.3 Pai e Mãe

11.2. Menor responsável pelo enfoque (Referências do pai e/ou mãe a quem, da família, menos contempla a temática trabalho nas conversas que têm lugar no quotidiano familiar)

11.2.1Pai

11.2.2 Mãe

11.2.3.Pai e Mãe

11.3. Razões das diferenças de protagonismo (Referências do pai e/ou mãe que constituem explicações possíveis para o facto de determinada figura parental assumir maior, menor ou igual centralidade nas conversas acerca da importância do trabalho)

11.3.1.Maior protagonismo

11.3.1.1 Razões Profissionais (Referências do pai e/ou mãe a aspectos da sua actividade profissional que podem levar a uma mais frequente abordagem do tema trabalho por determinada figura em família)

11.3.1.2. Razões Familiares (Referências do pai e/ou mãe a aspecto da dinâmica familiar e relacional que podem levar a uma mais frequente abordagem do tema trabalho por determinada figura em família. Inclui referências à família monoparental)

Categoria

12. Significados do trabalho (Referências do pai e/ou mãe que revelam os valores subjacentes à importância que o trabalho tem na sua vida)

Subcategorias

12.1 Aspectos de natureza instrumental (Referências do pai e/ou mãe que decorrem de uma perspectiva utilitarista sobre a actividade profissional)

12.2 Aspectos de natureza expressiva (Referências da mãe e/ou pai que remetem para valores e motivações de ordem intrínseca, relativamente à importância que o trabalho tem na sua vida)

Categoria

13.Realização profissional (Referências do pai e/ou mãe, relativamente à satisfação, e/ou sentimentos de realização pessoal decorrentes da actividade profissional que exerce actualmente.)

Subcategorias

13.1Presença de sentimentos de realização pessoal (Referências do pai e/ou mãe aos factores que tornam a sua actividade profissional fonte de prazer e de satisfação)

Subcategorias

13.1.1 Factores de realização

13.1.1.1 Aspectos de natureza instrumental (Referências do pai e/ou mãe que decorrem de uma perspectiva utilitarista sobre a actividade profissional)

13.1.1.2 Aspectos de natureza expressiva (Referências da mãe e/ou pai que remetem para valores e motivações de ordem intrínseca, relativamente ao trabalho como fonte de prazer e de satisfação)

13. 2.Ausência de sentimentos de realização pessoal (Referências do pai e/ou mãe aos factores que tornam a sua actividade profissional fonte de desagrado e de insatisfação)

Subcategorias

13.2.1 Factores de não realização (Referências do pai e/ou mãe que remetem para situações que revela a existência, de alguma insatisfação com a actividade profissional que exerce actualmente)

13.2.1.1 Aspectos ligados aos problemas da estrutura social de emprego (Referências do pai e/ou mãe às questões relacionadas com a precariedade do emprego)

13.2.1.2 Aspectos ligados às condições de trabalho (Referências do pai e/ou mãe a questões relacionadas com características associadas ao desempenho da actividade profissional como o horário de trabalho, o salário, o espaço físico, etc.)

13.2.1.3Impossibilidade de concretização dos valores pessoais mais significativos (Referências do pai e/ou mãe ao facto de não encontrarem na sua actividade profissional a oportunidade de realização das suas necessidades psicológicas mais salientes)

Categoria

14. Projectos profissionais dos pais **(**Referências do pai e/ou mãe á (s) profissão (ões) que gosta, ou gostaria, de ter exercido, incluindo a(s) razão(ões) dessa(s) preferência(s)

Subcategorias

14.1 Investimento significativo na profissão actual (Referências do pai e/ou mãe que remetem para a ausência de alternativas profissionais preferenciais à actividade profissional actual bem como para os motivos de interesse dessa mesma profissão)

14.1.1**.** Aspectos de natureza instrumental (Referências do pai e/ou mãe que remetem para a importância da perspectiva utilitarista da profissão).

14.1.2 Aspectos de natureza expressiva (Referências da mãe e/ou pai que remetem para valores e motivações, de ordem intrínseca, relativamente à actividade profissional que exerce.)

14.2 Projectos profissionais não realizados (Referências do pai e/ou mãe ao desejo de poder exercer, ou vir a exercer, outra actividade profissional, diferente da que exerce actualmente)

14.2.1. Aspectos de natureza instrumental (Referências do pai e/ou mãe que remete para questões relacionadas com a valorização profissional e remuneratória)

14.2.2 Aspectos de natureza expressiva (Referências da mãe e/ou pai que remetem para valores e motivações de ordem intrínseca)

Categoria

15. Modelagem profissional (Referências do pai e/ou mãe à maior ou menor possibilidade da profissão que exerce servir de referência ao/a filho/a na ponderação da sua própria escolha profissional bem como aos factores que podem estar na base da tendência dos/as filhos/as para se orientarem para a mesma profissão)

Subcategorias

15.1 Maior probabilidade de reprodução

15.1.1 Frequência e modo (positivo) com que fala da sua actividade profissional (Referências da mãe e/ou pai que revelam sentimentos de satisfação quando falam da sua actividade profissional)

15.1.2 Contacto directo do/a filho/a com a sua profissão e/ou contexto de trabalho (Referências da mãe e/ou pai que remete para o conhecimento da sua profissão e a presença, frequente, por parte do/a filho/a no seu contexto de trabalho.)

15.1.3 Oferta de objectos/presentes relacionados com a sua profissão (Referências da mãe e/ou pai que remete para a prática da oferta de objectos e/ou presentes)

15.2 Menor probabilidade de reprodução

15.2.1 Frequência e modo (negativo) com que fala da sua actividade profissional (Referências da mãe e/ou pai que mostra existir ausência de diálogo e sentimento de insatisfação relacionados com a sua actividade profissional)

15.2.2 Contacto directo do/a filho/a com a sua profissão e/ou contexto de trabalho (Referências da mãe e/ou pai que remetem para a ausência de contacto e desconhecimento do contexto de trabalho, por parte do/filho/a, relativamente à sua actividade profissional.)

15.2.3 Ênfase noutras profissões (Referências da mãe e/ou pai que revela a valorização de outras profissões quando comparadas com a sua.)

Categoria

16. Conhecimento do projecto vocacional (Referências do pai e/ou mãe que revelam conhecer, ou não, o projecto vocacional do/a filho/a, incluindo a sua posição sobre o mesmo)

Subcategoria

16.1 Sim (conhece)

16.2 Está de acordo

16.3 Não está de acordo

16.4 Não se pronuncia perante o/a filho/a

16.5 Não (conhece)

Categoria

17. Desacordo com o projecto (Referências do pai e/ou mãe que remetem para situações, que revelam algum desconforto perante o projecto vocacional escolhido, ou a escolher, pelo/a filho/a)

Subcategorias

17.1 Valorização da autonomia (Referências do pai e/ou mãe à disposição para apoiar a escolha do/a filho/a mesmo discordando da mesma numa atitude de respeito pela autonomia do/a filho/a)

17.2 Valorização da obediência (Referências do pai e/ou mãe que revelam a sua falta de disponibilidade para apoiar escolhas dos/as filhos/as que não correspondam às expectativas e desejos parentais)

ANEXO I

Categorias e Sub- categorias com respectiva descrição:
Professores/as

ANEXO I Categorias e Subcategorias, com as respectivas descrições
PROFESSORES/AS

Categoria

1. Auto-percepção do seu papel (Referências do/a professor/a que permitem compreender em que medida os professores consideram poder actuar na promoção do desenvolvimento vocacional, do/a aluno/a)

Subcategorias

1.1 Apoio

1.1.1 Papel activo (Referências do/a professor/a que remetem para a prestação de apoio à Orientação Vocacional do/a aluno/a)

1.1.2 Papel de intermediário (Referências do/a professor/a que remetem para situações de encaminhamento do/a aluno/a para outros profissionais)

1.1.2.1 Psicóloga

1.1.2.2 Director/a de Turma

1.2 Ausência de envolvimento nas questões vocacionais (Referências do/a professor/a que aludem ao facto de não se envolver, ou vir a envolver-se, nas questões vocacionais dos/as alunos/as)

Categoria

2. Apoio prestado pelo/a professora (Referências do/a/professor/a que remete para o apoio que presta, ou não, na promoção e/ou participação em algum tipo de actividade de exploração vocacional dos/as alunos/as, relativamente à escolha de um curso ou profissão)

Subcategorias

2.1 Sim

2.1.1 Tipo de apoio

2.1.1.1 Apoio intencional (Referências do/a professor/a a actividades que foram por si directamente propostas e/ou organizadas. Incluindo as conversas de aconselhamento que tem, ou teve, com o/a aluno/a)

2.1.1.2 Apoio não intencional (Referências do/a professor/a a actividades pedagógicas que implementa e que, não obstante não visarem a promoção deliberada da exploração vocacional dos /as alunos/as acabam por contribuir para isso)

2.2 Tipo de Actividades (Referências do/a professor/a a algumas das actividades e/ou acções que desenvolve ou desenvolveu com os/as alunos/as)

2.2.1 Transmissão de informação (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que privilegia o papel meramente informativo)

2.2.2 Feed-back sobre as competências (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que existe feed-back relativamente às competências do/a aluno/a)

2.2.3 Indicações de formações/profissões (Referências do/a professor/a que remetem para as situações, consideradas ajustadas, para o/a aluno/a, ao nível da formação/profissão)
2.2.4 Na exploração directa do mundo do trabalho (Referências do/a professor/a a visitas de locais reais de trabalho e ao contacto com profissionais)
2.2.5 Na exploração Indirecta do mundo do trabalho (Referências do/a professor/a a situações de exploração de informação em suporte escrito ou informático, sobre as profissões, saídas profissionais e oferta formativa)
2.2.6 Infusão curricular de objectivos de exploração vocacional (Referências do/a professor/a que remetem para situações em o conteúdo da sua disciplina é capitalizado em termos de objectivos de natureza vocacional)

2.3 Não apoia
2.3.1 Sugestões (Referências do/a professor/a que remetem para eventuais acções e/ou actividades que poderia vir a desenvolver/proporcionar aos/às seus/suas alunos/as)

Categoria
3 Percepção da sua influência (Referências do/a professor/a à forma como através do comportamento e das opiniões que emite na sala de aula, tem, ou pode ter, influência nas expectativas de futuro e nos projectos vocacionais dos/as alunos/as)
Subcategorias
3.1 Tipo de comportamentos (Referências do/a professor/a que remetem para a postura adoptada, ou adoptar, perante os/as alunos/as), quando relacionadas com as expectativas de futuro e dos projectos vocacionais dos/as mesmos/as)
3.1.2 Manifesta opinião sobre as capacidades do aluno (Referências do/a professor/a que aludem à emissão de opinião sobre as capacidades que o/a aluno/a possui)
3.1.3 Manifesta opinião sobre as profissões com mais saída (Referências dos professor/a que aludem às opiniões emitidas, ou a emitir, ao/à aluno/a, relativamente às profissões que considera ter mais saídas)
3.1.4 Indica ao aluno a profissão ideal para ele (Referências do/a professor/a que aludem a profissões que considera serem as mais indicadas para o/a aluno/a)
3.1.5 Procura valorizar os sucessos dos alunos mais fracos (Referências do/a professor/a que remetem para discursos de valorização dos sucessos dos/as alunos/as mais fracos)
3.2. Tipo de mensagens que veicula (Referências do/a professor/a que remetem para o tipo de mensagens transmitidas, ou a transmitir, aos/às alunos/as, relativamente às expectativas de futuro e projectos vocacionais dos/as mesmos/as)
3.2.1 Só os bons alunos devem ir para a universidade (Referências do/a professor/a que aludem a mensagens cujos discursos potenciam a frequência dos/as bons/boas alunos/as no ensino superior)
3.2.2 Os cursos profissionais são a saída para os/as alunos/as mais fracos/as (Referências do professor/a que remetem para mensagens que orientam os/as alunos/as para a frequência do ensino profissional)
3.2.3 Nem todos têm ser doutores (Referências do/a professor/a que aludem a mensagens que desvalorizam a obtenção, por parte do/a aluno/a, de um curso superior)

3.3 Natureza da influência (Referências do/a professor/a que remetem para a natureza da influência que exerce, ou julga exercer, relativamente às expectativas de futuro e projectos vocacionais dos/as alunos/as)
3.3.1. Induzir escolhas específicas (Referências do/a professor/a que aludem a situações em que indica concretamente uma opção profissional ao aluno)
3.3.2. Desincentivar escolhas específicas (Referências do/a professor/a que aludem a situações em que desaconselha o aluno a fazer determinado tipo de escolha)
3.3.3. Estimular a exploração e o questionamento (Referências do/a professor/a que aludem a situações que considera contribuir, para estimular a exploração e o questionamento das aspirações vocacionais do/a aluno/a)
3.3.4. Encorajar o investimento académico (Referências do/a professor/a que remetem para que o aluno se aplique mais e obtenha melhores resultados na escola)
3.3.5. Promover atracção pela sua própria área curricular (Referências do/a professor/a que aludem a situações em que considera contribuir, para que se estabeleça uma relação de atracção do /a aluno/a, relativamente aos conteúdos da disciplina que lecciona)
3.3.5.1. Reconhece acontecer (Referências do/a professor/a que aludem a situações em que reconhecem existir uma relação de atracção, por parte do/a aluno/a, com os conteúdos da disciplina que lecciona)
3.3.5.1.1. Modo (s) de não condicionar as escolhas (Referências do/a professor/a que aludem ao modo, ou modos, como intervém, ou pretende intervir, para não condicionar as escolhas dos/as alunos/as)
3.2.5.2. Não reconhece acontecer (Referências do/a professor/a que aludem ao facto de não se aperceber que pode, ou poderá estar, a não condicionar as escolhas vocacionais dos/as alunos/as)

Categoria
4. Qualidade da relação professor/a-aluno/a (Referências do/a professor/a às características da relação que, estabelece ou procura estabelecer com os/as alunos/as)
Subcategorias
4.1. Tipo de relacionamento
4.1.1. De respeito mútuo (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que o relacionamento assenta na confiança e reciprocidade entre professor/a-aluno/a-professor/a)
4.1.2. De amizade (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que existe a preocupação em conseguir uma aproximação afectiva aos alunos)
4.1.3 Distante e Formal (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que o relacionamento estabelecido, ou a estabelecer, não ultrapassa os aspectos mais formais da relação entre papéis)

Categoria
5. Contágio professor-disciplina (Referências do/a professor/a que remetem para o facto da sua relação com os alunos influir na relação dos alunos com a disciplina)
Subcategorias

5.1. Reconhece acontecer (Referências do/a professor/a que aludem para o facto de acontecer, ou poder vir a acontecer, situações de influência decorrentes da relação com o/a aluno/a)
5.1.2. Modo (s) de evitar esse contágio (Referências do/a professor/a que remetem para as medidas que adopta, ou pretenderá adoptar, para evitar o contágio)

Categoria
6. Representações do/a bom/boa e do/a mau/má aluno/a (Referências do/a professor/a que alude a características do perfil social/familiar e pessoal do/a aluno/a considerado/a como "bom" e "mau/ aluno/a. Incluindo a percepção que tem, ou não, sobre cada um destes perfis e a forma como lida, ou pensa vir a lidar, com cada um deles.)
6.1.Expectativas (Referências do/a professor/a que alude à atitude/comportamento que espera que cada um/a destes dois tipos de alunos/as tenham ou possam vir a ter, face ao estudo)
6.1.1 Decorrentes do conhecimento do percurso do/a aluno/a na instituição escolar (Referências do/a professor/a que remetem para situações de sucesso ou insucesso escolar do/a aluno/a)
6.1.2. Decorrentes do conhecimento da origem social (Referências do professor/a que remetem para a posição da família de origem do/a aluno/a na estrutura social)
6.1.2.1 Nível social alto/sucesso
6.1.2.2 Nível social alto/insucesso
6.1.2.3 Nível social médio/sucesso
6.1.2.4 Nível social médio/insucesso
6.1.2.5 Nível social baixo/sucesso
6.1.2.6 Nível social baixo/insucesso

6.2. Perfil de um/a bom/boa aluno/a (Referências do professor/a que remetem para a sua concepção pessoal acerca das características académicas e não académicas que usam como critério na definição e identificação de um/uma bom/boa aluno/a)
Subcategorias
6.2.1. Resultado escolar (Referências do professor/a que remetem para a valorização dos resultados escolares obtidos ou a obter pelo/a aluno/a.)
6.2.2 Empenhamento/Autonomia (Referências do professor/a a situações que remetem para o investimento e a capacidade de autonomia que o/a aluno/a apresenta.)
6.2.3 Responsabilidade (Referências do/a professor/a que remetem para situações que valorizam o cumprimento das regras e das tarefas escolares por parte do/a aluno/a)
6.2.4. Comportamento indisciplinado (Referências do/a professor/a que remetem para situações relacionadas com o comportamento disciplinar do/a aluno/a)
6.2.5 Atingir os objectivos (Referências do professor/a que remetem para as situações em que o/a aluno cumpre, ou deverá cumprir, os objectivos propostos)
6.2.6. Bom ambiente familiar (Referências do/a professor/a que remetem para a importância das influências, ao nível do microssistema, do/a aluno/a

Categoria

6.3 Perfil de um/a mau/má aluno/a (Referências do/a professor que remetem para a sua concepção pessoal acerca das características académicas e não académicas que usam como critério na definição e identificação de um/a mau/má aluno/a)
Subcategorias
6.3.1. Resultado escolar (Referências do professor/a que remetem para os resultados negativos escolares obtidos ou a obter pelo/a aluno/a.)
6.3.2 Empenhamento/Autonomia (Referências do professor/a a situações que remetem para a falta de investimento e de capacidade de autonomia que o/a aluno/a apresenta.)
6.3.3 Responsabilidade (Referências do/a professor/a que remetem para situações que desvalorizam o não cumprimento das regras e das tarefas escolares por parte do/a aluno/a)
6.3.4. Comportamento indisciplinado (Referências do/a professor/a que remetem para situações relacionadas com o comportamento indisciplinado do/a aluno/a)
6.3.5 Atingir os objectivos (Referências do professor/a que remetem para as situações em que o/a aluno não cumpre, ou não deverá cumprir, os objectivos propostos)
6.3.6. Bom ambiente familiar (Referências do/a professor/a que remetem para a importância das influências (negativas), ao nível do microssistema, do/a aluno/a)

6.4. Formas de intervenção (Referências do/a professor/a que remetem para a forma como intervém, ou pensa intervir, quando confrontado com estes dois tipos de alunos/as)
6.4.1 Não diferencia as suas práticas pedagógicas em função do tipo de aluno
6.4.2 Diferencia as suas práticas pedagógicas em função do tipo de aluno
6.4.2.1 Como procura lidar com um/a mau/má aluno/a (Referências do/a professor/a que remetem para a as alterações que introduz no seu comportamento/atitude ou nos seus métodos de ensino face a um/a mau/má aluno/a) a)
6.4.2.2 Como lida com o/a bom/boa aluno/a (Referências do/a professor/a que remetem para a as alterações que introduz no seu comportamento/atitude ou nos seus métodos de ensino face a um/a bom/boa aluno/ a)

Categoria
7. Insucesso escolar (Referências do/a professor/a ao(s) factor(es) que estão, ou poderão estar, na origem do insucesso escolar dos/as alunos/as)
Subcategorias
7.1 Centrados no/a aluno/a
7.1.1 Limitações intelectuais (Referências do/a professor/a que remetem para a falta de capacidade intelectual do/a aluno/a)
7.1.2 Atitude/Comportamento (Referências do/a professor/a que remetem para situações de indisciplina por parte do/a aluno/a)
7.1.3. Absentismo (Referências do/a professor que remetem para o número de faltas dadas pelo/a aluno/a)

7.2 Centrados na Escola (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que a Escola é vista como produtora de insucesso)
7.2.1 Práticas de ensino (Referências do/a professor/a que remetem para as metodologias de ensino utilizadas na sala de aula).
7.2.2 Carga horária
7.2.3 Número de alunos por turma
7.2.4 Significado da Escola (Referências do/a professor/a que remetem para a falta de expectativas que o/a aluno/a tem ou pode ter em relação ao que pode obter na escola)

7.3 Centrados na família (Referências do/a professor/a que remetem para a pertença social do aluno/a)
7.3.1 Famílias carenciadas (Referências do/a professor/a que remetem para a situação sócio económica do/a aluno/a)
7.3.2 Famílias desestruturadas (Referências do/a professor/a que remetem para questões da estabilidade afectivo/emocional que a família proporciona ao/à aluno/a. Inclui referências à família monoparental e/ou de recasamento)
7.3.3 Famílias com baixo capital cultural (Referências do/a professor/a que remetem para o baixo nível educativo da família do/a aluno/a)
7.3.4 Famílias economicamente carenciadas (Referências do/a professor/a que remetem para as dificuldades económicas existentes na família do/a aluno/a)

Categoria
8 Abandono Escolar (Referências do/a professor/a que remetem para a concepção que tem sobre o abandono escolar do/a aluno/a, incluindo as causas, que na sua perspectiva estão relacionadas com o potencial abandonador)
Subcategorias
8.1 Centrados no/a aluno/a
8.1.1 Limitações intelectuais (Referências do/a professor/a que remetem para a falta de capacidade intelectual do/a aluno/a)
8.1.2 Atitude/Comportamento (Referências do/a professor/a que remetem para situações de indisciplina por parte do/a aluno/a)
8.1.3. Absentismo (Referências do/a professor que remetem para o número de faltas dadas pelo/a aluno/a)

8.2 Centrados na Escola (Referências do/a professor/a que remetem para situações em que a Escola é vista como produtora de insucesso)
8.2.1 Práticas de ensino (Referências do/a professor/a que remetem para as metodologias de ensino utilizadas na sala de aula).
8.2.2 Carga horária
8.2.3 Número de alunos por turma
8.2.4 Significado da Escola (Referências do/a professor/a que remetem para a falta de expectativas que o/a aluno/a tem ou pode ter em relação ao que pode obter na escola)

8.3 Centrados na família (Referências do/a professor/a que remetem para a pertença social do aluno/a)
8.3.1 Famílias carenciadas (Referências do/a professor/a que remetem para a situação sócio económica do/a aluno/a)
8.3.2 Famílias desestruturadas (Referências do/a professor/a que remetem para questões da estabilidade afectivo/emocional que a família proporciona ao/à aluno/a. Inclui referências à família monoparental e/ou de recasamento)
8.3.3 Famílias com baixo capital cultural (Referências do/a professor/a que remetem para o baixo nível educativo da família do/a aluno/a)
8.3.4 Famílias economicamente carenciadas (Referências do/a professor/a que remetem para as dificuldades económicas existentes na família do/a aluno/a)

Categoria
9 Estratégias de Intervenção (Referências do/a professor/a que remetem para a mobilização de estratégias que podem, ou poderão, ajudar a lidar com os/as alunos/as com insucesso e em risco de abandonar a escola)
9.1 Valorização da escola (Referências do/a professor/a que remetem para discursos que enfatizem a importância da escola na vida do/a aluno/a)
9.2 Valorização do/a aluno/a (Referências do/a professor/a que alude à importância do reconhecimento e valorização das potencialidades do/a aluno/a)
9.3 Encaminhamento (Referências do/a professor/a que remetem para a colaboração e a participação de outros técnicos)
9.3.1 Psicóloga
9.3.2 Director/a de Turma

9.4 Utilização de metodologias diferenciadas de aprendizagem (Referências do/a professor/a que remetem para o uso de metodologias de aprendizagem que proporcione ao/à aluno/a as condições adequadas e que se respeite o seu ritmo de aprendizagem)

Categoria
10 Factores de atracção/desinteresse (Referências do/a professor/a que remetem para os aspectos da disciplina que lecciona que poderão estar, na base, quer da atracção quer do desinteresse pela mesma, por parte do/a aluno/a)
10.1 Factores de atracção
10.1.1 Conteúdos da disciplina (Referências do/a professor/a que remetem para a importância que o/a aluno/a atribui aos temas abordados na disciplina)
10.1.2 Componente lúdica (Referências do/a professor/a que remetem para a incorporação de uma componente lúdica nas metodologias pedagógicas que adopta na disciplina que lecciona)
10.1.3 Aproximação à realidade (Referências do/a professor/a que remetem para a sua preocupação em estabelecer ligações entre as matérias curriculares e certos aspectos da realidade como o mundo do trabalho e das profissões. Incluindo a facilitação da entrada na vida activa e de sucesso profissional)

10.1.4 Qualidade da relação professor-aluno (Referências do/a professor/a que aludem à qualidade da relação estabelecida ou a estabelecer, com o/a aluno/a)
10.1.5 Características cognitivas dos alunos (Referências do/a professor/a que remetem para a importância que atribui, ou poderá atribuir, às aprendizagens realizadas pelos/as alunos/as)
10.1.6 Características atitudinais e comportamentais dos alunos (Referências do/a professor/a que aludem à importância da atitude/comportamento face ao estudo, por parte do/a aluno/a)

10.2 Factores de desinteresse
10.2.1 Conteúdos da disciplina (Referências do/a professor/a que remetem para a importância que o/a aluno/a atribui aos temas abordados na disciplina)
10.2.2 Componente lúdica (Referências do/a professor/a que remetem para a incorporação de uma componente lúdica nas metodologias pedagógicas que adopta na disciplina que lecciona)
10.2.3 Aproximação à realidade (Referências do/a professor/a que remetem para a sua preocupação em estabelecer ligações entre as matérias curriculares e certos aspectos da realidade como o mundo do trabalho e das profissões. Incluindo a facilitação da entrada na vida activa e de sucesso profissional)
10.2.4. Qualidade da relação professor-aluno (Referências do/a professor/a que aludem à falta de qualidade nas interacções estabelecidas, entre ele/a e o/a aluno/a)
10.2.5. Características cognitivas dos alunos (Referências do/a professor/a que remetem para as dificuldades de aprendizagem demonstradas pelo/a aluno/a)
10.2.6. Características atitudinais e comportamentais dos alunos (Referências do/a professor/a que aludem para o problema de falta de atitude e de mau comportamento, por parte do/a aluno/a)

Categoria
11. Estratégias para motivar os/as alunos/as para as aprendizagens escolares (Referências do/a professor/a a estratégias para levar os/as alunos a interessarem-se pela disciplina, pelas aulas, motivando-os a participar e a obter bons resultados)
11.1 Valorização da escola (Referências do/a professor/a que remetem para discursos que enfatizem a importância da escola na vida do/a aluno/a)
11.2 Valorização do/a aluno/a (Referências do/a professor/a que alude à importância do reconhecimento e valorização das potencialidades do/a aluno/a)
11.3 Encaminhamento (Referências do/a professor/a que remetem para a colaboração e a participação de outros técnicos)
11.3.1 Psicóloga
11.3.2 Director/a de Turma

11.4 Utilização de metodologias diferenciadas de aprendizagem (Referências do/a professor/a que remetem para o uso de metodologias de aprendizagem que proporcione ao/à aluno/a as condições adequadas e que se respeite o seu ritmo de aprendizagem)

Categoria
12. Articulação da matéria das disciplinas com o mundo do trabalho e das profissões (Referências do/a professor/a que remetem para o facto de tornando mais visível aos alunos a relação entre a disciplina que lecciona e o mundo do trabalho e das profissões sentir que está a contribuir, ou não, para uma maior investimento académico por parte daqueles)
Subcategorias
12.1 Não contribui
12.2 Contribui
12.2.1 No despertar da curiosidade (Referências do/a professor/a que remetem para situações que despertam no/a aluno/a um maior interesse pela disciplina)
12.2.2 Criação de pontes (Referências do/a professor que aludem a situações em que se estabelecem, ou foram estabelecidas, pontes entre a disciplina e o mundo real e as suas consequências no investimento académico por parte dos/as alunos/as)
12.2.3 Histórias de vida (Referências do/a professor/a que aludem a situações da utilização de histórias de vida, que exemplificam o sucesso académico decorrente desta estratégia)

Categoria
13. Direcção da(s) Escolha(s) (Referências do/a professor/a a actividades profissionais que podem vir a ser ponderadas ou rejeitadas pelos alunos em função do interesse e/ou desinteresse daqueles pelos conteúdos programáticos da disciplina que lecciona)
13.1. Gosto pela disciplina & profissões apelativas (Referência do/a professor/a que aludem a situações em que verifica existir uma correlação entre a disciplina e a profissão a exercer pelo/a aluno/a)
13.2. Desinteresse pela disciplina & profissões alternativas (Referências do/a professor/a que aludem a situações que demonstram uma correlação entre o desinteresse pela disciplina e a profissão a exercer pelo/a aluno/a)

Categoria
14 Relevância da Orientação Vocacional (Referências do professor/a que remetem para a importância que atribui à Orientação Vocacional no combate ao insucesso e abandono escolar dos/as alunos/as)
Subcategorias
14.1 Não considera relevante
14.2. Considera relevante
14.2.1 Para os/as alunos/as com insucesso escolar (Referências do/a professor que remetem para a importância que a OV poderá ter no combate ao insucesso escolar dos/as alunos/as)
14.2.1.1. Preparar para a construção do percurso vocacional (Referências do/a professor/a que remetem para intervenções que contribuem, ou podem contribuir, para a criação de percursos vocacionais significativos por parte do/a aluno/a)

14.2.1.2 Promoção da auto-estima e do auto-conceito (Referências do/a professor/a que aludem à importância da OV como promotora da auto estima e auto-conceito do/aluno/a, nomeadamente o académico)
14.2.1.3 Despertar Interesses (Referências do/a professor/a que aludem à importância da OV no despertar de interesses e perspectivas futuras do/a aluno/a)
14.2.2. Alunos/as em risco de abandono (Referências do/a professor/a que remetem para a importância que a OV poderá ter no combate ao abandono escolar do/a aluno/a
14.2.2.1. Preparar para a construção do percurso vocacional (Referências do/a professor/a que remetem para intervenções que contribuem, ou podem contribuir, para a criação de percursos vocacionais significativos por parte do/a aluno/a)
14.2.2.2 Promoção da auto-estima e do auto-conceito (Referências do/a professor/a que aludem à importância da OV como promotora da auto estima e auto-conceito do/aluno/a, nomeadamente o académico)
14.2.2.3 Despertar Interesses (Referências do/a professor/a que aludem à importância da OV no despertar de interesses e perspectivas futuras do/a aluno/a)

Categoria
15. Competências de apoio ao desenvolvimento vocacional (Referência do/a professor/a que remetem para a sua percepção das competências que lhes faltam e que precisariam ou gostariam de desenvolver para se tornarem mais competentes no apoio à OV dos/as alunos/as)
Subcategorias
15.1 Recusa da responsabilidade pelo desenvolvimento vocacional dos/as alunos/as (Referências do/a professor/a que aludem ao facto de não considerarem o apoio à Orientação Vocacional uma área da sua competência)

15.2 Interesse pessoal na capacitação para o desenvolvimento de acções/iniciativas no domínio da OV (Referências do/a professor/a que remetem para a importância de se sentir mais habilitado a contribuir para o desenvolvimento vocacional dos/as alunos/as)
15.2.1 Competências a adquirir (Referências do/a professor/a que aludem ao facto de sentir necessidade de adquirir competências específicas ao nível da Orientação Vocacional com os/as alunos/as)

15.3 Interprofissionalidade (Referências do/a professor/a que remetem para a importância de uma lógica de trabalho colaborativo entre o/a professor/a e o/a psicólogo/a com vista à promoção do desenvolvimento vocacional daqueles)